

A conversa de Bolzano

*sándor
márai*

autor de
*As Velas Ardem
até ao Fim*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título: A Conversa de Bolzano
Título original: Vendégjáték Bolzanóban
Autor: Sándor Márai
Tradução de Miguel Serras Pereira
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Clara Boléo
Capa: Joana Tordo
ISBN: 9789722055734

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Herdeiros de Sándor Márai, Csaba Gaal (Toronto)

© Publicações Dom Quixote, 2014

(A presente tradução foi feita a partir da edição francesa,
La Conversation de Bolzano, Albin Michel, Paris, 1992)

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

ADVERTÊNCIA

O leitor julgará por certo reconhecer nas linhas do rosto e no caráter do meu herói o perfil do célebre aventureiro do século XVIII, Giacomo Casanova.

Ser-me-ia difícil negar um parentesco que talvez alguns insistam em reprovar-me. O meu herói parece-se terrivelmente com o vagabundo disposto a tudo, sem pátria e todavia infeliz, que, no dia 31 de outubro de 1756, à meia-noite, se evadiu dos Piombi de Veneza servindo-se de uma escada de corda e trocou o território da República por Munique na companhia de um frade renegado chamado Balbi. À laia de defesa, direi somente que não foi a vida mas o caráter romanesco do herói a interessar-me.

Foi por isso que me limitei a pedir de empréstimo às célebres Memórias a data e as circunstâncias da fuga. Tudo o mais que o leitor poderá ler neste romance não passa de fábula e invenção.

S. M.

UM FIDALGO DE VENEZA

Despediu-se dos gondoleiros em Mestre; uma vez mais, Balbi, o frade renegado, por pouco o não fazia cair nas mãos da polícia porque, no momento em que a mala-posta ia partir, tivera que se pôr à procura dele e acabara por descobri-lo num café onde, enquanto bebericava alegremente uma chávena de chocolate, se deixara ficar a namorar a criada com os olhos. Gastou todo o dinheiro que tinha em Treviso; puseram-se a caminho pelo meio dos campos atravessando a porta de São Tomé e, contornando com cautelas de lobo os hortos e florestas, alcançaram pelo crepúsculo as primeiras casas de Valdobbiadene. Aí, ele puxou do punhal, ameaçou com a lâmina o seu pouco cómodo companheiro de viagem, a seguir ao que marcaram um encontro para Bolzano e se separaram. De mau humor, o padre Balbi ia-se arrastando por entre os troncos nus das oliveiras; era um homem magro e desleixado. Enquanto corria virava-se para trás a todo o instante, com a cabeça metida entre os ombros, lançando olhares sombrios e dissimulados como um cão tihoso corrido a pontapé pelo dono.

Quando o frade desapareceu, ele entrou na vila e, com um instinto cego e seguro, foi pedir pousada a casa do capitão dos esbirros. Uma senhora amena, mulher do capitão, apresentou-se para o receber, jantou, lavaram-lhe as feridas – tinha os joelhos e os tornozelos cobertos de sangue seco e arranhara os joelhos e os cotovelos ao saltar do alto dos telhados de chumbo – e, antes de adormecer, soube que o capitão se fizera às estradas, justamente em busca dele, o fugitivo. De manhãzinha, escapuliu-se discretamente, passou a noite em Pergine e, no terceiro dia, chegou a Bolzano, dessa feita de carro, pois pelo caminho conseguira extorquir seis cequins a um dos seus conhecimentos.

Balbi estava já a esperá-lo. Mandou preparar quartos na estalagem do Veado. Não tinha bagagens, chegara em farrapos com a sua bela casaca de seda colorida rasgada, sem capa. O vento de novembro fazia ouvir o seu

chicote nas ruas estreitas de Bolzano. O estalajadeiro mediu com o olhar os hóspedes andrajosos.

– Os melhores quartos? – disse ele, embaraçado.

– Os melhores quartos! – respondeu o outro em voz baixa, com severidade. – E atenção à cozinha! Vós, a gente como vós costuma cozinhar substituindo o azeite por toda a casta de gorduras rançosas. Desde que saí do território da República, não comi um único bocado que se aproveitasse! Manda assar um capão e um frango para esta noite, um não, três, com castanhas. E arranja-me vinho de Chipre. Estás a olhar para o meu traje? Estás a tentar descobrir a minha bagagem? Espanta-te que cheguemos de mãos vazias? Não recebes aqui os jornais? Não lêes *A Gazeta de Leida*?... Imbecil! – exclamou ele com a voz a ranger, pois apanhara frio durante a viagem e uma tosse cruel começava a dilacerar-lhe os brônquios. Não ouviste dizer que um figalgo de Veneza com o seu secretário e os seus servidores fora assaltado na fronteira? A polícia ainda cá não veio perguntar por mim?

– Não, senhor, não veio – disse o estalajadeiro, assustado.

Balbi ria à socapa. Acabaram por ficar com os melhores quartos: uma sala, com duas grandes janelas de batentes dando para a praça principal, móveis de pés doirados e um espelho veneziano por cima do fogão; um quarto de dormir, com uma cama de dossel. Balbi ficava instalado ao fundo do corredor, junto às escadas estreitas e íngremes que conduziam aos sótãos das criadas. E tal localização dos aposentos enchia-o de satisfação.

– O meu secretário! – disse ele, apresentando Balbi ao estalajadeiro.

– A polícia... – disse o estalajadeiro, desculpando-se. – Também entre nós, a polícia é severa. Vão chegar já a seguir. Procedem ao registo de todos os estrangeiros.

– Diz-lhes – respondeu ele, despreocupadamente – que tens um fidalgo em tua casa. Um fidalgo...

– Mas ainda assim! – insistiu o estalajadeiro inclinando-se profundamente, com o gorro grego na mão, cheio de humildade e curiosidade.

– Um figalgo, de Veneza! – disse ele.

Disse-o como se anunciasse um título ou uma posição excepcionais. O próprio Balbi notou o modo como ele acentuara aquelas palavras. Depois, com uma letra miúda e desenvolta, inscreveu o seu nome no livro de

registro. O estalajadeiro corara de excitação: apertava as fontes da cabeça com os dedos encharcados e não sabia se havia de correr a avisar a polícia ou cair de joelhos beijando as mãos do hóspede. Por isso continuava ali especado, embaraçadíssimo, sem soprar palavra.

Depois acendeu um candeeiro e conduziu os hóspedes ao primeiro piso. As criadas estavam já num afã a tratar dos quartos: traziam grandes candelabros doirados, água quente e canjirões de prata, toalhas de pano de Limburgo. Ele começou a despir-se lentamente, como um rei diante da sua corte: entregava uma a uma as peças de vestuário encardidas ao estalajadeiro e às criadas, as calças de seda manchadas de sangue e coladas à carne tiveram de ser cortadas à tesoura dos dois lados da barriga da perna, mergulhou os pés e as canelas no alguidar de prata recostando-se numa poltrona, quase a desmaiar de cansaço, desganhado, lúgrube. Por instantes adormecia, murmurava, soltava gritos. Balbi, o estalajadeiro e as criadas rodopiavam à volta dele, boquiabertos: fizeram-lhe a cama na alcova, correram as cortinas e sopraram quase todas as velas. À hora do jantar, tiveram que ficar a bater-lhe à porta durante muito tempo. Depois de comer, muito em breve voltou a cair no sono; no dia seguinte, dormiu até ao meio-dia, com um rosto liso e despreocupado, indiferente, como o dos mortos de um dia.

Um figaldo, diziam as raparigas, e tratavam das duas ocupações cantando, rindo e segredando, na cozinha e na cave, lavavam os carros e enxugavam os pratos, partiam lenha miúda, serviam bebidas, baixavam a voz, punham um dedo diante dos lábios, voltavam a rir, depois retomavam um ar sério e faziam circular a notícia, com afetação e entre gargalhadas: um figalgo, sim, um fidalgo, de Veneza. À noitinha, entraram em cena dois espiões; o nome dele, o seu nome suspeito e fascinante, o seu nome interessante e perigoso a que a grande aventura, a notícia da evasão, recentemente concedera novo brilho, atraía os polícias de todas as cidades. E queriam saber tudo. Estava a dormir?... Não tinha bagagens?

- Um punhal – disse o estalajadeiro. – Veio com um punhal. E mais nada.
- Um punhal! – repetiram eles num tom de conhecedores, desorientados.
- Que género de punhal? – perguntaram os espiões.
- Um punhal veneziano – respondeu o estalajadeiro com devoção.
- Não trouxe mais nada? – perguntaram eles.
- Não – disse o estalajadeiro. – Não tem mais nada. Um punhal. E é só.

Esta informação surpreendeu os polícias. Não teriam ficado espantados se ele tivesse chegado com um saque imenso, pedras preciosas, alforjes cheios, colares e anéis arrancados ao longo do caminho dos dedos de mulheres inocentes. Como um arauto, a sua reputação precedia-o e proclamava o seu nome. Logo de manhã, o prelado fizera-o saber ao chefe da polícia e pedira a expulsão daquele hóspede de má fama. No Tirol e na Lombardia, de manhã a seguir à missa, à noite nas tabernas, corria já a história da evasão.

– Vigia-o – disseram os esbirros. – Queremos estar a par de tudo o que ele diga. Vigia-o bem. Recebe cartas, e de quem? Manda cartas, e a quem? Vigia-lhe todos os gestos. Parece... – disseram eles mais baixo e, tapando a boca com as mãos, segredaram ao ouvido do estalajadeiro – que tem um protetor. Nem o prelado pode nada contra ele.

– De momento – disse o estalajadeiro, experiente.

– De momento – responderam num eco os esbirros com uma nota de desalento.

Saíram em bicos de pés, afogados em apreensões, rostos sem brios. O estalajadeiro sentou-se na taberna; deixava escapar repetidos suspiros. Não gostava dos hóspedes famosos que suscitavam o interesse do prelado e da polícia. Pensava nos olhos do seu hóspede, nos tições e na chama obscura que vacilava alquebradamente nos seus olhos, e tinha medo. Pensava no punhal, naquele punhal veneziano, que era toda a bagagem do seu hóspede, e tinha medo. Pensava na reputação que acompanhava o hóspede como se fosse a sua própria sombra, e começou a praguejar baixinho.

– Teresa! – disse com cólera.

Uma rapariga, já em camisa de noite, entrou. Tinha dezasseis anos; numa das mãos trazia uma vela acesa e, com a outra, puxava a camisa de dormir para tapar o peito.

– Ouve bem o que te vou dizer! – disse ele baixinho, sentando a rapariga nos joelhos. – És a única pessoa em quem tenho confiança. Chegou um hóspede perigoso, Teresa. Esse fidalgo...

– De Veneza? – exclamou a jovem numa voz cantante de menina de escola.

– De Veneza, de Veneza – disse ele nervosamente. – Da prisão. Do meio das ratazanas. De debaixo do cadafalso. Ouve, Teresa. Tens de ver se ouves tudo o que ele disser. Os teus olhos e os teus ouvidos têm de andar sempre

encostados ao buraco da fechadura dele. Gosto de ti como se fosses minha filha; criei-te; mas se ele te convidar a entrar, não hesites. Vais ser tu a levar-lhe o pequeno-almoço. Toma cuidado com a tua virtude e vigia-o.

– Pois sim – disse a rapariga.

Depois, com a vela na mão, dirigiu-se para a porta, como uma sombra esbelta. Da porta, disse então numa voz queixosa, arrastada e pueril:

– Tenho medo.

– Eu também – disse o estalajadeiro. – Agora, vai dormir. Mas antes, traz-me vinho.

E durante a primeira noite, toda a gente dormiu mal.

A NOTÍCIA

Tiveram um sono cheio de pavores, de roncos, de arquejos, de fungares e, enquanto dormiam, tinham a impressão de que alguma coisa estava a acontecer-lhes. Tinham a impressão de que havia alguém a andar à volta da casa, tinham a impressão de que alguém os chamava e de que teriam de responder como ainda nunca haviam respondido. A pergunta que o estrangeiro lhes fazia era insolente, descarada, opressiva e, acima de tudo, aterradora e triste. Mas de manhã, ao despertar, já de nada se lembravam.

Enquanto dormiam, difundira-se a notícia de que ele chegara, de que se evadira dos Piombi, navegara em pleno dia para fora da cidade-natal, deixara com um nariz de palmo e meio Suas Excelências, os terríveis senhores da Inquisição, ludibriara Lorenzo o carcereiro, libertara o frade renegado, abandonara tranquilamente a cidadela dos doges, tinham-no visto em Mestre a dormir na mala-posta, em Treviso a beber vermute numa taberna, e um camponês jurou tê-lo avistado na fronteira a lançar um feitiço às vacas. A notícia difundira-se nos palácios de Veneza, nas casas de comensais dos arrabaldes, e os bispos e os senadores, os algozes e os guardas, os espiões e os jogadores, os amantes e os maridos, as jovens na missa e as senhoras nas suas camas quentes rebentaram de riso e exclamaram: «Ho ho!» Ou exclamaram a plenos pulmões, satisfeitos: «Ha ha!» Ou riram para com o travesseiro ou para com o lenço: «Hi hi!» Toda a gente se regozijava com a sua evasão. No dia seguinte ao cair da noite, a notícia foi anunciada ao papa que se lembrava dele, e se lembrava também de o ter condecorado por sua própria mão com uma ordem pontifícia menor, e o papa desatou a rir às gargalhadas. A notícia corria Veneza, os gondoleiros encostavam-se ao grande cabo do seu remo, discutiam como entendidos todos os pormenores da evasão e regozijavam-se por ele se ter evadido, regozijavam-se porque ele era veneziano e enganara o poder, regozijavam-se porque houvera alguém mais forte do que a tirania, do que

as pedras, do que as cadeias e do que os telhados de chumbo. Falavam baixinho, cuspiam para a água, esfregavam as mãos com um ar satisfeito. A notícia difundia-se e aquecia os corações. Para dizer a verdade, o que é que ele fez? Perguntavam as pessoas. Jogava às cartas, meu bom Jesus, talvez fizesse um bocadinho de batota, tomava conta da banca nas tavolagens, com o rosto escondido por uma máscara, juntava-se às bancas dos *croupiers* profissionais! Mas em toda a Veneza quem não procedia desse modo?... E à noite sovava aqueles que o tinham traído, e atraía as mulheres para fora da cidade, para Murano, onde tinha uns aposentos arrendados – mas haveria em Veneza um único homem novo que vivesse de outra maneira? E era insolente, bom conversador e falador – mas quem era que em Veneza se calava?...

Iam murmurando deste jeito e, por vezes, rebentavam de riso. Porque havia na notícia uma coisa boa, uma espécie de júbilo que aquecia os corações. Porque toda a gente se sabia nas garras da Inquisição, e toda a gente tinha um pé nas enxovias dos Piombi, e ali estava alguém provando que um homem era mais forte do que o despotismo, mais forte do que os Piombi, do que os esbirros, mais forte do que Messer Grande, esse emissário do carrasco, esse mensageiro de mau agoiro. A notícia difundia-se, e nos quartéis de polícia as pastas abriam-se e fechavam-se ruidosamente, os capitães berravam, os juízes com as orelhas vermelhas ouviam os acusados e distribuía colericamente por eles prisões, exílios, galeras e patíbulos. Falava-se dele nas igrejas, era alvo de condenações no fim da missa, porque reunira os sete pecados capitais no seu corpo maldito, o qual, segundo o sacerdote, seria posto a cozer num caldeirão especial e a assar num fogo especial, no inferno e até ao fim dos tempos. Mas até mesmo no confessionário o seu nome era evocado; senhoras de joelhos, com a cabeça profundamente inclinada, balbuciavam o nome dele por trás do livro de orações, batiam no peito e juravam penitências. E toda a gente se regozijava como se uma coisa boa tivesse sucedido em Veneza e em todas as cidades e aldeias da República que ele atravessara.

Dormiam as pessoas e sorriam no sono. Por toda a parte onde ele passava, fechavam-se para a noite as janelas e as portas com mais zelo, e, por trás dos taipais corridos, homens discutiam demoradamente com as mulheres. Como se todos os sentimentos que, na véspera ainda, não passavam de brasas e cinzas, começassem a fumar, a arder. Não enfeitiçara as vacas,

mas os camponeses juraram que nesse ano os bezerros eram mais numerosos e mais bonitos. As mulheres acordavam, traziam a água do poço em grandes baldes de madeira, acendiam o lume na cozinha, aqueciam o leite e punham peças de fruta na travessa esmaltada, davam o peito aos filhos, davam de comer aos homens, varriam o quarto e faziam a cama, e durante todo esse tempo não paravam de sorrir. Durante muito tempo o sorriso não deixou os rostos, em Veneza, no Tirol e na Lombardia. O sorriso propagava-se como uma espécie de epidemia dulcíssima e leve, propagava-se para além-fronteiras, até mesmo em Munique as pessoas estavam já a par do acontecido e esperavam a chegada dele a sorrir, e a notícia chegou a Paris, houve no Parque dos Veados quem contasse ao rei a história da evasão, e também o rei se rira. E soube-se em Parma e em Turim, em Viena e em Moscovo. E por toda a parte se sorria. E os polícias e os juizes, os esbirros e os espiões e todos os que tinham por ofício manter os homens sob o jugo do poder e do medo se atiraram então ao trabalho com cólera e desconfiança. Porque não há nada mais perigoso do que um homem que não é capaz de se submeter à tirania.

Sabiam que tudo o que ele tinha era um punhal, e só um punhal; mas durante algumas semanas, os corpos de guarda foram reforçados nas fronteiras. Sabiam que não tinha cúmplices e não se interessava por política; mas o secretário da Inquisição urdiu um plano de batalha completo para o prender de novo, o fechar na sua jaula, morto ou vivo, servindo-se tanto do ouro como do punhal, custasse o que custasse. Foi comunicada ao doge a sua evasão, e o senhor encorpado, de olhos penetrantes, bateu na mesa com a mão carregada de anéis e ameaçou os carcereiros com as galeras. Os senadores, com as suas mãos finas e amarelas, apertaram com mais força os forros das capas de seda contra o peito, sentados sem uma palavra na grande sala, nas suas poltronas, aspiraram o ar fungando com os seus narizes amarelecidos de diabéticos e, examinando por trás das pálpebras semicerradas com um olhar indiferente os frescos do teto e as traves mestras da Sala do Conselho, votaram leis mais severas, encolheram os ombros, e calaram-se.

Mas por trás do sorriso propagava-se como que uma febre que contaminou a mulher do padeiro, a irmã do ourives e até a própria filha do doge. As pessoas, sozinhas nos seus quartos, davam palmadas de alegria na barriga e riam a bandeiras despregadas. Era tremendamente reconfortante

saber que alguém conseguira escapar aos muros com um metro de espessura, à vigilância dos guardas armados de lanças e chuços, ao abraço das cadeias com o diâmetro de braços de criança. Depois as pessoas entravam nas lojas, saíam para a praça do mercado, beberricavam o vinho de Verona nas tabernas, os usurários pesavam o ouro em pó nas suas balanças delicadas, os farmacêuticos misturavam os laxantes e os filtros de amor, os venenos violentos que se podem reduzir a pó e esconder no engaste de um anel, as vendedoras com os seus grandes ventres elevavam-se por trás dos tabuleiros onde se amontoavam peixes, frutas, carnes cruas e ervas aromáticas, os negociantes de novidades expunham em caixas de marroquino perfumadas com pólen de flores as meias de Lyon que acabavam de lhes ser entregues e os peitinhos de Bruges rendados, e no trabalho ou no falar, nos negócios ou na profissão, todos se viravam para trás por um momento, tapavam a boca com a mão e riam com todo o gosto.

As mulheres sentiam que esta evasão e o que se lhe seguira fora de algum modo um serviço no interesse delas. Eram incapazes de explicar ao certo a sua impressão; mas eram mulheres e venezianas justamente porque não contrariavam os seus sentimentos e aceitavam os argumentos mudos que o coração, o sangue e as emoções lhes sopravam ao ouvido. As mulheres regozijavam-se com a evasão dele. Como se uma força até então acorrentada se tivesse libertado no mundo, como se dos contos e das lendas, dos livros e das recordações, das emoções e dos sonhos que são o outro conteúdo, secreto, nem escrito nem conveniente, e contudo terrivelmente verdadeiro, da vida dos homens e das mulheres, alguém tivesse irrompido, sem máscara, nem cabeleira, nem pó de arroz, com uma nudez talvez igual apenas à da vítima que regressa de um encontro sinistro na sala de tortura; e as mulheres seguiam-no com o olhar, escondiam a boca e os olhos por trás da mão ou do leque, inclinavam levemente a cabeça, nada diziam, mas os seus olhos toldados e velados que olhavam o fugitivo diziam: «Sim, sim.» Era por isso que sorriam. E durante alguns dias, pareceu que o pequeno mundo em que elas viviam se enchera de ternura. À noite, assomavam às janelas e varandas que dominavam as lagunas, tendo na cabeça um véu preso por uma travessa em forma de lira e um lenço de seda por cima dos ombros, e olhavam a água suja e engordurada que calma e indiferente fazia flutuar as embarcações, e respondiam com olhares que na véspera ainda não teriam consentido em conceder, deixavam cair um lenço de seda que lá em

baixo, por cima do espelho de água, uma ágil mão morena agarrava, levavam uma flor aos lábios e sorriam. Depois fechavam as janelas e apagavam as luzes nas salas. Mas nos seus corações e nos seus gestos, nos olhos das mulheres e nos olhares dos homens, havia qualquer coisa que esplendia. Como se tivessem sido levados a compreender em segredo que a vida não era somente lei, interdição e cadeias, mas podia ser também uma emoção mais livre, mais insensata e mais improvisada do que até então tinham acreditado. Compreenderam-no num instante, e sorriam-se.

Esta cumplicidade foi de pouca dura: os livros da lei, as regras da vida, escritas ou não, asseguraram que o fugitivo se dissipasse nos seus corações. Algumas semanas mais tarde, haviam-no já esquecido em Veneza. Só o lembravam ainda o senhor de Bragadin, seu brando e generoso protetor, algumas mulheres a quem ele jurara eterna fidelidade, e alguns usurários e donos de tavolagens a quem ele ficara a dever dinheiro.

«UM HOMEM»

Fora assim que ele se evadira, fora assim que a notícia o precedera, fora assim que nele tinham pensado durante algum tempo em Veneza. Depois a cidade teve outras preocupações e esqueceu o filho rebelde. A meados do Carnaval, já só se falava de um certo conde B. com quem tinham dado enforcado de manhã – com máscara e dominó – diante da residência do embaixador de França. Porque até mesmo Veneza é ingrata.

Mas ele, ele continuava a dormir em Bolzano, num dos quartos da estalagem do Veado, por trás dos batentes fechados; e como era a primeira vez havia dezasseis meses que dormia em segurança numa verdadeira cama, limpa e macia, abandonava-se de corpo e alma à felicidade do reino sombrio dos sonhos. Estava deitado na cama de través, com os braços e as pernas abertos, dormia com paixão, com despreocupação, com um sorriso cansado e desdenhoso nos lábios, como se sentisse que estavam a espreitá-lo pelo buraco da fechadura.

Porque a verdade é que o espreitavam, o que sucedia da seguinte maneira. A primeira a espreitá-lo foi Teresa, a jovem a quem o estalajadeiro chamava filha e que desempenhava na casa o papel de criada que compete aos parentes pobres. Era uma rapariga já feita e, na opinião da família, tinha uma bonita compleição, uma silhueta agradável, mas era um tanto simples, aspeto que se evitava mencionar. É um bocadinho simples, diziam as pessoas sem justificarem o seu juízo, pois não era necessário nem tão pouco conveniente conceder a Teresa uma atenção excessiva; no Veado ela contava, com efeito, menos do que o jumento branco que era atrelado todas as manhãs à carroça para seguir para o mercado, porque era como uma sombra que fizesse parte da casa, quer dizer que era um pouco como que prima de toda a gente e era por isso que ninguém se preocupava com ela nem lhe pagava o seu serviço. É um tanto simples, diziam, e, nos corredores escuros, os soldados que se amontoavam onde calhava e os mercadores de

passagem beliscavam-lhe as faces e os braços. Mas havia no seu rosto uma espécie de doçura, à volta da boca desenhava-se-lhe um vinco rude e, nas mãos que as lavagens avermelhavam, havia uma espécie de nobreza, e vivia nos seus olhos uma pergunta piedosa e silenciosa à qual era impossível dar resposta, mas a que era ao mesmo tempo e também impossível fugir. Com tudo isto, com o seu rosto fino e em forma de coração e os seus olhos interrogadores, é verdade que ela não contava muito. Não valia a pena perder-se tempo com ela.

Mas de momento estava de joelhos diante do buraco da fechadura e olhava o adormecido; por isso falemos dela, apesar de tudo. Tinha as mãos nas fontes para ver melhor, as suas costas delicadas e suaves e os seus sólidos rins olhavam também, como se fosse com todo o seu corpo que espiava. O que via não era particularmente interessante. Teresa já vira muitas coisas pelos buracos das fechaduras; havia quatro anos (desde os doze, portanto) que trabalhava no Veado, que se calava, levava pequenos-almoços aos quartos, fazia de manhã à noite as camas onde homens e mulheres desconhecidos dormiam, juntos ou separadamente. Via muitas coisas e nada a surpreendia. Compreendera que as pessoas eram mesmo assim: as mulheres ficavam longamente diante do espelho, e os homens, sem exceção para os soldados, empoavam a cabeleira ou cortavam e limavam as unhas, depois gemiam ou riam, ou punham-se a chorar, ou batiam nas paredes com os punhos, ou puxavam de alguma peça de roupa, de meia dúzia de cartas, e molhavam de lágrimas esses objetos inúteis. Era assim que ela via, pelo buraco da fechadura, as pessoas quando estas se encontravam sozinhas nos seus quartos. Mas este homem agora era diferente. Dormia na grande cama, com os braços abertos como se o tivessem assassinado. O seu rosto era grave e feio. Era um rosto de homem, nem bonito nem agradável, com um grande nariz carnudo, lábios finos e severos, um queixo afilado, voluntarioso; era de pequena estatura, um pouco pesado de ventre, pois engordara durante dezasseis meses de prisão, privado de ar e movimento. Aqui está uma coisa completamente incompreensível, pensava Teresa. Tinha o espírito vagaroso, pesado e ingénuo. Completamente incompreensível, pensava ela, com as orelhas a arder, muito excitada: o que é que as mulheres encontram nele?... Porque de noite na estalagem e de manhã no mercado, e por toda a parte da cidade, nas vendas e nas tabernas, só se falava dele, dizia-se que chegara em

farrapos e coberto de sangue, com um punhal, sem dinheiro, na companhia do secretário, outro incha-corvos como ele; melhor seria não se evocar sequer o seu nome. Mas apesar disso evocavam-no.

Evocavam-no até em demasia. As mulheres e os homens queriam saber tudo, a idade dele, se era louro ou moreno, que tom tinha na voz... Falavam dele como de um cantor célebre que tivesse aparecido na cidade, ou como de um héracles de feira, ou como de um castrado ilustre desempenhando papéis de mulher no teatro e sabendo além disso cantar. E aquele, que sabia aquele fazer? Pensava ela com o nariz colado à porta e o olho encostado ao buraco da fechadura.

O homem que dormia na cama, com os braços e as pernas abertos, não era belo. Teresa pensou em Giuseppe, o barbeiro; esse sim, Giuseppe, era belo com as suas faces cor-de-rosa e os seus lábios macios, com os seus olhos azuis, parecia uma donzela. Aparecia muitas vezes no Veado e, de cada vez que Teresa lhe dirigia a palavra, baixava os olhos corando. E o capitão vienense que ali passava o verão inteiro, também esse era belo, com os seus cabelos frisados e cheios de pomada, os seus bigodes retorcidos, e usava, além do sabre, uma bela bolsa e botas, e falava uma língua incompreensível, uma língua inteiramente desconhecida e selvagem que Teresa não compreendia. Mais tarde, alguém lhe dissera que a língua selvagem que o capitão falava era húngaro ou talvez turco... Teresa já não se lembrava. E o prelado era igualmente belo, com os seus cabelos brancos e as suas mãos amarelas, a faixa vermelha da cintura e a coifa violeta na cabeça branca. Teresa julgava-se entendida em matéria de beleza masculina. Mas aquele homem, com toda a certeza, não era belo: era antes feio, em tudo diferente dos homens que agradam às mulheres, e no seu rosto mal barbeado surgia, enquanto continuava mergulhado no sono, esse vinco duro e indiferente que ela já na véspera notara: como se uma câibra, uma contração de cólera lhe tivesse inteiriçado os músculos à volta da boca. O adormecido soltou um gemido e Teresa estremeceu encostada à porta, foi à janela, abriu as cortinas e fez um sinal com um enfeite do vestido.

Porque as mulheres queriam vê-lo, as mulheres do mercado da fruta que tinha lugar em frente da estalagem; e Teresa prometera a Lucia e a Gretl, vendedoras de flores, e à velha Helena, que vendia fruta, e a Nanette, a viúva triste que vendia meias de renda, deixá-las subir e mostrar-lhes pelo buraco da fechadura o homem que dormia, no caso de tal ser possível. Elas

queriam vê-lo custasse o que custasse. O mercado da fruta esteve particularmente animado nessa manhã, o boticário, de pé diante da botica fronteira ao Veado, discutiu demoradamente com Balbi, o secretário; dava um vinho espirituoso ao frade e pretendia conhecer mais pormenores acerca da evasão. O prefeito e o médico, o cobrador e o capitão da guarda, todos se dirigiram à farmácia nessa manhã, ouviram a narrativa de Balbi, relancearam as janelas fechadas do primeiro andar da estalagem, e mostravam, todos eles também, um comportamento algo nervoso e indeciso, dir-se-ia que não conseguiam decidir se deviam festejar o estrangeiro com um desfile de tochas e música ou se era antes aconselhável expulsá-lo sem tardar da cidade, sem mais formalidades e sem demora, como se faz com esses cães tinosos e suspeitos de raiva que são apanhados e fechados num canil. Nem nessa manhã, nem nos dias que se seguiram, foram capazes de responder à questão que assim se lhes colocava. Era por isso que se contentavam com cavaquear na farmácia ouvindo Balbi que, inchadíssimo de orgulho e emoção, contava de uma maneira diferente todas as meias horas os pormenores movimentados e já épicos da célebre evasão de ambos; os seus ouvintes olhavam de soslaio as janelas fechadas da estalagem, passeavam de um lado para o outro diante das bancas do mercado da fruta e dos estabelecimentos elegantes dos edifícios vizinhos: o seu comportamento era bastante inquieto; inquieto e indeciso, como convém a burgueses responsáveis que velam pela tranquilidade das casas, das ruas e das almas, que são responsáveis pelas portas da cidade e defendem as suas muralhas contra as agressões do fogo, da água e do inimigo; mas agora, não sabiam nem de perto nem de longe se deviam rir um bom bocado ou chamar a polícia. Passearam e cavaquearam deste modo até ao meio-dia, sempre na mesma indecisão. Depois, as mulheres começaram a recolher a mercadoria e os burgueses foram almoçar.

O estrangeiro despertou nessa altura. Teresa mandou as mulheres entrarem para a grande sala escura. – Mostra-nos lá como ele é... – diziam as mulheres muito baixinho, torcendo a fimbria do avental e mordendo os pulsos; estavam em semicírculo diante da porta que dava para o quarto. Sentiam-se deliciosamente apavoradas e estavam cheias de vontade de chilrear como se lhes acariciassem os flancos. Teresa levou o indicador à boca; primeiro, pegou na mão de Lucia, a bela encorpada de olhos castanhos, e conduziu as curiosas para diante da porta. Lucia agachou-se –

com a saia tocando o chão como se fosse um sino –, encostou o olho esquerdo ao buraco da fechadura, depois muito vermelha e com um grito abafado, pôs-se de pé e benzeu-se.

– O que foi que viste? – perguntaram as outras sussurrando e, como corvos que poisam no ramo, inclinaram-se umas sobre as outras num reffer de segredos.

A mulher dos olhos castanhos refletiu.

– Um homem – acabou ela por dizer baixinho, inquieta. Esta resposta deixou as outras mulheres sonhadoras durante alguns instantes. Havia naquela resposta qualquer coisa de tolo mas ao mesmo tempo de extraordinário e de terrível. Um homem, meu Deus! – pensaram as mulheres levando os olhos ao teto, sem saber se haviam de rir-se ou de pôr-se em fuga... Um homem, pois bem, e então! – disse Gretl. E a velha Helena bateu com as mãos uma na outra com um gesto quase piedoso e, com a boca desdentada, balbuciou cheia de humildade e respeito: «Um homem!» E Nanette, a viúva, disse gravemente, com os olhos no chão, com uma voz carregada de lembranças: «Um homem.» Deixaram-se ficar a devanear assim por momentos, e em seguida largaram a rir, umas atrás das outras ajoelharam diante da fechadura, espreitaram para dentro do quarto e sentiam-se, entretanto, indizivelmente bem. Gostariam de fazer café e de se instalar cada uma com a sua chávena à volta da mesa de pés doirados à espera do estrangeiro, numa excitação solene e não sem ponta de impertinência. Sentiam-se orgulhosas e o coração batia-lhes, porque tinham visto o estrangeiro e muito teriam para contar no mercado e na cidade, em casa e na fonte! Sentiam-se orgulhosas e todavia inquietas, sobretudo Nanette, a viúva, e Lucia a curiosa, mas até mesmo a tola e altiva Gretl estava inquieta, como se houvesse qualquer coisa de excepcional e de maravilhoso no facto de um homem ter chegado à cidade. Sentiam que o seu alvoroço de mulherzinhas curiosas era ingénuo e sem razão. Mas ao mesmo tempo sentiam que esse alvoroço não se devia simplesmente a uma curiosidade deslocada. Como se, apesar de tudo, tivessem finalmente visto um homem pelo buraco da fechadura, e como se, no momento em que tinham visto o estrangeiro adormecido, tivessem submetido a um exame particular os seus maridos, os seus amantes e todos os homens que até então haviam conhecido. Como se fosse efetivamente raro e espetacular ver-se um homem que não é belo, é feio até, cujas feições não são finas, nem a

silhueta soberba, do qual nada se sabe a não ser que é ladrão de cavalos, herói de tavolagens e salas de jogo, que não traz bagagem, e cujo nome é já e só por si suspeito, como se não fosse deveras o seu nome, e do qual se diz, como de todos os conquistadores de corações femininos, que é insolente, cheio de si e descarado com as mulheres – como se todos estes fenómenos fossem em todo o caso coisas raras. Como se os homens que até então tinham conhecido tivessem, por comparação com aquele homem que elas não conheciam, revelado o seu rosto verdadeiro. «Um homem», disse Lucia em voz baixa, inquieta e piedosamente. E elas sentiam que a notícia se espalhava no mercado de Bolzano, nos salões de Trento, nos vestiários dos teatros e nos confessionários, a notícia espalhava-se e fazia bater os corações, essa notícia que dizia que um homem vinha a caminho, que se preparava para aparecer e que acordava agora bocejando num dos quartos da estalagem do Veado em Bolzano. É então uma coisa assim tão rara, um homem?, perguntavam-se no fundo dos seus corações as mulheres de Bolzano. Não o perguntavam com palavras, mas com os sentidos. E uma pancada do coração que excluía qualquer mal-entendido respondia à sua pergunta. Respondia: «Sim, é tudo o que há de mais raro.»

Porque os homens – sentiam elas nesse instante confusamente, com o coração a bater – eram pais, maridos ou amantes, gostavam de se comportar com virilidade, adoravam fazer soar a espada, exibiam os seus títulos, condição e fortuna, e andavam atrás de tudo o que fossem saias; tais eram na generalidade os homens de Bolzano e de outros lugares, tanto quanto era possível fazer fé no que se dizia. Mas aquele homem tinha uma reputação muito diversa. Os homens gostavam de se comportar com soberba e, por vezes, chegavam a ser fanfarrões com o seu orgulho e as suas vanglórias, ridículos como galos de capoeira. Mas a maior parte dos homens eram tristes e infantis, ou então crédulos e ávidos, ou então indiferentes perante a vida e perante a música. Agora, elas sentiam que Lucia falara verdade, que estavam de facto a ver um homem que era obstinadamente e deveras um homem, um homem e mais nada, da mesma maneira que um carvalho é um carvalho e mais nada, e um rochedo muito simplesmente um rochedo – sem mais. Tinham-no compreendido e entreolhavam-se com os olhos arregalados, a boca meio aberta, e punham-se a fantasiar com inquietação. Tinham-no compreendido porque Lucia o dissera e porque ela vira com os seus próprios olhos o que vira, e porque o quarto, a casa e a cidade estavam

cheios de tensão e da bulha que emanava da presença do estrangeiro, viam ao mesmo tempo que um homem a valer é uma coisa tão rara como uma mulher a valer. Um homem que nada afirma com grandes palavras e não faz ouvir a espada, não se gaba e não pede uma ternura diferente da que é capaz de dar, e não procura nas mulheres nem mãe nem amiga, e não quer esconder-se nem nos braços do amor nem nas saias das mulheres; um homem que quer apenas dar e tomar, sem precipitações nem avidez, porque consagrou todas as suas fibras, todas as chispas do seu espírito e todos os músculos do seu corpo aos encantos da vida: essa espécie de homem é tudo o que há de mais raro. Porque havia os homens maternais e moles, e havia os homens ruidosos e fanfarrões que cobriam com os seus brados e as suas vanglórias o que sentiam pelas mulheres, e havia os homens indiferentes e os enormes papalvos sem fôlego – nenhuns desses eram verdadeiros homens. E havia homens bonitos, os que não se interessavam pelas mulheres mas só pela sua própria beleza e pelos seus êxitos. E havia os cruéis que só como inimigos abordavam as mulheres, ou como assassinos, com um sorriso de mel nos lábios e um punhal na mão escondido pelas dobras da capa. E depois, por vezes, rarissimamente, aparecia um homem. Agora, elas compreendiam a reputação que viajara à frente dele, compreendiam a inquietação que enchia a cidade, pestanejavam, suspiravam, ofegavam, apertavam as mãos no peito. Mas a seguir Lucia soltou um grito, e todas recuaram em direção à saída. Porque a porta abriu-se e, entre os grandes batentes brancos, baixo e desgrenhado, mal escanhado, um pouco curvado, piscando os olhos inflamados na luz viva, as costas dobradas como se estivesse extenuado, mas endireitando-se com presteza como quem prepara o salto, ali estava o homem.

O DESPERTAR

As mulheres recuaram na direção da parede e da porta. O homem inclinou a cabeça desgrenhada – tinha penas de colchão presas ao cabelo, dir-se-ia que regressava de um baile de máscaras, do carnaval do reino da noite e dos sonhos onde feiticeiras cobrem de pez e penas os bailadores endemoinhados –, piscou os olhos, poisou no quarto, nos móveis, um olhar penetrante, virou lenta e despreocupadamente a cabeça, como quem tem o tempo todo ao seu dispor e sabe que tudo tem a mesma importância, pois as coisas só ganham importância através da emoção com que se vê o mundo. Avistou então as mulheres e fechou quase por completo as pálpebras semicerradas. Ficou assim algum tempo, de olhos fechados. Depois, sempre com a cabeça inclinada, com o olhar interrogativo, altivo e resoluto, como um senhor olhando os que o servem – um verdadeiro senhor olhando verdadeiros servidores, não porque os considere imperfeitos por ser ele o senhor e eles os servidores, mas porque os servidores assumem o seu papel, tal foi o olhar que poisou naquelas mulheres, para em seguida tornar a erguer a cabeça, o que o fazia parecer mais alto. Com o braço curto, num gesto voluntarioso da mão amarela e ossuda, envolveu-se na sua capa. Era um gesto arrogante e teatral. As mulheres sentiram-no e pareceram sair do encantamento dos primeiros instantes, porque, com esse gesto, ele revelara que não estava inteiramente seguro de si, que não passava de um cabotino a brincar aos poderosos e aos grandes: aliviadas, puseram-se a tossicar e a aclarar a garganta. Mas ninguém disse palavra. Ficaram muito tempo imóveis e mudos, entreolhando-se como cães de faiança.

Mas de súbito, sem transição e como se fosse espirrar, o homem começou a rir. Ria sem fazer barulho, sobretudo com os olhos, agora bem abertos e que brilhavam como se, num quarto escuro, alguém tivesse bruscamente aberto a janela. A explosão, alegre e bravia, ofuscante e insolente, curiosa e íntima, tocou as mulheres. Já não riam, já não exclamavam: «Ha ha!» e já

não diziam: «Ho ho!» e já não troçavam nem cacarejavam: «Hi hi!» Calavam-se e olhavam para o homem. Lucia afastou levemente os olhos, olhou para o teto com ar de quem procura auxílio, depois disse baixinho, ou antes gemeu: «Mamma mia!» Nanette cruzou os dedos num gesto de oração. Também o homem se calava e ria. Mostrou os dentes, amarelados e grandes, a dentadura poderosa e forte, mostrou os caninos intactos de carnívoro, e os olhos, a boca, os dentes, todo o seu rosto ria em silêncio, com uma alegria insolente, despreocupada e lúcida, como se nada houvesse mais engraçado do que aquela mesma cena, em Bolzano, num dos quartos do Veado, por volta do meio-dia, em que ele enfrentava as mulheres amedrontadas que tinham vindo às escondidas espreitar-lhe o despertar e obter matéria que alimentasse os seus enredos pela cidade e junto às fontes. O riso sacudia-lhe o corpo. Com as mãos nas ancas, ligeiramente inclinado para trás, o homem ria. Como se uma sensação durante muito tempo entorpecida no seu corpo jorrasse dele e o atravessasse como uma corrente de ardor, uma sensação que não era nem profunda, nem enfática, nem trágica, mas simplesmente ardente e agradável como a vida: o riso começara pouco a pouco a irromper-lhe da garganta, depois cresceu, explodiu com um latido áspero e caótico, jorrou de súbito como uma melodia ampla e comum das cordas vocais de um cantor. E um instante mais tarde, com as mãos nas ancas, o corpo deitado para trás, ria já a bandeiras despregadas.

Apertava-se de riso, ria até às lágrimas, com um riso sonoro, guloso, e o seu riso enchia o quarto, transbordava para o corredor e alcançava a praça. Ria como se lhe tivesse passado alguma coisa pela cabeça, como se tivesse compreendido o que acontecera, e essa baixeza humana – sendo esta última de facto incomensurável – o fizesse rir de um riso inextinguível. Ria como se finalmente se lembrasse, despertasse de um pesadelo e visse o mundo, e lhe fosse dado saciar-se com esse fresco terrível e ridículo. Ria como se se preparasse para algum embuste jocoso e gigantesco que deslumbraria o mundo inteiro, ria como um jovem, a bandeiras despregadas, com uivos de lobo, como se se preparasse para deitar pozinhos que fazem comichões nas camisas de noite de todos os poderosos, de todas as sumidades, de todos os magníficos do mundo, e também nos corpetes das mulheres, como se se preparasse para uma brincadeira genial e grandiosa, como se se preparasse com o seu bom humor para fazer ir o mundo todo pelos ares. Com as mãos

nas ancas, o ventre em sobressaltos, o peito dilatado, a cabeça curvada, sacudia-o um riso rouco. Depois o riso foi sufocado por um acesso de tosse, porque se constipara durante a viagem, e não suportava o clima de novembro nas alturas de Bolzano, perto das montanhas. Rubro, com o rosto deformado, tossia, tossia.

Quando acabou de tossir, o bom humor abandonou-o e mergulhou numa cólera sombria. «Ah, as senhoras!», disse ele em voz baixa, com os dentes cerrados, numa voz enrouquecida e sibilante. Cruzou os braços diante do peito. «Que boa sorte a minha, minhas senhoras!» Fez uma profunda vénia, inclinou-se com gestos abundantes, encenou uma apresentação de cumprimentos, como se exibisse as suas reverências perante as damas da corte de França, logo pela manhã, nos corredores de Versalhes, enquanto o rei dorme ainda, ventre inchado, rosto violáceo, e enquanto os deambuladores ociosos e os parasitas aproveitam para ensaiar o ritual da etiqueta. «Que sorte», repetiu ele, «para um vagabundo da minha laia! Para um fugitivo! Que acaba de se evadir do inferno da prisão, da humidade e da companhia das ratazanas, e que durante um ano e meio não viu um rosto acolhedor, umas feições agradáveis! Que honra e que boa sorte!», disse ele numa voz melíflua, ceceada, terrível. As mulheres sentiam a ameaça contida na voz dele; apertavam-se umas contra as outras como galinhas durante a trovoada, recuavam lentamente na direção da porta, e Lucia procurava a saída sondando a parede com as nádegas. Depois, num passo lentíssimo e vincando uma pausa a cada passo, ele avançou sobre elas. «O que foi que me valeu esta honra?», continuou com uma voz ainda enrouquecida mas mais forte. «O que foi que me valeu a honra de assim descobrir ao despertar as beldades de Bolzano no meu quarto? Que trouxeram as senhoras de Bolzano ao fugitivo, ao exilado, ao proscrito da humanidade, que os mercenários e as matilhas de sabujos perseguem atravessando fronteiras e cujo rasto os soldados da Santa Inquisição buscam armados de lanças e chuços no mais fundo das florestas e matagais? Não receiam as senhoras encontrar o fugitivo de mau humor, na primeira manhã em que dormiu numa cama digna de um ser humano e não deitado num catre de palha ou numa cama de cão? Não terão medo dele, agora que ele despertou e se lembra? Que querem as beldades de Bolzano?», perguntou ele gritando a plenos pulmões, vibrante e furioso. Com um gesto violento endireitou-se e, por um instante, pareceu mais belo. O rosto enchera-se-lhe de emoções

como uma paisagem desolada que o relâmpago de súbito ilumina. «Mas afinal quem sou eu e que sou eu para que as senhoras de Bolzano se introduzam no meu quarto assim que chego pedindo hospitalidade ao teto passageiro do vagabundo?» Deleitava-se visivelmente com o poder das suas palavras e com o susto das mulheres, com a sua superioridade e a segurança da sua atitude frente a elas. Brincava agora com as mulheres como um esgrimista com um adversário mais fraco, aproximava-se delas passo a passo e cada uma das palavras que dizia parecia rasgar os ares como um florete. «As beldades de Bolzano! Tu, orgulhosa morena! Tu, com o teu olhar virtuoso e o teu rosário debaixo da capa! Tu, aí ao canto, com o teu belo peito! Tu, velhinha, porque olhas para mim com tanta curiosidade? Um devorador de sabres e tragador de lume terão chegado talvez à cidade, com macacos e ursos, e vós, pelo vosso lado, só quereis espreitar um pouquinho e ver a fera de graça? Mas aqui não há jaula de rodas para espreitar! A fera acordou e tem fome.»

Riu-se de novo, mas desta feita com um riso amargo e descontente. «De onde vindes?», perguntou numa voz diferente, mais surda, com uma entoação desdenhosa. «Do mercado? Da taberna? Já corre pela cidade o rumor de que aqui estou, os espíões andam já a farejar-me a pista, de orelha arrebitada, as mulheres começaram a palrar nas salas e camarotes do teatro e vós, lá em baixo, no mercado? Já se puseram todos a dizer: ele está cá, chegou, vamos divertir-nos a valer! Que honra!», repetiu ele num tom acabrunhado e queixoso. «Pois bem, olhai para mim! Aqui estou! Aqui está a minha cara verdadeira, não a da noite, enquadrada pela peruca, o fraque cor de malva, a espada à cinta e os anéis nos dedos. Sou assim, nem um nadinha mais bonito ou mais novo. Agrado-vos tal como me vedes?... Desejais-me?... Achais-me à altura da minha reputação? Que esperais de mim? Fujamos os seis, fretemos uma diligência, vamos por essas estradas fora, porque eu sou Giacomo, o amante ambulante, às ordens e ao serviço de todas, às vossas ordens, minhas senhoras, onde e quando quiserdes. Bando de galinhas, a vassoura!», disse ele numa voz que se tornara repentinamente terrível, e os seus rutilantes olhos negros puseram-se a cintilar com um clarão esverdeado – ou foi isso, em todo o caso, o que Lucia, debulhada em lágrimas e trémula, confessou certa noite ao marido, deitada ao lado dele no leito conjugal. «Estive preso durante dezasseis meses em nome da moral e da virtude! Sabeis o que isso é? Dezasseis

meses, quatrocentos e oitenta e oito dias e outras tantas noites numa enxerga, no fedor da miséria humana, à mercê dos piolhos e das pulgas, na companhia das ratazanas, dezasseis meses, quatrocentos e oitenta e oito dias de escuro, sem sol nem candeia para me alumiar, como uma toupeira, como um rato, sozinho com a minha juventude, sozinho com as minhas lembranças, com a lembrança da vida, a lembrança da luz, do despertar e da doçura do deitar, sozinho e isolado do mundo, em nome da moral e da virtude de que sou inimigo – ou foi pelo menos isso que disse Messer Grande ao mandar-me prender! Quatrocentos e oitenta e oito dias, quando poderia andar a ver a lua e o mar no porto, e o rosto das pessoas à luz dos candeeiros e o rosto das mulheres no instante em que a lâmpada se apaga e um rosto já só fica iluminado pelo reflexo dos olhos de outro rosto!» Estava embriagado; falava muito alto, como alguém que calou tempo de mais. «Porque recuais?», exclamou estendendo os braços. «Estou aqui! Cheguei! Tu, ó velhinha, porque te encolhes contra essa porta? E tu, simplória altiva de olhos castanhos, porque não te aproximas? Olha, são estes os braços que tiveram tantas mulheres, são estas as mãos que tanto querias ver! Não tens medo destas mãos?... Sabem manejar a espada e as cartas, mas sabem também acariciar! Tu, minha doçura loura, conheces estes dedos? São capazes de reconhecer e tatear no escuro os ouros e os paus, mas conhecem também uma doçura que te faria chorar, e mais tarde, já desdentada, com a boca ciciante, contarias aos teus netos a recordação do instante em que estes dedos te trabalharam a nuca! Senhoras de Bolzano! Ide à cidade e contai que cheguei, que estou aqui, que o espetáculo vai começar! Chegou, o cavaleiro das saias, o consolador das damas, o médico dos corações quebrados, que conhece segredos para os males do coração e os filtros secretos que se devem deitar na comida do amante desfalecente para que, à noite, ele se mostre de novo vivo e aprazível na cama! Contai que conseguistes forçar-me a porta, que vistes com os vossos próprios olhos que eu estou aqui, que não morri na prisão, que estes braços, este coração, estes ombros e o resto, tudo continua aqui, bem no seu lugar. Espalhai a boa nova, minhas senhoras! E falai aos homens, nos momentos de intimidade, quando tiverdes desapertado o cinto e deixado cair a saia, dissei-lhes que chegou Giacomo, esse que foi condenado à prisão, ao inferno e às trevas, em nome da honra e da virtude, mas que se tornou agora virtuoso, emendando-se, e pede de joelhos perdão e uma proteção benevolente.

Implorai a piedade para mim, belas senhoras, junto dos poderosos e dos virtuosos tão justos que se atrevem e são capazes de julgar os culpados! Porque sou culpado; ide, e dizei que Giacomo se arrependeu. Sou culpado porque sei tudo das mulheres e dos homens, e porque tenho a fama de querer mais à vida do que a tudo o mais! Ide, e dizei que cheguei!»

Dirigiu-se à janela e abriu-a de par em par. A luz, a luz de novembro, cascata fria e abundante como uma queda de água dos Alpes, invadiu o quarto. Com os braços cruzados e com as mãos nos batentes da janela, com a cabeça deitada para trás, ele banhava o rosto lívido, com os olhos fechados, oferecia o rosto à carícia da luz e sorria.

– Ide-vos embora! – disse ele, imóvel, com os olhos fechados, sorrindo como que por cima do ombro às mulheres encolhidas a um canto da sala. – Dizei que cheguei. Acabou-se o inferno. O sol brilha.

Respirou profundamente. Baixinho, com uma voz alegre, disse, como se anunciasse ao mundo uma excelente notícia: – Acordei.

Ficou onde estava, com os olhos fechados, e nem sequer virou a cabeça para a porta pela qual as curiosas do mercado de Bolzano se escapuliam em bicos de pés. Desceram as escadas com um ribombar duro e lesto. Ele ouviu o barulho delas, não se mexeu, não levantou as pálpebras, devorava a luz fria pela boca entreaberta, como se de qualquer maneira soubesse e visse o que se passava no quarto, depois dirigiu-se a Teresa que fora a última a começar a afastar-se e que procurava o puxador da porta com a mão pequena e vermelha mas não isenta de graça:

– Tu, fica.

Proferiu estas palavras com negligência, mas numa voz apesar de tudo dura, como alguém que sabe que às suas ordens não é possível resistir. Olhava tudo atentamente, os contornos das massas de casas que no banho de luz se desenhavam com nitidez. Soltou um leve suspiro como no instante do despertar, quando nos espreguiçamos, gememos e recordamos enfim que temos coisas a tratar neste mundo e que não podemos fugir aos deveres do dia. Disse num tom distraído e amistoso:

– Chega aqui mais perto.

VOCALIZOS E EXERCÍCIOS

Voltou-se, dirigiu-se num passo apressado à poltrona forrada de veludo às flores que se achava diante do grande espelho e do fogão, sentou-se, cruzou a perna direita, nodosa e inchada do joelho para baixo, como as pernas dos que estão habituados a andar e a montar, por cima do joelho da perna esquerda, apoiou os braços no espaldar da poltrona e olhou para a rapariga cheio de atenção e gravidade. «Mais perto», disse com doçura, mas num tom de voz imperioso. «Bem pertinho.» E quando a rapariga se aproximou com o seu passo lento e sereno e ficou por fim diante dele, ele pegou-lhe na mãozinha vermelha, levantou-lha com desenvoltura, como o senhor que faz rodar o par durante a dança, ou como o costureiro que examina a sua última obra, o vestido de baile que um modelo acaba de envergar, e com um gesto amistoso e entendido, auxiliando-a ligeiramente com a mão, fez a jovem dar uma volta sobre si própria.

- Como te chamas? – perguntou ele. E depois de Teresa lhe dizer o nome:
- Que idade tens?

Ao ouvir a resposta, soltou um «hum-hum» abanando a cabeça e tornou-se pensativo. «Porque é que», perguntou finalmente, «porque é que mandaste aquelas mulheres subirem ao meu quarto?» E como se não estivesse à espera de resposta, apressou-se a continuar: «As pessoas, Teresa, julgam que sou um devasso, e, de facto, sou como elas dizem. Já não me atrevo a viajar. Uma pessoa torna-se célebre porque o nosso mundo é pequeno, os meios de transporte melhoraram terrivelmente nos últimos tempos, as recovagens tornaram-se quase perfeitas. As pessoas sabem tudo graças aos boatos dos jornais, aos iniciados dos corredores dos teatros, já não há segredos, não, às vezes chego a pensar que já não há sequer vida privada. No tempo da minha juventude, era diferente. Veneza hoje é como uma caixa de vidro, toda a gente está sentada por trás do vidro de uma montra, e extorque-se, rouba-se, enche-se o bandulho e faz-se amor bem à

vista de todos. Já foste a Veneza? Hei de levar-te lá um dia, de sábado a segunda», disse ele num tom casual, distraído. «Não, minha filha, não acredites nos venezianos. Olha-me nos olhos. Vês como estou triste?... Os apregoadores de boatos transformaram-me numa figura ridícula, num fenómeno de feira; quando se anuncia a minha chegada a uma cidade, os espiões e os peralvilhos, os exploradores de tavolagens e as mulheres que vivem da circunstância de existirem mulheres mais novas e menos hábeis do que elas, apuram o ouvido, toda a gente segreda o meu nome enquanto passeia e tece a sua rede, há olhares inquisitivos que me perseguem do alto das janelas e do fundo das carruagens, mulheres que levam aos olhos míopes as suas lunetas doiradas e, inclinando a cabeça, dizem afetadamente: «Ah! Então é ele?... Que vergonha!... Porque é que o toleram na cidade? Apresentai-mo!» É assim que as mulheres falam. Chegate para mais perto, querida amiga. Olha-me nos olhos. Tens medo de mim?...»

– Não – disse a rapariga.

O estrangeiro continuou sonhador:

– Não está certo – disse ele com certo nervosismo.

Mas Teresa, criada de quarto e prima de toda a gente na estalagem do Veado, já não tinha realmente medo. E como se encontrava ali, abandonando a mão ao abraço singular daquele homem desconhecido, ora acariciador ora violento, ora generoso ora devastador, talvez devamos, bem vistas as coisas, falar a seu respeito. Porque era insignificante e donzela, mas por vezes desenhava-se-lhe à volta da boca um vinco dotado para os homens de singular eloquência. Tinha dezasseis anos e, como já dissemos, conhecia os segredos bafientos dos quartos e das alcovas húmidas do Veado, e fazia e desfazia as camas, e procedia aos despejos dos clientes, e tinha uma saia de lã azul-marinho que um mercador de Turim lhe dera como recordação, e tinha uma blusa verde, clara e decotada, que uma atriz de passagem esquecera no fundo de um armário, e tinha um livro de orações encadernado em pele branca, com imagens do bondoso santo padroeiro de Pádua; e, não contando com estas coisas, nada tinha no mundo. Sim, tinha também um pente veneziano. Dormia na mansarda por cima dos quartos, nas imediações do quartito de Baldi. Viera do sul do Tirol, de uma aldeiazinha que sufocava no sopé da grande montanha, a tal ponto a esmagavam a paisagem, a montanha e a miséria. E o pai dela

alistara-se um dia no exército do rei de Nápoles e nunca mais voltara. Teresa olhava para o estrangeiro e não sentia medo.

O medo que se apoderara dela na primeira noite, quando o estalajadeiro, que às vezes lhe batia e às vezes a chamava para a sua cama de viúvo, lhe pedira um serviço e ela vira o estrangeiro, logo a seguir ao repasto, murmurar num meio sono e dormitar, esse medo, agora que ele lhe apertava a mão nas dele, abandonara-a. Tinha um bocadinho de vergonha das mãos vermelhas das lavagens e da lenha, gretadas pelo vento, porque o vento soprava sem parar em Bolzano, e Teresa dizia de vez em quando para consigo que nunca conseguiria habituar-se a viver ali. Era por isso que só a contragosto abandonava a sua mão ao duro aperto da mão daquele homem, ao seu contacto afinal macio e que lhe lembrava o de um couro flexível e nobre, frio e trabalhado. Foi esse contacto que a tranquilizou. Sim, a mão daquele homem e o contacto da mão dele pareciam ao mesmo tempo despojá-la e preenchê-la. Da palma suave e fria dessa mão, começou a emanar para ela, através da pele e das veias, um calor singular que não era o do fogo, que não era o que se sente quando alguém se senta ao sol. Esse calor que se difundia parecia por vezes interromper-se como quando se sopra uma vela ou uma borrasca apaga no espaço de um relâmpago a chama de uma candeia – sim, como se houvesse uma tempestade e um flamejar nos arredores. Depois, a mão do homem tornou a ficar quente. Teresa já não tinha medo. Não pensava em nada. Gostava de falar com o cão no jardim, o cãozinho branco e de orelhas em bico da estalagem, gostava de não falar com ninguém e preferia, de verão como de inverno, passar horas sentada a um canto da igreja, aos pés de uma imagem da Virgem Santa, debaixo do púlpito; então fechava os olhos e não pensava em nada. E às vezes pensava também no amor, mas como o marinheiro pensa no mar. Conhecia o amor e não o temia.

Agora que o homem finalmente a tocara – o estrangeiro segurava-lhe a mão cortesmente, com dois dedos, como se a convidasse para uma dança, e encostara a cabeça curvada à palma da sua mão –, Teresa sentiu que era ela a mais forte. Esse sentimento surpreendeu-a. Tudo indicava que o estrangeiro fosse poderoso e distinto, embora tivesse chegado em farrapos à estalagem; além disso, era mais velho, muito mais velho do que Teresa; e ainda por cima era célebre, e as mulheres queriam a todo o custo conseguir vê-lo. Teresa tinha todas as razões para sentir medo dele. E depois

prometera levá-la a Veneza, e Teresa tinha medo das promessas, pois quem promete é porque já mentiu; só os que não haviam dito uma única palavra lhe tinham realmente dado alguma coisa afinal. E ela nem sequer sabia ao certo o que lhe queria ele... Porque os outros beliscavam-na ou davam-lhe palmadas nas nádegas, ou queriam beijá-la, ou sopravam-lhe ao ouvido palavras escaldantes e grosserias, ou rogos frustes, ou propostas imundas, ou chamavam-na aos quartos, depois da meia-noite, quando toda a gente estava já na cama – Teresa sabia como eram os homens. Mas aquele não a beliscava, não a chamava para lado nenhum e não lhe dizia coisas indecentes. Contentava-se em olhá-la, com o rosto preocupado, e a atenção de um homem que se concentra em conseguir lembrar um nome ou uma memória, alguma incerta noção importante e vital.

– Não tens medo – murmurou ele baixinho. Com um gesto de extrema delicadeza, galante, quase súplice mas sem equívocos, fê-la sentar-se nos seus joelhos. Teresa submeteu-se a esse gesto imperioso. Estava ajuizadamente sentada nos joelhos do estrangeiro, como uma convidada perante desconhecidos, pronta a fugir a qualquer momento, ao primeiro toque de campainha, ao primeiro apelo. Mostravam ambos o mesmo aspeto grave. Olhavam-se nos olhos com a maior atenção; ele franzia os seus para melhor a ver e, com dois dedos, virava-lhe a cabeça para a luz. Ela obedecia-lhe aos movimentos, exatamente como se se submetesse às ordens benevolentes de um médico. «Há dezasseis meses», disse o estrangeiro muito calmamente, «que não olho uma mulher nos olhos. Os teus olhos têm uma linda cor, Teresa, são cor do céu de Veneza. Eu via às vezes o céu da janela da prisão quando me levavam a passear no corredor. O céu era azul, de um azul-cinzento e um tanto frio, como se nele se refletisse a cor do mar. Há nos teus olhos a cor das coisas eternas», disse ele com galantaria. «Mas tu não percebes isso. Aliás, pouco importa que percebas. Há um mal-entendido entre nós, como há sempre entre um homem e uma mulher, e eu sempre me senti envergonhado depois de ter falado demais com uma mulher. Beija-me», disse ele num tom de voz simples e afável.

E como ela sem se mexer, com a nuca hirta, fixasse nele o olhar vítreo dos seus olhos azul-acinzentados, ele disse uma vez mais: «Beija-me. Percebes?» A sua voz tinha um tom levemente espantado mas continuava afável. Ocorreu a Teresa mais tarde que, com aquela voz, ele poderia ter-lhe igualmente pedido que lhe fosse buscar um copo de água ou até que

chamasse Balbi para lhe fazer companhia ali no quarto, uma vez que se sentia enfadado – tanta fora a simplicidade e a indiferença com que ele dissera «Beija-me». Mas ela nunca tinha ainda beijado um homem; era por isso que se limitava a olhar com os seus olhos vítreos, mais cheios de ingenuidade do que de inteligência. Depois ele cingiu-lhe a cintura, com uma das mãos, mas também isso o fez de modo casual como quando se estende a mão para se pegar num livro ou num pente e, com uma voz amigável e cheia de atenção, perguntou-lhe:

– O que é que sentes?

– Nada – respondeu ela.

– Não estás a perceber – disse ele com uma ponta de impaciência. – Não estás a perceber a minha pergunta. Não te estou a perguntar que é que em geral sentes na vida, ou com os homens, ou no que tem que ver com o amor. Ouve-me bem, pequena. Estou a perguntar-te o que é que tu sentes quando te toco, o que é que tu sentes quando com os meus dois dedos te pego no braço acima do cotovelo, o que é que tu sentes quando te ponho a mão no coração, assim, o que é que tu sentes agora, neste momento?...

– Senhor! – disse ela cortesmente, depois do que se levantou, se inclinou diante do estrangeiro e, com as duas mãos, como por vezes vira fazer no restaurante, arregaçou ao de leve a orla da saia ao curvar-se. – Não sinto nada.

Ele levantou-se também. Com as pernas afastadas, os braços cruzados no peito, a cabeça inclinada, tinha um ar acabrunhado e confuso.

– É impossível – disse com exasperação e a tossicar de embaraço. – É impossível que não sintas nada quando eu... Espera um bocadinho! – Com um gesto rápido, enlaçou a rapariga, debruçou-se-lhe sobre o rosto fresco e juvenil, e o raio dos olhos sombrios dele mergulhou nos olhos azuis claros, calmos e serenos dela, onde brincava um brando clarão. – E agora, continua a ser nada? Enquanto eu te abraço? Não sentes a minha respiração em fogo? A força das minhas mãos nos teus flancos?... Não sentes a que ponto estou perto de ti, não sentes que neste instante já travámos conhecimento e que eu te trago uma prenda maravilhosa, a prenda da vida e do amor?... E agora estás a tremer, não estás? Estás a ser atravessada da cabeça aos pés por um tremor diferente como nunca antes sentiste, como se acabasses de descobrir que estás viva, que é para isto que vives, que vieste ao mundo afinal. – E como não houvesse resposta, acabou por perguntar desamparado: – Vamos

lá, então? – Soltou-a, levou a mão à frente e olhou em redor, perplexo.

Porque aquela rapariga, ali, diante dele, a um passo de distância, aquela rapariga algo desleixada, andrajosa e descalça – uma criadita de palco provocante como de tantas sabia, pois quando queria falar com franqueza, confessava que eram na realidade dessa espécie todas as mulheres que conhecia! –, aquela rapariga, era inútil qualquer demonstração mais, não sentia de facto nada durante aqueles momentos. No seu embaraço, o homem pigarreou por um instante. Aquele corpo jovem e fresco não vibrara ao contacto do senhor quando a cingira pela cintura, aqueles olhos puros com um brilho de vidro não se tinham turvado como um lago de montanha quando a tempestade se debruça sobre ele, aquele coração cujas pulsações sentia através da blusa de pano e da cálida pele do corpo juvenil, não se pusera a bater com mais força quando ele encostara a palma escaldante da mão ao seio da rapariga. Ela respirava brandamente, continuava diante dele, bastava-lhe estender a mão para a tocar, mas a mão estendida deteve-se a meio caminho, em suspenso. A resistência com que por vezes deparava nas mulheres causava-lhe sempre um montante suplementar de energia. Oh, haveria combate mais belo e mais arrebatador do que o duelo com uma mulher que se negava, que lhe escorregava entre as mãos, que se revoltava e que, amedrontada ou altaneira, repelia o paladino apaixonado? Era então que ele sentia a sua verdadeira força, as palavras subiam-lhe à boca sem dificuldade, sabia ser ao mesmo tempo humilde e audaz, exigente e submisso, tocante e temerário. Porque a resistência era já um nó, um jogo meio ganho, a resistência era já uma espécie de consentimento, aquela que resistia desejava já aquilo de que se defendia, e a que se defendia desejava já aquilo que a fazia recuar... Mas aquela rapariga, num quarto de estalagem, numa cidade estrangeira, aquela serviçal esbelta e pouco arranjada, a primeira mulher para quem ele estendia os braços ao fim de dezasseis meses de prisão, de inferno, de solidão e de miséria, aquela rapariga não chegava sequer a defender-se. Não resistia. Estava tão perfeitamente serena como se não se achasse diante dele, amável e maltrapilha, diante dele que, ainda pouco tempo havia, arrendara um palácio em Murano para a freira mais bela de Veneza, e a quem uma margravina ensinara outrora a escrever poemas de amor em Roma, no palácio do protetor de Giacomo, o cardeal... Ela ali estava, e não havia maneira de se encetar fosse o que fosse com ela, porque ela não se defendia,

mas também não se abandonava às ordens e exigências dele, estava ali como a luz perante a sombra, e sem que o seu instinto de mulher a impelisse à fuga. O homem respirou profundamente e enxugou a fronte coberta de suor frio.

Que aconteceu? O que nunca antes tinha acontecido ainda. Ele varreu o quarto com o olhar, como se procurasse alguma coisa, e o olhar deteve-se-lhe no punhal que, esquecido, ficara, na véspera à noite, poisado no rebordo da lareira. Com um gesto despreocupado, pegou no punhal com as duas mãos e começou a dobrar-lhe ligeiramente a lâmina. Deixando de prestar atenção à rapariga, começou a andar de um lado para o outro, pelo quarto, com o punhal na mão, falando em voz baixa. «É esta, com que então!», resmungava ele. Depois exclamou: «É impossível!» Sentia-se terrivelmente mal. Sentia-se como o grande ator que não canta em palco há muito tempo e que começa por ser acolhido por um público glacial, por uma sala muda. Não foi assobiado, não falhou, mas o silêncio glacial, a indiferença silenciosa são mais terríveis do que o fracasso. Sentia-se como esse cantor que horrorizadamente se dá conta de que aconteceu alguma coisa à sua voz, bem pode esmerar-se, bem pode alcançar os tons agudos, a voz perdeu esse timbre cálido, essa cor sedutora e única que fazia o público vibrar, quando os olhos das mulheres se toldavam e os homens apuravam o ouvido, com uma expressão carregada no olhar, como se acabasse de bater a hora da penitência e do juízo final... Como quem sente que perdeu alguma coisa, um efeito de voz, uma atitude, essa faculdade misteriosa que só a ele pertencia, que era o segredo do seu sucesso e do seu ser, como quem de súbito já não compreende porque é que não há hoje aplausos no final da exibição, quando ontem ainda o mesmíssimo número fora seguido de um delírio de aclamações e chamadas ao palco, como quem descobre que alguma coisa se quebrou, pois bem pode a sua pessoa ter talento, experiência do ofício, recursos acumulados, que já nada disso faz com que o seu poder sobre o público volte a ser o que era!... É como o ator que sente com desespero no meio do palco que deixou de seduzir e que uma fria indiferença é tudo o que do público sobe até ele, também Giacomo se pôs a rouquejar, levou embaraçadamente as mãos à garganta, como se dissesse: «Aaa! Ooo!» em busca do efeito vocal perdido. Imóvel, com o punhal na mão, fitava a rapariga.

– É impossível! – repetiu com mais força. – Não sentes nada, nada de

verdade? Não tens medo, não estás a tremer, não te apetece fugir?... – perguntou ele numa voz quase de súplica. Sentia-se uma figura lamentável, com o punhal na mão e a voz cheia de inflexões de prece. – Porque é que não me olhas nos olhos?... – disse em tom mais baixo, com uma voz enrouquecida e tristíssima.

Ao ouvir aquela inflexão, a rapariga levantou os olhos, virou devagar o rosto para o estrangeiro, e gravemente, atentamente, ofereceu os olhos ao olhar de quem a interrogava. «Estás a ver!», disse ele com entusiasmo e teve o movimento de quem se põe em guarda ou se prepara para saltar. «Agora, a minha voz tocou-te», disse ele numa voz baixa, cheia de calor e alegria. «Já te conheço e era capaz de te reconhecer até entre mil outras mulheres, no baile, mascarada. Estás a ver, já começaste a responder, os teus olhos já começaram a responder. Eu bem sabia. Não pode deixar de ser assim.» Assobiou baixinho de alegria, depois, com a mesma voz triste, cálida e grave de que sabia servir-se como um prestidigitador dos seus adereços, disse: «Porque é aqui que o segredo todo está, minha querida, e isto é tudo, não há nem truques nem artificios, nunca há mais nada além disto. É como se as pessoas se tocassem. Tu, pelo teu lado, tocaste-me quando entraste no quarto, e eu chego a pensar que este misterioso contacto é a razão e o sentido da vida. O teu coração bate com mais força?... Estás a corar?... Bem sabes que agora já não te podes ir embora. Vem, chega-te para mais perto, como há bocadinho.»

E enquanto ela se aproximava lentamente, ele disse num tom simples e sereno:

– Lembras-te? Tinha-te dito para me beijares.

Devagar, com um gesto seguro e tranquilo, estendeu os braços, cingiu com brandura os ombros da rapariga e, com um olhar atento, inclinou-se sobre a cabeça que ela lhe abandonara nos braços.

O BEIJO

Beijou a criada em Bolzano, num quarto da estalagem do Veado, três dias depois de se ter evadido dos Piombi, onde passara dezasseis meses. Foi assim que as coisas se passaram: beijou os lábios gretados da rapariga, que se abriram, moles e impotentes, ao contacto da boca dele, mas não lhe devolveram o beijo. Dessa maneira ficaram muito tempo os dois. Ele olhava para os olhos dela, o olhar puro e amedrontado de um outro ser, depois, como quando se franzem os olhos, na cegueira de uma luz viva, desceu as pálpebras. Tratava-se para ambos de uma situação familiar. Como se fosse a única situação natural e compreensível da vida, como se os dois não pudessem compreender porque é que até então se haviam ocupado de outra coisa, porque é que tinham vivido outras situações, como se se tivessem preparado para aquele instante havia muito, com toda a sua vontade e todos os seus desejos, despertos ou em sonhos. Ela aninhou-se nos braços do estrangeiro. O seu rosto estava grave e sereno. Como depois de muito buscar, depois de muito cansar a cabeça, alguém acaba por suspirar e dizer: «Ah, pois claro, compreendo, era então assim!» E de súbito, tudo se torna muito mais simples. Aninhou-se nos braços do estrangeiro, procurando sítio com movimentos impercetíveis, cheios de prudência, púdicos e seguros, como se sentisse que todos os movimentos do seu corpo significavam alguma coisa. O diálogo que há muito tempo um homem e uma mulher encetaram, e que encetaram todos os pares de amor, continua de cada vez que um homem estreita uma mulher nos braços: era assim que ela procurava, nos braços dele, o seu lugar. De facto, nem sequer se mexia, contentava-se com esperar que os dois corpos descobrissem o correspondente equilíbrio no espaço de acordo com as leis da gravitação universal. Poisou a cabeça no braço do homem, o seu corpo juvenil inclinou-se levemente para trás, e os braços fortes e tranquilos seguravam-lhe o corpo sem esforço, encarregavam-se do seu peso e pareciam erguê-lo

um pouco, pareciam arrancá-lo por instantes à força de atração da terra, Teresa abandonava-se ao abraço do homem, em bicos de pés, com a cabeça atirada para trás, um tudo-nada de lado. E se alguém os tivesse observado pelo buraco da fechadura, julgaria que ela desmaiara ou acabava de ser extraída de um rio invisível, que jazia sem consciência nos braços do seu salvador que em breve a deitaria numa cama ou no chão, massajando-lhe o coração para começar a reanimá-la. Porque a postura da rapariga lembrava um pouco os movimentos de uma pessoa moribunda, inconsciente, que acaba de ser salva. De resto, era o que de momento ela própria sentia: como o suicida que se atirou à água e que acabam de salvar, que está a ser levado já para a margem. Antes de tudo o mais, ela instalava-se assim na sua nova situação.

Estar nos braços de um homem era para Teresa uma situação nova e contudo extremamente dolorosa, extremamente fulgurante, de uma familiaridade terrível. Estar nos braços de alguém é segundo toda a evidência o que de melhor existe no mundo. Teresa lembrou-se vagamente de que a mãe, com a pele cheia de sinais, pequena e redonda como uma pipa da Toscana, outrora a tomava nos seus braços dessa mesma maneira. Sim, a nova situação era-lhe familiar, como a vida o é para o recém-nascido; tornava-se-lhe inútil procurar subterfúgios ou tentar provar fosse o que fosse, bastava-lhe ficar à espera de que a situação se apoderasse dela, era preciso aceitar, permitir aos corpos que descobrissem o seu equilíbrio próprio, a esses corpos unidos pelo anel dos braços e também por uma atração mais poderosa e forças mais obstinadas ainda. Era perfeitamente normal e estava certo que um homem que Teresa ainda de véspera não conhecia, que falava muito, fazia grandes gestos com o seu punhal e saía da alcova onde dormira, com as pernas afastadas e penas de colchão no cabelo desgrenhado, o rosto mau e contorcido, era normal que esse estrangeiro aprisionasse Teresa nos seus braços, e a ela bastava-lhe deslocar um bocadinho a cabeça e poisá-la mais confortavelmente, deixar que se abrisse a boca doce e meiga, fechar os olhos e nada mais fazer para que tudo estivesse perfeitamente bem e certo. Ela compreendera já. E como sabia e já compreendera, começou a sorrir, com os olhos fechados, ofegando ao de leve.

Estavam diante da janela, na luz fria e crua. Ele virava costas à janela e olhava o rosto violentamente iluminado da rapariga, olhava a mulher que

tomara nos braços com o seu gesto particular, de encorajamento e de ameaça, de salvação e agressão, o gesto do beijo, exatamente como devia ser feito. Também para o estrangeiro, era a situação familiar e apaziguadora. Já não receava ter perdido a voz na humidade e na solidão, durante os pútridos meses de isolamento. Sabia já que todas as suas palavras e todos os seus gestos obtinham o sucesso habitual junto do público. Olhava para a rapariga tranquilamente, sem se apressar, tinha tempo. Aquele rosto, aquele rosto em forma de coração, com todas as linhas e matizes magnificados e sublinhados pela luz do dia, era um rosto de mulher, nada mais – e contudo ele não mentira ao dizer que a reconheceria, ainda que entre mil outras mulheres, ainda que mascarada. Era um rosto de mulher, como as centenas de rostos de mulheres sobre os quais se debruçara em condições análogas, com a mesma curiosidade afetuosa e grave, como se precisasse de decifrar uma inscrição misteriosa, uma palavra escrita em signos mágicos e cabalísticos, uma palavra que à vida desse o sentido da vida. Olhava aquele rosto, com paciência, com gravidade. Porque aqueles sinais no rosto da mulher, o nariz um pouco arrebitado e salpicado de sardas, a boca, crua como a carne de um fruto ferido e rasgado, a penugem doirada do seu lábio superior e do queixo, a paisagem subindo e descendo do queixo doce e pueril, as linhas calmas e perfeitamente desenhadas dos olhos, a onda loura e espessa dos cílios e, de cada lado do nariz e da boca, esse vinco duro que a vida, a desconfiança e o medo haviam traçado e que parecia esbater-se brandamente à luz do dia, ao contacto dos braços do estrangeiro – tal era o desenho, tal era a mensagem secreta cujo sentido ele tinha de decifrar. Os dois rostos, o rosto grave e atento do homem, o rosto da rapariga, sereno, paciente, com os olhos fechados e o seu pálido sorriso, flutuavam lado a lado como dois planetas ligados por uma atração indissolúvel. «Para quê ter pressa?», pensava ele. E também ela sentia qualquer coisa de semelhante.

O que é isto? Amor?... Por certo que não. Agora, enquanto estava debruçado sobre o rosto da rapariga, enquanto sentia o hálito cálido da sua boca juvenil e enquanto um desejo, irresistível e lento, lentamente o obrigava a aproximar-se-lhe dos lábios, de um modo quase piedoso, com o gesto de oração e de adoração do viajante atormentado que se debruça sobre uma nascente, ele pensou: «Será ela?...» Mas já sabia que não era ela, mais propriamente, que já não era ela, ou mais propriamente ainda, que era ela também. Porque reconheceria o seu rosto entre mil rostos de mulher – a sua

memória funcionava com uma força e uma segurança sobrenaturais quando ele queria lembrar o rosto das mulheres, funcionava com a precisão, o instinto e as faculdades de uma fera que fareja e segue uma pista na selva – mas, ao mesmo tempo, sabia que também esta ligação não seria definitiva, nada fora até então definitivo, fosse qual fosse a força, em certas mulheres, de certa voz muda, secreta e dura – a mensagem do destino que se limitava a dizer sempre: «Cá estou, estamos ligados um ao outro, aqui tens.» A mensagem reduzia-se sempre e só a isto. E ele, por seu turno, prestava sempre atenção a esse apelo, a essa voz, como a fera na selva. Apurava o ouvido, os olhos punham-se-lhe a brilhar, endireitava-se. E avançava na direção da voz, do apelo, farejando a pista, apurando o ouvido, à espreita, com um instinto infalível. Era assim que o chamavam as jovens e as belas, as maduras e as murchas, as esfarrapadas e as episódicas, as princesas, as freiras, as atrizes de passagem, as modistas e as criadas, as mulheres que se contentavam com uma moeda de ouro, as preciosas que moravam em palácios e às quais acabava por ser necessário levar muito ouro, a viúva do padeiro e a astuciosa filha do mercador de cavalos judeu, M. M., a favorita do embaixador de França, e C. C., a jovenzita depravada do convento, o bicho de cozinha que Luís de Bourbon, o Rei Cristianíssimo, mais tarde cingiu nos braços para a levar para o seu serralho de Versalhes, a jovem esposa do capitão francês e a do burgomestre de Colónia, que tinha já quarenta anos e à qual faltavam dois dentes da frente, a duquesa de Urfé tão velha como as pedras da rua e tão magra que uma pessoa se picava nos dedos ao enlaçar-lhe a esquelética cintura... Seguia todas as vozes e todos os apelos, e sentia sempre esta curiosidade de caçador de pistas, este tremor e esta atenção maliciosa, ouvia sempre o mistério da mesma pergunta: «Será ela?...» Mas no momento de a fazer, sabia já que não era ela, que nunca era ela. E seguia o seu caminho.

E havia por toda a parte estalagens, e por toda a parte se representava nos teatros à noite e a vida era maravilhosamente generosa todos os dias com aqueles que a não receavam. «Não, nunca a receei», pensou ele, satisfeito; e apertou com mais força contra si o corpo dócil da jovem. «Seria bom se fosse ela», pensou ainda. Seria bom descansar. Seria bom saber que os cálculos complicados e os projetos perigosos se tornariam doravante inúteis, que um dia a fórmula se tornaria extremamente simples, vivemos, há uma mulher que amamos – nada mais. «Seria bom!» pensou ele, com

ironia e tristeza. Mas era como se a fórmula que tratava de resolver tivesse sido irremediavelmente alterada, como se a imagem frágil que ele procurava se tivesse quebrado e somente estilhaços restassem. E ele, ele apanhava cada um desses estilhaços. Teresa tinha umas lindas orelhas, cor-de-rosa e pueris, umas nobres orelhinhas; a curva do pavilhão, as delicadas ramificações das cartilagens, a carne ingênua e um tanto ridícula dos lóbulos: sim, era uma bonita orelha para se mordiscar. Que haveria ele de sussurrar aflorando com os seus lábios aquela orelhinha? Diria: «Só tu...»? Dissera-o já vezes de mais. Todavia, como alguém que teme o declínio, e sobretudo conduzido pela experiência e pela memória, inclinou-se para a orelha da rapariga e sussurrou num sopro escaldante: «Só tu.»

A orelha nobre e bonita ficou vermelha ao ouvir estas palavras. O rosto da rapariga corou também, como se tivesse vergonha pela primeira vez. Havia naquelas palavras qualquer coisa de insolente e violento, quase indecente, como há em todas as mentiras proferidas em momentos dignos de memória. Mas havia igualmente qualquer coisa de familiar e exaltante, como nas canções patrióticas, como nas estátuas dos grandes homens e nos sacrossantos lugares-comuns que os homens repetem há séculos. Ele disse: «Só tu!», e ela enrubesceu como se tivesse ouvido uma requintadíssima indecência. Enrubesceu porque sentira a mentira, depois o homem calou-se de novo, triunfante e um pouco surpreso, como se soubesse que as coisas não podiam ser de outro modo e que esgotara as suas pequenas mentiras. E ambos sentiam que em segredo aquela mentira era apesar de tudo a verdade. Era por isso que se mantinham em silêncio, ligeiramente embaraçados. Sentiam que este «só tu» era verdadeiro, à sua misteriosa maneira, como todas as coisas eternas, como quando se diz: «pátria!» ou então «destino» e não podemos deixar de nos desfazer em lágrimas. E ao mesmo tempo, por gritante, por despudorada que a intenção seja, sentimos que o grande lugar-comum e a mentira são intrinsecamente verdadeiros, sentimos deveras a pátria, o destino e este «só tu». E como nada mais tinham a dizer-se, beijaram-se.

As bocas colaram-se-lhes, e eis o que depois aconteceu: houve qualquer coisa que começou a embalá-los. Era o embalar do adulto que toma nos seus braços a criança que brincou muito, saltou e correu, e está triste por causa do cansaço e porque a noite chega; tomam-na então nos braços e dizem-lhe devagarinho, embalando-a: «Brincaste muito, estás cansado,

descansa um bocadinho, meu menino. Não te mexas, fecha os olhos e descansa. Como estás quente! Aqueceste de mais! O teu coração bate tão depressa!... Depois de descansares, vais ter uma filhó!» Nesse instante, a rapariga afastou ligeiramente a boca, com um gesto caprichoso e autoritário, como a criança que diz: «Não gosto de filhós!» Depois voltaram a beijar-se. O embalo, o embalo estranho e triste, levava-os docemente com o seu beijo, exatamente como o mar cujo embalo é ao mesmo tempo berço e perigo, ao mesmo tempo fatalidade e aventura. E como que, tomado de vertigens, cai da falésia da realidade e se dá conta com espanto de que é capaz de viver e mover-se no novo elemento, no elemento desconhecido da fatalidade, e de que talvez não seja uma coisa assim tão má uma pessoa afastar-se da costa ao sabor do lento embalo e perder todo o contacto com a realidade, avançando lentamente, sem vontade nem desejo, rumo ao aniquilamento: por vezes, entre dois beijos, olhavam em redor com um ar sonhador como se levantassem a cabeça da espuma para voltarem a cair no elemento perigoso e rejubilante, indiferente e embalador, e pensavam: «Talvez não seja assim tão mau aniquilarmo-nos! Talvez seja isso o que a vida nos pode dar de melhor, este embalo e este esquecimento, em que se perde a memória, em que tudo se torna perturbante, familiarmente perturbante.» E agora, com os braços abertos num gesto súplice, acolhedor, cingiam as cabeças. Era assim que se beijavam.

Nessa altura, Balbi entrou, deteve-se no limiar e disse com uma voz aterrada:

– Giacomo, não lhe faça mal!

Separaram-se lentamente, desprenderam-se do abraço mútuo. Perplexos, lançavam olhares interrogativos em redor. Ao largar a rapariga, ele notou então que continuava, maquinalmente, com o punhal na mão – na mão esquerda, aquela com que cingira a cintura de Teresa.

UM ESCRITOR

Quando a rapariga – cabeça baixa e passo mais do que silencioso, como só o sabem ter os que estão habituados a andar muitas vezes descalços – saiu do quarto, Balbi disse: «Tive medo a valer. Com o teu punhal na mão, tinhas o ar de um assassino que se prepara para atacar a vítima.»

– Não sou um assassino – disse ele gravemente, um pouco ofegante, e depois voltou a poisar o punhal no rebordo da lareira. – Sou um simples escritor.

– Um escritor? – perguntou Balbi, boquiaberto. – O que é que escreveste? – continuou ao fim de um instante, surpreendido e incrédulo.

– Sim, sim – murmurou o estrangeiro.

Falava com a voz irritada de alguém que despreza interlocutores que não merecem que se lhes responda como deve ser, pois são de qualquer modo indignos de uma verdadeira resposta, que, de resto, não compreenderiam.

– Para começar, escrevi diversas coisas. Até mesmo poemas – disse ele com uma voz animada, como quem está em condições de provar o que adianta.

– Por dinheiro? – perguntou Balbi.

– Por dinheiro também – respondeu ele. – O verdadeiro escritor escreve sempre por dinheiro, estás a perceber, cabeça de mula? Mas digo-te que não és capaz de perceber e que o lamento sinceramente. Lamento sinceramente, Balbi, não te ter espetado este punhal nas costelas, antes de Valdobbiadene, quando foste insolente e puseste em perigo a nossa evasão. Nesse caso talvez fosse um assassino, como tu dizes, mas haveria um imbecil a menos nesta terra e o mundo acabaria por me ficar grato. Hei de lamentar sempre ter-te tirado daquele covil de ratos.

– Sem mim, também tu não tinhas podido evadir-te – disse o monge com toda a calma.

Os insultos não o atingiam. Sentou-se na poltrona, afastou as pernas,

cruzou as mãos por cima do ventre cheio, e pôs-se a fazer girar os polegares e a piscar os olhos.

– É verdade – constatou ele objetivamente. – Quando estamos em perigo, agarramo-nos até à corda da força se preciso for.

Mediram-se com o olhar. «Sim, é pena», repetiu ele e, com um encolher de ombros, mostrou que era inútil continuar a lamentar-se por mais tempo das negligências cometidas ao longo da existência. «Não podes perceber, grande pedaço de banha, não és capaz de perceber que sou escritor. Que escreveste na vida, tu? Cartas de amor de cinco vinténs, no mercado, para criados pobretanas, ou então falsificaste contratos para negociantes e ladrões de cavalos, ou bombardeaste com petições tão suplicantes os teus superiores irrefletidos e esquecidos que eles acabaram por não te mandar para as galeras.»

– Apesar de tudo – disse o monge com voz suave e amistosa – foi escrever que nos salvou, Giacomo. Vê se te lembras. Escrevíamos cartas um ao outro, como dois apaixonados. Escrevíamos grandes cartas inflamadas e Lorenzo, o carcereiro, era o nosso correio amoroso, apresentámo-nos mutuamente por meio dessas cartas, contámo-nos tudo, o passado e o presente. Se eu não soubesse escrever, nunca me teria correspondido contigo, nunca me teria evadido. Desprezas-me, desdenhas-me. Sei que muito gostarias de me matar. És injusto. Também eu sei que a escrita é uma grande coisa, um pouco como o poder.

– Como o poder? – repetiu o companheiro de evasão de Balbi, e orgulhosamente, com a cabeça lançada para trás, os olhos semicerrados, mediu o frade com desconfiança. – É muito mais. E não é «como», Balbi, mete-o bem na cabeça, não é «como», é o próprio poder, o único e exclusivo poder. Tens razão, a escrita libertou-nos. Vê lá tu, eu não tinha pensado nisso. E as Escrituras têm razão também quando dizem que até os imbecis têm direito à graça. A escrita é a força maior, a palavra escrita é mais forte do que o papa e do que o rei, mais forte do que o doge. Prova-o o nosso exemplo. Foi por escrito que decidimos evadir-nos, as cartas quebraram as cadeias, com elas fabricámos uma escada de corda, foram as cartas que nos fizeram voltar do inferno à terra. Ao que se diz – acrescentou ele com uma expressão pensativa – as cartas levam igualmente da terra ao céu. Mas não acredito.

– Em que é que acreditas, então? – perguntou o monge numa voz

insinuante e curiosa.

– Acredito no destino – respondeu ele com toda a naturalidade –, no destino que criamos e que, depois, aceitamos. Acredito na vida, nesta diversidade que acaba por maravilhosamente se juntar, cujos numerosos fragmentos formam um todo, um homem e uma vida. Acredito no amor e na roda da fortuna. E acredito na escrita, porque a escrita tem poder sobre o destino e o tempo. Aquilo que fazes, desejas, amas, aquilo que dizes, tudo isso passa. Passam as mulheres e os amores. Passam as angústias, o tempo cobre de pó o rasto dos teus atos. Mas os escritos ficam. Digo-te que sou escritor – disse ele numa voz encantada, como se se felicitasse por ter finalmente conseguido descobrir alguma coisa.

Com os seus dedos compôs a grenha emaranhada, depois deitou a cabeça para trás com o movimento habitual, como um grande artista, antes de prender o violino com o queixo e de ferir as cordas com o arco. O hábito que tinha deste gesto e desta posição de cabeça vinha-lhe da juventude, quando fora violinista numa orquestra de instrumentos de cordas de Veneza. Agora percorria enervadamente o quarto com o seu passo peculiar, como se o nervosismo o fizesse coxear. E disse baixinho.

– Às vezes, isso também me espanta.

– O que é que te espanta? – perguntou Balbi com uma curiosidade infantil.

– Ser escritor – disse ele num tom natural. – Sou desesperadamente escritor, Balbi, não o digo a ninguém, não gosto das queixas que são ao mesmo tempo presunções. Só a ti o digo, porque por ti não tenho a mínima estima. Pode-se escrever de diversas maneiras. Há os que ficam no quarto, que escrevem e não fazem mais nada. Esses, sim, são felizes. Talvez a vida deles seja infeliz, estão sempre sós, olham para as mulheres como os cães para a lua, uivam ao mundo a sua desgraça, clamam na sua aflição que tudo os faz sofrer, o sol, as estrelas, o outono e a morte. A vida deles é infeliz, e todavia são eles os escritores felizes, vivem para a escrita, não sabem fazer outra coisa, almoçam um nome e adormecem com um belo epíteto macio nos braços. Sonham com um sorriso ofendido nos lábios. E ao despertar, envesgam os olhos para o céu pois vivem no êxtase permanente, no entusiasmo cego de serem capazes de exprimir todos os dias, com adjetivos e substantivos, gaguejando e sem gaguejar, gemendo e uivando, uma coisa que o próprio Deus só uma vez conseguiu fazer. Tais são os escritores

felizes, passeiam entre nós com a sua expressão de infortúnio, e as mulheres tratam-nos com doçura e extrema piedade, como se de certo modo eles fossem irmãos um tanto apoucados que elas, como irmãs mais velhas, boas e sensatas, reconfortam e preparam para a morte. Não gostaria de ser um desses escritores – disse ele com uma sombra de desdém na voz. – Não passam de escritores... Depois há os que manejam a pena como o punhal e a espada, que escrevem com sangue, que babam o papel de bílis, vais encontrá-los no seu gabinete de trabalho, com um barrete de dormir na cabeça, a escarnecer dos reis e dos ociosos, dos usurários e dos traidores, são os mercenários e os combatentes de uma ideia ou de qualquer outra causa humana... Conheci um deles. Estive uma vez de visita ao medonho Voltaire. Não me interrompas! Seja como for, nunca ouviste esse nome. Já não tinha dentes mas sabia morder; os reis e as rainhas espreitavam-lhe os humores, e esse impotente desdentado, com uma pena entre os dedos deformados pela artrite, conduzia o mundo como um maestro. Percebes o que te digo?... Eu, sim, eu percebo. Os escritores para os quais a escrita não passa de um instrumento, porque querem mudar o mundo, são escritores infelizes; são poderosos porque possuem a força e o espírito, mas não há neles nem silêncio nem devoção, e é por isso que são infelizes. Com uma só palavra sabem apunhalar um rei ou a ordem do mundo, mas não sabem exprimir um valor mais secreto da vida, quero eu dizer o entusiasmo de se viver no mundo, a felicidade de não se estar só – as estrelas, as mulheres e os demónios preocupam-se connosco – e o espanto de ter que se morrer. É isso que não sabem exprimir aqueles cuja pena não passa de uma espada, de um punhal, por muito poderosos que sejam na terra... reinam sobre os destinos, os tronos, as ordens e a sorte dos homens, mas não têm verdadeiro poder sobre o tempo. E depois há os escritores como eu. São os mais raros – disse ele satisfeito.

– Sim – disse Balbi com um ar de beatitude. – Mas porque são esses os mais raros, meu senhor e mestre?...

A voz do frade, que se tornara rouca e cavernosa por causa da prisão, do vinho e das doenças que apanhara nas estradas, nas quintas e nas camas das cozinheiras, encerrava uma curiosidade respeitosa e uma desconfiança prudente. Estava sentado de boca aberta e fazia girar os polegares, como quem está num teatro onde os atores representam numa língua que o espetador não conhece demasiado bem.

– Porque eu, pelo meu lado, pago com a minha pessoa o que tenho a pagar – disse furiosamente Giacomo –, estás a compreender, meu monte de banha, meu pé chato? Estás a compreender, meu herói de quintas e bordéis? Estás a compreender agora? Sou um escritor que com a sua própria pessoa paga por isso. Perguntas-me o que escrevi?... Confesso que até aqui não escrevi muita coisa. Alguns poemas, sim... alguns estudos sobre a magia... Mas o mais importante não está aí. Fui embaixador, padre, soldado, violinista, doutor em ciências religiosas e profanas – graças a Bettine, que tinha quatorze anos e me iniciou nas ciências profanas, e graças ao doutor Gozzi que, na sala do lado, em Pádua, e sem saber fosse o que fosse das lições de Bettine, me iniciou nos segredos das artes liberais. Mas estou a perder-me, pouco importa o que escrevi. A única coisa que conta, sou eu, o escritor, a pessoa; porque é mais difícil ser alguém do que fazer alguma coisa, vê se percebes agora! Gozzi contesta-o. Gozzi diz que só um mau escritor deseja viver, ao passo que o bom escritor se contenta com escrever. Mas eu refuto a afirmação de Gozzi, porque o combate profano nunca é feito senão de afirmações e refutações fortes e verdadeiras. O que importa sou eu, embora segundo Gozzi seja um mau escritor, eu e só eu, porque o meu desejo é viver. Não seria capaz de escrever enquanto não tivesse conhecido o mundo. Estou ainda no começo – disse ele mais baixo, quase piedosamente. – Tenho quarenta anos, mal vivi ainda. Nunca se vive que chegue. Ainda não vi a aurora vezes bastantes, não conheço ainda nem todas as sensações nem toda as emoções humanas, ainda não me ri o suficiente da fatuidade dos escribas, dos superiores e das autoridades, ainda não fiz engolir quanto baste as palavras que dizem os párocos pançudos que vendem a salvação a troco de dinheiro, ainda não trocei o suficiente da estupidez humana, ainda não me saciei que chegasse com o espetáculo da vaidade, da ambição, da concupiscência, da cupidez dos homens, ainda não acordei vezes que bastem nos braços das mulheres para delas conhecer alguma realidade, essa outra realidade que é bem mais do que o triste segredo indiferente que escondem por debaixo das saias e que só serve para excitar os adolescentes e a imaginação dos poetas... Ainda não vivi o suficiente, Balbi – disse ele com obstinação, numa voz profundamente transtornada. – E não quero perder nada, percebes! Renuncio às honras temporais, renuncio à fortuna, à felicidade de um lar, tenho ainda tempo de sobra antes de me pôr a passear em chinelos à sombra de uma latada a ouvir

cantar os pássaros, levando debaixo do braço o *De Consolatione Philosophiae* de Boécio, o pagão, e Horácio, o sábio, que me ensinou que ao lado de qualquer homem justo se encontram sempre duas divinas irmãs, a ciência e a piedade... Não quero abandonar-me já à piedade. Desejo viver para saber um dia escrever. O que custa muito caro. Tenho de ver tudo, vê se percebes agora, meu companheiro de infortúnio e de galé, tenho de ver os quartos onde as pessoas dormem, tenho de lhes ouvir os queixumes quando começam a envelhecer e já só por meio do ouro podem comprar os favores das mulheres, tenho de conhecer as mães e as irmãs, as amantes e as esposas que me hão de dizer, cada uma delas, alguma coisa verdadeira e digna de fé acerca da vida, que mais não seja dando-me a mão, se não puder ser de outra maneira. Sou escritor, por isso tenho de viver. Gozzi diz que só os maus escritores desejam viver. Mas Gozzi não é um homem, é um rato de biblioteca, cobarde e indolente, que nunca há de criar nada para a posteridade.

– E quando – perguntou Balbi –, quando queres tu pôr-te a escrever, Giacomo? Quero eu dizer, se vais olhar, ouvir, cheirar tudo o que disseste... Quando terás tempo para escrever? Tens razão, eu não percebo nada. Só sei alguma coisa de caligrafia e sei por experiência que, para se escrever uma carta, é realmente preciso muito tempo. Julgava que para escrever, para se fazer o trabalho que fazem os escritores, era preciso ainda mais tempo. Talvez uma vida inteira.

– No fim – respondeu o outro olhando para o teto, e a boca movia-se-lhe sem ruído como se ele estivesse a contar –, quero escrever no fim.

Diante da janela, no pátio da estalagem, havia alguém a rir. Alguém a rebentar de riso juvenil, quente e áspero; o estrangeiro precipitou-se para a janela e debruçou-se da balustrada. Depois começou a fazer sinais e vénias lá de cima; com um rasgado sorriso, levou dois dedos à boca e atirou um beijo.

– Minha maravilha! – exclamou ele. – Minha única! Até esta noite!...

Virou-se em seguida e disse com a voz sombria:

– Tenho de gastar tudo para um dia saber escrever. A vida, e tudo o que a vida dá. Escrever é um ócio dispendioso... Tenho de ver tudo para poder descrever os hábitos dos homens e os lugares onde fui feliz ou infeliz, ou mais simplesmente indiferente. Por agora, não tenho ainda tempo para escrever. E eles – exclamou depois de uma cólera súbita, um furor tal que

os olhos por um instante se lhe revulsaram –, eles atreveram-se a meter-me na prisão! Veneza renegou-me, a mim, que até num banco de galé sou tão veneziano pelo menos como a distinta figura de homem dos quadros de Ticiano! Atreveram-se a impedir-me de ser um escritor, um verdadeiro escritor que vive e reúne os seus materiais todos os dias! Atreveram-se a julgar-me, a mim, um escritor veneziano! Os senhores de Veneza atreveram-se a excluir-me da vida, a frustrar-me dos raios do sol e da lua, roubaram uma boa porção de tempo à minha vida, que não é, afinal de contas, mais do que um serviço dedicado à comunidade... Sim, à minha maneira!... Ao serviço da comunidade!... Atreveram-se a roubar-me dezasseis meses de vida! A peste! – disse ele num tom vivo e decidido. – Que a peste e o tifo se abatam sobre Veneza! Que venham os mouros, que venham os turcos pagãos, e que passem os senadores a fio de espada, com exceção do Senhor de Bragadin, que era um pai para mim e me dava dinheiro; estou contente por me ter ocorrido ao espírito o seu nome, vou escrever-lhe uma carta. Vergonha e desolação para Veneza que me enfiou num buraco de ratos, a mim, o mais digno dos seus filhos! O fim da minha vida será dar a Veneza o troco do que ela me pagou!

– Sim – disse Balbi zelosamente, e o seu rosto gordo, amarelo e coberto de verrugas como uma abóbora, parecia fulgurar. – Tens razão, Giacomo, compreendo-te. Também eu sinto a mesma coisa. Afinal de contas, embora não seja veneziano, sei escrever. Que a peste cubra Veneza, como tão bem disseste. Eu também, podes crer, eu também...

Mas não rematou a frase: o estrangeiro agarrara-o bruscamente pelo pescoço e começara a estrangulá-lo.

«NÃO OFENDAS VENEZA!»

– Não ofendas Veneza! – disse ele em voz rouca. – Sou eu! Hem! Estás a perceber?... Sou eu quem vai ofender Veneza! – disse num grito terrível batendo no peito com a mão esquerda. Tinha o rosto deformado por um esgar estranho, medonho. Naquele instante, aquele rosto não era realmente humano; assemelhava-se a essas máscaras de um cómico aterrador que os burgueses de Veneza usam durante os dias garridos do Carnaval. Com a mão direita agarrara a camisa e o forro da capa do frade, a mão esquerda pairava no ar como uma ave de rapina, procurando tateante o punhal que havia um momento abandonara no rebordo da lareira. Recuava, arrastava na direção da lareira o monge cujo rosto de abóbora, amarelo, se tornava lentamente violeta sob a opressão do estrangulamento. Depois a mão descobriu o punhal no rebordo de mármore, pegou nele e levantou-o. «Não ofendas Veneza!», disse uma vez mais encurralando a vítima contra a parede, punhal erguido, em voz baixa. «Que ninguém ofenda Veneza! Ninguém tem o direito de o fazer!... Estás a ouvir?... Ninguém!» Os lábios carnudos cuspiam as palavras, cuspiam-nas não só como imagem mas deveras: ao falar, Giacomo expelia jatos de saliva escaldante e branca, como um sopro de vapor, no rosto do frade; como se no interior daquele caldeiro humano exasperado, alguma coisa bruscamente tivesse entrado em ebulição, e o conteúdo de uma vida inteira se pusesse a ferver em cachão e a transbordar. Estava pálido, amarelo-cinzentos de furor e desmesura. «Só eu!», sibilou uma vez ainda, como se fizesse uma promessa de encanto, carregada de volúpia. Silvou ao ouvido do frade aterrado, mudo e lívido: «Só eu! Só um veneziano tem esse direito! Que sabes tu de tudo isto, e como poderias sabê-lo?... Como poderíeis vós, vós basbaques, vadios, ociosos, levantinos, saber estas coisas? Que sabeis da vida? Sabeis ao menos onde fica Veneza? Apodreceis pelas tavolagens, nas espeluncas da Merceria, bebericais o vosso vinho azedo e julgais que Veneza é isso?

Atafulhais as panças de peixe e carne, de empadas e massas, de *dolci* e queijos aromáticos, e julgais que é isso que é Veneza! Andais a espojar-vos nos bordéis, fodeis uma cipriota por dois vinténs em cima de uma enxerga podre, e porque entretanto o som dos sinos de São Marcos se ouve muito perto, quase aos vossos ouvidos, pensais que isso é Veneza! Parais debaixo da varanda do doge, regozijai-vos e gemeis, ficais à espera de um donativo, espreitais a ver o que conseguireis arranjar, e achais que Veneza é assim! Não ofendas Veneza, ouviste?... Não digas uma palavra sobre Veneza, faz como se já estivesses enterrado e os vermes te estivessem já a comer a banha que juntaste nas comezainas dos tachos das casas de pasto de Veneza! Cala-te, se tens amor à vida e se queres voltar a ver Veneza! Como haverias tu de saber?... Só viste as pedras, as panelas, as pernas das mulheres, as coxas das criadinhas de comédia de Veneza, viste o mar indolente que te trouxe, a ti e aos outros todos, os franceses com as suas poesias, as suas doenças e as suas boas maneiras, os alemães que passeiam pelas nossas praças, pelo meio das nossas estátuas, com as suas carantonhas preocupadas, como se o importante não fosse a vida mas esta ou aquela lição que um dia terá de ser recitada, os ingleses que preferem a água quente ao vinho tinto e que são capazes de ficar horas diante de um retábulo com os olhos vítreos, sem verem que o modelo do quadro, a rapariga alta da taberna vizinha está de joelhos ao lado deles, nos degraus do altar, e que medita nos seus pecados, pecados de que Veneza inteira fala e que Veneza lhe perdoou há muito. Porque Veneza não é o doge e Messer Grande, não são os cónegos nédios e os senadores que toda a gente pode comprar a seu gosto mediante uma bolsa de ouro bem cheia; Veneza não é apenas o campanário da praça de São Marcos, os pombos no chão de pedra branca; não são só as fontes que os artesãos venezianos, os meus pais e os pais dos meus pais, construíram e esculpiram com tanta perfeição; Veneza não é só o reflexo da chuva nas ruelas estreitas, o luar nas pontezinhas, os alcoviteiros, os esbirros, os jogadores de cartas, as mulheres perdidas registadas em escritórios que cheiram a tábua de soalho e a bafio. Veneza não é somente o que se vê. Quem conhece Veneza?... É preciso ter lá nascido para a conhecer. É preciso ter mamado com o leite materno o seu acre perfume de bolor, esse perfume nobre e corrompido que é como o hálito de um moribundo e como a recordação de um momento feliz em que não temos medo nem da vida nem da morte, e em que cada fibra do nosso corpo e cada

recanto da nossa razão estão cheios de sedução do instante, da vertigem da realidade, do êxtase da consciência de viver na terra, aqui, em Veneza. Bendigo a sorte e inclino-me até ao chão perante o destino, tão feliz e orgulhoso me sinto por ter nascido veneziano! Agradeço ao céu por minha primeira respiração nesta terra me ter enchido dos perfumes sabedores e apodrecidos das lagunas! Nasci veneziano, possuo por conseguinte tudo aquilo que faz com que a vida valha a pena ser vivida, recebi como dom o sentimento da liberdade, o mar, a arte e as boas maneiras, e sei que viver é lutar, e que lutar é ser verdadeira e altivamente veneziano! Que felicidade!», exclamou ele soltando a garganta do monge cuja pele se tornara roxa, e depois abriu os braços e, pálido, olhou em volta com um olhar vítreo, como um sacerdote no momento em que anuncia que o milagre se deu, que o elemento divino desceu à terra, ao meio dos homens. «Que felicidade e que orgulho Veneza existir, que acima da realidade chã e enfadonha pare alguma coisa que não são só os pilares e estacas, mas também a alma dos meus pais a sustentar! Que felicidade as praças e as ruas onde os povos de todo o mundo tiram as sandálias e deambulam descalços, estremecendo de devoção, terem sido os meus campos de jogos, onde, em criança, pude brincar aos polícias e ladrões, aos turcos e aos mouros com os filhos dos patrícios e dos varredores de rua! Cidade maravilhosa onde todos são aristocratas, fica sabendo, Balbi, e vê se daqui em diante tens mais tento na língua quando falas comigo. O leite que mamas no seio da tua mãe com o primeiro movimento da boca faminta tem o sabor das lagunas e do mar, o sabor e o cheiro de Veneza: um tanto salgado, tépido e terrivelmente familiar. Onde quer que eu ande é sempre Veneza que me vem ao espírito quando respiro o cheiro do mar; Veneza e a minha mãe. Era tudo tão bom em Veneza. Eu tinha três anos e aprendi a andar sobre as águas como o Salvador. Andávamos sujos e esfarrapados, e tudo nos pertencia, os palácios de mármore e as rendas de pedra dos portais, e o porto onde, de manhã à noite e da noite à manhã, havia homens descarregando ouro e marfim, prata e âmbar, pérolas e essências de rosa, tecidos, seda, veludo e linho, tudo o que se fabricava nas oficinas de Creta, nos bazares de Constantinopla, nos salões de moda franceses, nos armeiros ingleses, tudo era despejado ali, no porto de Veneza, tudo isso era nosso, meu também, dos venezianos! E eu brincava e sabia que era veneziano. E cresci e parei na ponte do Rialto, e vi os povos de todo o mundo ancorarem aos pés de Veneza, trazendo ouro,

incenso e mirra, adorando Veneza! Sua Excelência o secretário-geral e sabujo-mor da Inquisição acusou-me de uso ilegítimo da partícula! Mas quem poderá sentir-se mais legitimamente nobre do que eu, natural de Veneza?... Onde está o papa, o imperador, o rei ou o príncipezinho que possa outorgar títulos de nobreza com maior legitimidade do que a minha cidade-natal, Veneza?... O meu pai e a minha mãe eram venezianos, eu próprio e todos os meus irmãos e irmãs lá nascemos: haverá *grandezza* e nobreza mais autênticas do que as nossas?... Não percebes?... Digo-te que não ofendas Veneza!»

Estava em transe, pálido, olhos pesados. Balbi apalpava a garganta e respirava a custo, vencido pelo medo. Através dos dentes cerrados e partidos, disse:

– Já percebi, já percebi muito bem, Giacomo. O diabo que te carregue. Já percebi que és veneziano. Mas se voltas a tocar-me no pescoço, arranco-te o nariz à dentada!

– Não vou fazer-te mal – disse Giacomo numa voz desdenhosa. – Podes sair. Entretanto, vamos ficar aqui alguns dias, aqui em Bolzano, porque tenho certas coisas a tratar na cidade, vou escrever uma carta ao Senhor de Bragadin e terei de esperar pela resposta, e temos também de nos vestir, porque um cu sem roupa fica nu, ainda que se trate do cu de um nobre veneziano. Tenho um assuntozinho a tratar aqui, em Bolzano, é verdade. Mas no final da semana, pomo-nos a caminho. Vou levar-te até Munique, para lá te entregar à ordem a que, infelizmente, continuas a pertencer. Quanto a mim, o meu destino e a minha vocação de escritor hão de levar-me mais longe. A vingança pode esperar. O desejo de vingança jamais se apagará no meu coração. É preciso domar-se a vingança como um leão enjaulado, é preciso alimentá-la todos os dias com uma carne sangrenta, com os bocados sangrentos da lembrança, para que ela não perca os seus apetites carnívoros. Porque eu hei de voltar a Veneza! Porque, se não consinto a ninguém que ofenda Veneza, a vingança está viva, a vingança é nossa, minha e da Inquisição, minha e do secretário, minha e dos venezianos! Não ofendas Veneza, se tens amor à vida, mas não receies, confia em mim; eu, pelo meu lado, hei de vencer Veneza! Porque fica sabendo também que Veneza não são os venezianos. A esses ninguém os conhece melhor do que eu, que nasci no meio deles, que sou sangue do seu sangue, eu que eles humilharam e excluíram. Quem haveria de os conhecer

senão eu que introduzi o jovem efebo junto do cardeal, consegui um empréstimo de Estado do senador encarregado das artes por meio do dinheiro dos órfãos, apresentei o castrado ao benevolente diretor da Comissão de Fiscalização? Vi os sublimes, os augustos, os piedosos que, com a gola da capa levantada, mascarados, se insinuem ao cair da noite sob o célebre portal da senhora Ricci, sei que em Veneza uma vida humana vale cinco cequins, conheço o endereço preciso dos sicários que preguiçam todo o dia pelas espeluncas das ruas vizinhas do mercado do peixe e que oferecem abertamente, complacentemente, o veneno e o punhal aos sublimes, aos augustos e aos piedosos, como os negociantes de objetos sacros recomendam círios e santinhos. Quem sabe como e porquê desapareceu a bela Lucia, filha adotiva e amante secreta de Sua Excelência o embaixador do papa? Quem sabe onde e por quem foram comprados a agulha, o fio e o saco dentro do qual, na noite de São Miguel, foi fechado o filho natural de Sua Magnificência, o nobre Paolo?... Quem sabe o que apodrece nas caves das casas de Veneza? Quem sabe a que cabeças correspondem os corpos que à deriva descem o Grande Canal depois do Carnaval? Quem conhece Veneza? E eles!... – disse ele agarrando-se à mesa com as duas mãos e fazendo-a ranger ao apertar com dureza o grande tampo de carvalho – eles atreveram-se a julgar-me! Parricidas e infanticidas, usurários, bebedores das lágrimas dos órfãos e do sangue das viúvas, glutões e adúlteros, tais são os que se atreveram a julgar-me! Assassinos! Ladrões! Grandes porcos! Lembra-te das minhas palavras, Balbi! Um dia, hei de voltar a Veneza.

– Sim – disse o monge persignando-se. – Não gostaria de ser teu companheiro de jornada nessa altura, Giacomo!

Encaravam-se ambos. Depois, sem deixarem de se fitar como cães de louça, rebentaram de riso, explodiram numa gargalhada com as mãos no peito, segurando as costelas.

– Manda-me vir o barbeiro – disse Giacomo. – E uma chávena de chocolate. E tinta, uma pena bem aparada e papel de carta. Quero escrever ao senhor de Bragadin, que foi como um pai para mim; talvez consiga arrancar-lhe cem cequins. Vamos Balbi, és o meu secretário e feitor, não o esqueças! É possível que passemos uns diazinhos em Bolzano. Olha bem à tua volta, abre bem os olhos, não andes de mais atrás das saias das cozinheiras, porque, por toda a parte, neste mundo, as enxovias dos Piombi

são jaulas cujas portas se abrem de bom grado às aves da tua laia. E eu não te vou tirar uma segunda vez de trás das grades. Mexe-te. Há nesta cidade um cambista, um nobre usurário, um certo Mensch. Vê se me sabes o endereço dele.

Com um gesto da mão que aprendera a fazer com o papa, como se desse a beijar os dedos enfeitados de anéis, despediu o companheiro. Pôs-se diante do espelho e em seguida, com gestos cuidadosos e cheios de minúcia, começou a pentear-se.

FRANCESCA

Teresa levou-lhe o chocolate ao quarto e anunciou-lhe que o belo, rosado e louro Giuseppe de olhos azuis já chegara e esperava as suas ordens. Giacomo deu dinheiro à rapariga e mandou-a buscar meias brancas à loja vizinha: depois – a crédito – encomendou igualmente dois pares de luvas rendadas e sapatos de fivela. Enquanto o barbeiro lhe punha o sabão no rosto, as pessoas da casa atarefavam-se à sua volta em bicos de pés, faziam a cama, deitavam água quente nos recipientes, tratavam-lhe da roupa interior, pois ele recomendara a Teresa que engomasse com todo o esmero as pregas do peitilho. A mão suave do barbeiro corria-lhe pelo rosto, espalhava o sabão de barba e, com gestos de chefe de orquestra, compunha e frisava as melenas do seu célebre cliente.

– Então, diz-me lá – disse este último com os olhos fechados, bem aconchegado na poltrona diante do espelho – que notícias há na cidade?

– Na cidade – disse o belo barbeiro com uma voz levemente roufenha, melodiosa e feminina – sois vós a notícia, senhor. Não há outra nova em Bolzano desde o pôr do sol. Sois só vós. Se me permitis...

E, com a ponta da tesoura, começou a aparar os pelos das largas narinas do seu cliente.

– E que se diz então? – perguntou este último com uma agradável sensação de contentamento. – Podes contar-me tudo, até as coisas menos delicadas.

– Só se diz bem de vós – respondeu o barbeiro, e começou a fazer tinir a tesoura, depois pegou no ferro de frisar, soprou-o e com um gesto hábil fez o instrumento girar no ar. – Esta manhã, como de costume, cheguei de manhãzinha a casa de Sua Excelência. Vou lá todas as manhãs. Deveis saber, senhor, que Sua Excelência honra a nossa casa com a sua confiança. Faço-lhe a barba e friso-lhe a peruca porque Sua Excelência é, diga-se aqui entre nós, completamente calvo. O meu amo, o célebre Barbaruccia – diz-se

que nem mesmo em Florença há outro barbeiro que tão perfeitamente saiba praticar uma sangria ou fazer voltar a virilidade perdida por meio de tisanas –, é o médico e o barbeiro de Sua Excelência. Como vos disse, sou eu que lhe faço a barba. E a esposa do meu senhor Barbaruccia massaja-o duas ou mais vezes por semana, sempre que Sua Excelência precise de massagens.

– Assim – disse Giacomo com frieza –, Sua Excelência precisa de massagens e tisanas?

– Só desde que casou, senhor – respondeu o barbeiro, e começou a frisar as madeixas rijas com o seu ferro a escaldar.

Giacomo ouvira distraidamente aquela informação, abandonando-se a essa deliciosa ociosidade que apenas nos é concedida pelos instantes em que confiamos a cabeça aos dedos delicados de um barbeiro. Giuseppe trabalhava com despacho, e tagarelava também copiosamente. Tinha uma voz fresca, lembrando o gorgolejar de uma fonte, com essa insolência estridente e desconcertante característica do barbeiro quando fala dos problemas humanos, o barbeiro, sim, pois que, pelo seu lado, este é ao mesmo tempo amigo, mestre, conselheiro e secretário, alguém que conhece os segredos de toda a cidade, o mistério dos corpos envelhecidos, das veias que esfriam, dos crânios que perdem o seu esplendor, dos tendões que cedem, dos ossos degradados, que estalam rangendo, das gengivas desdentadas, dos maus hálitos, dos pés de galinha e dos lábios descorados. «Fala, anda!», pensava Giacomo com uma sabedoria cúmplice. Esperava na sua poltrona que o jovem perfumado e com voz de rapariga começasse a friccionar-lhe a testa com alcoolato e lhe empoasse os cabelos. Gostava daquela meia hora naquela cidade estrangeira, em todas as cidades estrangeiras, desses minutos após o despertar em que o barbeiro comparece, esse traidor da cidade que, enquanto faz ouvir a tesoura, murmura ao ouvido do cliente os segredos dos mortos e dos vivos. De vez em quando, encorajava com uma palavra ou um olhar o jovem atarefado. «Como? Completamente calvo?», perguntou ele surpreso, como se isso fosse a mais importante de todas as coisas e como se desconfiasse de quem era a Excelência que precisava de ser massajada e revigorada desde o casamento. «Mas ainda tem algumas melenas peladas na nuca, não?...», perguntou com um abrir e fechar de olhos entendido.

– Sim – respondeu servilmente Giuseppe, pondo na voz essa volubilidade dedicada dos que estão dispostos a segredar a toda a gente segredos ainda

mais negros e mais tristes. – Mas são umas melenas ralas, ralíssimas. Sua Excelência é o nosso grande protetor. O meu senhor Barbaruccia e eu próprio somos seus protegidos. Pelos tempos que correm, não nos há de vir mal disso. Encomendamos-lhe em Grado o caviar que lhe anima o desejo de amor, e a esposa do senhor Barbaruccia cozinha-lhe sopas de beterraba, de rábano bravo e de cebolinho que evitam a apoplexia e inspiram ideias brejeiras. Também Sua Excelência falou de vós.

– E que disse? – perguntou ele, arredondando os olhos.

– Simplesmente que vos quer ver – respondeu o barbeiro numa voz de menino de escola obediente. O senhor de Parma quer ver-vos. E mais não disse.

– Oh! – disse Giacomo, desdenhoso. – É uma grande honra. Irei apresentar-lhe as minhas homenagens assim que os meus compromissos mo consintam.

Continuaram a cavaquear. O barbeiro terminou o seu trabalho e foi-se embora. «O senhor de Parma!», resmungou Giacomo; em seguida lavou-se, enfiou as meias brancas que Teresa deixara em cima da cama, bebeu o seu chocolate, humedeceu dois dedos de saliva e, frente ao espelho, passou-os a todo o comprimento das sobrancelhas fartas, cortou as unhas com o punhal bem afiado, vestiu a camisa, arranjou com a ponta dos dedos o peitilho brunido e engomado e, com o indicador e o anelar da mão direita, tocava de vez em quando na garganta, como se comprovasse a largura do colarinho ou quisesse certificar-se de que continuava afinal de contas com a cabeça no devido lugar. «O senhor de Parma!», grunhiu ele. «E quer ver-me.» Não pensara nisso na carruagem que alugara por ocasião da fuga e que aos solavancos avançara sobre Bolzano. Assobiando baixinho, acendeu as velas em frente do espelho, porque a tarde insinuava já as suas sombras castanhas e azuis no interior do quarto, sentou-se à mesa de pés finos, dispôs o papel de carta, a tinta, depois brandiu a pena de ganso no ar, e com o tronco levemente deitado para trás, piscando desconfiadamente os olhos por baixo das sobrancelhas levantadas, olhou-se com curiosidade e atenção ao espelho. Havia muito que não se via daquele modo, naquela atitude aprumada e digna dele, digna de um escritor. Havia muito que não estava assim sentado, num quarto recheado de móveis bonitos, diante de um fogão de sala, envergando uma camisa acabada de engomar, calçando meias altas com reflexos cor de pérola, uma pena de ganso na mão, bem como devia

ser, a postos para o labor literário, para a hora de solidão e reflexão, para o trabalho a que se entregaria por completo e que, naquele momento, era apenas uma carta para o senhor de Bragadin, destinada a um pedido de dinheiro. «Que carta não vai ser esta!», pensou ele satisfeito, como o poeta que pensa no soneto cujas primeiras rimas sonoras começam já a ressoar na sua alma exaltada. «O senhor de Parma!», pensou uma vez mais sob o efeito de associações de ideias que não conseguia pôr de lado. «Portanto ainda é vivo...» E, arredondando os lábios, começou a contar em voz alta.

«Quatro», contou, e a seguir olhou para o teto com uma expressão de cuidado, procedeu a uma adição e a uma subtração. «Cinco!», disse depois, com uma precisão de comerciante. Continuando a arredondar os lábios, fitava com curiosidade a chama das velas. «Agora, estou na realidade», pensou, com a pena de ganso na mão, inclinado para trás na poltrona, sentado à secretária diante da lareira, penteado, lavado, vestido, «como um poeta que se prepara para trabalhar.» Saboreava a situação. «Cinco», pensou em seguida com preocupação e ergueu os cinco dedos abertos da mão como se os estivesse a mostrar a alguém, como se quisesse provar alguma coisa, como uma criança que proclama a sua posição no jogo do pé-coxinho. «Cinco», resmungou, e mordeu o lábio com os dentes duros, baixou a cabeça num grunhido. Por entre as pálpebras franzidas, olhava para a luz, olhava para a sombra funda do quarto, deixando depois o olhar vaguear ao longe, pela sua vida, o seu passado. E de súbito, como se tivesse achado o que buscava, assobiou baixinho. E proferiu um nome: «Francesca».

Levantou a mão com que segurava a pena e escreveu o nome no ar com um movimento maravilhado, como se dissesse para consigo: «Demónio! Mas não posso fazer nada!...» Bem instalado diante do clarão vermelho da lareira, no seu calor rescendente, largou a pena e pôs-se a olhar para o lume. «Ah, Francesca! », pensou. Depois, uma vez mais: «O senhor de Parma! Bolzano! Que acasos!» Mas sabia já que o acaso não existe e que também aquilo não era ao acaso que ficava a dever-se. Via muito nitidamente tudo, como se centenas de velas se tivessem acendido no quarto. Ouvia uma voz, sentia um perfume conhecido, o odor alegre e inteligente da verbena e da roupa branca feminina brunida de fresco. «Há cinco anos, sim», pensou ele; e isso assustou-o um pouco. Porque os cinco anos tinham arrastado tudo na sua corrente suja e calcinante; tudo, até mesmo Francesca; e ele, pelo seu lado, não estendera a mão para ela, que desaparecia ao longe. Cinco anos,

sim; haveria quem se lembrasse ainda dessa história no castelo de Pistoia de onde a condessa velha se dirigia a Florença num carro de baldaquino negro, ao meio-dia, a hora em que as formosas e os corações meigos se oferecem em espetáculo diante das belas montras da via Tornabuoni? Haveria ainda em Pistoia quem se lembrasse daquele duelo à meia-noite – o velho e honrado pretendente esperara-o à sombra dos ciprestes, calvo, espada nua na mão, e ambos se tinham batido ali, à vista do velho conde que torcia as mãos e de Francesca emudecida, na esplanada do castelo, sem dizerem uma palavra e com as espadas cintilando ao luar, durante muito tempo e com um furor sincero em que se perdera o sentido do combate, e já ninguém buscava nem vingança nem reparação, pois ambos os contendores queriam apenas lutar porque, neste mundo, dois homens assediando Francesca significava que um deles estava a mais. «O velho bateu-se bem!», reconheceu ele a meia-voz. «Nesse tempo, a mulher de Barbaruccia não lhe preparava ainda filtros que lhe permitissem suplicar com êxito a Francesca a concessão dos seus favores.» Com a mão, tapou os olhos; via nitidamente a cena e não podia – nem de resto queria – afastar-se das imagens que lhe surgiam em tamanho natural por trás das pálpebras descidas.

Eis Francesca no vento da manhã, junto ao muro escalavrado do jardim do conde, vestindo um roupão, esbelta, com quinze anos; os cabelos pretos caem-lhe para a testa, com uma das mãos aperta o xaile de seda branca contra o peito e, com os olhos muito abertos, olha para o céu... Tinham passado já cinco anos? Não, cinco anos antes, só os punhais tinham rasgado o ar; o instante em que vira Francesca pela primeira vez mergulhava mais secreta e profundamente no tempo... Ele está junto ao muro, à sombra dos ciprestes, o céu é de um azul claro e brando, como se todas as emoções humanas se tivessem fundido e suavizado em tão claro azul universal. O vento enlaça Francesca, as pregas mansas do seu roupão colam-se-lhe ao corpo juvenil como uma túnica de banho: assim é agora Francesca, como se saísse do banho da noite e do sonho, encharcada e coberta de orvalho, trazendo, no canto dos olhos, o clarão cintilante e húmido cuja natureza real permanece desconhecida: será uma lágrima, ou uma gota de orvalho infiel que, em vez de escolher domicílio na profundidade de uma corola de flor preferiu as pestanas da rapariga?... E ele, ele está diante dela sem dizer palavra. «Só o sentimento sabe conservar o silêncio», pensou Giacomo. «Habitualmente, falo muito, falo de mais. Mas ali, em Pistoia, calava-me,

diante do castelo escalavrado, no jardim onde as oliveiras tinham embravecido e onde os ciprestes eram tão escuros como os albardeiros de um rei no exílio.» Francesca fugira da cama para descer ao jardim, fugira da cama, do palácio, da noite, da infância e do seu refúgio, na manhã do dia em que trocara alianças com o senhor de Parma. E ele via, tocava, sentia essa manhã com uma impressão de enternecimento e de ciúme, como só os que já deixaram atrás de si a juventude são capazes de recordar os instantes passados. Porque Francesca era a juventude e aqueles jardins emudecidos; e para ele talvez tivesse sido esse o último minuto de juventude, no jardim do palácio do conde sem dinheiro, em Pistoia, no cenário daquele fausto austero e em farrapos, desfazendo-se sob o peso das suas próprias lembranças e da sua idade mais do que madura. Sim, a juventude estava ali, naquela manhã de junho, cinco anos antes, muitos anos antes, quando o céu era azul por cima de um jardim da Toscana e Francesca aparecia diante do muro do jardim, com o roupão e os cabelos ao vento, os olhos fechados, e ambos se calavam, confusos e embriagados por um sentimento cuja recordação continuava a apossar-se dele e a atormentá-lo. «Que rapariga ela era!», pensou Giacomo, premindo com mais força os olhos com as mãos, «era como que cheia de luz, emanava dela um esplendor doce e inquieto que tocava quem a olhasse. Sim, havia nela uma luz. É o que há de mais raro», pensou ele com apreço, sabedor. Havia nela uma luz, via-se essa luz nos olhos dela, e era como se se acendessem lâmpadas mundo fora, tudo se tornava mais sereno, mais verdadeiro e mais real em seu redor. Francesca estava sob o efeito do encantamento, e não lhe dissera uma palavra, na altura em que o velho noivo surgira à porta do palácio, se inclinara profundamente diante da sua prometida, lhe oferecera o braço e a voltara a conduzir para dentro. Fora tudo. Um ano mais tarde, no mesmo lugar, num recanto do parque do palácio, e talvez à mesma hora, haviam-se ambos batido em duelo.

«O velho batera-se bem», pensou ele uma vez mais com um trejeito de aprovação e um sorriso amargo. Seria tudo?... Talvez a juventude constituísse afinal o sentido da aventura, o último ano de juventude verdadeira, dessa etapa misteriosa e exaltante em que até mesmo o mais inquieto viajante solta as rédeas do cavalo, afrouxa na corrida, olha em volta, enxuga a testa, vê que a estrada que o espera é abrupta e que ao longe, por cima das montanhas e florestas, já a noite cai. Quando conhecera

Francesca, era ainda meio-dia, o sol brilhava. Estavam no vale, no sopé das colinas da Toscana. Ele chegara de Roma, com os bolsos cheios do ouro do cardeal e de cartas de recomendação. «Nesse tempo, eu viajava de maneira diferente», pensou Giacomo, com prazer e cheio de inveja. «Poucas pessoas sabiam viajar assim», pensou depois, com orgulho e altivez, com uma vaidade de artista, como se dissesse: «A minha voz de cristal! Oh, quem será capaz de fazer a mesma coisa?... A competição está aberta!» Sim, poucas pessoas sabiam viajar, e mesmo ainda chegar a algum lado como ele, nos bons velhos tempos, cinco anos antes! Porque, no teatro da humanidade, havia uma arte e uma maneira para tudo, e ele, ele conhecia essa arte; porque era preciso saber escolher o tiro, os arreios, o carro, a libré do cocheiro, e era preciso saber chegar ao palácio de um anfitrião ou a um teto de renome, atravessar as portas das cidades estrangeiras despreocupadamente sentado no interior de uma carruagem, com uma capa de viagem cinzenta debruada a malva, segurando na mão enluvada uma luneta de armação doirada, as pernas traçadas, indolentemente, como Febo poderia viajar talvez no seu carro puxado por quatro corcéis sobrevoando um mundo magnífico, que nem por isso deixava de lhe suscitar uma ponta de desdém... Assim era a arte e a maneira, assim era que se devia viajar e chegar! Poucas pessoas sabiam fazê-lo. Poucas pessoas sabiam chegar de tal maneira que, ao longo da meia-hora seguinte, toda a casa ou todo o palácio se atarefassem à sua volta! Fora desse modo também que chegara um dia a Pistoia, a casa do conde velho e pobre, parente do cardeal que enviava a sua bênção à família, à nutrida condessa e a Francesca, a afilhada. Depois ficara um mês, sustentara a família do anfitrião, oferecera duzentos ducados e uma caixa de rapé de ouro ao conde, voltara duas vezes durante o ano seguinte e, já terminado este último, acabara por se bater uma noite, ao luar, com o velho noivo, o senhor de Parma. Abriu a camisa e espreitou a ferida.

Com a ponta dos dedos tateou uma atrás da outra as cicatrizes e recordou. Três cicatrizes, três marcas de feridas, dispunham-se em linha do lado esquerdo, as três por cima do coração, como se os adversários tivessem querido inconscientemente, mas não sem intenção em todo o caso, feri-lo no coração. A cicatriz do meio, profunda e rude, era o conde de Parma e Francesca. Com a extremidade do indicador, roçou a pele que já não lhe doía. Tinham-se batido cruzando floretes e o conde cravara-lhe o dele bem

fundo, um pouco acima do coração; o cirurgião passara semanas a espremer o pus e o sangue da ferida traiçoeira, que também sangrava para dentro, e a vítima concluía a sua aventura a tiritar de febre num delírio tifoide, mergulhando numa inconsciência de gemidos e uivos. Estava no hospital das irmãs de caridade de Florença para onde o transportara o carro do conde, na noite em que fora ferido. A partir de então, não voltara a ver Francesca, só soubera do seu casamento passados três anos, em Veneza, durante um baile de máscaras, quando o embaixador de França exprimira o seu desgosto pelo facto de seu primo, parente do seu poderoso senhor, o Rei Cristianíssimo, ter, com uma leviandade louca, em tão adiantada idade, desposado uma tonta da Toscana, uma qualquer condessa da província, esquecendo por completo a sua condição e a sua ilustre família... Ao ouvir tais palavras, Giacomo sorria em silêncio. A ferida já não lhe doía, tolhia-o apenas um pouco quando o tempo estava de chuva. E a vida passava e ninguém mais proferia o nome de Francesca.

«Porque permanecera ela», pensava Giacomo, «presente no seu espírito durante todos aqueles anos?» E mais tarde também, quando recebera a sua segunda ferida, alongada e feia, abaixo do sinal que o conde de Parma lhe inscrevera por cima do coração, essa ferida que recebera certa manhã da mão do sicário de Orly o batoteiro, quando saía de uma tavolagem de Murano, com os bolsos cheios de ouro ganho após muita porfia, presa que o seu espírito e a sua habilidade de mãos tinham arrancado ao banqueiro canalha e perjuro – porque é que, então, nos dias que se seguiram ao atentado, quando oscilava entre a vida e a morte, continuava a ver a mesma imagem sempre, a imagem de Francesca junto ao muro do jardim, sob o céu azul de Toscana? E a terceira cicatriz, essa marca muito particular que as unhas da grega lhe tinham deixado no corpo, esse rasgão mais doloroso do que todos os ferimentos de arma pontiaguda ou cortante que outros homens lhe tinham infligido, essa ferida misteriosa através da qual os venenos da morte lhe haviam invadido o corpo – mais benigna do que uma picada de alfinete e todavia tão perigosa que o senhor de Bragadin e os melhores médicos do Conselho haviam dissertado semanas e semanas à cabeceira do doente e atormentado o infeliz com lavagens e sangrias, até ele se fartar de agonizar, a tal ponto que um dia pedira de repente sumo de laranja e uma sopa de hortaliça, e muito simplesmente se levantara a seguir! – porque é que, ao delirar, com a febre causada pela ferida daquelas terríveis lágrimas

femininas, constantemente via e chamava Francesca? «Será possível que eu a tenha amado?...», perguntou-se ele com um espanto profundo, sincero e quase infantil, vendo-se no espelho pendurado por cima da lareira. «Só Deus sabe, talvez a amasse!...», pensou com uma cândida surpresa olhando em frente.

Mas a vida era mais forte, mais forte até do que a recordação de Francesca; e desde o despertar que os dias se anunciavam cheios de maravilha, contanto que alguma saúde houvesse e contanto que abordasse sem receios cada dia. Que fora para ele Francesca, durante esses anos em que o ouro caía dos seus dedos nas mesas de jogo, nas mãos das mulheres, nos bolsos dos vendedores da moda, nas mãos dos amigos ociosos, em toda e por toda a parte onde se vendesse o arcano contra esse mal terrível, secreto e medonho: o tédio? «Sou escritor», pensou ele «mas não gosto de estar só.» Essa circunstância singular fê-lo refletir. Talvez tivesse sido por isso que a vida o punira, com as suas reviravoltas cruéis, com as suas penitências e a sua solidão, talvez os avisados mestres, finos em tormentos, da Inquisição conhecessem também aquela repugnância secreta, talvez suspeitassem de que para ele a solidão seria o que para os outros são as botas espanholas, as tenazes incandescentes ou a roda? Que vale a vida se formos excluídos do comércio do mundo? O sonho e a imaginação, o pensamento, a lembrança, os sentimentos iam minguando como uma chama, e reduziam-se a cinzas, não compensavam sequer o mais simples, o mais humilde momento da vida verdadeira! «Tudo, exceto a solidão!», pensou ele fremente. «Prefiro ser pobre e miserável, ridículo e desprezado, mas poder insinuar-me e esconder-me onde haja claridade, onde veja luzes acesas e ouça música, onde as pessoas se comprimam, misturando-me com essa cumplicidade engordurada, malcheirosa e contudo tão animada e baixamente doce que é a vida humana.» Para ele, a vida reduzia-se a estar sempre com os outros, sempre pronto a arriscar a pele, pois tal era a aposta que valia a pena; a vida era o tumulto, a proximidade dos homens, a aventura em estado bruto e a aventura do espírito, metódica e subtil, jogo com os homens, combate e duelo com o destino! Assim era a vida no seu modo de ver, dele Giacomo, o escritor. Coçou uma orelha e estremeceu.

Fora por isso que os seus algozes astutos e desdenhosos o haviam atormentado por meio da solidão e do isolamento: «é pior do que a morte», pensou ele com repulsa. Quatrocentos e oitenta e oito dias! E as

lembranças, essas almas condenadas! E por vezes essa imagem, o instante branco e azul no jardim da Toscana, Francesca! Como se esse rosto, esse rosto, o único e só sobre o qual nunca se debruçara com a mesma curiosidade temerária, orgulhosa e triste que tivera pelas outras mulheres, como se esse rosto vivesse nele com uma força mais tenaz e verdadeira, até mesmo nos infernos, até mesmo num túmulo de vivos. O encontro, o momento em que a sua vida se cruzara com os passos de Francesca, fora dos mais banais. O parente do cardeal recebera-o no meio de espelhos venezianos feridos de cataratas e de móveis florentinos com os pés quebrados, vestido de roupas esburacadas nos cotovelos, e o vento dos Apeninos uivava entrando pelas janelas desfeitas. Como em todas as casas em que os estuques e a autoridade começam a esboroar-se, o mordomo era familiar, importuno, loquaz e obeso. A condessa só queria ouvir falar dos passeios de caleche que a levavam por vezes a Florença, no berimbau arruinado da família; a Florença, à missa e ao *corso* onde ela julgava entrever a sombra da sua juventude gloriosa e fugida. O conde criava pombos e esperava o correio de Roma, velho, triste, inquieto, esperava o correio que, no dia três de cada mês, lhe trazia numa bolsa de seda malva o auxílio modesto do cardeal, os cequins do papa. O sonho, as aranhas e os morcegos tinham-se instalado no palácio. As primeiras palavras de Francesca haviam sido: «Conheceis Roma?...»

Com os olhos arregalados, uma expressão de terror no rosto, fitava o estrangeiro. Depois, durante muito tempo, ficara sem nada dizer.

Aquele amor amadurecia lentamente, como os frutos nobres; precisava de tempo, do mudar das estações, dos raios de sol e da chuva perfumada, das auroras que proporcionavam passeios pelo jardim coberto de orvalho e entre as moitas de espinheiros em flor, de conversas em que acontecia que uma palavra iluminasse as paisagens daquela alma débil e fechada – e tinha-se depois a impressão de ver o passado, de olhar as ruínas de um palácio, uma festa antiga com carruagens cujas rodas doiradas rolam nas áleas de um jardim bem arranjado, vestidos coloridos e perfis cortantes de homens duros e maldosos. Havia em Francesca qualquer coisa do tempo passado. Ela tinha então quinze anos e parecia ter saído de outro século, como se o Rei-Sol lhe tivesse dirigido a palavra uma manhã, no passeio de Marly, como se, na sua infância, tivesse brincado com um arco enfeitado de papéis de cor nos relvados de Versalhes. Dos olhos dela emanava um fulgor

discreto que lembrava o olhar das mulheres de outrora, prontas a morrer por causa de uma paixão. Mas a morte só o ferira a ele, o pretendente, o cavaleiro desastrado, quando o punhal do velho noivo terrivelmente rico e temivelmente distinto lhe rasgara a pele nua acima do coração. Francesca assistia ao duelo da janela, serena, com os cabelos desfeitos, com os anéis negros caindo-lhe por cima dos ombros frágeis e pueris, com o roupão que o conde de Parma mandara vir de Lyon alguns dias antes, porque se encarregava pessoalmente do enxoval da noiva e abria com as suas próprias mãos pesadas de anéis e secas as malas cheias de rendas, de sedas e roupa branca. Calma, ao luar, a uma das janelas do primeiro piso, braços cruzados, olhava para os dois homens, o velho e o novo, que se preparavam para derramar o seu sangue por ela. Porquê? Teria podido perguntar ela então. Nenhum deles dera ou tomara ao outro fosse o que fosse. Recortavam-se na luz prateada, troncos nus, e o luar cintilava-lhes na ponta das espadas, as lâminas soavam como cristal no momento em que as taças se tocam, a peruca do conde descaíra ao de leve no decorrer da ação, e Francesca receara deveras que o senhor de Parma perdesse a cabeleira postiça em tão nobre duelo. Depois viu que um dos dois, o mais novo, tombara. Ficou à espera – o vencido tornaria a erguer-se? Apertou com mais força o xaile contra o peito. Esperou um pouco ainda. Depois casou com o conde de Parma.

«Ele quer ver-me!», resmungou Giacomo. «Que me quererá?...» Lembrava-se vagamente de ter ouvido os tagarelas de Veneza dizerem que o conde herdara uma propriedade na região de Bolzano, uma propriedade e um palácio entre montanhas. Não era capaz de pensar no conde com animosidade. Batera-se bem, e a maneira como arrancara Francesca do meio dos sonhos, aranhas e morcegos tinha qualquer coisa de nobre e cruel, e Giacomo não conseguia impedir-se de prezar, hoje ainda, a crueldade requintada, embora até a cor dos olhos de Francesca para ele já não fosse mais do que uma recordação esbatida. «Foi uma derrota», rosou para consigo, olhando o lume. «Foi uma derrota, e no entanto foi sem dúvida a minha única vitória sobre mim próprio: Francesca não era minha amante, tive pena dele, fui sentimental e estúpido. Ela foi a primeira e a última de quem tive piedade. Sei que se tratava de um erro enorme, de um erro talvez imperdoável, sim, talvez nunca chegue a recompor-me dele. Havia qualquer coisa de nobre e raro em Francesca; sentia-se vontade de viver com ela, de

beber com ela o chocolate da manhã, de ir com ela a Paris e de lhe mostrar os amestradores de pulgas do mercado Saint-Germain e de lhe mostrar também o rei, vontade de lhe aquecer a botija se tivesse cólicas, de lhe comprar vestidos e meias, joias e chapéus em voga, e de envelhecer com ela, enquanto o crepúsculo cai sobre as cidades, as paisagens e as aventuras e a vida. Tal era o que eu sentia quando a via à minha frente no jardim, debaixo do azul do céu. E foi por isso que fugi dela!», pensou ele serenamente, como se olhasse nos olhos a única realidade dotada de razão, o próprio princípio da sua vida. «Esse género de coisas não é para mim.» Pôs de lado a pena, levantou-se e o coração começou a bater-lhe como um tambor.

Porque agora que Francesca e o conde de Parma lhe tinham vindo ao espírito e ele compreendera que eles viviam naquelas paragens, como repetiam os mensageiros de Veneza e de Bolonha, que talvez habitassem na casa ao lado ou num dos palácios da praça principal, que deixavam durante o inverno a sua propriedade e o seu solar de campo inóspito, para se instalarem na cidade – agora que a memória do passado, onde se misturavam a sua derrota grotesca e vergonhosa e o seu triste triunfo, se abatera sobre ele, ele sentia também que nessa manhã de outrora, quando caíra na relva do palácio da Toscana, diante dos olhos de Francesca, nada se desfizera ou ligara entre eles. Porque nem o sangue nem a derrota podiam ligar fosse o que fosse. Ao vibrar-lhe a sua estocada, o conde permanecera cortês, generoso e requintado: ele próprio o pusera na carruagem – e, numa semi-inconsciência, Giacomo espantava-se com a força com que os braços nervosos do velho o tinham transportado! Depois fora o velho ainda a tomar nas mãos as rédeas e a conduzir o ferido a Florença, devagarinho, a passo, parando em todas as encruzilhadas para limpar com o lenço de seda o sangue que brotava da ferida; e tudo isto sem uma palavra, com o silêncio de um homem que sabe que as coisas essenciais não se dizem com palavras, mas através do comportamento e dos atos. Fora uma longa viagem, de Pistoia a Florença. Fora uma longa viagem, a ferida sangrava abundantemente, e ao longe, muito alto, as estrelas cintilavam com um brilho singular. Ele ia, meio sentado meio deitado, no banco de trás e, com o olhar toldado dos seus olhos, nas névoas da febre e da noite, via apenas as estrelas, a abóbada sombria do céu e a silhueta direita e enxuta do conde segurando as rédeas. «Cá estamos!», disse o conde quando ao romper do

dia pararam às portas de Florença. «Vou levar-te ao melhor cirurgião da cidade. Terás tudo aquilo de que precisas. Quando estiveres curado, saís desta região. E não voltas mais. Se alguma vez», disse depois com mais força, imóvel, rédeas na mão, «voltares para a ver, mato-te ou mando-te matar, fica sabendo.» Falava num tom amistoso, brando e natural. Em seguida atravessaram a porta da cidade; o conde de Parma não esperou pela resposta.

OS ACESSÓRIOS

Escreveu a carta ao senhor de Bragadin. Era uma bela carta, digna de um escritor, que começava por «Meu pai» e rematava com as palavras «beijos nos pés»; ao longo de seis páginas, relatava tudo o que acontecera, com todos os pormenores, a evasão, o caminho andado, Bolzano, o conde de Parma, os seus projetos, e evocava igualmente Mensch, o cambista, corretor e usurário, para cujo endereço o dinheiro poderia ser enviado. Pedia com efeito uma boa maquia, sem lhe precisar o montante, de preferência uma carta de crédito para Munique e Paris porque a sua viagem levá-lo-ia longe, a caminho da aventura, das regiões funestas da vida, e talvez Giacomo estivesse a despedir-se para sempre do seu paternal amigo por meio da presente carta, pois quem poderia saber se o coração dos poderosos de Veneza viria um dia a ter contemplanções pelo evadido, pelo filho pródigo da cidade? A pergunta era retórica, e era por isso que ele se apressava a conferir um conteúdo de ordem mais prática às suas frases empoladas. Que tinha ele para oferecer à poderosa, altiva e cruel Veneza, ele, o fugitivo, o proscrito?, perguntava ainda antes de responder: «Posso oferecer a minha pena e a minha espada, o meu sangue e a minha vida.» Depois, como sabia que tudo aquilo eram simples ninharias, adiantou também o seu conhecimento dos homens e das coisas, dos segredos de Veneza, a sua disponibilidade para fornecer informações sobre todos os assuntos ou indivíduos que a Santa Inquisição desejasse conhecer. Enquanto veneziano de cepa, sabia que a República pouco se interessava por penas e espadas, apreciando, isso sim, ouvidos atentos, línguas soltas e olhos esquadrinhadores, pois tinha necessidade de cães de caça nobres e finos que espreitassem e traíssem os segredos dos venezianos.

Num primeiro tempo, não desejava voltar a Veneza. A ofensa que lhe ardia no coração cobria de fumo espesso todas as suas lembranças boas e reconfortantes, sufocava tudo o que com ternura e mansidão lhe pudesse

lembrar Veneza. Num primeiro tempo, queria viajar e odiar. O senhor de Bragadin, tão avisado, tão bondoso e nobre na sua simplicidade, compreendê-lo-ia sem dúvida. O senador, que continuava a acreditar inabalavelmente que o violinista que içara semi-inconsciente para o seu barco, certa manhã, no meio das lagunas, lhe salvara mais tarde a vida graças às suas palavras e à sua magia, mas talvez graças também a armas mais secretas do que a feitiçaria corrente e banal, arrancando das garras dos médicos e da morte o velho corpo que arrefecia e morria: o senhor de Bragadin, patricio e membro do Conselho de Veneza, era provavelmente o único amigo que ele tinha neste mundo, e sem dúvida que era o único com que contava em Veneza. Essa amizade, como todos os sentimentos humanos, era afinal inexplicável. Com efeito, desde o primeiro instante, Giacomo enganara, traíra e ridicularizara o nobre ancião. O senhor de Bragadin era bom para ele, de maneira desinteressada, como nunca ninguém fora; supunha até que era bom como ninguém voltaria a ser para com ele ao longo da sua vida movimentada e instável. Tratava-se de uma bondade inesgotável, muda, paciente. Giacomo considerara durante muito tempo com desconfiança esse fenómeno humano que não compreendia por não ser capaz de o distinguir, do mesmo modo que os daltónicos não veem certas cores; por trás das pálpebras semicerradas espreitava aquela bondade, ficava à espera do momento em que ela se esgotasse, em que o velho traísse as suas verdadeiras intenções, em que pedisse paga e retribuição pela ternura paternal que lhe consagrava, em que deixasse cair a máscara da bondade e revelasse o terrível *rictus* do seu rosto verdadeiro. Imaginava que semelhante metamorfose não tardaria. Mas passavam os meses e os anos, e a paciência do senhor de Bragadin não dava sinais de se esgotar. Reprendia-o por vezes pelos cequins que gastava, não acedia a uma ou outra exigência demasiado insensata, demasiado descarada, chamava-lhe a atenção para o valor do dinheiro, as alegrias do trabalho e a importância que tinha respeitar as pessoas; mas o velho veneziano fazia-o sem pensamentos reservados, com a paciência e a delicadeza de uma alma nobre, sem esperar gratidão, pois sabia que a gratidão é sempre mãe da vingança e do ódio. Durante muito tempo Giacomo não compreendera, por isso, o senhor de Bragadin. Com a sua túnica de seda, o seu nariz aquilino, as suas madeixas brancas e raras na fronte de marfim liso, os olhos azuis, serenos e brandos, o velho poderia figurar num retábulo de altar, como uma augusta

personagem de segundo plano, testemunha e mártir vestindo uma comprida toga, pilar erguido em pleno terramoto da vida. «Ele deve querer alguma coisa», pensava Giacomo com impaciência. Por vezes odiava aquela bondade desinteressada e aquela paciência inumana. «Quem pode amar-me sem desejo nem emoção?...» – tal era a pergunta que o atormentava.

Um homem assim era mais raro, muitíssimo mais raro do que um amigo ou uma amante cheios de sentimentos ardentes; vivia num outro mundo ao qual, sentia-o bem, pelo seu lado, ele nunca teria realmente acesso. Ficava no limiar de onde contemplava o mundo, o mundo nobre, silencioso e paciente do senhor de Bragadin. «Que sabe ele de mim?», interrogava-se de vez em quando surpreendido, ao fim do dia, aproximando-se do palácio pelas lagunas, entre as casas adormecidas, na sua gôndola que oscilava no chumbo da água dormente, no silêncio pungente da aurora que só o som do remo perturbava – e só em Veneza a aurora saúda assim o viajante noturno: tem-se a impressão de navegar o rio dos infernos a caminho de paragens desconhecidas. A casa do senhor de Bragadin estava ainda adormecida, à exceção de uma vela de cabeceira que vacilava do outro lado da janela avarandada do ancião. Giacomo subia em bicos de pés as escadas de mármore que conduziam ao seu quarto, como filho adotivo e pródigo da nobre casa, abria a janela ao céu de Veneza, atirava-se para cima da cama e tinha vergonha. Tornara a jogar às cartas e a perder tudo comprometendo a palavra de honra e o crédito do seu protetor, depois com os seus companheiros de bebida e com as risonhas fadas de Veneza, correrá as tabernas das docas e, de madrugada, ei-lo de regresso à casa silenciosa onde uma alma solitária velava e esperava sem recriminações vê-lo voltar... «Porquê?», perguntava-se ele cada vez mais impacientemente. «Porque é que ele me suporta, porque é que me perdoa, porque é que não me entrega aos esbirros, ele que sabe tudo a meu respeito, incluindo esse facto terrível que seria suficiente para fazer com que os juízes hipócritas me mandassem para as galés?...» O senhor de Bragadin era um desses homens diferentes que são referidos nos livros de leitura, um homem que sabia ser dedicado sem esperar nem gratidão nem recompensa, e que, com uma paciência inverosímil, sim, quase inumana, se debruçava atentamente sobre todas as paixões e fraquezas humanas. Era um dos poderosos de Veneza e vivia sensatamente com esse poderio, como quem sabe que a verdadeira força, a que governa a vida dos Estados e dos homens, não é o mando, mas a

compreensão.

Enquanto escrevia a sua carta ao senhor de Bragadin, Giacomo notou que sorria. «Talvez», pensou olhando a chama vacilante da vela, «talvez ele me protegesse e defendesse justamente por eu ser desprovido de tudo o que prescrevem as tábuas das leis humanas e divinas, de tudo, à exceção das leis da paixão.» Releu compenetradamente o que escrevera, corrigiu com cuidado, com o bico da pena, um epíteto, e soltou um leve suspiro. A sabedoria do senhor de Bragadin era de tal modo madura e nobre que quase o fazia parecer cúmplice de todas as paixões, de todos os desvarios humanos. «O papa é como ele», pensou Giacomo com satisfação. «E Voltaire também, e também o cardeal eram como ele. Encontram-se homens assim, em Itália e no reino do Rei Cristianíssimo. Encontram-se, é verdade, mas pouco numerosos... Eu, aquilo que sei pelas minhas sensações, o meu ser e o meu destino, sabem-no esses homens com a sua razão e o seu coração; sabem que a lei sob o signo da qual nasci e que mais tarde aprendi à força de ferimentos e cicatrizes não é a lei da virtude. Existe uma outra lei, que os dragões cheios de virtude condenam, mas que o Omnipotente perdoa, existe uma espécie de virtude que é apenas a confiança absoluta no nosso ser, no nosso destino e nas nossas inclinações.» Esta revelação varou-o da cabeça aos pés; estremeceu, como que transido de frio. «Talvez tenha sido por isso que o senhor de Bragadin me defendeu», pensou ele. «Com assento no Conselho, ouvia ao lado dos seus pares os relatórios secretos, distribuía os castigos e as recompensas, mas no seu foro íntimo sabia que, para lá da lei escrita, há uma outra, não escrita, à qual é igualmente necessário prestar justiça.» Comovido, olhou a chama da vela piscando os olhos brilhantes. «Peço-vos que envieis o dinheiro para aqui, para Bolzano, ao cuidado do senhor Mensch», escreveu com emoção, mas numa letra resoluta.

«Talvez eu não devesse ter vendido o anel de esmeralda», pensou depois, casualmente. O anel de esmeralda que o seu paternal amigo escolhera de entre as suas próprias joias de família para enfeitar o protegido por altura de um serão de carnaval, numa noite em que Giacomo se disfarçara de príncipe oriental para se dirigir à bela festa, no torvelinho perigoso e arrebatador do carnaval de Veneza. O anel de esmeralda era uma lembrança, a joia favorita da esposa morta do seu generoso amigo. «Foi um erro tê-lo empenhado nessa mesma noite, quando era eu a governar a banca; não consegui

resgatá-lo e depois fui ao ponto de vender a cautela. Às vezes fazem-se erros assim», pensou com indulgência. E a cautela que fora mais tarde exibida ao nobre senhor, quando Giacomo se achava já na enxovia dos Piombi, a cautela cuja rubrica teria por certo parecido estranha ao paternal amigo, a cautela de que ele nunca mais ouvira falar?... – «Resgatou ele o anel», pensou Giacomo encolhendo os ombros. O senhor de Bragadin resgatara-o e não lhe levava a mal o seu ato, era a única pessoa que lhe mandava encomendas para os infernos, pelo Natal e pelo Ano Novo, com a emoção impotente do seu velho coração, pois é evidente que tem de se amar alguém, que não se pode viver de outra maneira, nem mesmo quando se é velho, nem mesmo quando o objeto do nosso amor se mostra indigno de tão nobre sentimento, nem mesmo quando vende o anel de esmeralda carregado de memórias e apõe com notável presteza a rubrica de outra pessoa numa cautela de penhor – nada disso conta quando se ama. E ele chegava a invejar por vezes o senhor de Bragadin por causa desse sentimento desinteressado, cuja natureza verdadeira não era capaz de compreender, ou só com a razão compreendia e não com o coração. Durante certo tempo, suspeitou de que o nobre patrício nutrisse por ele uma afeição contranatura que talvez não confessasse a si próprio – porque a vida do ancião era um livro aberto, não saíra da sua cidade desde o dia em que nascera, e crescera e vivia nos lodos de Veneza como uma planta nobre e pura entre os miasmas de um pântano. Giacomo não podia acreditar que fosse possível amar-se alguém sem cálculo, sem desejo carnal – era um esquema para o qual não havia lugar no universo do seu espírito, e durante muito tempo pensou por conseguinte que havia qualquer coisa, em tudo aquilo, que não batia certo. Os sentimentos humanos são tão confusos, refletia ele com desconfiança. Além do amor dos homens e das mulheres, existem ainda numerosas e misteriosas relações entre as pessoas – tivera que aprender a conhecer essas relações, nos cais de Veneza onde os desejos do Oriente e do Sul se confundiam nos olhares dos homens. E fazia-lhe horror esse amor diferente, contranatura: se se aventurava sem temor nos abismos dos sentimentos e das emoções humanas, para ele, o sentimento fluía sempre numa vaga inalterável e eterna entre as margens dos dois sexos, entre um homem e uma mulher. E em Veneza justamente, mercado dos castrados, dos levantinos, dos escravos de amor, onde se comprava e vendia carne humana como num talho peculiar, nunca cedera: media desdenhosamente com os

seus passos esse mercado de amor; era com um sorriso de desprezo onde se fundiam repulsa e ironia que contemplava os doentes e os infelizes capazes de beneficiarem dos favores de Eros para lá das margens do mundo das mulheres... «As mulheres», pensou ele, sereno, sombrio e firme, como se dissesse: «A vida.»

Mas justamente porque vivia em Veneza, desconfiara do senhor de Bragadin durante algum tempo. O mercado era excessivamente abundante, excessivamente ruidoso e luxuriante em Veneza. No entanto, nem mesmo as línguas lodosas dos proxenetas tocavam a boa reputação do senador. Ninguém na praça de São Marcos podia vangloriar-se de ter vendido os seus favores ao conselheiro de Veneza, fosse por dinheiro ou a troco de poder. Se o patrício era, também ele, natural de Veneza, não vinha naturalmente dos bastidores duvidosos dos teatros, como acontecia com o seu protegido, mas tinha origem num leito destacado e nobre; sempre vivera em Veneza, aí casara e, ao entrar na idade de ser bisavô, continuava a vestir luto pela bem-amada, morta em plena juventude. Vivia como um solitário, sem parentes a acompanhá-lo, na sociedade de alguns amigos de palavras avisadas e gestos requintados, e de alguns velhos servidores. A sua casa, um dos palácios mais fechados e mais respeitados da República, só a raros eleitos se abria, e era uma honra participar nos serões que por vezes proporcionava a um círculo de amigos, e muito poucos eram os que podiam gabar-se de alguma vez ter alcançado essa graça. E fora este homem distinto e reservado, este homem nobre e puro que arrancara o aventureiro à sua existência sombria, o tirara da vasa das lagunas num momento em que todas as estrelas se confundiam já por cima da sua cabeça – mas porquê? Sem qualquer desejo ou emoção secreta, com uma compaixão e uma bondade que nunca se esgotavam.

É verdade que nem o senhor de Bragadin pudera salvá-lo dos Piombi; frente à Inquisição, o nobre conselheiro não conseguira salvar o seu protegido do calabouço e do exílio. A acusação que contra ele Suas Excelências haviam movido era ridícula. Ele bem sabia que o motivo não era a magia, nem o desbragamento na bebida, nem o zelo apaixonado com que se esforçava por estontear a cabeça das senhoras e meninas de Veneza. «Todas cheias de vontade de se deixarem estontear», pensou ele de novo. «Que engano! Nunca era eu a escolher.» Não podia falar disso ao secretário. A propósito de tal acusação, as pessoas tinham mentido, como fazem a

propósito de tudo o que vem a ser afinal o verdadeiro conteúdo da vida. Ele era o «sedutor» por excelência, o amante «infiel» de serviço, o estoira-vergas, o caçador de saias, o perigo público denunciado pelas autoridades... Ah, se eles soubessem! Não podia dizer-lhes que não era nunca ele quem escolhia mas sempre ele o escolhido, não podia nem dizer nem escrever que as mulheres tinham uma opinião da virtude e dos segredos da escolha amorosa diferente da opinião proclamada nas repartições e púlpitos das igrejas, não podia dizer a ninguém, e até mesmo a si próprio raramente o confessava, apenas em momentos de solidão, que bem vistas as coisas no duelo de amor era sempre ele o despojado, o abandonado, a vítima... O reconhecimento, o anel de esmeralda, as noites de bebida, as partidas de cartas que se prolongavam por cinco dias, a palavra que muitas vezes deixara por cumprir, o seu comportamento fanfarrão e a sua atitude altaneira – nada de tudo isso constituía a verdadeira acusação movida contra ele. Era assim a vida em Veneza... O que não tinham podido perdoar-lhe, o que fizera com que o metessem na prisão – de onde nem sequer o poderoso senhor de Bragadin fora capaz de o arrancar para o devolver à luz do dia – que, aos olhos dos poderosos, parecia perigo e crime, era outra coisa; nem as suas ações, nem as suas faltas, nem os seus passos em falso eram considerados crimes, era-o sim, o seu modo de se conduzir, o seu estado de espírito perante o mundo. «Não mo puderam perdoar», concedeu ele encolhendo os ombros. Porque o mundo exige ordem e resignação, aceitação contrariada e submissão à ordem humana e divina. Mas, em Giacomo, no mais profundo de si próprio, ardia a terrível chama da resistência; e era isso que parecia imperdoável.

Fora por esse motivo que ninguém pudera fazer nada; o próprio senhor de Bragadin se achara impotente. Mandou-lhe para a prisão uma capa de peles, cequins e um livro. Fora tudo. É impossível pôr um homem ao abrigo do mundo; cedo ou tarde, os outros atiram-se a ele e forçam-no a ajoelhar. Esse dia, o dia do juízo final, ainda não chegara. Ele escapara-se-lhes pela última vez, pusera-se a salvo, e tinha agora de se preparar para o combate, como um soldado, tinha de conseguir armas e de afiar os punhais e as espadas. Foi por isso que escreveu a carta, se vestiu e desceu às ruas de Bolzano em busca de armas e de munições. Depressa se orientou na cidade. Levantou a gola da capa; lá fora, anoitecia já; a neve endurecida parecia pó; ninguém o reconheceu. Movia-se rapidamente, estudava o terreno por onde avançava

com um olhar desperto. A cidade nada de bom deixava adivinhar. Estava como que esmagada pelas altas montanhas e pelos preconceitos; a beleza das casas seduzia-o mas os olhares das pessoas tornavam-no desconfiado. Como os grandes conferencistas, esses artistas da arte da conversação, só se sentia em segurança na companhia de almas irmãs, de pessoas acolhedoras. «Não vou ter sucesso por cá», pensou ele com um pressentimento mau, quando pela primeira vez passeava na cidade, dando volta à praça e aventurando-se em seguida nas ruas das imediações. Ali tudo se encontrava rigorosamente a meio caminho entre a profundidade e a altura, portanto tudo vivia e se achava fora do seu mundo. Aquela cidade vivia rigorosamente no limite, no limite de tudo o que ele amava ou evitava na vida; era sóbria e correta, e por conseguinte terrível, cheia de aventuras diferentes das aventuras que ele amava. Giacomo avançava na rua, com o lenço a tapar a boca, pois receava apanhar uma angina naquele clima severo, com o chapéu puxado até aos olhos, pois temia o olhar das pessoas; com um olhar penetrante, examinava portais, janelas iluminadas, esforçava-se por adivinhar qual daquelas casas de telhado íngreme poderia ser o palácio do conde de Parma, e nos seus olhos semicerrados cintilavam de quando em quando clarões ao fitarem os olhos dos homens ou mulheres de passagem. «É uma bela cidade», pensou ao terminar o seu passeio, franzindo o rosto. «Uma cidade limpa. Estrangeira, danadamente estrangeira.» Queria dizer que a cidade era demasiado estrangeira, demasiado estranha para ele, que não sentia no ar daquela cidade essa cumplicidade sedutora e familiar, essa fulguração misteriosa da alegria de viver, da paixão, do fausto, da vontade de divertimento, que sentira tantas vezes frente a cidades e frente a pessoas desconhecidas. «É uma cidade virtuosa, séria», pensou com um sentimento de reconhecimento que o fez arrepiar-se; e começou a contar os dias.

Contava ter resposta do senhor de Bragadin dentro de cinco dias. Foi por isso que entrou nas lojas abobadadas e começou a fazer compras. Precisava de muitas coisas: sim, precisava de tudo, se queria voltar a erguer-se. — «Renascer das minhas cinzas, como a Fénix», pensou ironicamente, com uma inflexão literária. «De que precisa a Fénix?», perguntou-se em seguida baixinho, e parou depois à esquina de uma rua, debaixo da lâmpada de azeite cuja pequena chama moribunda o vento do norte soprava, puxou uma das dobras da capa para o ombro, tapou metade do rosto e ficou a olhar para

os transeuntes, batido pelo vento como a chama de uma lâmpada de azeite. Precisava sobretudo de camisas de renda, uma dúzia, de meias brancas de Paris, punhos de rendas, dois fraques – um verde de forro doirado e um malva com dragonas cinzentas; precisava de sapatos envernizados com fivela de prata, luvas de couro fino para durante o dia e de lã para a noite, de uma capa de inverno com gola de pele, de uma máscara veneziana de seda branca, de umas lunetas, sem as quais se sentiria desarmado, de um tricórnio e de uma bengala com castão de prata. Deitava em silêncio contas a tudo. Tinha de arranjar tudo antes da noite do dia seguinte. Sem trajes, sem disfarces nem acessórios, sentia-se nu, sim, sentia-se um cão tihoso. Antes do mais precisava de se vestir como só ele sabia fazer, tinha de se erguer de novo. Por isso, ao cabo de uma decisão célere, dirigiu-se para casa da lotaria fronteira, apostou em três números, que correspondiam à sua data de nascimento, aos dias que passara na prisão e aos dias passados desde a evasão, e comprou dois baralhos de cartas francesas.

Escondeu cuidadosamente as cartas nos bolsos e foi a casa do senhor Mensch. À primeira vista, o usurário parecia condizer muito pouco com o nome que tinha. Descobriu-o numa casa por trás da igreja, numa sala escura dando para o pátio de um edifício térreo, no meio de balanças e cofres de ferro. Era um homem baixo e magro, estava sentado, metido numa espécie de roupão, atrás de uma mesa comprida e estreita, e com as mãos delgadas e amarelas com unhas grandes e recurvas, pegava nos objetos como o fazem as garras das aves de rapina, algumas madeixas de cabelo grisalhas, crespas e oleosas caíam-lhe para a testa, e os seus olhinhos brilhantes e inteligentes, parecendo carvões em brasa, olharam o estrangeiro com viva curiosidade, depois do que, enfiando o seu cafetã sujo e parecendo um roupão, cumprimentou o visitante em voz estridente, inclinando-se: não se levantou da poltrona, inclinou-se sentado, numa atitude crispada, e, misturando no seu discurso palavras francesas, italianas e alemãs, respondia desdenhosamente, como se nada daquilo tivesse importância, como se estivesse a pensar noutra coisa e não prestasse a devida atenção ao cliente. «Ah!», disse ele ao ouvir o nome do recém-chegado, depois alçou as sobrancelhas até estarem quase a tocar as madeixas espessas e sujas, e pestanejou movendo as pálpebras enrugadas com a presteza de um macaco à cata de piolhos. «O velho terá ouvido bem? Este pobre doente, tão duro de ouvido, terá ouvido bem?» Porque ele falava assim de si próprio na terceira

pessoa, com uma compaixão profunda e sincera, como se se amimasse. «O Mensch é muito velho», disse com volubilidade, «e já ninguém o visita. É velho e pobre», acrescentou para o que desse e viesse. «Mas o estrangeiro veio vê-lo», observou ele, depois do que se calou.

– É para vós, sim, a minha primeira visita – disse o estrangeiro, cheio de cortesia.

Falavam de dinheiro em voz baixa, como os apaixonados falam dos seus sentimentos. Puseram-se a falar de dinheiro imediatamente, sem transição, com o ardor e a curiosidade dos profissionais que se reconhecem durante uma viagem, ou mesmo em sociedade, e que, enquanto a dona da casa se senta ao piano ou os demais circunstantes ouvem poemas declamados, se entregam no vão da janela à paixão secreta do ofício, e começam ato contínuo a discutir minerais ou o sistema digestivo dos cangurus. Assim estavam eles a falar de dinheiro, sem rodeios, comunicando por meio de termos cifrados, sabendo cada um deles que o outro estava bem familiarizado com o mesmo domínio do saber, compreendendo tudo o que fosse necessário compreender apenas por meias palavras; falavam como dois sábios. «Penhor», dizia Mensch, e a palavra silvava-lhe na boca como se se preparasse para proferir um juramento. «Crédito», dizia o cliente com naturalidade, cheio de ardor e convicção, como se nada fosse mais simples, como se a tonalidade e a sonoridade acariciante dessa palavra não pudessem deixar de encantar o coração do velho. Debateram bem as duas noções, demoradamente e com gosto. Quem os visse de longe, poderia tomá-los por dois sábios entregando-se a um confronto de noções abstratas. Por meio de termos simplicíssimos, ambos exprimiam a sua convicção profunda, como se se tratasse da substância do seu ser, dessa realidade e dessa fé ardente a que haviam consagrado as suas vidas. Porque aquilo que era «penhor» para um era «crédito» para o outro, e não somente naquela noite, naquele obscuro instante, mas também em qualquer outra ocasião, nas mais diversas situações da vida. O que um só podia imaginar sob a forma de penhor e de garantia, o outro exigia-o ao mundo sob a forma de crédito, de modo ardoroso e constante, muito para além dos seus interesses financeiros do momento – tal era a sua profissão de fé. A sensibilidade do mundo de um reduzia-se em tudo e para tudo ao que podia tomar como penhor, ao passo que o outro queria ter crédito vitalício, a felicidade, a beleza, a juventude e, acima de tudo, o dinheiro enquanto acessório da vida. Não era tanto da

soma sequer que falavam como do princípio.

O nome do senhor de Bragadin causou o seu efeito sobre o cambista. «É um senhor muito distinto», disse ele, piscando os olhos ainda mais depressa, se é que tal era possível. «Um belo nome! Que vale ouro!» Proferiu estas últimas palavras com desconfiança, pois estava absolutamente persuadido de que o estrangeiro queria enganá-lo, queria vender-lhe uma coisa inexistente, de valor duvidoso. E era afinal de contas o senhor de Bragadin o que ele lhe queria vender. «Talvez um anel!», disse ele, e ergueu o dedo mínimo rematado por uma longa garra suja, dobrou-o, mostrando assim que qualquer coisa era sempre preferível a um homem nos negócios deste mundo. «Um anelzinho», disse numa voz cantante e súplice, como uma criança que pede um doce de amêndoa. «Um anelzinho com uma pedra», disse casquinando e piscando o olho, e esfregou o indicador no polegar, mostrando desse modo a que ponto um anel era um objeto belo e interessante, um anel com uma pedra, suscetível de ser empenhado. A tal ideia os olhos glaucos marejaram-se-lhe de lágrimas límpidas, enquanto ele envesgava, num trejeito de prudência, a vista na direção do seu interlocutor, sem deixar de piscar laboriosamente os olhos, com angústia e uma animação exageradas, um respeito instintivo, como um lutador que compreende ao entrar no recinto fechado que descobriu finalmente o seu verdadeiro adversário, e se trata de um adversário digno de si. O homem desejava que o combate tivesse já terminado mas, ao mesmo tempo, os seus dedos dos pés e as suas mãos vibravam de uma excitação ardente e exaltante como o amor: a excitação de saber que o momento, o momento raro, chegara, esse momento em que ele deparava por fim com um adversário autêntico, um companheiro à altura que conhecia as astúcias e as regras secretas da luta e que, em certa medida, era também o sentido da sua própria vida, pois, na realidade, ele sempre desejara encontrar adversários que tais. Arregaçou as mangas do cafetã nos braços esqueléticos, como se dissesse: «Eia! Agora nós!» E ambos se contemplavam com admiração.

Mensch sabia que acabaria por dar o dinheiro ao visitante, pois não podia fazer de outro modo, e o visitante sabia que receberia o dinheiro do cambista, até mesmo no caso – nada provável – de o senhor de Bragadin não enviar os cequins que ele solicitara com todo o vigor persuasivo de um escritor. «O Mensch dá-me o dinheiro», pensara ele já no seu calabouço dos Piombi, enquanto ultimava os preparativos da evasão, e havia quase como

que certas visões que se associavam no seu íntimo a esse nome: agora que estava cara a cara com o usurário, observava com satisfação que a visão que antecipara fora exata, que a realidade não desmentira os seus sonhos. Um instinto que era incapaz de explicar soprara-lhe ao ouvido que Mensch, de cujo nome tomara conhecimento por um mercador de panos holandês, era um parceiro e um adversário à altura, que os dois tinham qualquer coisa em comum, que se apresentaria um dia diante dele e então Mensch choramingaria e protestaria, mas mais nada, em última instância, poderia fazer. O endereço, diziam as pessoas, aqui está, é este o endereço; que valor tem, que quer dizer um endereço?... Muito, tudo, sabia-o bem: o endereço é já uma personalidade, um acontecimento e um ato, é preciso atear-lo soprando, aquecê-lo com os raios da imaginação e da vontade, e de pronto o endereço começa a viver timidamente, transforma-se numa realidade e acaba por largar o dinheiro rangendo os dentes. Giacomo conhecia endereços que tais em Lyon, em Paris, em Viena e em Manchester. Os endereços transmitiam-se como as lendas na vida dos povos. Havia em Nápoles um cambista ao qual bastava dizer: «Que venha Caronte buscar-te!» para que ele desatasse a chorar e aceitasse o título pretendido. Por isso Giacomo olhava Mensch com serenidade alegrando-se pelo facto de a realidade corresponder tão por completo aos seus sonhos: olhava-o com serenidade, quase com ternura. E era igualmente desse modo que para ele olhava Mensch, com a consciência terrível e exaltante de um homem que se descobre frente a frente com o seu destino.

E foi por isso que acabou por dar o dinheiro – não muito, mas justamente o bastante para que Giacomo se pudesse mostrar em Bolzano onde, sentia-o, o esperavam já com impaciência. Mensch deu-lhe trinta ducados; abalado, com dedos trémulos, colocou os cequins um a um na mesa lacada, sem contrapartida de anel ou penhor, contra um simples recibo e a crédito, como adiantamento sobre a remessa do senhor de Bragadin, que bem vistas as coisas se encontrava noutra planeta, muito longe dali, como todo o dinheiro que não estivesse à vista em cima daquela mesa. Deu-lhe os rolos de cequins embrulhados em papel de pergaminho, levantou-se e, inclinando-se com movimentos quase religiosos, como um prelado, acompanhou o cliente à porta. Da entrada, ficou ainda a segui-lo com o olhar por um longo momento.

O homem a quem dera o dinheiro a crédito em troca de um recibo

caminhava com grandes passadas na rua sombria. Meneando a cabeça, resmungando baixinho, mastigando uma mistura de palavras italianas, alemãs e francesas, Mensch seguiu-o com o olhar até a silhueta se desvanecer no nevoeiro. Giacomo avançava com rapidez, quase corria, direito às luzes da praça principal. Chegou junto da igreja justamente a tempo de ver uma carruagem nas traseiras da qual dois criados empunhavam archotes, e para surpreender, por trás da janela do carro, um rosto pálido, o rosto de Francesca.

– Francesca! – exclamou ele.

Nesse preciso instante começou a nevar. Ele estava sozinho no meio da praça, e a carruagem passou-lhe ao lado. Sentiu essa dor que sentimos de cada vez que os nossos desejos se tornam realidade. Depois voltou para a estalagem do Veado, com as mãos cruzadas atrás das costas, cabeça baixa, deambulando com uma expressão preocupada, perdido nos seus pensamentos. Sentia-se muito mais só do que nos infernos, do que debaixo do telhado dos Piombi.

A ENCOMENDA

À noite desceu ao restaurante do Veado, bebeu vinho quente, e ficou à espera dos jogadores de cartas. Estes iam chegando prudentemente: o boticário, que Balbi trazia consigo, o arcediogo, que até Nápoles conhecia, um ator em fim de carreira e um oficial que desertara na véspera, abandonando em Bolonha o seu regimento. Apostavam fraco, como se se contentassem com uma espécie de exercício e procurassem travar conhecimento entre si. O boticário fazia batota, e foi por isso que os outros acabaram por correr com ele; com a sua espada, o oficial repeliu esse homem gordo de olhos simplórios na direção da porta, e expulsou-o depois para o meio da rua, para a neve. Por volta da meia-noite, Giacomo fartou-se. Subiu para os seus aposentos ao mesmo tempo que Balbi, acenderam as velas e, cotovelos apoiados no tampo da mesa, com extrema consciência profissional, puseram-se a marcar as cartas napolitanas compradas nesse mesmo dia, que o gravador e impressor timbrara com a menção «*stampatori de naibi*» e com as figuras da Morte e do Enforcado. O frade era espantosamente hábil naquela tarefa: trabalhavam em silêncio, besuntavam de cera os cantos das cartas mais importantes e, com as unhas, marcavam certos sinais na cera.

– Não tens medo? – perguntou casualmente o frade mergulhado no seu trabalho.

– Não – respondeu Giacomo.

Expondo à luz um ás de ouros, com um dos olhos fechados e abrindo e fechando ansiosamente o outro, Giacomo avaliava a qualidade da marca.

– De que havia eu de ter medo? Um figaldo nunca tem medo.

– Um fidalgo? – perguntou Balbi e, como era seu hábito, mostrou fora da boca espetada uma ponta da língua, cheio de uma surpresa real. – De que é que estás tu a falar?

– Estou a falar de mim – respondeu Giacomo em voz calma e, com a

ponta dos dedos, começou a tatear delicadamente as cartas viciadas. – De quem havia de ser? – perguntou com negligência, num tom desprendido. – Quando só estamos nós os dois neste quarto, a verdade é que só podia estar a falar de mim.

– Então porque é que fazes batota – perguntou o frade com uma voz ensonada.

– Porque é que faço batota? – perguntou ele também, e pôs de lado as cartas, espreguiçando-se de maneira a fazer estalar os ossos. – Porque se não fizer é muito difícil ganhar. As cartas são tirânicas por natureza. É raro que alguém consiga ganhar ao jogo sem uma ajuda vinda de fora – disse ele com objetividade, no tom de quem narra uma história. – E de resto, toda a gente faz batota: em Versalhes, até mesmo as pessoas mais distintas a fazem, os generais, por exemplo, e não esquecendo os padres.

– E o próprio rei, talvez – perguntou Balbi com unção.

– Não – respondeu Giacomo com seriedade. – O rei contenta-se em ficar zangado quando perde.

Puseram-se os dois a meditar naquelas possibilidades. Por volta da meia-noite, Giacomo ficou sozinho no quarto e deitou-se suspirando, entre bocejos. Passou assim três dias, apartado do mundo, apenas na companhia de Balbi, da jovem Teresa e de Giuseppe, encarregando-se da banca do faraó na tavolagem do Veado, jogando com correios e negociantes de azeite de passagem – e ganhava com frequência graças aos cantos das cartas marcados com cera, como noutras alturas perdia, pois corria uma época em que toda a gente fazia batota, de Londres a Roma e de Viena a Paris, sobretudo nas hospedarias onde jogadores profissionais itinerantes se instalavam e montavam banca. Sem cólera, sobretudo para fazer um pouco de exercício, Giacomo chegou até a bater-se com um grego que tirava ases da manga com uma perícia desarmante e sedutora. Não viu Francesca, mas também não a procurou em particular durante esses poucos dias. Era como se a vida dele se tivesse recolhido para repousar naquele ar rarefeito, no sopé das montanhas. Durante três dias o vento não parou de soprar tempestuosamente e cobriu de neve as janelas do Veado. O céu estava tapado por espessas nuvens cinzentas de algodão, por nuvens sujas como os tufos de pelos que saíam das orelhas de Mensch. Os fatos, as camisas, as capas, os sapatos, a máscara veneziana branca, a bengala e as lunetas foram entregues nessa altura pelos fornecedores; Giacomo encomendara

igualmente uma capa para Balbi, assim acautelando os aspetos da honra e da respeitabilidade, pois o frade passeava pela cidade em farrapos, como um enforcado a quem tivessem cortado a corda. Mas a maior parte do tempo, gastava-o no quarto, a sós com o lume da lareira, nesse estado de espírito igual e melancólico que ultimamente o prostrava, a ele, o homem da música, da ação, da luz, do faro apurado e da vivacidade mais inquieta. Como se tudo o que previra na prisão, a vida, a alegria e as oportunidades de diversão tivessem perdido a sua força magnética, agora que regressara ao mundo e que lhe bastava estender a mão para tomar a realidade. Durante esses dias, pensou seriamente em voltar a Roma para se deixar cair de joelhos diante do seu generoso amigo, o cardeal, e implorar a sua piedade, para em seguida entrar como padre ou bibliotecário na administração papal. Pensava nas cidades onde ninguém o esperava, ou o esperavam somente as estalagens de sempre, as camas frias e os braços de mulher que o enlaçavam e dos quais ele se desprendia com enfado; pensava nos corredores dos teatros por onde um homem pode vagar e mentir, mas onde as palavras perdem o seu sentido verdadeiro, nos salões e tabernas onde as cartas habilmente viciadas lhe permitiam caçar alguns cequins vagabundos; e pôs-se a bocejar. Conhecia aquele estado de espírito e temia-o. «Isto acaba sempre comigo a deitar sangue pelo nariz e depois a fugir», pensou, fechando mais o roupão por cima do peito, pois estava a tiritar. Já em criança, aquilo o invadia assim, um medo e uma repugnância que de repente o dominavam, sem aviso, acabando no sangue que começava a correr pelo nariz e que só as ervas e os pensos de Nonna, a avó bondosa e forte, sabiam estancar. Pensou muitas vezes em Nonna, nesses dias; nunca na mãe ou nos irmãos e irmãs; mas a mulher robusta, que em Veneza criara três gerações e que sempre amara particularmente Giacomo, aparecia uma e outra vez nos seus sonhos agitados e tristes. Em alturas assim, Nonna cozia-lhe beterrabas, pois declarava que a beterraba era boa contra as perdas de sangue, e aplicava-lhe um pano gelado na nuca – e o sangue e a tristeza reduziam-se. «Nonna!», pensou ele, com um desejo tristíssimo e muito fundo, como talvez nunca tivesse pensado noutra mulher.

Francesca morava não longe dali, já sabia em que casa, com um suíço postado à entrada principal, exibindo uma bengala de castão de prata e a sua capa de pele de urso, para não falar dos criados, dos mandarettes e dos mensageiros que acompanhavam o conde de Parma nas suas deslocações

pela cidade, e Giacomo todas as noites passava diante do palácio cujas janelas do primeiro piso resplandeciam – pois o conde vivia com largueza, recebia, organizava serões, e a cascata de luz que inundava a rua permitia a Giacomo imaginar o luxo das salas, acrescentando que Balbi, empenhado em conseguir boas relações com o pessoal do palácio, lhe explicara que todas as noites eram postas três novas dúzias de velas nos braços de ouro dos lustres, velas da melhor qualidade, feitas de sebo de cabra, e fabricadas expressamente para o conde pelos cirieiros de Salzburgo. «Francesca vive em plena luz!», reconheceu ele encolhendo os ombros. Tinha o cuidado de não comunicar a Balbi esse seu segredo. Sim, Francesca vivia em plena luz, morava num palácio, acompanhavam-na criados quando se deslocava, todas as noites os cavalos do bispo escarvavam diante de sua casa, nas portinholas das carruagens e nos arreios de prata dos animais cintilavam coroas nobres e principescas, o conde de Parma vivia com largueza durante os meses de inverno, como convinha à sua condição – e talvez também por outras razões, em honra da sua jovem esposa. Nada teria sido mais fácil do que entrar naquela casa para apresentar as suas homenagens a Francesca; o conde nada teria a dizer, e de resto queria vê-lo – fora pelo menos isso que dissera Giuseppe, o belo barbeiro das faces rosadas e dos olhos celestiais. É verdade que o dissera só uma vez, no primeiro dia, embora viesse todos os dias, e todos os dias massajasse com os seus delicados dedos o duplo queixo de Giacomo, lhe esfregasse as fontes da cabeça e lhe frisasse as melenas, descrevendo todas as manhãs com a máxima minúcia os serões havidos no palácio, as receções, os jogos de sociedade, os bailes da meia-noite, e também os pequenos episódios das partidas de cartas que se prolongavam até aos primeiros fulgores da madrugada, e tudo isto o estrangeiro ia portanto escutando. Todas as noites se dançava, se jogava às cartas e se faziam jogos de sociedade, se liam versos, todas as noites se jantava e se bebia vinho em casa do conde de Parma. «O conde não está cansado?», perguntava de quando em quando, prudentemente, Giacomo ao belo barbeiro. «Quero eu dizer, não o cansam tantos serões? Fica a pé até tão tarde todas as noites! No teu entender, isso não será extenuante para uma pessoa com a idade que ele tem?...» Giuseppe dera de ombros sem nada dizer.

Uma só vez, no primeiro dia, dissera ao estrangeiro que o conde de Parma desejava vê-lo – dissera-o uma vez só, e depois calara voluvelmente esse

desejo e esquivara todas as cautelosas perguntas do seu cliente. «Cansado, o conde?», perguntou ele, como quem procura as palavras, numa voz roufenha, com uma ponta de desdém. «Talvez se canse, sim, é possível; Sua Excelência levanta-se sempre muito cedo, vai para a caça assim que o dia rompe, e seja qual for a hora a que na noite anterior se tenha deitado, depois almoça nos aposentos da esposa, e é aí que os dois recebem as homenagens dos que comparecem logo de manhã para assistir aos seus preparativos matinais. Cansado, o conde?», perguntou o barbeiro, dando de ombros. O cansaço dos senhores, continuava ele, é de uma natureza diferente do dos pobres. Os senhores comem muita carne, é por isso que se cansam. Quanto a ele, Giuseppe, tudo o que podia dizer era que, pessoalmente, nunca se sentia cansado de dançar, de cortejar ou de jogar cartas; mas a reflexão, as boas maneiras e o comportamento em vigor na boa sociedade já o haviam por várias vezes esgotado. «O conde pensa!», disse ele num tom de voz misterioso e significativo. E pestanejou como se tivesse traído a paixão secreta do conde de Parma, um crime capital, uma inclinação lasciva e duvidosa, e fez um sinal com os olhos, como se pudesse dizer mais mas não quisesse falar, pois era prudente e conhecia as regras do bem viver; tal foi tudo o que o barbeiro disse, num primeiro tempo, com enorme tino. O estrangeiro ouviu a informação e aquiesceu. «Pensa?», perguntou num murmúrio, em tom confidencial. Compreendiam-se os dois na perfeição.

A língua que o barbeiro e o escritor falavam era a língua materna de ambos, no sentido mais profundo do termo, ou antes, dos termos seguintes: era a língua de indivíduos da mesma espécie ligados, sem que o soubessem, por conhecimentos, gostos, propensões comuns, e também a língua da sociedade inferior, uma língua que os homens da alta sociedade nunca chegam a compreender plenamente. Giuseppe não tornou a repetir que o conde queria ver Giacomo, o estrangeiro; fizera com que a mensagem passasse, no primeiro dia, como um desejo cortês e secundário, depois calara-se, à sua maneira, com um silêncio loquaz e volúvel. «A condessa é bela?», perguntou um dia o estrangeiro, com mais cortesia e desprendimento do que interesse. O barbeiro preparou-se para responder. Poisou no rebordo da lareira os ferros de frisar, a tesoura e o pente, ergueu a mão delgada, libertina e branca, com longos dedos, como o padre que abençoa a assembleia durante a missa, aclarou a garganta e, com uma voz de início surda e mais tarde sedutora, com trinados de inflexões cada vez

mais agudas, começou: «A condessa tem olhos pretos. Na face esquerda, junto ao queixo lustroso de penugem e com uma covinha, tem uma verruga minúscula que o boticário já uma vez queimou com ácido sulfúrico, mas que apesar disso acabou por voltar a nascer. A condessa disfarça essa verrugazinha com um sinal.» Referiu estes factos e outros pormenores ainda, como se estivesse a recitar uma lição. Falava com objetividade, como um aprendiz de pintor que considera as qualidades e as fraquezas de uma obra-prima, com essa objetividade fria que, na sua boca, correspondia à admiração mais elevada, uma admiração mais forte e fervorosa do que qualquer entusiasmo. Porque Giuseppe via a condessa todos os dias, antes do pequeno e do grande *lever*¹ no momento em que as criadas lhe queimavam a penugem das pernas servindo-se de cascas de noz aquecidas, depois lhe davam brilho às unhas dos pés por meio de um xarope, lhe ungiam de azeite o nobre corpo e lhe perfumavam com vapores de âmbar os cabelos que só a seguir seriam penteados. «A condessa é bela!», disse ele severamente, gravemente, e aquela severidade era ridícula no seu rosto pueril e feminino, no seu rosto de bebé que não chegava a ser inteiramente humano, como se, em Versalhes, um pintor em voga o tivesse pintado para enfeitar a parede do quarto de uma senhora galante; fazia pensar no pastor da cena simples e sensual, profundamente inconsciente e graciosamente libertina, de uma composição bucólica... O estrangeiro esperou que os longos dedos delicados acabassem de lhe cuidar do rosto e dos cabelos, ouviu as notícias mais interessantes, soube que o conde pensava e que a condessa era bela mas que uma verruga voltara a nascer-lhe no rosto, fez «hum-hum», depois manteve-se calado, e ambos, barbeiro e escritor, sabiam que – na sua língua comum – estavam a falar de outra coisa. Porque o conde não voltara a dizer uma segunda vez que gostaria de ver o estrangeiro.

Era por isso que este último continuava na cidade, naquela cidade estrangeira onde não tinha parentes, e lá continuou ainda, depois de o senhor de Bragadin ter feito chegar os cequins, acompanhados de uma carta inteligente e bondosa, cheia da nobre compreensão de uma sabedoria impotente e de conselhos desesperados. O senhor de Bragadin mandara o dinheiro, o que enchera Mensch o prestamista de surpresa e alegria – no seu entusiasmo o usurário misturava de maneira incompreensível as palavras alemãs, francesas e italianas, contando os cequins venezianos; depois com

os dedos trémulos mas de tato seguro, descontou os juros do capital, sempre a repetir «crédito» e «garantia» – sim, o senhor de Bragadin mandara mais do que o seu filho adotivo lhe pedira, mas não muito mais, apenas um pouquinho mais, como para acrescentar uma dádiva do coração à soma oficial do empréstimo. «Nobre homem!», pensou com emoção o fugitivo; e Mensch esganiçava-se: «Um bom nome! Ouro fino!» Na sua carta, o senhor de Bragadin escrevia tudo o que o seu velho coração solitário podia ainda dizer e desejar na aventura de tão insólito sentimento. Pois todo o sentimento é uma aventura, e o senhor de Bragadin sabia que aquela relação não convinha ao seu nome, branco como neve, nem à sua honra sem mácula. Os boatos e suspeitas não se atreviam a tocar no nome do senador, mas, afinal de contas, seria Veneza capaz de compreender o sentido profundo de uma afinidade assim? Quem poderia compreender que um patrício e senador de Veneza oferecesse o calor do seu velho coração enfermo justamente àquele peralvilho de reputação tão suspeita e incómoda? «Porquê?», interrogavam-se justificadamente os venezianos, e os mais duros de entre eles punham a mão diante da boca e perguntavam, num sussurro e piscando os olhos: «Que lhe quer ele?...» Mas o senhor de Bragadin conhecia o maior dos segredos, o segredo do mais doloroso dever da vida humana, sabia que não temos de ter vergonha dos nossos sentimentos, ainda que os desperdicemos com pessoas indignas. Fora por isso que enviara mais dinheiro do que aquele que o seu amigo em fuga lhe pedira, e fora por isso que lhe escrevera uma longa carta perspicaz.

«Deste um novo ponto de partida à tua vida – escrevia ele, com a sua letra dura e angulosa – e tão cedo não voltarás à cidade-natal, meu filho. Pensa com amor na tua pátria.» Falava longamente da pátria – durante cerca de página e meia. Escrevera que devíamos perdoar à pátria porque, de maneira misteriosa, ela tinha sempre razão. E ele, o fugitivo que os ventos dos quatro cantos do mundo arrastavam a caminho das grandes aventuras da vida, ele devia ter sempre presente no espírito que, até mesmo nos seus erros, a pátria é eterna. Escrevia com dignidade, com essa certeza própria dos homens muito velhos e cujos sentimentos são também cultivados, os homens que conhecem o outro sentido, o sentido interior, de todas as palavras, que sabem que não podemos fugir das recordações e que, enquanto escrevem, pensam com desespero que não poderão transmitir as suas verdadeiras experiências a ninguém: cada um de nós vive só, engana-

se e morre só; os conselhos e a sabedoria que não adquirimos pessoalmente ao preço do próprio sangue de pouco servem. Falava da pátria um pouco como de um tirano, um pouco como de um parente com quem não podemos romper, apesar de ser talvez essa a vontade que sentimos. Depois falava do dinheiro, em termos muito mais sucintos e práticos, e de um amigo de Munique que, durante certo tempo e mediante dada soma, estaria à disposição do viajante, falava da Inquisição, mais poderosa do que as autoridades laicas, e, mais rigorosamente, escrevia: «As forças do mundo e da igreja unem-se numa perfeita harmonia nas mãos dos dirigentes desta instituição extraordinária» – e o destinatário sabia que aquela frase tinha de figurar na carta, pois Messer Grande até a correspondência do senhor de Bragadin vigiava. A seguir, vinha a bênção para a jornada, para a vida a que persistia em chamar uma aventura.

Giacomo leu a carta duas vezes, depois rasgou-a e deitou-a para o lume. Guardou os cequins de Mensch; poderia partir para Munique, ou para mais longe ainda. E no entanto não partia. Estava em Bolzano havia cinco dias, conhecia já toda a gente, um capitão de polícia viera já perguntar-lhe nos termos mais corteses até quando tencionava ficar na cidade. Ele esquivara a pergunta e queixara-se de Bolzano. Depois, pagou as dívidas, perdeu o resto do dinheiro ao jogo, na sala da estalagem do Veado e num apartamento onde um grego, que fora sovado e expulso das instalações da hospedaria, administrava a banca do faraó. Sem dinheiro, com o endereço do amigo de Munique do senhor de Bragadin na algibeira, tinha todas as razões para se fazer à estrada. Mas como pagara ao seu hospedeiro e aos seus fornecedores, comprara uma prenda para Teresa e dera uma gratificação de rei a Giuseppe, e como o ouro veneziano lançava por breves momentos os seus raios em redor da sua pessoa, podia também ficar: tinha crédito, não só junto de Mensch, que voltou a visitar por essa altura, não só junto dos fornecedores, que já tinham visto uma vez a cor do seu dinheiro, mas também, e era isso o mais difícil, nas mesas de jogo. Um inglês – que, quando não estava a jogar às cartas, estudava os minerais das montanhas vizinhas – aceitou-lhe a carta de crédito para Paris. E assim, entre as perdas e os ganhos obtidos graças à sua habilidade e à sua destreza de mão, pagando dívidas para acumular outras, cristalizava-se lentamente à volta de Giacomo a argamassa natural das novas situações da vida – o interesse e a inércia de quantos o rodeavam. De tal modo que os moradores de Bolzano

concederam crédito ao estrangeiro porque o conheciam, porque sabiam que com ele as probabilidades de ganho ou perda eram imprevisíveis; admitiram-no entre os seus, a cidade habituou-se à presença dele e acabou por lhe aceitar a permanência muralhas adentro – um pouco do mesmo modo que as pessoas acabam por se acostumar ao perigo.

Fora por isso que ficara? Naturalmente, ficara por causa de Francesca e porque o conde dissera que queria vê-lo. Ficara como o jovem camponês que, ao ouvir o desafio que lhe lançam numa espelunca, para no meio da sala, com as mãos nas ancas, e diz em voz rouca: «Estou pronto.» Ficara assim, de ar ameaçador, sem uma palavra. Que queria ele de Francesca? Este último nome exprimia qualquer coisa, fulgurava com a tristeza inquietante das experiências por consumir. Pois a verdade é que Giacomo poderia ter partido sem dinheiro para Munique, onde acabava de chegar o Eleitor de Saxe, o que era uma promessa de semanas de regozijo e de festas sumptuosas, com muita neve, banquetes, excelentes atores e os maiores batoteiros da Europa. Poderia ter partido, não só de noite, pelo meio da bruma, mas igualmente em pleno dia, numa carruagem enfeitada, cabeça erguida, porque pagara já uma vez ao estalajadeiro e aos fornecedores da cidade, e porque Mensch, enfeitado, se achava doravante às suas ordens. Mas ficara, pois continuava à espera de um sinal do conde. Sabia que um dia receberia notícias do palácio diante de cujas portas se mostrava o suíço da bengala de prata, lúgubre e mudo na sua dignidade, sabia que o presente silêncio era um dos diálogos misteriosos da sua vida, sabia que não chegara a Bolzano sem razão e que alguma coisa tinha a fazer ali. E os dias pareciam subitamente cheios de um piedoso sentido: ele estava à espera de alguma coisa. Pois estar à espera é viver.

Um dia, de tarde, quando a praça se povoava de sombras azul-acinzentadas, e o vento soprava e ululava como as corujas nos tubos das chaminés dos fogões do Veado, e ele, ocioso e a tiritar, ficara no quarto, chegando-se ao lume, com Boécio nos joelhos, a porta abriu-se, Balbi entrou, com os braços abertos, e disse numa voz de triunfo:

– Chegaram!...

Giacomo empalideceu e saltou da poltrona. Afanosamente alisou os cabelos empoados e baixinho, num gemido estridente, murmurou:

– A minha capa malva!

– É inútil – disse Balbi que se aproximou titubeando. – Podes recebê-los

até em mangas de camisa. Mas vê se consegues um bom preço!

E quando viu o rosto aterrado e surpreendido do seu companheiro de evasão, parou, encostou as costas à parede, cruzou as mãos por cima da barriga, e entaramelado de tanta bebida, rindo vergonhosamente, com o ventre aos sacões, cheio de comida, de vinho e da alegria secreta de ser o organizador de uma grande e genial baixeira, começou a falar:

– De momento, são só três, mas os três ricos. Um deles, o padeiro, é muito velho; está ali, atrás da porta. É velho e surdo; trata de lhe dares por gestos as respostas confidenciais, caso contrário, de manhã, toda a Bolzano saberá da sua vergonha. Por agora, perdeu um bocado a soberba. Está muito calado, com os braços cruzados, encostado ao corrimão das escadas, a olhar para lado nenhum, e tem a cara tão fechada que parece estar a tramar um crime ou matar-se. Com ele, vai ser fácil: de estúpido que é. E a seguir há também, chegadinho bem à hora que lhe marquei, o secretário do vigário. Em breve outros virão, pois fica a saber, meu amo, que a tua reputação é fascinante e medonha: desde o dia em que chegámos, que eles preparam o assalto, nos recantos das tabernas, ao abrigo dos portais, e nas lojas e oficinas dos artesãos, mas ao mesmo tempo na rua, por toda a parte, abordando-me discretamente, passando-me algumas moedas de prata para a mão, pagando-me um copo ou um assado de ganso, e suplicando-me acima de tudo serem-te apresentados. A tua reputação é terrível e bruxa; eles não conseguem escapar à sua influência.

– Mas que querem ao certo? – perguntou Giacomo sombriamente.

– Conselhos! – disse Balbi.

Depois levou dois dedos aos lábios e levantou-os acompanhando-os com um movimento dos olhos revirados, enquanto um riso interior e secreto lhe sacudia a barriga.

– Compreendo! – disse Giacomo com um sorriso amargo.

– Ouve! – começou prudentemente Balbi –, tem cuidado e vê se não desperdiças os teus conselhos. Quanto tempo queres ainda cá ficar? Um dia? Uma semana? Eu farei com que, todas as tardes, as escadas estejam cheias de visitantes e peregrinos, como na casa dos médicos célebres onde se levam moribundos e epiléticos. Pede um bom preço, pelo menos dois sequins por conselho, e se quiserem remédios, ainda um pouco mais. Bem vês, aprendi muito em Veneza. Na solidão – era assim que Balbi designava pudicamente a enxovia – aprendi que o pensamento corta como uma tesoura

e é precioso como ouro lavrado. A tua sabedoria é tão grande, Giacomo, e a bolsa desta gente está tão cheia de ouro! Vende a peso o que tu sabes, não te parece bem?... Vou mandar entrar o padeiro.

E chegavam, chegavam todos, pressurosos e em bicha, conduzidos por Balbi, todas as tardes, depois do almoço e até ao pôr do sol. Aquela nova profissão divertia Giacomo. Nunca ainda, no decorrer da sua vida tão movimentada, fizera a experiência de ser a espécie de novo curandeiro que era agora: as pessoas vinham vê-lo, com os joelhos trémulos e a alma abalada, formavam-lhe bicha diante da porta do quarto, exatamente como Balbi anunciara, exatamente como diante das casas dos médicos célebres das grandes cidades, e, em vez de braços ou calcanhares partidos, queriam que ele observasse os seus corações despedaçados, os seus amores-próprios feridos. Que queriam afinal? Um milagre. Por toda a parte as pessoas queriam um milagre, um amor que satisfizesse a sua vaidade, queriam possuir sem nada dar em troca, na medida do possível, queriam sacrificar-se, mas sem consagrar mais do que um ou dois cequins ao sacrifício, queriam o esquecimento e a ternura, mas sem terem que se encarregar pessoalmente... Queriam amor, mas se possível a troco de nada. Faziam bicha nos corredores do Veado, diante da porta do quarto, como estropiados e humilhados, fracos e cobardes, os que respiravam vingança e os outros, os que suplicavam que lhes fosse comunicado o segredo do perdão dos pecados. Aquela diversidade agradava-lhe. Ser conselheiro secreto e curandeiro de amor, era também uma arte consumada, uma arte antiquíssima, que não precisava de aprender; o veneziano conhecia de trás para diante esse exercício sensual e ardiloso, e a antiga sabedoria chispava-lhe nos nervos. Sim, aquela era a arte dos seus antepassados, o conhecimento que recebera em herança; e como, deixando para trás as primeiras surpresas, descobrira os segredos dos doentes, palpara as zonas doridas, examinara os rasgões e feridas, entregava-se com alegria e paixão ao seu tão apazível ofício de curandeiro. Em breve constou que Giacomo recebia todas as tardes até ao pôr do sol; Balbi selecionava com uma superioridade afetada os pedidos que Giacomo recebia, e escolhia com rigor os candidatos.

Porque toda a gente aparecia, gente vinda da cidade e gente dos arredores. O primeiro a chegar foi o padeiro surdo que, aos setenta anos de idade, uma paixão aferrara pelas goelas. Entrou no quarto arrimando-se a uma bengala,

gordo, curvado, com a barriga, que a capa castanha mal chegava a tapar, a pingar-lhe por cima dos joelhos. «Pois bem, cá estou eu...», disse o padeiro arquejando, após o que se deteve no meio do quarto e, com a bengala curta e retorcida, começou a desenhar círculos no ar. Contou o que se passara – acabavam todos por contar, mas de início obstinavam-se no seu silêncio, davam de ombros com irritação, até que, deixando para trás as primeiras hesitações, a primeira confissão que saía enquanto gaguejavam e coravam, alguma coisa parecia acontecer-lhes: esqueciam-se então de toda a vergonha e começavam a falar. O padeiro falava com furor e muito alto, por entre uivos arrebatados e suspeitosos de surdo; com um gesto de susto na mão, era assim preciso pedir-lhe que tivesse a bondade de não falar tão alto. Em voz grave, mas fortíssima, ele dizia que já não podia mais com Lucia, e que o seu problema se resumia ao seguinte: não saber se havia de a entregar à Inquisição ou de a estrangular por suas próprias mãos para depois a queimar no grande forno onde os aprendizes coziam todas as manhãs os seus pães alongados e macios. Era com esta simplicidade esmagadora que, aos setenta anos, Grikki o padeiro, chefe da corporação dos mestres-padeiros, considerava a questão de Lucia e todas as questões ligadas ao nome ou à pessoa de Lucia. O interrogado, aquele de quem os outros esperam conselho ou orientação esclarecida, mantinha-se em silêncio. Apoiava o queixo em dois dedos, como convém a um sábio, braços cruzados no peito e, por trás do cenho carregado, observava com um olhar penetrante e desconfiado o velho em desvario cujas queixas ia ouvindo com uma expressão pensativa – «O caso é difícil», disse ele finalmente, berrando em voz baixa, de maneira a fazer-se ouvir pelo padeiro. «Diabolicamente difícil!» Com um gesto inesperado, agarrou no velho pelo braço, arrastou-lhe em direção à janela o corpo amedrontado e recalcitrante, segurou com as duas mãos o rosto vetusto, enrugado e coberto de verrugas, virou o enfermo para a luz, examinou-lhe demoradamente os olhos lacrimejantes. Estiveram depois a falar durante muito tempo. O padeiro chorava. Chorava fungando, talvez sem sinceridade, mas com a impotência de quem nada mais pode fazer – um dia o segredo da vida desata a falar, e há alguém que deixa de conseguir resignar-se à ofensa que doravante o seguirá até à cova. «Compra-lhe», disse o estrangeiro ao cabo de uma prolongada e escrupulosa reflexão, «compra-lhe anéis. Vi alguns bastante bonitos em casa do Mensch, com safiras e rubis.» o padeiro gemeu. Já tinha comprado um anel, e até mesmo

um fiozinho de ouro, uma cruzinha com um diamante e uma linda estátua de prata do santo de Pádua, com incrustações de esmalte. Mas isso de nada servira. «Compra-lhe», aconselhou Giacomo, «seda para três saias. Vem aí o carnaval.» Mas o padeiro teve um gesto de desespero e enxugou envergonhadamente as lágrimas claras que lhe corriam pelas faces. Os armários lá de casa, dizia ele, estavam cheios de sedas, de panos, de linhos e de brocados. Calaram-se os dois. «Manda-ma cá!», decidiu Giacomo de repente, com generosidade.

O padeiro grunhia surdamente e, passo a passo, sem interromper os seus soslaios de desconfiança, recuou com prudência direito à porta. – «Dois cequins!», disse o estrangeiro; pegou no dinheiro, atirou para cima da mesa as preciosas moedas e acompanhou cortesmente à porta o cliente. «Diz-lhe que venha cá uma destas manhãs!», acrescentou ainda, de passagem, como se se propusesse a prestar-lhe um grande serviço. «Depois da missa. Terei mais tempo para a ver. Hei de conseguir falar com ela. Entretanto, não a mates.» Abriu a porta e esperou que o velho consumido e assustado, humilhado pelo conselho e pela sua própria impotência, saísse. «Há mais alguém?», exclamou debruçando-se para as escadas, e fingindo não ver as silhuetas escuras que se recortavam na penumbra. «Oh, o capitão! Por aqui, soldado sem medo!», disse ele jovialmente. E fechou a porta por trás do acabrunhado guerreiro.

Era por conseguinte assim que ele recebia. A diversidade dos sintomas não o admirava: conhecia o mal, e sabia que toda aquela profusão de seres encerrava afinal a mesma miséria. De que mal se tratava, porém? Refletiu, e por fim, sozinho no quarto, disse em voz alta: o egoísmo. Por trás de cada gemido de amor, latia o egoísmo, e o egoísmo salvava o que podia e exigia tudo o que um ser humano podia exigir de outro, se possível sem dar em troca nada de verdadeiro ou essencial. O egoísmo que comprava palácios para as bem-amadas, que lhes comprava carruagens e pedras preciosas, e acreditava por meio de tais presentes ter coberto esse valor extremamente misterioso sem o qual não há nem verdadeira afeição nem paz nos corações. O egoísmo que queria tudo e julgava dar tudo, quando desperdiçava tempo e dinheiro, paixão e ternura pela mulher ou pelo homem amados, continuando incapaz de proceder ao sacrifício supremo, incapaz de oferecer a simples e minúscula capacidade de renunciar a tudo, de dar a alma e a vida sem nada esperar em troca. Porque era isso o que de facto queriam os

apaixonados, esses tiranos de natureza tão particular. E davam de boa vontade o dinheiro, o tempo, os anéis e adereços, sim, davam de bom grado a mão e o nome – com a reserva apenas de todos eles quererem sempre guardar alguma coisa para si próprios nessa grande distribuição de prendas, e essa coisa, que todos queriam conservar, era afinal e sempre a própria pessoa de cada um – de Lucia, ou de Giuseppe, ou de Petruccio, o belo capitão que se encontrava agora no centro do quarto, e com as duas mãos segurava a sua espada, mostrando uma expressão sombria no rosto como se estivessem a conduzi-lo ao suplício. «O que é que não vai bem, meu bravo soldado?», perguntou Giacomo num tom de voz amistoso e afável. Mas o capitão olhava em redor movendo lentamente a cabeça, dir-se-ia uma fera enjaulada. Depois inclinou-se para murmurar o seu segredo ao ouvido do estrangeiro. Ofegante, segurando com força a espada, olhos ardentes e selvagens, o guerreiro murmurava o seu segredo. Não, Giacomo não tinha conselhos a dar-lhe. Meneava a cabeça aprovadamente, assobiava com um ar escandalizado. «Podias», disse baixinho, «deixá-la. És um homem, um soldado.» Mas o capitão calava-se. Calava-se como os mortos, quando os mortos compreendem que tudo ficará definitivamente igual, por toda a eternidade, que terão de permanecer na sua desconfortável sepultura, de baixo da terra e das estrelas. Não respondeu ao conselho que recebera, como se a dor e a ferida que trazia fossem de tal natureza que qualquer discussão só pudesse representar um atentado à sua dignidade. «Deixa-a», repetiu Giacomo fervorosamente, com uma sincera compaixão. «E se não aguentares, sempre será melhor do que esse sofrimento.» Mas o capitão soltou um gemido. Acabava de compreender que não havia nem conselho, nem consolação, nem remédio para o seu desgosto. E os seus gemidos, os seus queixumes humilhados e desesperados diziam: «Mais vale este sofrimento do que não a ver, mais vale viver assim do que abandoná-la.» Era impossível ajudar os homens.

Chegavam em grande número, e sobretudo ao crepúsculo; o secretário do vigário teve também o seu conselho, em troca de um cequim – esse rapaz coberto de borbulhas que lia Petrarca e não se atrevia a escrever à senhora do seu coração. O estrangeiro escreveu a carta, acompanhou à porta o cliente com uma expressão carrancuda, voltou para o quarto, riu a bandeiras despregadas atirando ao ar os cequins e lançando a Balbi o seu quinhão; no arrebatamento da alegria, ambos batiam palmas. «Doutor Milagre!», disse

Balbi relinchando com um riso áspero. «Até do campo vem gente!...» A neve caía pesadamente e os candidatos chegavam pela neve, sem excetuar as mulheres, que escondiam o rosto por trás de um xaile e prometiam dinheiro, arrancavam do peite colchetes com pedras preciosas embutidas, arrancavam o xaile do rosto e suplicavam: «Faz um milagre, Giacomo, fala com ele, dá-lhe um filtro! No teu entender, achas que posso ter esperança?...» Foi assim que um dia o visitou uma mulher do campo, uma mulher já não muito jovem, robusta e digna, mostrando nos olhos um fogo sombrio e desdenhoso, a chama da paixão e do sentimento injuriados. «Vim pelo meio da neve», disse ela numa voz rude e sensual, e deteve-se diante da lareira, abriu a capa de marta, sacudiu a cabeça e esperou que os cristais de gelo cintilantes derretessem do outro lado do véu e do xaile. «Um dos cavalos rebentou. Quase gelámos, e começou a cair a noite, mas eu vim verte porque se diz nas redondezas que sabes dar conselhos, que és entendido em magia e conheces o coração e os rins das pessoas. Pois bem, responde-me.» Falava assim, num tom ofendido e transtornado. Ele pediu à senhora que por favor se sentasse, observando-lhe com prudência os mais pequenos gestos. Conhecia as mulheres de todas as idades, sobretudo naquele estado de alma, e era por isso que as temia e lhes vigiava as explosões. Mas ela não queria sentar-se. Passara já os quarenta anos, era alta e corada, cheia e vigorosa, uma dessas mulheres que gostam de estar na cozinha enquanto se chamusca o porco, que lavam a cara na água da chuva, cuja armário de roupa branca cheira bem embora sem perfumes e que se encarregam elas próprias de ajudar a lavar-se o homem que amam. Giacomo olhava-a com respeito. Brilhava uma tal paixão vinda do interior da capa de marta, naqueles olhos ardentes, que a mulher seria capaz de incendiar florestas inteiras. Era uma dessas matronas habituadas a mandar, respeitadas em casa; o pessoal e os convidados, os parentes e os amigos ouvem-lhes as palavras com devoção e batem em retirada diante da sua cólera, e a ternura delas fumega evolvendo um cheiro acre como na floresta uma fogueira de gravetos que os batedores se esqueceram de apagar depois de um festim de caça. Era robusta nas iras e excessiva nas paixões, ficava sempre no seu posto, altaneira, pronta a distribuir bofetadas a toda a assembleia para em seguida, com um só gesto arrebatado dos braços poderosos, cingir num abraço mortal o bem-amado, contra o peito. O anfitrião andava respeitosamente de um lado para o outro à volta da visitante. A neve, os

campos frios da Lombardia, o cheiro do Ádige emanavam da pessoa dela. «Cá estou eu, então», soprou a mulher por fim, com uma falsa calma. «Vim ver-te. Vim agora, enquanto lá em casa se fazem as grandes limpezas, enquanto os enchidos estão no fumeiro, apesar de ter ouvido dizer que em novembro, por aqui, nas montanhas, os lobos devoram os viandantes. Venho da Toscana», disse ela numa voz firme.

O estrangeiro inclinou-se:

– Eu sou de Veneza, minha senhora – disse olhando a cliente nos olhos pela primeira vez.

– Eu sei – disse ela com brevidade, engolindo a saliva. – Foi por isso que vim. Ouve, Giacomo, fugiste da prisão e dizem que conheces o segredo dos corações apaixonados. Olha para mim. Terei o ar de quem mendiga o amor de um homem? Quem cuida de que as coisas em casa andem como deve ser? Quem é que vai para os campos em julho, durante a ceifa? Quem foi comprar móveis novos a Florença quando tivemos de mostrar sinais de fausto para fazermos valer a nossa condição? Quem trata dos cavalos e dos arreios? Quem trata das meias e da roupa de dentro do delicado senhor? Quem faz com que haja flores em cima da mesa ao meio-dia e que, nos dias de aniversário, os músicos toquem pífaro na sala vizinha? Quem arruma e volta a arrumar as gavetas? Quem lava, de manhã à noite, em água fria? Quem manda vir lençóis de linho finíssimo para que a cama onde o nosso legítimo esposo se reclina sobre nós tenha o cheiro dos campos da Toscana em abril? Quem olha pela cozinha de maneira a satisfazer todos os caprichos do seu intestino instável e do seu frágil estômago? Quem escolhe o capão antes de o matarem para ver se é suculento e tenro como ele gosta? Quem cheira a perna de vaca que chega do matadouro? Quem desce as escadas da adega para pôr enxofre nas pipas da vinha? Quem cuida de que a água que à noite lhe põem à cabeceira seja açucarada, porque o coração dele, cansado de comezainas e de expedições aventureiras, precisa de açúcar durante a noite? Quem faz com que ele não coma gengibre ou pimenta a mais? Quem fecha os olhos quando os apetites o dominam e não há maneira de o manter em casa? Quem se cala ao sentir-lhe na capa e na roupa os restos de perfume estragado das outras mulheres?... Quem sofreu, trabalhou e não disse nada? Olha para mim, Giacomo, diz-se que te tornaste mestre em matéria de mulheres e doutor sapiente em matéria de amor; olha para mim; trouxe ao mundo dois filhos, tive três desmanchos, depois de ter

passado em vão noites inteiras de joelhos diante da Virgem pedindo-lhe um bom parto, olha para mim, trago as marcas do tempo estampadas, bem sei, como sei que há outras mais novas que se requebram e dão às ancas melhor do que eu e, no entanto, tal como me vês, achas que sou uma mulher de que um homem precise de fugir?... Olha para mim!», exclamou ela com uma voz forte e áspera, abrindo em seguida a capa de pele. Trazia um vestido de seda malva, um xaile de renda de Veneza a cobrir-lhe os cabelos castanhos, uma fivela de ouro fechava-lhe o vestido no peito maduro mas belo e proporcionado; era uma mulher alta e com músculos perfeitos, carnes rijas e de boa raça, sem uma onça de gordura – uma mulher de quarenta anos com braços roliços e brancos, com o queixo orgulhosamente levantado: tal era a mulher que Giacomo tinha à sua frente. Inclinou-se como que por instinto diante dela, com galantaria e um respeito cheios de solicitude. A vénia fez corar o belo rosto inteligente e sazonado da mulher. «Nada de cumprimentos», disse ela mais baixo, com embaraço. «Não vim do meu domínio até Bolzano, pela neve, para mendigar os cumprimentos de um estrangeiro. Não preciso de ser consolada. Sei o que sei. Sou uma mulher, sinto os olhares dos homens; até mesmo nos olhares mais insolentes e descarados, adivinho paixões sinceras; até mesmo nos olhares mais tímidos, adivinho paixões prudentes. Sei que, durante alguns anos ainda, sou capaz de proporcionar uma felicidade sem defeito a um homem que me ame. Mas então porque é que», disse muito mais baixo e numa voz trémula, apertando de novo a capa contra o peito com um gesto friorento e envergonhado, «porque é que não consigo o que queria?...» Agora falava num cicio, engolindo a custo a saliva, como se reprimisse as lágrimas. Falava com humildade, e da sua voz estava ausente qualquer altanaria toscana. «Que deveria eu ter feito?... Dei-lhe tudo o que uma mulher pode dar a um homem, a paixão e a paciência, os filhos e a aventura, a paz e a segurança, sim, estrangeiro, tu que, segundo se diz, sabes de amor como os ourives sabem de ouro e prata, faz-me perguntas, sonda-me o coração, julga-me e dá-me um conselho. Que deveria eu ter feito? Humilhei-me, Giacomo, fui amante e cúmplice do meu marido, compreendi que havia para ele outras mulheres porque é essa a natureza dele, compreendi que o atraía e que ele me procurava para fugir do mundo, da paixão, da aventura, pois ao mesmo tempo é covarde, pois já não é jovem, pois anda com os cães da morte no encalço, e já me aconteceu desejar vê-lo velho para o ver por fim ser meu,

para que a gota o atormente enquanto eu lhe ponho compressas nas pernas nodosas... Sim, já o desejei velho e doente, que a Virgem me perdoe e Deus tenha piedade de mim! Dei-lhe tudo. Responde-me se fores capaz; que mais deveria ter-lhe eu dado?...»

Fizera a sua pergunta com soluços na garganta, suplicante, modestamente e baixinho. Ele continuava pensativo. Com os braços cruzados diante da mulher, disse num tom cortês e irrevogável, como um veredito:

– A felicidade, *signora*.

Ela curvou a cabeça e levou o lenço aos olhos. Sem uma palavra, chorava em silêncio. Depois suspirou fundo e, com uma voz humilde e trémula, disse:

– Sim, tens razão. Só a felicidade é que eu não soube dar-lhe.

Continuando a curvar a cabeça, mexia distraidamente com as mãos belas e delicadas na fivela de ouro do peito. Depois acrescentou de olhos no chão:

– Não achas, estrangeiro, que há uma espécie de homens a que não se pode dar a felicidade? Talvez seja justamente por isso que eu o amo. Há uma espécie de homens cuja virtude, cujo encanto, cuja atração residem na sua completa incapacidade de serem felizes, homens de todo surdos à felicidade, e que, da mesma maneira que os surdos não ouvem a doçura da música, desconhecem a doçura da felicidade... Tens razão, ele nunca foi feliz. E contudo, vê lá tu, esse homem que é apesar de tudo o meu, diante de Deus e diante dos outros homens, também não descobriu a felicidade noutro lado, apesar de a ter procurado sem descanso, durante cinquenta anos, como o pesquisador de ouro procura o tesouro enterrado no seu próprio jardim, esquecido do lugar do esconderijo. Passou a vida toda a cavar à volta de nós... Viajou à procura de felicidade; eu vendi os meus anéis e enfeites para ele poder viajar, pois, podes crer-me, eu não queria outra coisa que não fosse vê-lo feliz: ele que descubra a felicidade, pensava eu, a bordo de um navio, sobre as águas ou em cidades estrangeiras, ou ainda e até nos braços de mulheres negras ou amarelas, se for esse o seu destino... Mas ele voltava sempre para mim e sentava-se ao meu lado, pedia vinho, ou punha-se a ler, ou partia durante uma semana com uma criatura qualquer de cabelo pintado, de preferência uma atriz. É assim, ele. Que posso eu fazer? Desprezá-lo? Matá-lo? Ou sou eu que devo ir-me embora, suicidar-me?... Todas as manhãs depois da missa, na nossa igrejinha, fico muito tempo ajoelhada diante do Salvador, podes crer-me, e interroguei muito o meu

coração antes de te vir ver, enlutada e ferida. Mas agora vou voltar para minha casa e não tornarei a ser ferida. Tens razão, não lhe dei a felicidade. Agora, já só quero servi-lo. Mas não julgas – diz-mo, pelo coração de Jesus! –, não crês que não foi inteiramente por culpa minha e que há homens que são incapazes de conhecer a felicidade? Tudo o que fazem é procurá-la, com curiosidade e tristeza, nos braços das mulheres, na ambição, na sociedade dos outros, em rixas assassinas, no brilho do ouro, procuram-na por toda a parte e apesar disso sabem que a vida pode dar-lhes tudo exceto a felicidade. Não conheces nenhum homem assim?...

Proferiu as últimas palavras em voz alta, com uma voz exigente e firme. E foi a vez de ser Giacomo a baixar a cabeça.

– Sim – disse. – Descansa. Conheço um. Está aqui à tua frente.

Abriu os braços e fez uma reverência profunda, como que para significar que a consulta terminara. Ela fitou-o demoradamente. Com os dedos trémulos, prendeu as patas de marta da capa e, ao dirigir-se para a porta, disse baixinho, como se falasse de si para si, à laia de adeus:

– Sim, eu senti-o... Quando entrei neste quarto, senti que tu eras um homem dessa mesma espécie. Talvez já o tivesse sentido lá em casa, antes de me pôr a caminho em plena tempestade de neve. Mas bem vês, ele está tão só e tão triste... Há uma tristeza de uma espécie que não podemos consolar, é como se alguém chegasse sempre atrasado a um encontro divino e, depois disso, nada mais contasse a valer. Sabes muito mais sobre ti próprio do que ele, compreendo-o pela tua voz, vejo-o pelos teus olhos, sinto-o no teu ser. Porquê, Giacomo?... Que desgraça aconteceu aos homens assim? Talvez a razão seja para eles um castigo divino e eles conheçam os sentimentos e todas as emoções humanas não com o coração mas só com a razão?... Já tenho pensado nisso. Sou uma mulher simples, Giacomo; não abanes a cabeça e não sejas amável, sei porque digo o que digo. Digo-o sem falsa modéstia, porque sei que existe uma outra cultura, fora do domínio orgulhoso da razão; o coração também tem uma cultura, e essa cultura é importante, importantíssima... Olha bem, fui eu que te vim pedir conselho, e agora sou eu quem te lamenta ao despedir-me. Quanto te devo?...

Do forro da capa, extraiu uma bolsa comprida bordada a fio de prata e estendeu-lha com um gesto de embaraço.

– De ti – disse ele, inclinando-se uma vez mais, como se lhe agradecesse

a graça de uma dança, com os joelhos levemente fletidos e os braços abertos – não aceitarei dinheiro.

Proferiu estas palavras com generosidade, humildade e contudo com tal orgulho que ela se voltou para ele.

– Porquê? – perguntou por cima do ombro, com a cabeça virada para trás.
– É disto que vives...

Ele sacudiu os ombros.

– Pagaste com a tua própria pessoa e com a tua vida, minha amiga. Quero que um dia possas dizer que sempre conheceste um homem que te deu alguma coisa sem nada querer em troca.

Acompanhou-a até às escadas e, na penumbra, no momento do adeus, olharam-se ambos, rostos graves e olhos desconfiados. Ele levantou bem alto a candeia, alumando o espaço em volta para se despedir da cliente, pois estava já escuro e havia morcegos a esvoaçar nas escadas da estalagem do Veado.

¹ Em francês, no original húngaro. (*N. da ed. fr.*)

O CONTRATO

Estava escuro, tocavam os sinos da igreja de Santa Maria, e nas funduras, na penumbra da sala de jantar do Veado, andavam já a pôr as mesas para o jantar por entre um tinir de pratarias e vidros, quando Giacomo ouviu o guizalhar das campainhas de prata de um trenó. Foi por isso que ficou um instante sem se mexer, debruçado da balaustrada, apurando o ouvido, pairando como um morcego por cima do mundo, na penumbra, semelhante a um animal cuja vida apenas começa quando se aproximam os sons e as luzes cambiantes da noite. O trenó parou à porta do Veado, ouviu-se alguém a chamar, os criados acorreram com archotes, velas na ponta de compridas hastes, e, na sala de jantar, o tilintar delicado e o rumor familiar emudeceram, esses ruídos que ele gostava de ouvir nas albergarias das cidades estrangeiras, nos corredores, quando descia do quarto em bicos de pés, com os seus sapatos de fivela de ouro, as suas meias de pano branco esticadas nas barrigas das pernas musculosas, com uma casaca violeta, fina espada de punho doirado, capa de seda negra até aos calcanhares, cabelos cuidadosamente empoados, anéis nos dedos e, nos bolsos, moedas de ouro embrulhadas numa bexiga de peixe e cartas marcadas: assim, pronto a enfrentar o serão, o mundo, a aventura, com o coração cheio de curiosidade e de tristeza, que são uma só e mesma coisa, nas pontas dos pés, deslizava lançando os seus olhares indiscretos pelas escadas e corredores da estalagem, e sabia que, nos diferentes quartos da cidade, à luz fuliginosa das velas, havia mulheres sentadas diante dos espelhos, puxando com um gesto vivo as fitas de seda das blusas, pondo flores no cabelo, esfregando o corpo com pó de arroz e perfume ou compondo um sinal no rosto, e nos teatros, os músicos tinham já começado a afinar os instrumentos, o fumo acre e amargo das lâmpadas de azeite espalhava-se pelo palco e pela sala, e toda a gente se preparava para viver, para a noite misteriosa e solene: ele gostava então de parar nas escadas da hospedaria para ouvir o tilintar e ressoar dos

talheres, dos copos, das pratas e das louças entrechocando-se. Porque para ele a coisa mais bela da vida, fosse em que parte fosse do mundo, eram os preparativos da festa, o prelúdio, esse vaivém de movimentos carregados do pressentimento solene do inesperado e do imprevisível. Vestir-se por volta das oito, quando os sinos das igrejas se calam e mãos brancas surgem nas janelas das casas, fecham as portadas com um gesto sensual e misterioso, excluindo o mundo e protegendo uma intimidade que é sempre conjura e separação do mundo; vestir-se e aprontar-se para o serão com esse pulsar leve e delicioso do peito que recorda todas as possibilidades que há em nós, as possibilidades de felicidade e de aniquilamento, andar com um passo seguro e ligeiro por entre as casas, a caminho das praias duvidosas do mundo que se tolda: era aquele o momento predileto do seu dia. Então o passo de Giacomo mudava, o ouvido tornava-se-lhe mais fino, os olhos brilhavam-lhe e até no escuro eram capazes de ver. Nesses momentos, sentia-se inteiramente homem e, no sentido complexo e sem sombra de humilhação do termo, sentia-se um pouco como uma fera, após o pôr do sol, quando as presas se dirigem para os vaus e bebedouros, e o animal feroz, imóvel e silencioso nos matagais, ouve as vozes do crepúsculo, levanta a cabeça e olha. Era por isso que ele ouvia os estalidos, os tinidos e o afã cujo som lhe chegava do restaurante. Nesses momentos, o mundo ficava por um instante em festa; e que sentimento faz bater mais ardentemente e mais misteriosamente o coração dos homens do que a festa e a febre da expectativa?

Mas o guizalhar passou. Ouviram-se pés que se arrastavam e depois pernas lestras, sapatos de madeira que corriam. «Um hóspede de condição!», pensou com a ponta da língua de fora para humedecer, numa complacência rápida e sequiosa, o lábio inferior ressequido. Sentia toda a excitação da casa: para o seu ouvido apurado, a palavra «hóspede» era uma das palavras mágicas do mundo dos homens, do mesmo modo que o eram presa, troféu, surpresa, possibilidade, numa palavra, tudo o que de melhor nos pode tocar. «Um hóspede de qualidade!», pensou com uma aprovação cúmplice e uma agradável emoção. A luz dos archotes iluminava o andar de cima, caíam as palavras breves de uma conversa dura e surda, o hóspede devia estar já na entrada, com o estalajadeiro do Veado a desfazer-se em vénias diante da sua pessoa, a ouvir-lhe as palavras imperiosas e a prometer-lhe todas as maravilhas do céu e da terra. «Um hóspede difícil!», pensou com uma

reprovação de entendedor e todavia aprovando inteiramente o hóspede, pois ele próprio era um «hóspede difícil», gostava de regatear demoradamente e de atormentar os patrões dos restaurantes, de ir à cozinha verificar o aspeto do capão, da truta ou do lombo de cabrito-montês anunciados, de controlar a sua qualidade, de fazer com que lhe trouxessem da adega as garrafas de anos célebres encomendando-as, em voz alta, de cheirar ponderadamente a rolha, de recusar com um desdém soberbo a mistela servida, de mandar abrir outra garrafa, de provar com atenta gravidade as gotas de sangue dos vinhos de França ou do Sul de Itália, encorpados como azeite, para acabar por aceder a um deles, como que por caridade, displicentemente, e de, em seguida, nas escadas da adega ou à porta da cozinha, se virar uma vez mais para lembrar ao estalajadeiro, com o indicador espetado, a voz ameaçadora e ríspida, que tivesse cuidado e fizesse com que as castanhas do recheio do peru começassem por ser cozidas em leite com baunilha, e com que o Borgonha fosse posto a aquecer no seu estojo de palha exatamente quarenta minutos antes do festim; e só mais tarde se sentava à mesa franzindo altivamente os olhos como um míope, um pouco fatigado e satisfeito, para lançar um olhar circular pela sala cuja disposição, móveis, quadros e caráter nacional ou internacional pouco interessam ao «hóspede difícil», pois o mais duro está já feito e basta agora conseguir que os criados se mantenham sempre a uma distância de dois passos, suficientemente longe para não ouvirem o sussurro das conversas, e suficientemente perto para se precipitarem, ao mais pequeno sinal dos olhos, em direção à mesa e se incumbirem sem tardança das tarefas devidas. «Estão a negociar», pensou ele, porque as duas vozes – uma, dura, e a outra, a do estalajadeiro, humilde, segredando com zelo – não se calavam.

«Um hóspede do campo!» E pôs-se a refletir. Veio-lhe ao espírito que nessa noite havia baile em casa de Francesca, um baile de máscaras para o qual estavam convidados todos os fidalgos da região. Na cidade, falava-se muito do baile; havia dias que todos os alfaiates, costureiros, sapateiros, lojistas de novidades e fitas, todas as costureirinhas e todos os cabeleireiros se queixavam com vaidade de não poderem mais de trabalho; havia três dias que ele reclamava em vão as duas camisas de rendas do seu traje de cerimónia, uma vez que a lavadeira estava a engomar, a lavar e a brunir as peças raras e nobres convocadas pelo baile de Francesca, e toda a cidade fervilhava de preparativos para a grande festa, com essa atividade

maliciosamente alegre e febril que emana dos divertimentos e se apodera até, de modo misterioso e estranho, dos que não têm participação direta nos festejos... É provável, pensou Giacomo, que haja muita gente que após o baile venha ficar ao Veado: o tempo está de borrasca, os lobos quase devoraram a senhora da Toscana, é pouco verosímil que depois do baile, de madrugada, os fidalgos da região e as esposas se ponham a caminho nos seus trenós almofadados, cruzando as montanhas cobertas de neve. Também ele, este hóspede difícil, deve ter vindo para o baile, pensou com resolução e com um ciúme tão ávido como inesperado, como alguém que descobre de súbito que foi excluído de um lugar onde desejava ir. O sentimento sofrido surpreendeu-o. Sentia-se ferido como quando era criança e os adultos tramavam grandes planos que lhe passavam por cima. Sacudiu os ombros, ouviu por um instante mais a discussão do hóspede com o estalajadeiro e virou costas a caminho do quarto.

– Ninguém me recomendou! – disse a voz dura, imperiosa, lá em baixo, ao fundo das escadas. A resposta foi muda; Giacomo julgou ver o estalajadeiro cruzar os braços diante do peito e jurar, com o busto inclinado para a frente, olhos no céu, que tudo seria feito segundo a vontade do hóspede. Mas ao ouvir aquela voz ele próprio se deteve à entrada do quarto. Aquela voz era-lhe familiar, íntima e terrivelmente familiar, como só o podem ser as inflexões das vozes que nos tocam de muito perto. Aquela familiaridade era para ele como que uma agulha magnetizada, uma bússola, a meio da sua vida; não podia perder-se; e levantou a cabeça, com as narinas e os ouvidos frementes de atenção. Ali estava Giacomo, à porta do quarto, com uma mão no puxador, o corpo tenso, com uma atenção grave e quase respeitosa impressa no rosto, como alguém que pressente o seu destino. Sabia já que os passos lentos, compassados, regulares, que ressoavam nas escadas lhe diziam respeito, sabia já que a voz que subia das profundidades, do desconhecido, lhe trazia uma mensagem pessoal, sabia que o hóspede, «o hóspede difícil», se encaminhava para ele e que a constelação da sua vida em breve se modificaria uma vez mais, mas não pela última vez. Foi por isso que respirou fundo e se endireitou. Por um momento, como sempre em situações semelhantes, instintivamente, com um estremecimento nervoso mais forte do que o juízo da razão, pensou em precipitar-se para o quarto, saltar pela janela, descer pelos tubos dos algerozes do Veado e mergulhar na noite e na tempestade, como talvez

devesse fazer, pois aquilo era tudo o que ele temia: aquela voz «familiar» que subia até ele pelas escadas, na penumbra; Giacomo nada temia com efeito, senão a inevitável «familiaridade» que emanava do ser das mulheres, ou dos homens que eram posse das mulheres; gostara de se bater na Toscana, com o tronco nu e ao luar, florete na mão, contra velhos ciumentos e loucos de raiva que manejavam perigosissimamente a espada; saltava com desenvoltura dos telhados das casas e rolava durante as rixas com os vadios dos canais no chão das tavolagens: tudo o que temia era aquela «familiaridade» no fundo da qual se escondia sempre o mesmo sentimento; tinha medo, porque sabia que qualquer sentimento, e em particular aquele, era uma amarra e um emaranhado de nós. Era isso que o assustava um pouco. Era por isso que lhe acudia ao espírito a ideia de entrar no quarto, pegar no punhal e saltar pela janela. Mas sabia também que, justamente, não era possível escapar por completo àquela «familiaridade», que não era possível evitar sem beliscadura uma armadilha que tal.

Por isso se detivera no limiar do quarto, sentira frio nas costas, tinha os cabelos eriçados de medo e expectativa, espreitava por cima do ombro, sondando a penumbra com um olhar atento, penetrante, inquiridor, à espera do homem que lhe falaria com consabida voz familiar. Passava já das oito horas. Os passos interromperam-se, fatigados, e repousaram num patamar da escada. Nesse instante, era tal o silêncio na estalagem e no restaurante, onde cessara o tilintar dos talheres, que podia ouvir-se a neve a cair; como se Bolzano, as montanhas e as ruas brancas, o rio e as estrelas retivessem a respiração. «Há sempre um silêncio assim quando estamos a descobrir alguma coisa de fatal», pensou ele então; e sorriu da ideia que tivera, satisfeito, dado o facto de ser escritor.

O estalajadeiro vinha à frente, curvado, virando-se a todo o instante para trás, grunhia explicações e promessas, com uma vela fuliginosa e vacilante na mão, e com a cabeça calva coberta por um barrete mole de lã vermelha em forma de sacola, como outrora usavam os pastores da Frígia e, mais recentemente, os taberneiros nas suas caves de adega e os livres-pensadores de Paris e da província; trazia um aventual de couro por cima do ventre inchado como um odre, pois devia ter acabado de sair da adega onde estivera a pôr açúcar no vinho, cedendo a um mau hábito incorrigível do qual não era capaz de se desfazer; além da indumentária da sua corporação e do seu ofício, usava sempre e ritualmente uma espécie de túnica azul,

como um sacerdote pagão auxiliar usa tranças de cebola por altura de alguma festa antiga e perene. O estalajadeiro vinha à frente. Olhava para trás, tartamudeava e prometia segurança com essa humildade de artífice, essa solicitude de comédia, própria dos que servem e recebem fidalgos, e que deparam no dia seguinte de manhã, nas horas que se seguem à saída dos hóspedes, com os quartos em desordem, a cama de onde o nobre corpo se levantou, o balde de água suja, o bacio cheio de excrementos e tudo aquilo que até mesmo o homem mais requintado deixa atrás de si num quarto de estalagem. O estalajadeiro gaguejava, por conseguinte, e multiplicava as suas mesuras desdenhosas que pareciam fazer ouvir os assobios dos cinquenta anos de experiência que como homem e como estalajadeiro carregava consigo. Precedia o cortejo com três degraus de avanço, como os arautos, à noite, quando por acaso o rei, ou o príncipe de Condé, ou ainda, sim, o conde de Parma, andam em viagem... Pois era um autêntico cortejo o que seguia os passos do estalajadeiro, com quatro homens rodeando um quinto, dois à frente e dois atrás, e toda a escolta trazia nas mãos candelabros de prata de cinco braços; os criados, em casaca de seda preta e calção, corrente de prata ao pescoço, capa de carneira cujos lados balouçavam pesadamente ao ritmo do andar, tricórnio escavado, pernas hirtas, sem olhar nem para trás nem para diante, moviam-se a passo regular, quase paráliticos, como se movem as marionetas penduradas dos cordéis nos teatros da feira. O hóspede avançava devagar no meio das luzes. Examinava com cuidado cada degrau antes de o pisar, o corpo desaparecia-lhe por completo debaixo da capa de viagem malva que, como uma vela de barco, lhe fustigava os calcanhares, desprovida de todo o enfeite, à exceção de uma gola de castor que lhe recobria o pescoço e os ombros estreitos; apoiando-se na bengala de castão de prata, subia lentamente as escadas, assentando com cuidado a cada passo a ponta da bengala no degrau seguinte, como se precisasse de refletir nos movimentos com que se deslocava, e não apenas com o cérebro mas também com o coração, ou sobretudo com o coração, bem vistas as coisas, pois dir-se-ia que este último só muito a custo lograva suportar as escadas. O cortejo progredia devagar, como uma dessas procissões majestosas e complicadas onde só podem figurar os que já quase perderam a liberdade de se moverem de um lado para o outro conforme lhes agrada, escravos da sua condição, dos sinais exteriores da pessoa que são e das obrigações da posição que

desempenham entre os homens. «Com que então!», pensou o estrangeiro boquiaberto, com desdém e uma admiração involuntária, de pé na moldura da porta entreaberta do quarto, «não é impunemente que se trata de um parente do grande Luís!» E recuou um pouco na sombra do quarto, e lá se deixou ficar à espera, à entrada, com as duas mãos nos alizares, achatando-se cautelosamente no recesso escuro da porta enquanto o conde de Parma acabava de subir.

Porque o cortejo chegara ao piso de cima, ao sítio onde o corredor dobrava, e todos se perfilaram, com os criados que traziam os candelabros formando um cordão e esperando que o seu amo recobrasse fôlego. Naturalmente, Giacomo reconhecera já o conde de Parma, antes ainda de o cortejo ter subido as escadas; antes ainda de lhe ouvir a voz, já o reconhecera, pois o conde de Parma fazia parte dos seus «familiares», desses a que cada um de nós, na sua existência, se encontra ligado. Reconhecera-o havia muito, antes mesmo de o ter visto, quando a senhora da Toscana saíra do quarto para regressar à sua servidão perturbada e sem alegria, algures por essa vida fora, junto do seu marido triste que tanto gostava de viagens; reconhecera-o quando o trenó parara à porta do albergue e o estalajadeiro começara a gemer e a prometer. Poucas eram as pessoas que sabiam chegar a algum lugar daquela maneira; Giacomo admirava, na sua qualidade de entendido, aquela chegada, e admirava-a também segundo a perspectiva do estalajadeiro, do porteiro ou do rececionista, bem como do seu ponto de vista de eterno hóspede e de homem que muitas vezes chegava; assistia àquela chegada com o leve desprezo e a admiração involuntária de um profissional; aquela entrada em cena calculada segundo as regras da arte convinha à personagem, que obedecia quase cegamente ao ritual do seu ser e do seu papel, até ali, naquela hospedaria suspeita de província, por entre morcegos – como se chegasse ao seu palácio de Bolonha, no trenó coberto de neve, carregado de raposas, de lobos e de javalis abatidos pelo caminho, ou então a Paris e às portas de Voisin ou ao restaurante da Tour d’Argent, ou ainda como se a sua caleche tivesse parado diante de uma das alas do palácio de Versalhes, às portas do Trianon, onde o seu divino primo Luís tinha o seu *cercle*² e jogava ao lenço com as belas cortesãs... Fora assim que o conde de Parma chegara ao Veado; não viera, «chegara»; não subira as escadas, «deslocara-se»; não parara no primeiro piso, «aparecera» e, em tudo isso, fora como uma

aparição, uma visão do destino.

O hóspede endireitou-se, sondou o corredor escuro cujas claraboias fundas eram iluminadas pelos criados com os archotes cujo clarão parecia despedir uma dança de sombras escarlates.

O conde de Parma, parente de Luís o Grande, festejava aquele ano o seu septuagésimo segundo aniversário. «É isso, na verdade!», ajuizou tranquila e friamente o estrangeiro quando viu o recém-chegado. Não despreendeu as mãos dos alizares, mantendo a sua atitude negligente e todavia alerta – crispado, mas numa atitude despreocupada, como o banal cliente de uma hospedaria de pouco brilho, que assiste casualmente, mudo e sem paixão, à chegada talvez um nada solene em demasia de um outro cliente. «Não pode fazer de outro modo!», pensou ele encolhendo os ombros. «Quer intimidar-me!», pensou ainda, e essa ideia, que se lhe impunha de maneira irresistível, lisonjeava-lhe o amor-próprio. «Não é assim que se ajusta um quarto no Veado!» E tudo isto era verdade, todas essas acusações, todas essas suspeitas; mas nada disso afinal correspondia por inteiro à realidade; e o estrangeiro sentia-o no seu estômago e nos nervos dos dedos dos pés, sabia-o, na enfiada dos minutos arrastados que o conde de Parma passava a sondar o corredor, com a cabeça atirada para trás, antes de, com os olhos franzidos, avistar, de pé na moldura da porta, aquele que procurava. Com um ágil relance e graças a um instinto seguro, Giacomo notou com alívio que o conde de Parma chegara – tudo o indicava – sem escolta e sem armas. O seu aparecimento, o seu andar, a sua ascensão ao longo dos degraus eram mais solenes do que terríveis. Naquele fim de tarde, ou princípio de noite – naquela província, o estrangeiro ignorava como cotava a alta sociedade as diferentes horas –, enquanto no palácio todos se preparavam para o baile, para um baile, mais ainda, particularmente brilhante e maravilhoso, não fora por certo sem razão que o senhor da casa se fizera à estrada tão sumptuosamente equipado, e por certo também não se dispusera a isso apenas para ajustar o quarto de uma hospedaria duvidosa. «Naturalmente, é de mim que ele vem à procura!», pensou Giacomo, lisonjeado por finalmente aparecer alguém a visitá-lo e, para cúmulo, de maneira tão cerimoniosa. Mas, ao mesmo tempo, sabia que aquela ascensão, aquele avançar e aquela cerimónia não se lhe destinavam deveras, a ele que só estava ali de passagem e com quem o conde de Parma, muitos anos antes, numa manhã brumosa e cor de mar, trocara algumas palavras de adeus às

portas de Florença; não, a solenidade era o modo de viver perene e natural do hóspede, aquela pompa fazia parte integrante do seu ser, como a plumagem magnífica que o pavão arrasta a todo o instante atrás de si e que abre um leque quando se sente olhado. Era assim que o conde de Parma se deslocava havia muito, fosse em que lado fosse. Fez aos criados um sinal que os mandava afastarem-se. Reconheceu a silhueta que se mantinha direita na ombreira, levou aos olhos, com um gesto habitual e negligente, as lunetas presas por um fio de ouro que trazia ao pescoço e olhou demoradamente, franzindo os olhos, a sombra que acabara de entrever, como se não se sentisse ligeiramente certo de ter encontrado o que buscava.

– É ele – disse a seguir, satisfeito e lacónico.

– Sim, *Eccellenza* – disse o estalajadeiro pressuroso.

Estavam a falar de Giacomo na presença de Giacomo, como de um objeto. Tanto à-vontade divertia-o. Não se mexeu, não se precipitou para saudar o hóspede, não caiu de joelhos, e de resto porque o faria?... De momento, sentia um profundo desprendimento, uma indiferença mesclada de desprezo pelos riscos do mundo. «De que serve tudo isto?», pensou encolhendo ombros. «O velho veio correr comigo, talvez esteja disposto a ameaçar-me, a tentar comprar-me, a intimar-me a que saia da cidade sob pena de me entregar a Veneza. E tudo isso porquê?... Por causa de Francesca?... E depois, porque não me fui eu afinal de contas já embora deste buraco perdido onde nada me prende; esperei o Mensch até ao tutano e não posso contar por agora com mais auxílio da parte de Bragadin; não há por cá ninguém que aprecie a arte de uma conversa requintada e literária; conheço já o sabor a amêndoa dos beijos de Teresa; os aprendizes de magarefe armados de varapaus e cutelos passam as noites a perseguir Balbi, e os homens massacram as cartas como verdadeiros porcos. Porque estou eu aqui há seis... quantos?... há oito dias? Podia perfeitamente estar em Munique. O Eleitor de Saxe já chegou, todas as noites se joga o faraó. Porque é que então continuei aqui?...» Ruminava neste monólogo silencioso, imóvel, enquanto o conde e os criados o observavam com atenção, exatamente como se ele fosse um objeto perdido que acabassem de encontrar após algumas buscas superficiais, não levadas demasiado a fundo – um objeto não propriamente muito agradável, talvez nem muito decente afinal; e agora moíam a cabeça tentando descobrir como haviam de lhe pegar, com a ponta dos dedos ou com as duas mãos, ou talvez o melhor

fosse agarrá-lo pela orelha com um pano e deitarem-no fora pela janela?... Tais eram as eventualidades que o faziam cismar. Depois pensou de novo, sem transição: «Sim, Francesca.» E, nesse instante, compreendeu que tudo se desenrolava de maneira lógica e conseqüente, que as coisas não tinham começado apenas de véspera e que não acabariam de vez naquela noite; qualquer coisa começara um dia entre Francesca, o conde de Parma e ele próprio, outrora, havia muito tempo, e hoje eles continuavam a conversa que tinham então encetado: fora por isso que Giacomo não saíra da cidade, era por isso que estava diante do conde de Parma que o fitava, respiração curta e sibilante, à frente dos seus criados como um general antes do assalto. Pois era assim que o conde de Parma ali estava, era assim que ali estavam os seus criados, em formatura, brandindo os candelabros de cinco braços. «Hé!» disse o estrangeiro muito alto, avançando um passo em direção ao sumptuoso cortejo: «Está aí alguém que queira ver-me?»

A pergunta era cortante como um golpe de espada; porque, como era patente, havia ali «alguém», facto incontestável e manifesto, pois era impossível não o ver como é impossível não se ver uma montanha, um rio ou um palácio. Estava ali «alguém», apoiando-se numa bengala de castão de prata, com a cabeça encanecida levemente de lado; e o crânio de «alguém» encimava dois ombros largos e uma silhueta esbelta com a regularidade e simetria das bolas de marfim das bengalas de ébano em voga. Cabelos finos, sedosos e brilhantes, com uma cintilação metálica nas têmporas e na nuca, aureolavam aquele crânio perfeitamente redondo, como que afeiçoado ao torno. A pergunta ofensiva era impertinente, porque um cego teria sentido, embora nada visse, que «alguém» chegara ao Veado, e era impossível conceder a esse alguém um simples olhar de negligência, ou saltar com os olhos a cabeça de «alguém» e o seu cortejo, ou gritar: «Eh! Está aí alguém?...» – de tal maneira que os criados estremeceram de susto e o estalajadeiro horrorizado pôs a mão diante da boca e persignou-se. Só o recém-chegado não pareceu perturbar-se. Deu um passo em direção à voz que falara e, à luz viva das velas, pôde ver-se que perante aquele brado, perante aquela pergunta, um sorriso de agradável surpresa se desenhara nos seus lábios exangues, finos e cruéis. Visivelmente, a pergunta agradara-lhe. «Sim, sou seu», disse a velha voz surda, seca e contudo melodiosa. Falava baixo, como os que sabem que todas as suas palavras, ainda que as mais silenciosas, têm o seu peso e a sua força próprios. – «Tenho de falar

contigo, Giacomo.»

Passou pelos criados e pelo estalajadeiro, pôs-se diante da sua guarda de ocasião e, com um gesto, ordenou-lhe que batesse em retirada. «O trenó espera por mim», disse ele com os olhos perdidos no vago, sem olhar para aqueles a quem as ordens se endereçavam. «E vós esperai-me lá em baixo, ao fundo das escadas. Que ninguém saia daqui. Tu» – não indicou com o dedo nem sequer com um relance a pessoa a quem deste modo se dirigia, mas todos perceberam que se tratava do estalajadeiro –, «vê bem se não deixas que seja quem for venha incomodar-me. Dou-te sinal quando tivermos acabado.» Àquela ordem, os criados retiraram-se sem uma palavra; desapareceram tragados com as suas luzes pelas escadas abaixo, e foi como se a noite caísse por fim e de uma vez por todas. O estalajadeiro seguiu nervosamente os outros, tateando no escuro. Por fim, quando os dois homens ficaram a sós: «Posso pedir-te», perguntou o conde com extrema cortesia e inclinando-se ao de leve, como se falasse com um amigo íntimo ou com um parente, «que me deixes entrar por um breve instante no teu quarto? Não me demoro.»

Dissera-o numa voz quase suplicante, num tom de pedido mundano e refinado, mas apesar disso aquelas palavras tinham o som de uma ordem irrevogável. Ao ouvir o pedido, Giacomo sentiu vergonha do seu «Hé» de havia pouco e do seu «Alguém». Resignando-se ao facto de a sua visita ser de facto alguém, e sabendo que não podia evitar a conversa que se preparava, inclinou-se em silêncio e, com o braço estendido, indicou o caminho, fez entrar o conde no quarto e fechou a porta atrás de si, depois de entrar também.

– Muito obrigado – disse o hóspede ao tomar lugar frente à lareira, na poltrona que o dono de casa sem dizer palavra lhe apresentara. Estendia para o lume avermelhado as mãos finas, brancas e compridas, aquelas mãos de velho, exangues e cheias contudo de uma nobre robustez, e por um momento ficou a aquecer-se em silêncio, mergulhado no calor do quarto e na luz instável. «As escadas, como deves ter notado», disse ele em tom de confiança, «já não me entendo lá muito bem com elas. Setenta e dois, é um número levado dos demónios, que nos obriga a contar devagarinho. Estou contente por não ter subido em vão, estou contente por te ter encontrado em casa.» Cruzou as mãos com um movimento medido e sereno. «Por acaso», murmurou o anfitrião. «Não, não foi por acaso»,

respondeu o outro, com uma voz delicada e ao mesmo tempo firme. «Há oito dias que te tenho sob vigilância, e estou a par de todos os teus movimentos. Sei também que estavas em casa esta tarde, que recebeste visitas, loucos que vieram pedir-te conselho. Mas eu, meu filho, eu não vim pedir-te conselho.»

Dissera estas últimas palavras com a serenidade de um amigo mais velho que compreende todas as fraquezas humanas e só para prestar auxílio se acha presente. As palavras «meu filho», soaram terrivelmente na penumbra do quarto, como uma ameaça delicadíssima e infinitamente subtil. Fizeram com que Giacomo sentisse o perigo, se aprumasse, lançasse um olhar instintivo ao punhal e relanceasse rapidamente a janela.

– Com que direito – perguntou depois cruzando os braços diante do peito e encostando-se a um dos lados do fogão –, com que direito manda o conde de Parma vigiar-me?

– O direito de legítima defesa – disse simplesmente, quase com amabilidade, o conde. – Bem sabes, Giacomo – pois se alguém é senhor de tal sabedoria, só tu podes sê-lo –, bem sabes que além do poder temporal e oficial existe uma outra espécie de poder neste mundo. A época em que vivo e a idade que me embranqueceu os cabelos e me despojou das minhas forças dão-me o direito de me defender. A nossa época é a era das viagens. As cidades pululam de viajantes estrangeiros, a polícia arrebita a orelha, Paris informa Munique de que um estrangeiro interessante se fez à estrada para tentar a sua sorte nessa cidade estrangeira, Veneza informa Bolzano de que um dos seus mais talentosos filhos aí se deterá. Os meus homens não andam de olhos vendados, posso confiar neles, os melhores mastins são os que tenho ao meu serviço, e não os da polícia. Foram eles que me informaram, antes de a polícia o ter feito, da tua chegada. Eu poderia ter sabido dela de outra maneira ainda, uma vez que a tua reputação chegou aqui primeiro do que tu e agitou todos os espíritos. Sabes que desde que pisaste o território da cidade, a vida passou a ser menos calma debaixo dos telhados cobertos de neve?... Dir-se-ia que nas tuas bagagens transportas as emoções humanas, do mesmo modo que os negociantes de panos e sedas carregam amostras. Nos últimos dias, ardeu uma casa, um vinhateiro matou a mulher tomado de um acesso de ciúme, houve ainda outra mulher que fugiu de casa do marido. Não és diretamente responsável por nada disto. Mas, bem vês, a agitação anda contigo como o relâmpago com a nuvem.

Onde quer que chegues despertas emoções e paixão. Garanto-te, a tua reputação passa-te à frente. Hoje és um homem célebre, meu filho – disse o conde com uma admiração sincera.

– Vossa Excelência exagera – respondeu Giacomo sem se alterar.

– De maneira nenhuma – disse o hóspede com uma vivacidade crescente.
– Nada de falsas modéstias, não tens direito a elas. És um homem célebre, o anúncio da tua vinda tocou as almas, eu próprio fui notificado da tua vinda, um pouco como se a companhia de ópera de Paris estivesse a chegar para nos apresentar um espetáculo: chegaste, e há nessa circunstância qualquer coisa de ironicamente jubiloso para os homens. Chegaste há oito dias, sem vintém. A notícia da tua vinda tomou conta dos espíritos e abraçou-os. Eu próprio me senti ferido pelo dardo da curiosidade, queria ver-te, logo no primeiro dia, pensei até em fazer-te sinal e em mandar-te recado. Mas depois hesitei. Porque veio ele para cá?, perguntava-me eu. O nosso acordo continua válido e é definitivo, esse acordo que concluímos diante das portas de Florença antes de eu confiar o seu corpo ensanguentado aos médicos, e ao mundo a sua sorte. Porque ele bem sabe, pensava eu, bem sabe quem eu sou e que nunca quebrarei a minha palavra. De um modo geral, não acredito demasiado em juramentos e promessas: as palavras voam mais facilmente do que as folhas de outono. Mas acredito nos atos, e ele bem sabe que a minha palavra é um ato, prometi-lhe que o matava se ele tornasse a pôr os olhos em Francesca. E agora, cá está ele. Era o que eu dizia de mim para mim, completamente só, pois quanto mais curto é o tempo que nos resta de vida, mais se alonga o tempo que podemos dedicar à reflexão e às recordações. Ele sabe, pensava eu, que põe a vida em jogo ao vir para aqui: porque é que apesar de tudo insiste em fazê-lo? Com que fim? Amará ainda a condessa? Tê-la-á alguma vez amado?... Pergunta difícil. Ele não é capaz de lhe responder, pois ignora o que é o amor; conhece muitas coisas que se parecem com o amor, vagueia entre as armadilhas duvidosas e dolorosas da paixão e da aventura. Francesca, ambos o sabemos, nunca lhe pertenceu. Por vezes, no decorrer dos anos, quando me sentia muito só, quase chegava a pensar: foi pena. Admiras-te?... Admira-me que te admires. Há uma idade na vida, e eu, por um sábio decreto do destino e do tempo, vivo hoje os dias e os anos dessa idade, em que perdemos tudo, a vaidade, o egoísmo, a ambição fictícia, o falso medo, e em que nada mais queremos a não ser a realidade, seja qual for o seu preço. Por isso cheguei deveras a pensar: foi

pena. Porque se Francesca tivesse sido dele uma vez, uma vez só, então a minha vaidade e o meu egoísmo teriam sofrido, Francesca talvez tivesse sofrido também, mas ele, ele já estaria longe, não teria voltado a Bolzano, para onde o conduziram os seus passos assim que saiu da prisão, e eu saberia que, segundo as leis humanas, o círculo se fechara e que tivera fim aquilo que fora começado. Porque com a idade aprendemos – e é só isso tudo o que compreendemos e aprendemos com a idade – que não podemos encerrar prematuramente os assuntos humanos, mas que não podemos também deixá-los incompletos, que há entre os homens uma espécie de ordem, de princípio a que não se escapa – sim, meu filho, é mais difícil evadirmo-nos de um sentimento que não levámos até ao fim do que dos calabouços dos Piombi, durante a noite, com uma escada de corda! É uma coisa que ainda não podes saber, porque a tua alma, os teus nervos e o teu espírito são de natureza diferente. Nem sequer desejo que acredites em mim. Prometi-te simplesmente matar-te se alguma vez voltasses, se voltasses a rondar-nos e a levantar os olhos para a condessa. E serás tu capaz de acreditar, capaz de compreender, ó sábio doutor que distribuis o dia inteiro os teus conselhos aos tolos e aos feridos em troca de algumas moedas sonantes e atabalhoadas, que, depois de tudo o que se passou entre nós, ou antes de tudo o que não se passou, com a tua reputação a chegar antes de ti, e os relatórios que os meus cães de fila me apresentam, a notícia que me comunicava que uma atração fatal te estava a trazer de novo para cá, para junto da nossa vida e da nossa casa – e talvez sem que o quisesses, talvez até sem que o tivesses previsto, mas submetendo-te somente a uma lei tão poderosa como a que determina a viagem da lua à volta da terra, ao deixares que os teus primeiros passos te conduzissem para nós –, acreditarás se te disser que ao ouvir essa notícia foi alegria o que senti?... Sim, Giacomo, alegria e alívio. Compreendes?

– Não – disse ele com curiosidade.

– Farei o melhor que puder para que compreendas – respondeu o conde diligentemente, com uma cortesia de mau agoiro, muito pouco tranquilizadora. – Dizer que me regozijeii talvez não seja muito preciso. A nossa maravilhosa língua que os beijos de Dante, o seu grande apaixonado, despertaram para a vida literária, nomeia por vezes certas noções de maneira demasiado brutal. Dizer que me regozijeii é servir-me de uma expressão banal, contendo uma espécie de ressonância quotidiana, como

quando esfregamos as mãos e rimos. Não esfreguei as mãos ao saber da tua vinda nem me pus propriamente a rir: senti antes esse bater do coração e essa leve excitação que evocam vagamente a alegria, e que dela se aproximam sem dúvida, porque as emoções humanas se alimentam, todas elas, da mesma água profunda, quer à superfície se manifestem por meio de ondas em fúria, quer por meio de um leve encrespar-se. Senti-me tocado, *touché*, poderia eu dizer com mais rigor empregando um termo de esgrima e de duelo sentimental, numa língua vizinha da nossa e que por certo conheces tão bem como eu; houve alguma coisa que me tocou, direi eu, pois, e muito certamente; tu que és escritor, segundo tenho ouvido dizer e como o teu secretário e acólito repete pela cidade, saberás sem dúvida compreender e apreciar a expressão. Quando soube que eras escritor – porque Bolzano é uma cidade pequena, e aqui as fraquezas humanas nunca permanecem secretas por muito tempo –, fiquei agradavelmente surpreendido; nunca duvidei da tua vocação, acreditava que terias uma missão particular entre os homens, mas antes de saber que eras escritor, a tua personalidade, para falar sinceramente, nunca me fizera supor que viesses um dia a assumir esse papel e esse dever; imaginava-te antes como alguém cujo destino e cujo temperamento são eternamente noivos da matéria bruta da vida, alguém que escreve com sangue, e não com tinta. Porque o acessório da espécie a que pertences é mais o sangue do que a tinta, Giacomo; não o ignoras por certo, espero eu...

– Vossa Excelência julga-me depressa de mais – disse Giacomo com altivez. – Um artista precisa de muito tempo e de muitos esforços para conhecer a matéria da sua predileção.

– É verdade – respondeu o conde com uma prontidão impressionante e uma adesão levemente suspeita e servil. – Perdoa-me! Onde tenho eu a cabeça? Bem vê, estou a ficar velho! Esquecia-me de que o génio criador, sendo o artista apenas uma sua encarnação, não escolhe, coloca arbitrariamente uma pena, um cinzel, um pincel, ou uma espada na mão do combatente eleito. Pensas sem dúvida que o grande Buonarroti ou Leonardo, com o seu génio múltiplo, esses filhos das nossas cidades – como tu também, que és dos nossos – manejavam com igual agilidade a pena, o cinzel e o pincel; sim, na sua curiosidade magnífica e terrível, Leonardo chegou até a pegar num bisturi para poder, de noite e às escondidas, visitar os segredos do corpo humano, e construiu bordéis e fortalezas; Buonarroti,

o semideus colérico e monstruoso, escrevia sonetos, esboçava cúpulas – mas que esboços e que cúpulas, Giacomo! –, desenhava abóbadas e túmulos, e entretanto, como que para desentorpecer os dedos, pintava o Juízo Final! Os artistas são assim mesmo! A alma desabrocha e o coração contrai-se quando sondamos o infinito de semelhantes possibilidades, e o comum dos mortais sente-se presa de vertigens perante uma imensidão assim. É nesse sentido que dizes que és escritor?... Oh, compreendo agora, sim. É um sentido profundo, meu filho, e que me explica muita coisa: por meio dessa palavra, entendo a minha pátria e a minha raça, e tu és igualmente expressão delas, sim, à tua maneira, como o disseste ao teu secretário, que fielmente transmite todas as tuas palavras a toda a cidade; és um escritor que molha a pena sucessivamente no sangue e na tinta; mas, de momento, a julgarmos pelos resultados e obras concluídas, o profano sente-se inclinado a pensar que escreves sobretudo com ferro e sangue. Não o negues! Quem compreenderia melhor esse género do que eu, cujos antepassados criaram obras de arte com sangue e espada, e nós, nós os dois, quando pela última vez nos encontrámos frente a frente, de espadas na mão, a meio de um diálogo não escrito mas de conceção apesar disso perfeita, nós fizemos a mesma coisa, e nessa altura, ao luar, pensámos que tínhamos chegado a um ponto final e concluído o diálogo. Compreendo-o agora – disse o conde com uma satisfação duvidosa. – És, portanto, escritor. Um escritor que percorre o mundo e recolhe materiais para a sua obra! – Franzindo os olhos lacrimejantes, o velho abanava a cabeça com uma aprovação quase entusiástica, com uma pueril alegria de velho, como se acabasse finalmente de compreender as correspondências e acreditasse apesar de tudo que o homem que estava a visitar era um escritor, enchendo-o tão singular descoberta de um espanto e de um júbilo extraordinários. – E agora pões fim aos teus anos de errância! São os anos maiores, sim... também eu, no meu tempo... claro, não suporto a comparação, pois não produzi qualquer obra, não, nem sequer à minha maneira, a minha obra reduz-se à minha vida, que tive de preencher segundo certas regras, princípios e leis, e doravante, ai de mim, quase consegui. Digo «quase», e suplico-te, meu filho, não o consideres uma cogitação extravagante: pois também eu aprendi que devemos usar as palavras mais certas de que formos capazes, ao longo da vida, se quisermos que as palavras ganhem algum valor. Disse «quase» porque, bem vêes, eu que não sou escritor, estou neste

instante em luta com as palavras, e quando me sento diante de ti, diante do escritor, sinto ao mesmo tempo a minha impotência e a dificuldade, a minha dificuldade, quando queria exprimir tudo e fazê-lo bem: nada é mais fascinante do que conseguirmos uma expressão sem ambiguidades, sobretudo quando sabemos que as nossas palavras são definitivas e que por trás das nossas frases está a morte. Quero eu dizer, a morte iminente, a tua morte ou então a minha – disse ele serenamente, em voz baixa.

Como não obtivesse respostas, olhou as brasas vermelhas e negras, com a cabeça descaída de lado; depois inclinou-a levemente da esquerda para a direita, por cima dos ombros, como que surpreso e perdido no seu relembrar.

– Não é uma ameaça, Giacomo – disse a seguir, numa voz um pouco mais grave, mas sempre da mais amistosa das maneiras. – Entre nós, as ameaças deixaram de ter cabimento. Gostaria apenas de saber que me compreendes. Foi por isso que disse: quase. Falo da morte, no sentido literal e imediato dessa noção, e quero apreciar as suas belezas filosóficas evocando-lhe o sentido obscuro. Falo da morte iminente e pessoal, que pode agarrar-nos a qualquer momento se não conseguirmos entender-nos de uma maneira ou de outra, segundo os usos e ardis humanos. Porque, bem vês, já não sinto vontade de atacar: a agressão nada resolve entre os homens. Aprendemos tudo sempre muito tarde. Um ataque não pode desembocar em acordo, e a defesa só é um acordo quando defendemos alguma coisa com direito a fazê-lo e por meio da razão: por conseguinte, fazendo-o não apenas com a espada, através de um assalto e sob a influência de uma bela emoção, mas por meio também da razão e dos seus movimentos equilibrados e sensatos. Que idade tens tu agora? Quase quarenta anos?... É a melhor idade para um escritor. Sim, uma idade grandiosa, Giacomo, digo-to sem inveja, mas antes com a voz da memória, pois é falso que a vida que passa nos faça chorar o tempo perdido – e, de resto, será alguma vez realmente perdido o tempo? Rogo-te uma vez mais, corrige a minha ignorância, tu, ó escritor. Sim, estará deveras perdido o passado a que colamos a palavra leviana, falsamente comovida e sem sombra de justiça, que o diz perdido? Estará perdida a juventude que se escapou como uma lebre, a idade madura sobre a qual um belo dia anoitece, numa palavra, o tempo que passou sobre nós, mas que foi apesar de tudo o nosso tempo e que possuímos como se possui um objeto? Não, o passado é real, é inútil chorarmos sobre o tempo que

passa; só o futuro suscita em mim a dúvida e uma certa emoção, uma emoção que talvez se assemelhe ao lamento; o futuro, por muito particular e ridículo que na minha idade isso pareça! Mas não tenho a nostalgia do meu passado, que foi para mim rico e cheio. Não tenho a nostalgia da minha juventude, toda ela recheada de ideias falsas e palavras imprecisas, essa juventude em que eu tinha o coração e a razão cheios de erros tocantes e frágeis, altivos e confusos, adolescentes e borbulentos, e contemplo com satisfação as paisagens desaparecidas, banhadas pela luz de ouro da idade madura, pois nada lamento do que foi. Não há coisa mais perigosa do que apiedarmo-nos, com uma compaixão instintiva e mentirosa, de nós próprios, essa compaixão é a origem de todos os males e de todas as misérias humanas, confundindo-se de resto com a estupidez, origem comum de todas as lamentações. O que passou passou, e até isso continua presente; a vida – graças aos seus maravilhosos meios de conservação, mais complicados do que os utilizados outrora pelos sacerdotes orientais nos seus embalsamamentos ou pelos empalhadores da nossa época em vista da conservação dos corpos orgânicos –, a vida guardou para mim um passado riquíssimo e onde fulgura a repulsa pela posse. Mas o futuro interessa-me, meu filho – disse ele muito alto, quase a gritar. – E tens de o compreender, tens de o compreender bem, meu escritor.

Era visível que o conde não esperava resposta. E na sua voz, enquanto repetia tenazmente a palavra: «escritor», não havia vestígios de ironia. Aprovava naturalmente que o escritor estrangeiro pusesse fim aos seus anos de errância e recolhesse materiais para a obra que escreveria um dia – e porque não em Bolzano, onde viviam o conde e a condessa de Parma? – como se aceitasse com uma pressurosa generosidade aquela explicação, como alguém que, num baile de máscaras, diz ao vizinho com um amável piscar de olhos: «Reconheci-te, mas não digo nada, podes falar como e do que quiseres.» Na realidade, todavia, o anfitrião continuava a calar-se e só o seu hóspede falava. Ao cabo de um breve silêncio, este último prosseguiu:

– O futuro interessa-me porque a vida ainda não acabou por completo. Também eu gosto das histórias que se encerram e terminam, não sois vós os únicos que assim as preferis, vós, os poetas! O mundo e a natureza humana reclamam-no: o poeta e o leitor exigem que a história termine deveras, como deve ser, de acordo com as regras externas e internas, exigem que a frase chegue a um ponto final e que se ponham todos os pontos nos ii. Não

pode ser de outra maneira. É por isso que repito de novo a mesma palavra de há pouco, como se ela de alguma coisa nos valesse nesta história: «quase». É preciso dizer e fazer qualquer coisa ainda antes que a história termine, esta história que é apenas uma entre centenas e centenas de milhões de outras histórias humanas, e tão banal que talvez não consiga sequer lugar na obra que escreverás um dia e para a qual estás a coligir materiais; mas para nós os dois, ou para nós os três, talvez isto seja mais interessante do que tudo o que alguma vez os homens escreveram por meio da pena ou da espada, mais interessante do que a visita que o divino poeta fez ao inferno. Quanto a nós, ficamo-nos por este mundo, porque, para nós, é do maior interesse estar aqui. E o que pode acontecer ainda, aqui onde estamos, para que a frase termine e os pontos sejam postos em todos os ii – ressaltando apenas que a composição e remate da nossa história, de nós os dois, ou de nós os três, poderão ser ou inutilmente sombrios e enlutados ou humanamente alegres e razoáveis –, só de ti, como todos os finais, isso depende, só de ti, do escritor. Como vês, vim visitar-te apesar do mau tempo, embora a gota me incomode e não goste de sair depois do sol-posto do meu quarto, onde tenho os meus hábitos e um bom fogão por reconforto. Não teria vindo se não fosse, agora ou nunca, o momento em que era necessário fazê-lo. Porque, podes crer, na minha idade, os ossos estalam sob o peso dos anos, das feridas causadas pelas palavras e pela experiência, e cria-se um sentido do tempo, uma espécie de ordem, um tato e uma capacidade de discernimento, que nos dizem até quando podemos esperar e quando se torna, infelizmente, necessário agirmos... É por isso que aqui estou, porque chegou o momento. Foi por isso que vim, enquanto em minha casa todos se preparam para a festa: os criados aprontam as mesas, os músicos afinam os instrumentos, toda a gente se mascara, e tudo isto da forma devida, segundo as regras do jogo e da alegria de viver, sem que vá ser eu a negar agora que o que está a ser feito está a ser feito para meu prazer: pois não há nada que me agrada tanto como ver do meu canto, por trás de uma máscara, a festa insensata e rodopiante da vida. Aliás tenho de voltar depressa, pois ainda me não mascarei para a função. Queres saber qual será o meu disfarce, Giacomo? Se fores a nossa casa esta noite – pois espero que vás e que consideres estas minhas palavras como um convite se bem que tardio –, hás de reconhecer-me sem dúvida por trás da minha máscara, que será absolutamente original, embora, tenho de o confessar,

não seja invenção minha: descobri a ideia num livro, numa peça em verso escrita não numa das nossas doces línguas latinas, mas nessa língua mais rude e mais intensa dos nossos primos britânicos; dei com o livro o ano passado na biblioteca do meu primo e senhor, em Marly, e não posso negar que a história me impressionou, se bem que não me lembre já do nome do seu autor; tudo o que sei é que este último foi outrora ator e saltimbanco na pequena cidade de Londres, nos tempos da nossa distante e provinciana prima Isabel, era a bruxa medonha. Numa palavra, esta noite usarei uma cabeça de burro; assim poderás reconhecer-me, se compareceres e abrires os olhos. Uma cabeça de burro – gostas da ideia? Bem vês, na peça, aquele que usa a cabeça de burro é o mesmo que a heroína, a rainha da juventude, uma tal Titania, aperta contra o seu peito; ela, a heroína da beleza e da juventude, cobre a cabeça de burro de beijos ardentes, com essa emoção cega que é o único sentido do amor.

«É por isso que enfiarei, também eu, esta noite, uma cabeça de burro – por amor da esperança que te disse e talvez também por outras razões, pois quero que as pessoas trocem de mim, anónimo e mascarado, quero, pela primeira vez em toda a minha vida, quero ouvir, com as minhas orelhas de burro, rir a multidão ataviada – excelente máscara, não achas – no interior do meu próprio palácio, no ponto culminante da minha vida, antes que a frase termine e que ponhamos todos os pontos nos ii. – O conde falava num tom orgulhoso e cortês, mas a sua voz ressoava como o ferro das espadas que se cruzam, como o som das lâminas que embatem. – Pois quero ouvi-los a todos, rirem-se de mim, o apaixonado de cabeça de burro, no meu próprio palácio. E porquê? Porque chegou o tempo, o momento, Giacomo; chegou sem se apressar, sem estugar o passo, de acordo com as suas qualidades próprias, no instante marcado para que batesse à porta; chegou o tempo para mim de pôr a cabeça de burro, como convém aos apaixonados da minha espécie – e ponho-a porque, na minha situação, se escolher entre as diversas cabeças de animal, a cabeça de burro é afinal de contas a mais simpática e a menos ridícula, sendo além disso possível que pela manhã ponha outra, por exemplo, uma armação de veado, como pretende essa expressão sarcástica e maliciosa da fala do povo, que nunca cheguei a compreender lá muito bem. Sim, na verdade, porque é que se diz de um marido mal-amado e enganado que é cornudo?... Talvez mo possas explicar tu, uma vez que és filólogo e escritor.»

E o conde ficou pacientemente à espera, piscando os olhos, com as mãos cruzadas, um pouco inclinado para diante na poltrona, como se aquele problema linguístico, a explicação dessa expressão sarcástica e maliciosa do falar do povo, o interessasse a valer. Mas o anfitrião, à laia de resposta, encolheu os ombros.

– Não sei – disse por fim, em tom frio e comedido. – É o nome que o falar do povo lhe dá. Hei de fazer essa pergunta a Voltaire se o meu caminho lhe passar à porta, em Ferney, e com o vosso consentimento, enviar-vos-ei depois a resposta que ele me der.

– Voltaire – disse o hóspede com uma voz entusiasmada. – Excelente ideia! Sim, pergunta-lhe porque é que a língua enfeita com cornos os maridos enganados e manda-mo dizer! Mas pensas que Voltaire, que conhece na perfeição os segredos da língua, conhece igualmente, na prática, em Ferney, essa noção?... Trata-se de um espírito frio, o seu fogo é parecido com o da romã que deslumbra mas não aquece. Confesso que contava contigo, tinha a impressão, tinha a esperança de que conhecerias com mais rigor a ideia...

– Vossa Excelência graceja – disse o dono da casa. – O seu gracejo honra-me e encanta-me. Contudo, sinto que me falta ainda responder a uma pergunta que Vossa Excelência não fez.

– Dar-se-á o caso de eu não a ter ainda feito, Giacomo? – perguntou o hóspede com surpresa. – Enganar-me-ei a esse ponto? Não terás compreendido porque é que eu estou aqui, e o que quero pedir-te, depois de tudo o que se passou e não passou entre nós – porque, vê lá tu, os factos não são tudo, são até tão pouca coisa que eu não estaria aqui, a estas horas tão adiantadas, o que é sempre incómodo para mim e desaconselhável para a saúde, se naquela altura tu não tivesses falado, mas agido? Assim, tive de vir, e, ao fazê-lo, quase coloquei a pergunta a que não podes contentar-te com responder por palavras. Giacomo, repito-o, vim no momento em que devia vir, nem um instante mais cedo, pois tenho um assunto urgente a resolver contigo. Urgente e definitivo. Trouxe-te uma carta – o seu autor não imaginava por certo ter um mensageiro como eu, e confesso que se trata de um papel bastante ingrato, indigno de mim; em toda a minha vida, só uma vez fui correio de uma carta de amor e, na circunstância, tratava-se da carta de uma rainha para um rei. Não sou *postillon d'amour*, não gosto da perícia infame dos proxenetas, podes crer-me, não gosto dessa arte, dessa

agilidade escaldante e ignominiosa, dessa prática que se formou quando os sentimentos humanos se puseram ao serviço de patifes. Apesar de tudo, trouxe a carta, evidentemente; é uma carta da condessa, que ela escreveu hoje ao meio-dia, pouco depois de se levantar, quando eu me retirei para mergulhar nas minhas leituras. A carta não é longa, porque os grandes escritores e as mulheres apaixonadas têm uma escrita concisa e empregam sempre as palavras mais essenciais, e isso, tu, o escritor e apaixonado experiente, sem dúvida não o ignoras. Não, a condessa não imaginou que fosse eu o seu correio, e talvez julgue neste momento que a carta se perdeu, e esteja à espera de resposta, cheia de impaciência, como só podem esperar os apaixonados que creem mudar as leis do espaço e do tempo com a sua vontade terrível e cega – sim, imaginam-se por vezes capazes de reinar sobre as coisas eternas, sobre a vida e a morte! E talvez não seja sem razão que o creem! Porque, hoje, enquanto afasto os olhos do passado, que se foi, e apenas olho para o futuro, pois que ele me pertence ainda – e só a ampulheta indica que será mais breve do que o passado, podendo porém o seu conteúdo ser mais rico..., estranho elemento da vida o tempo, que não pode ser medido pelas suas próprias medidas, e os Antigos, teus confrades, não diziam já que um minuto bem preenchido pode ser mais infinito do que as décadas ou anos vazios que o antecederam? –, hoje, enquanto coloco a minha pergunta que é ao mesmo tempo uma súplica, uma súplica para dizer a verdade decisiva e extremamente firme, não sou já capaz de me espantar com a confiança cega dos apaixonados que imaginam que o seu sentimento insensato move montanhas, detém o tempo, e assim por diante. Cada namorado é de certa maneira um Josué que detém o curso do sol por sobre a batalha da vida, que intervém na ordem do mundo e espera assim uma vitória que é sempre uma derrota. Agora que tenho de olhar para diante – já não devo olhar para muito longe, é verdade, e os meus olhos cansados podem até cobrir já essa breve distância, que de resto só é breve quando medida em termos terrenos, mas que, no mundo da paixão e do amor, se torna eterna e infinita –, compreendo a vontade bravia dos apaixonados, e eu próprio acredito que, com uma pequena carta perfumada cuja ortografia não chega a ser perfeita – peço-te, caro escritor, que a leias com indulgência –, cheia de um sentimento confuso e visivelmente pueril, cheia da força do desejo, se torna possível destruir a ordem do mundo que depois, durante certo tempo, no interior por conseguinte de uma eternidade relativa, é de

facto possível reinar acima da vida e da morte. E agora que tenho de responder a uma das perguntas da vida – pois neste momento, Giacomo, interrogamos e respondemos os dois, trata-se de um exame bem estranho em que as partes são ao mesmo tempo mestre e aluno –, agora que de novo tenho de preencher a minha vida, como se carrega uma espingarda enferrujada com a bala da vontade a fim de visar com segurança, uma vez mais na vida, com mãos que não tremem e um olhar que se não tolda nem perde de vista o alvo, começo com efeito a crer que existe uma força, uma só e única força que reina acima de todas as leis, acima do tempo e até das leis da gravidade. E essa força é o amor. Não a paixão, Giacomo – perdoame se me esforço por corrigir o princípio fundamental e as grandes experiências da tua vida. Não é a paixão, infeliz caçador, pescador, escritor e pesquisador de ouro que, todas as noites, arrastas para a tua cama a tua presa de sangue quente, a fumegar de excitação! Aqui ou acolá, em toda a parte do mundo, não é a fome que atormenta as entranhas e espreita a presa onde o sonho e o desejo, a expectativa e a solidão esperam entre devaneios o seu libertador, não é a habilidade nas cartas de jogar nem a arte astuciosa da guerra que se insinua por meio de uma escada de corda, armada de palavras temerárias, pelas janelas da virtude adormecida, não é a tristeza nem a curiosidade da solidão mais terrível o que nos impele a agir. Falo, sim, do amor, Giacomo, que tenta todas as vidas, até mesmo uma sombria vida de carneiro temível como a tua – não foi sem razão que há alguns anos chegaste a Pistoia, e não foi também sem razão que daí fugiste; não és nem inteiramente inocente nem inteiramente culpado, porque também a ti, uma vez, o amor tentou. Pois bem, expulsei-te com a ponta da minha espada – que tolce a minha! Poderias ter exclamado, cheio de razão: Velho louco! Velho enamorado e demente! Pensas que já alguém soube temperar com gelo e fogo o punhal veneziano, que já alguém pôs ao rubro e forjou em Damasco a lâmina capaz de trespassar, dizimar e destruir o amor? A tua interpelação teria sido justa e sentimental – ligeiramente retórica também, ou poética, mas justa quanto à prática da vida. Foi por isso que não vim desta feita trazendo espada ou qualquer outra lâmina cortante. Vim com outra arma, Giacomo.

– Que arma?

– A arma da razão.

– No duelo com os sentimentos, trata-se de uma arma impotente e

desigual, senhor.

– Nem sempre. E espanta-me que sejas tu a dizê-lo. É a única arma, Giacomo. Falo da verdadeira razão, da que não quer discutir nem regatear, da que não quer tão pouco convencer. Repito que não vim ameaçar-te nem pedir-te nada. Vim observar e perguntar; e tenho todas as razões para crer que, na minha situação, ao mesmo tempo lamentável e perigosa, a arma fria e brilhante da razão seja mais poderosa do que as gesticulações e os atropelos do sentimento. A condessa e tu, meu filho, fostes tocados pelo amor. Verifico-o e não o explico. Bem sei que não amamos ninguém pelas suas virtudes; sim, outrora, acreditava que amávamos mais os oprimidos, os prevaricadores, os conflituosos do que a virtude – e depois envelheci e aprendi, e hoje sei que até mesmo as faltas e erros de um ser nos não fazem amá-lo, como o não faz a sua beleza, a sua bondade ou as suas virtudes. É uma coisa que talvez só se compreenda no fim, quando a sabedoria e a experiência já não significam grande coisa. Trata-se de uma dura lição, por certo, e não contém reconforto nem adulação – temos de admitir que não amamos uma pessoa pelas suas qualidades ou defeitos, por ser bela ou, por estranho que pareça, por ser feia, corcunda ou pobre; amamo-la simplesmente porque existe no mundo uma vontade cuja substância verdadeira não conseguimos penetrar, que quer exprimir-se ao acaso da sua inspiração para que o mundo inteiro na sua rotação eterna se renove e que, por razões incompreensíveis, toca com a sua força terrível as almas e os nervos, acelera o trabalho das glândulas e perturba os cérebros mais brilhantes. A condessa e tu estão apaixonados, e esse destino a dois é qualquer coisa de maravilhoso e qualquer coisa de incompreensível, mas só o ingénuo se surpreenderá com o fenómeno, pois entre os seres humanos nada é impossível; os animais respeitam mais escrupulosamente as regras do jogo, nunca ouvi falar dos amores de um puma e de uma girafa, nem de nada da mesma feição, os animais permanecem no interior da sua espécie, dentro de limites definidos; perdoa-me, não quero ofender-te! Ofender-me-ia a mim próprio com tais comparações! Não, os animais são mais consequentes, e se somos seres humanos, magníficos até mesmo na nossa miséria, é porque compreendemos essa força secreta, ainda que sejamos incapazes de adivinhar os seus desígnios, e por admitirmos certos factos inexplicáveis. A condessa ama-te, e é tão maravilhoso como se a aurora radiosa amasse a noite de tempestade, para deixarmos de lado as imagens

animais que, por me estar a preparar para a festa e para o baile em que usarei uma cabeça de burro, me obcecaram tão visivelmente e com uma intensidade tão peculiar; e tu, também tu amas a condessa, e é mais maravilhoso ainda, porque se trata de um fenómeno que está em contradição com os princípios da tua natureza. Bem sabes que esse sentimento significa uma revolta contra os princípios da tua vida. Tens medo e foges desse sentimento como de mais nada no mundo. Na prisão, tinhas fome e sede, batias com os dois punhos na porta de ferro, tentavas fazer com que as barras das janelas cedessem, cheio de uma amargura impotente, atiravas-te para cima do teu catre apodrecido, amaldiçoavas o mundo que te privava dos prazeres da vida, sozinho na tua enxerga suja, por trás das grades e da porta de ferro, sozinho com as tuas recordações, nesse outro cativo mais cruel do que a enxovia da Santa Inquisição, sabias que também a prisão era uma fuga, pois só o desejo te queimava e não tinhas de subir à fogueira monstruosa e aterradora do amor, sabias que a prisão era de certo modo uma fuga perante ti próprio e perante o único sentimento que te oprime e aniquila, que é um pouco para ti como a morte, do mesmo modo que todos os sentimentos que carreguem de responsabilidade a tua alma livre e ligeira... O amor tocou-te quando conheceste a condessa que, nesse tempo, ainda era só Francesca; foi o amor que te fez voltar para junto dela, o amor e não a memória de uma aventura que acabou mal. De que natureza foi o vosso amor? Perguntei-mo muitas vezes. Tinha tempo para isso... Durante muito tempo pensaste, em Pistoia, e mais tarde também, em Veneza e na prisão, quando Francesca era já condessa de Parma e depois de já nos termos os dois, ridiculamente, batido por ela, pensaste durante muito tempo que ela não passava de uma aventura entre outras: uma aventura que não tivera um sucesso perfeito, uma aventura em que tu foras um tanto caridoso. Mas, bem vês, a caridade é sempre suspeita. Tu não pertences ao número das almas caridosas, Giacomo: dormes tranquilamente à mesma hora em que a mulher abandonada faz uma corda com os lençóis do vosso leito de amor, uma corda na qual se enforcará diante da porta de tua casa, e tu, então, tu exclamas: «Olha!» e sacudirás a cabeça. Tal é a espécie a que pertences. O amor, a tua maneira de seguires as mulheres, o olhar que poisas numa mão, num ombro ou num seio de mulher bem pouco têm de humano. Vi-te uma vez, há muitos anos, em Bolonha, no teatro: não nos conhecíamos ainda, tu não conhecias Francesca, que devia ter então uns

doze anos, ninguém a conhecia, só eu sabia da sua existência, como se sabe da existência de uma planta rara que é cultivada em segredo sob o céu artificial de uma estufa, e que, um dia, floresce e encanta o mundo... Nada sabias nem de Francesca nem de mim, e entraste num teatro de Bolonha onde se murmurava o teu nome: a tua entrada em cena foi perfeita, melhor do que a dos atores, detiveste-te na primeira fila, de costas para o palco, puxaste das lunetas e varreste a sala com o olhar. Vi-te muito bem. A tua reputação, o teu nome corriam num assobio pelos lábios de todos, através dos camarotes. Não és um bonito homem, felicito-te por isso, não és um desses «formosos» repugnantes que exibem as suas belas feições à maneira das meretrizes, o teu rosto é rude e peculiar, como hei de dizê-lo: viril, sim, mas não no sentido humano do termo. Não quero ofender-te, mas o teu rosto é na verdade pouco humano. Ou talvez seja assim o rosto verdadeiro, como o Criador o imaginou, e talvez, depois, o tempo e as suas eras, as ideias e as modas tenham remodelado e modificado o original. O teu nariz grande, a tua silhueta atarracada, as tuas mãos curtas e quadradas, o teu queixo anguloso, não correspondem por certo à panóplia da beleza. Digo-o com toda a delicadeza. Há qualquer coisa de inumano no teu rosto, Giacomo, e tive de compreender primeiro o teu rosto para compreender em seguida Francesca e o vosso amor; vê se me percebes bem, digo inumano, e portanto não humano, mas não animal, como se tu fosses um ser intermédio entre o homem e o animal, uma espécie de criatura fora do normal. Na oficina onde se misturam os elementos constitutivos dos seres humanos, estava sem dúvida previsto que se fizesse alguma coisa contigo. Foste criado a meio caminho entre o homem e o animal – espero que sintas na minha voz como o digo com admiração. De pé, no meio do teatro, estavas encostado à barreira da orquestra, e depois bocejaste. Estavas a olhar para as mulheres, com as lunetas na mão, e as mulheres olhavam para ti, sem sequer dissimularem a sua curiosidade, os homens vigiavam os teus gestos e espiavam os olhares atentos das mulheres, e no meio de toda essa tensão, de todo esse nervosismo mudo, tu, então, bocejaste, mostraste os teus trinta e dois dentes, os teus caninos amarelos. Bocejaste em cheio, terrivelmente. Outrora, em Florença, tinha nos jardins do meu palácio alguns leões jovens e um leopardo velho; foi o bocejar dessa fera envelhecida que me veio ao espírito nessa altura, e a verdade é que o leopardo acabou por devorar um dia o seu tratador árabe; o nobre animal sabia, também ele, bocejar como tu

fizeste, sem transição, com um tédio terrível e uma indiferença assombrosa, na cara da sociedade que o mantinha cativo. Pensei então que lançaria uma rede ao teu pescoço e que trespassaria o teu peito com uma lança, se te encontrasse um dia junto a uma mulher que fosse do meu agrado. E não fiquei nada surpreendido quando, três anos mais tarde, ao chegar a Pistoia, te descobri junto ao muro escalavrado, no jardim, atirando com um pau de ponta doirada essas argolas coloridas que Francesca recolhia com presteza. Que foi que pensei? «Sim, naturalmente, não podia ser de outra maneira.» E é tudo. Agora, aqui tens a carta de Francesca.

Com um gesto calmo e pausado, tirou da algibeira interior da capa de pele uma carta dobrada no sentido do comprimento e brandiu-a no ar.

– Peço-te por favor que sejas indulgente para com a ortografia dela, não foi há muito tempo ainda que um poeta errante a ensinou a escrever; os mouros tinham castrado esse homem, que resgatei do cativo pois o seu pai fora jardineiro em minha casa, e, por outro lado, acontece que gosto dos poetas. É bem patente que ela te escreveu sob o efeito da emoção, e há em tudo isso qualquer coisa de tocante: não conhece bem as maiúsculas, a pobre Francesca, e eu imagino-a, com a cabeça a arder e os dedos a tiritar, a rabiscar esta folha de papel cheia de manchas que lhe arranjou, Deus sabe como, juntamente com a tinta e a pena, a sua dama de companhia e sua cúmplice, a velha Veronica, que trouxemos connosco de Pistoia e que talvez tivesse sido mais avisado – só hoje essa ideia me ocorreu – abandonar por lá à sua sorte. Mas, seja como for, ela ali estava, bem à mão, e quando foi altura disso, arranjou maneira de desencantar papel de carta, uma pena, tinta e areia, tudo na devida ordem, pois todo o ser humano, até mesmo uma Veronica, possui uma espécie de papel ancestral a que não pode escapar – uma ama é sempre um bocadinho alcoviteira, no teatro e fora do teatro também!... A carta é breve, permite-me que ta leia antes de ta entregar. Podes permitir-mo, porque não é a primeira vez que a leio; já a li esta tarde às quatro horas, quando foi confiada ao palafrenero escolhido para ta trazer, e depois, reli-a de novo, mais tarde, à noitinha, antes de vir até aqui como correio e mensageiro, pois não podemos confiar a um estranho uma carta assim. Franzes o sobrolho?... Não achas tolerável que se leia a carta de uma senhora?... Calas-te, condenas a minha curiosidade?... Tens razão – disse o conde calmamente. – Eu também não aprovo. Vivi durante muitos anos respeitando as regras do jogo, fui cortês e galante, quer por nascimento

quer por educação. Em toda a minha vida, nunca imaginei que me fosse possível deparar com uma mulher e uma situação que me fizessem agir contra o que me ditam a minha educação e a minha qualidade de ser humano; nunca abri as cartas das mulheres, por princípio, e também porque nenhuma carta me interessou a ponto de me obrigar a contrariar as regras da conveniência. Mas esta interessava-me – disse ele com frieza. – Francesca nunca me escreveu uma carta, nem o poderia tão pouco ter feito pois ainda há um ano não conhecia sequer os segredos da escrita. Foi por essa altura, há um ano, pouco depois de o poeta castrado ter voltado à sua terra, que ela começou a interessar-se pela arte da escrita – quase no mesmo momento em que chegou de Veneza a notícia que comunicava ao mundo inteiro que a Santa Inquisição te tinha nos seus calabouços. Aprendeu a escrever para poder escrever-te – porque o que as mulheres têm de maravilhoso é disporem-se a todos os heroísmos quando amam alguém. Aprendeu os sinais misteriosos e terríveis da tua arte, o *e* que baixa os olhos, tímido e macio, o *s* barrigudo, o *t* com o seu dardo, o *f* com o seu chapéu, para poder reconfortar-te e escrever-te as palavras que lhe ardiam no coração. Queria levar-te o seu reconforto ao cárcere, e pensei durante algum tempo que vos correspondíeis – pensava-o e estava alerta, tinha um sem-fim de olhos e dúzias de ouvidos de primeira qualidade, olhos excelentes e ouvidos excelentes, os melhores da Lombardia e da Toscana, onde se encontram os mestres na matéria... Ela aprendeu portanto a escrever para poder enviar-te as suas mensagens: mas acabou por nada fazer do que se propunha, bem vês, sei com toda a certeza que não te escreveu, porque, para um coração puro e púdico, a escrita é o maior dos impudores, e eu imagino mais facilmente Francesca a dançar numa corda bamba ou a fazer friamente amor num bordel com bonitões desconhecidos e ávidos do que de pena em punho, descrevendo o que sente ao seu enamorado – porque Francesca é uma mulher a seu modo cheia de pudor, tal como tu, que és escritor, à tua maneira, e tal como eu, que sou velho e ciumento, também à minha maneira –, e todos nós vivemos assim, cada um à sua maneira, tu nos Piombi de Veneza, nós em Pistoia e em Marly, preparando-nos sem dúvida para alguma coisa, à espera de alguma coisa. Sim, sim – disse o conde erguendo a mão num gesto de defesa, como se o seu hóspede o tivesse interrompido. – Reconheço que em Pistoia, em Bolzano e em Marly, e por toda a parte mais, junto de Nápoles e nas montanhas, nos nossos palácios, tínhamos uma

vida mais confortável do que tu no teu catre cheio de piolhos dos Piombi. Mas até esse conforto era uma escravatura, grotesca a seu modo, e quase inconveniente; peço-te por favor, não nos julgues com excessiva severidade... Mas ia eu dizendo, o eunuco ensinou Francesca a escrever, e eu vigiava-a e pensava: «Aí está! Aí está!» Não era um pensamento tão tolo como pode parecer. Ao próprio Voltaire acontece pensar a mesma coisa, e todavia nesses momentos ele continua a ser o mesmo Voltaire que medita sobre a virtude ou o poder. Todos nos tornamos avisados nos verdadeiros instantes de imprevisibilidade da vida quando reconhecemos a surpresa e a mudança. Foi por isso que pensei: «Aí está! Aí está!» – e postei-me de emboscada, com o auxílio de todos os ouvidos e todos os olhos vigilantes da Lombardia e da Toscana. Mas nada notei de suspeito: Francesca tinha vergonha de te escrever, a ti, ao escritor, tinha vergonha dos sentimentos inteiriçados pela escrita – e é verdade que vós, escritores, dais provas do mais extremo impudor quando, sem hesitardes e por vezes sem refletirdes, passais as palavras ao papel, as palavras que são a mais púdica substância dos seres humanos. Um beijo é sempre virtuoso; a palavra que fala do beijo é sempre impúdica. Talvez fosse isso o que Francesca sentia, com essa inteligência subtil que a caracteriza, como de resto a todas as mulheres enamoradas. Mas talvez tivesse simplesmente vergonha, da escrita e das cartas, pois o seu coração era puro, embora o amor o tivesse perturbado. E é por isso, agora que ela finalmente te escreveu, que eu imagino os sobressaltos que a percorreram da cabeça aos pés quando se sentou diante da folha de papel, do tinteiro e da areia, com os dedos trémulos e a tiritar por estar a entregar-se assim, ao escrever-te, pela primeira vez na sua vida, a um ato de impudor. Escreveu uma carta de amor, fez até uma coisa mais grave e perigosa, entregou-se por completo, confiou-se ao papel e à tinta, quer dizer ao mundo e à eternidade – e é esse o verdadeiro impudor, revelar diante do mundo os sentimentos que realmente se sentem, como se se estivesse a fazer amor na praça pública, por toda a eternidade, aos olhos dos basbaques e parvos das gerações futuras, como se se embrulhasse no trapo das palavras essa coisa nobre e secreta que é o sentimento, como se um magarefe empacotasse os órgãos mais nobres de um homem em folhas de papel amarrotado – sim, a escrita é uma coisa horrível. Foi o que ela sentiu de todo o coração, a pobre, ao escrever, porque aprendeu os símbolos das palavras, as letras, por amor e por dor. A mão tremia-lhe, vê-se bem pela

letra. Escreveu uma carta breve mas com um estilo espantosamente certo, servindo-se apenas das palavras mais indispensáveis, como Ovídio ou Dante. Espera, vou ler-te agora a carta de Francesca. – Com os dedos serenos, o conde abriu o pergaminho, levantou-o com uma das mãos como fazem os presbíteros, depois, com a outra mão, pôs as lunetas no nariz e, endireitando-se um pouco, estendendo o corpo para diante, pôs-se a decifrar a carta. – Não vejo bem –, disse com um suspiro. – Por favor, meu filho, alumia-me. – Sem uma palavra e com uma presteza crispada, o anfitrião foi buscar um castiçal ao rebordo da lareira e aproximou-se do conde. – Está bem assim, obrigado. Agora já vejo perfeitamente. Pois então, ouve. Aqui está o que escreveu Francesca, minha mulher, condessa de Parma, a Giacomo, oito dias depois de o seu apaixonado se ter evadido da prisão, onde morria por causa da sua natureza e do seu temperamento, para se dirigir para este lugar de Bolzano: *Tenho de te ver*. E assinou com a inicial do seu primeiro nome, um *F* maiúsculo um tanto solene, com floreados como os que o eunuco lhe ensinou a desenhar.

O conde mantinha a carta a certa distância da vista, talvez para distinguir melhor as grandes letras.

– Aqui está a carta – disse por fim com uma estranha satisfação na voz; em seguida deixou cair nos joelhos o pergaminho e as lunetas, e afundou-se na poltrona. – Que me dizes do estilo dela? A mim, encantou-me. Tudo o que Francesca faz é perfeito, assim é o seu ser, não pode agir de outro modo. Esta carta encantou-me e espero que te tenha comovido a ti também, no teu caráter e no teu ser, que te tenha abalado como só os verdadeiros escritos podem tocar os homens íntegros. Ao fim de tanto tempo, ao fim de tantos livros, foi só esta tarde, quando li pela primeira vez a carta de Francesca, que senti deveras o poder fatal das palavras: é esse o único poder verdadeiro dos imperadores, dos papas e até do comum dos mortais, um poder mais cruel e mais cortante do que a espada e a lança. Mas, antes de mais, gostaria de conhecer a tua opinião sobre o estilo dela, a opinião de um escritor sobre a maneira de escrever de uma estreada. Quando li a carta de Francesca uma primeira e, depois, uma segunda vez – e agora que a tenho diante dos olhos pela terceira vez, o meu parecer não mudou – tive a impressão de que o seu estilo era perfeito.

«Perdoa-me a minha fraqueza, não sorrias do meu entusiasmo com o desprezo sabedor do profissional – terás de admitir que um amador não

seria capaz de escrever o que ela escreveu. Quatro palavras e a inicial do nome – mas pensa nas condições que a forçam a escrever estas quatro palavras, pensa que há um ano ainda o seu autor não conhecia as letras, vê como as quatro palavras se sucedem, como se fossem feitas do mesmo ferro, como os elos de um par de algemas. Visivelmente, o talento cria de modo espontâneo – Francesca não leu as obras de Dante ou de Virgílio, não conhece as noções de sujeito e de predicado, e contudo descobriu, sozinha e à pressa, os princípios de um estilo belo e correto. Porque nada se pode acrescentar a esta carta, nem se pode ser mais preciso. Analisemo-la. *Tenho de te ver*³. Em primeiro lugar, admiro a força concisa da expressão. Este verso, que poderia ser gravado em mármore, não contém uma única palavra inútil. No começo, o verbo, como é costume na grande poesia e, em particular, nos dramas e tragédias em verso, instalando-se decididamente no teatro da ação. *Ver*, escreve ela, e trata-se de uma palavra palpável, quase sensual. Palavra antiquíssima, tão velha como o homem, que está na origem de todas as experiências humanas, pois o conhecimento e o desejo começam pela visão, pela visão começa o homem que antes não passava de um monte de carne gemebunda e cega, pela visão começa o mundo, e naturalmente começa também o amor. É um verbo mágico e – ver –, está tudo nele, o desejo, o segredo ardente, o sentido oculto da vida, porque o mundo não existe a não ser na medida em que o vemos, e também tu não existes, no espírito desta carta, a não ser na medida em que Francesca te vê – é pela visão que voltas para ela dos infernos cegos onde sem dúvida estiveste, mas apenas como estão as sombras, as lembranças ou os mortos. Portanto, ela quer antes de mais ver-te. Porque os sentidos, o tato e o olfato, o ouvido e o gosto, são deuses cegos sem o archote misterioso da vista – e o Amor não é uma divindade cega, Giacomo, o Amor é curioso, quer luz, quer a realidade, sim, antes de tudo o mais, quer ver. Foi por isso que ela escreveu essa palavra em primeiro lugar: *ver*. Que outra coisa diria? Poderia ter escrito: “Falar”, ou ainda “Estar juntos” – mas tudo isso são consequências do ver, e o verbo escolhido mostra como era forte o desejo que lhe pôs a pena na mão, é um verbo que parece soltar um grito, porque o coração enamorado sente que não suportará por mais tempo a cegueira da treva, tem de ver o rosto amado, tem de o ver, e é por isso preciso que se acenda a luz neste mundo incompreensível e cego, sob pena de nada ter sentido. Foi por isso que ela escolheu uma palavra rigorosa e tão

expressiva: *ver*. Não te enfastia a minha análise do texto? Quanto a mim, confesso-te que me interessa acima de tudo o mais, e que finalmente compreendo os sábios solitários que passam a vida a esmiuçar, com uma paciência infinita e uma atenção minuciosa, papéis poeirentos e amarelecidos, com o nariz enfiado em textos antigos, que passam dezenas de anos a discutir e a analisar um verbo qualquer de uma língua morta, e que, graças ao seu olhar e à sua respiração, fazem romper a centelha da palavra viva nas palavras mortas. Este texto, o texto da carta de Francesca, penso que sou capaz de o explicar. Portanto, antes de tudo o mais: *ver*. E a seguir: *Tenho de*. Não “gostaria” ou “desejo”, ou “quero”. De repente, a segunda palavra do texto exprime o irrevogável, como os textos sagrados – e não achas, Giacomo, que a jovem autora de facto escreveu, à sua maneira, um texto sagrado, ao escrever as primeiras palavras de amor da sua vida, não te parece que um texto de amor se assemelha de algum modo às inscrições sagradas dos túmulos pagãos – que representa diretamente o Eterno, ainda quando fala da hora do encontro ou da escada de corda necessária à evasão? É certo que Francesca não está a falar de coisas secundárias; é uma poetisa superior a tudo isso, como claramente transparece neste seu primeiro verso improvisado. Disse “poetisa”, não penso que sejam a minha emoção e o meu entusiasmo exagerados a fazer-me proferir tal designação, que, sei-o bem, designa igualmente uma condição, a mais alta condição que existe entre os homens: na China, mas também em Versalhes, os poetas ocupam o primeiro lugar no cortejo real; Racine e Bossuet, e até mesmo Corneille – embora este último se tenha revelado ao longo da existência como espírito grosseiro e um tanto desonesto, exatamente como La Fontaine – eram sempre recebidos pelo rei antes de Colbert, e até antes de Madame de Montespan e do senhor de Vendôme. O poeta é um homem de alta condição, possui uma auréola sagrada, uma medalha invisível, bem sei. Talvez por isso mesmo, sinto que Francesca é uma poetisa – senti-o com devoção ao ler a sua primeira obra, com uma devoção que me trespassa as vísceras e enche a minha alma de um encantamento fabuloso, com essa impressão extraordinária e enfática que os pensamentos mais altos insuflam sem margem para equívoco na solenidade da vida. Foi assim que ela escreveu: *Tenho de*. Há nesta expressão uma força delicadíssima, meu filho. Trata-se de um imperativo, de uma fala de rei, é algo mais do que uma ordem, porque contém ao mesmo tempo uma

explicação e um sentido – ela poderia ter escrito muito simplesmente: “Quero”, o que seria igualmente falar como um rei, mas um nadinha arrogante ao mesmo tempo. Não, escolheu o termo certo e mais intenso, esse termo que, no mesmo instante em que dá uma ordem, até certo ponto se submete: *Tenho de*, diz ela, e confessa que ao ordenar obedece, por seu turno, a uma ordem misteriosa, *tenho de*, quem solicita o encontro é uma postulante, não pode fazer de outro modo, não pode esperar mais tempo, e se te interpela e te dá a entender alguma coisa com tamanha severidade, é porque se encontra nas mãos da desgraça. A expressão que escolheu comove com a sua impotência e com a sua humanidade.

«É como se não fosse ela a querer tudo isto; ignoro, Giacomo, ignoro se os meus olhos cansados estão a ler bem, e se posso fiar-me ainda nos meus velhos ouvidos, mas em toda esta frase, que poderia ser perfeitamente o primeiro verso de um poema, há uma espécie de impotência e de infortúnio, como quando nos vemos cara a cara com o nosso destino, de baixo do céu estrelado, e dizemos então para connosco uma verdade grande e triste. Que verdade é essa? É ao mesmo tempo mais e menos do que se Francesca *quisesse* ver-te – a sua voz ressoa ansiosa e súplice. Ordena, mas ao mesmo tempo o autor confessa-se vítima da ordem que dá. *Tenho de ver*, o encadeamento das três palavras tem uma ressonância perigosa; quem dá a ordem declara-se por seu turno em perigo, sim, preferiria renunciar e afastar o perigo, mas não pode fazer de outra maneira, e é por isso que obedece e ordena.

«Palavras perfeitas. E depois, logicamente, mas com o som de um sino que toca algures: *Te*, a ti. Grande palavra. Giacomo. Não sei sequer que poderá um ser humano dizer a outro que seja mais e maior... Trata-se de uma palavra plena, cuja ressonância enche o universo do homem, uma palavra dolorosa, que molda e designa, dá fala e vida à personalidade; foi por meio desta palavra que Deus se dirigiu pela primeira vez ao homem depois de o ter criado e, vendo que isso não bastava, designou-o pelo nome e tratou-o por tu. *A ti*. Compreenderás bem esta expressão?... Há milhões e milhões de homens na terra, mas é *a ti* que ela quer ver. Há homens mais nobres, mais belos, mais jovens, mais virtuosos, mais sábios, mais audazes, e também, sim, sem querer ofender-te, mas tens de pensar no facto, por desagradável e ofensivo que seja para o teu amor-próprio, de que existem também homens mais ignóbeis, mais maldosos, mais falsos, mais cruéis e

mais audaciosos do que tu; seja como for, é *a ti* que ela quer ver. *A ti* – dizê-lo distingue-te em todo o universo, separa-te de tudo aquilo em que te pareces com os outros homens, exalta-te e toca-te no ombro, como a espada do rei que arma um homem cavaleiro. É uma palavra terrível este *te*. *Te*, escreve Francesca, minha mulher, a condessa de Parma e, no momento em que ela escreveu essa palavra, tu tornaste-te de facto neste mundo um homem nobre, ainda que por outro lado sejas um aventureiro que usa abusivamente a partícula de nobreza acrescentada ao seu nome. Ela escreveu *te* – e vê como é firme e certa a sua letra! As letras estão cheias de força, como o braço levantado num gesto de paixão incha de sangue e de músculos retesados; aqui o autor sabe já o que quer dizer, já não procura as suas palavras, passa com mão segura para o papel a única palavra que confere sentido ao conjunto da frase e a toda a sua forma, como se designasse pelo nome o sentido da obra. *Te...* Palavra misteriosa. Pensa somente no número de homens que seria interessante, para a própria Francesca, ver, ainda que isso não seja uma coisa que *tem de* ser feita, nos homens que poderiam dar-lhe coisas mais numerosas, mais verdadeiras e mais dotadas de sentido do que tu, que bem podes ser escritor e viajado, pensa nos homens que já foram à Índia e ao Novo Mundo, nos sábios que decifraram os segredos da natureza e que escreveram novas tábuas da lei para os homens; há outros homens, mas é *a ti* que ela quer ver... E dizendo-o, designa-te pelo teu nome, como se te recriasse. Porque poderia igualmente acontecer, por exemplo, que ela desejasse ver-me, a mim, nada teria de surpreendente, afinal de contas, sempre sou seu marido; mas é *a ti* que ela tem de ver, e só *a ti!*... Tal é portanto o sentido do texto.

«Agora, examinemo-lo de novo, e uma vez que já analisámos os elementos que o integram, atentemos na totalidade compacta e dura da sua organização, na lógica das suas ideias, no nobre ímpeto da sua realização, na perfeição impecável da sua expressão, lacónica sem dúvida, mas nada deixando por dizer. E depois, a assinatura, modestíssima, a inicial do nome dela – pois é inútil assinar com o nome completo quer as verdadeiras cartas, quer as verdadeiras obras: a obra designa já o seu autor, forma um só ser com ele. Ninguém imagina o autor de *A Divina Comédia* obrigado a escrever o nome a seguir ao título da obra... embora não queira correr o risco de entrar em comparações a este respeito. Mas o nome é supérfluo quando é o texto inteiro que fala – as palavras, a ordem, as letras –, quando

de todos os seus elementos emanam o mesmo espírito e a mesma personalidade criadora, com o seu encanto e a sua força, quando ela reconhece o seu destino que é muito simplesmente o de ter que ver-te. Pois bem, aqui está – disse o conde por fim, quase negligente, estendendo a Giacomo, na ponta dos dedos, o pergaminho –, acabámos. Aqui tens a carta.»

E como o destinatário e anfitrião não se movesse, poisou a carta, em que o outro não tocara, no rebordo da lareira, ao lado do castiçal.

– Vais lê-la mais tarde? – perguntou. – Sim, eu compreendo. Penso que muitas vezes, durante a tua vida, relerás esta carta, mais tarde, quando fores velho. Então, talvez a compreendas.

Calou-se, respirando com dificuldade, como se se tivesse empenhado com excessivo ardor na sua iniciativa e o prolongado discurso lhe houvesse fatigado o coração envelhecido e os pulmões debilitados.

– Acabámos – repetiu o conde, apoiando-se na bengala com as duas mãos, como um velho cansado. E foi assim que retomou o seu discurso, sentado, apoiando-se na bengala, sem lançar um olhar que fosse ao seu anfitrião; olhava para o lume, observava as brasas com os olhos franzidos que piscavam nervosamente, muito rápidos. – Já cumpri um dos fins da minha viagem e da minha visita: entreguei-te a carta da condessa. Espero que lhe prestes a devida atenção. Não me agradaria que uma carta de amor da condessa de Parma andasse pelas mesas de uma taberna, suja de vinho, ou que a lesses na cama de uma meretriz, presumido e descarado como os homens ficam nos êxtases fáceis do vinho e da paixão. Não posso impedir-te de fazeres o que quiseres, mas custar-me-ia e espero que nada de semelhante aconteça. Porque uma carta como esta não se destina naturalmente a permanecer secreta, e não me espantaria que, num futuro menos ingrato e mais recetivo, esta breve obra-prima viesse a ser lida nas escolas, como modelo de redação perfeita. Também não duvido de que esta carta venha a ter imitadores, como todas as obras-primas; difundir-se-á através dos misteriosos vasos capilares da memória na consciência dos homens do futuro, os enamorados hão de copiá-la e de escrevê-la, inconscientemente e sem respeito, ignorando tudo acerca do autor e da origem da carta – escrevê-la-ão uma e outra vez, como carta da sua lavra, porão no papel, proclamarão ao mundo, *Tenho de te ver*, e acrescentarão insolentemente o nome ou as iniciais a esse texto que será então, de um

modo estranho, o seu próprio texto – porque um verdadeiro texto espalha-se pelo mundo e confunde-se com a vida, e é essa a sua particularidade. Todavia gostaria que o processo se desenrolasse segundo o ritmo natural da literatura e da memória, e não que andasses a recitar esta carta para te gabares dela e te vangloriasses nas espeluncas ou nas camas das meretrizes. Isso custar-me-ia muito. Mas agora que te entreguei a carta, cujo valor, segundo espero, teremos decifrado e compreendido na sua verdade, consideremos que a paixão de decifrar textos, a distração malsã e maliciosa da escrita não nos leve a esquecer as imposições da realidade: porque, bem o sabes, a escrita pode ser tão terrível e apaixonada como o beijo ou o abraço; contém qualquer coisa de bom e quente, e a nós os dois, a nós que sabemos escrever – tu, escritor, eu, leitor e apreciador das belas letras –, a escrita quase nos chega a fazer esquecer a pessoa que escreveu tão perfeita frase. Embora se trate só dela, de Francesca, que considera ter que te ver. Tal é a realidade a que temos de regressar agora, esgotadas as belezas do texto. É necessário que sejamos daqui em diante mais ordenados, o tempo passa, o serão avança – as asas do tempo nunca voam tão leves como quando nos entregamos à contemplação das belezas escondidas de um texto excelente! – e o nosso dever é procurarmos, independentemente do seu sentido eterno e literário, o sentido prático da missiva, e este não é outra coisa – nem mais nem menos, infelizmente – senão a realidade, a saber: a condessa de Parma está enamorada e tem de te ver. Não podes esquivar-te a essa ordem, mesmo que tal fosse a tua vontade. Já te disse que não vim para te ameaçar, Giacomo: trouxe simplesmente uma carta, e gostaria de compreender, exprimir e arranjar alguma coisa. Não te estou a ameaçar, não te crispes, não te agites, está fora de questão que nos voltemos a encontrar frente a frente, de espada na mão – por amor de Francesca, com uma virilidade tão bela e ao mesmo tempo tão ridícula, como outrora nos aconteceu, na Toscana, em tronco nu e ao luar! Nem o tempo já se presta a isso – nem o tempo, e não se trata só do tempo que faz, aliás rigorosíssimo, pois até com as minhas peles (que diria se estivesse despido?) sinto os membros transidos – mas também do outro tempo, do tempo que passa. Tive de lançar às urtigas a minha espada. Poderia, sem dúvida, comprar espadas mais vivas e hábeis do que a minha foi alguma vez; ainda que outrora, como talvez estejas lembrado, eu não fosse dos mais desastrados em matéria de esgrima. Poderia comprar uma espada que na minha mão

deitaria lume, um punhal, uma lâmina fria como o gelo, que penetraria com uma presteza assassina entre as tuas costelas, pois a tua vida está nas minhas mãos. Mas continuo a não querer ameaçar-te, Giacomo; contento-me em notá-lo. Não te defendas, não te crispes, não te armes em fanfarrão. Bem podes ter fugido da República, o mundo bem pode ter apertado nas mãos a barriga para rir melhor ao contemplar a tua evasão com um gáudio cúmplice, leis diferentes bem podem também e ainda proteger-te aqui, as tradições do direito de asilo internacional e o costume bem podem garantir-te segurança legal e pessoal – mas a verdade é que estás nas minhas mãos. De acordo com a lei e o costume, aqui és intocável. Mas, bem sabes, pois se o não soubesses, quem mais o saberia, que existe uma outra lei, mais subtil e não escrita, um costume, uma prática que se situa para lá da lei visível, aplicada e fixada pelo Código – e, por toda a parte, é essa outra lei a verdadeira e a eficaz. Essa lei é a minha lei, sou eu quem dela dispõe, eu e alguns mais neste mundo, suficientemente inteligentes e poderosos para usarmos essa lei não escrita, sem abusarmos dela.

«Porque, acredita em mim, Giacomo, bem podes ter-te evadido, com a agilidade de um macaco, da tua enxovia com telhados de chumbo do palácio dos doges, bem podes ter nadado como uma ratazana aquática fugindo pelas nobres águas sujas das lagunas até Mestre, e depois até Valdobbiadene, bem podes viver aqui, do outro lado da perigosa fronteira, num quarto da estalagem do Veado em Bolzano, inchado de orgulho e confiança, como se te tivesses posto a salvo de todo o perigo: se eu quisesse, amanhã, a esta mesma hora, depois do pôr do sol, estarias de novo do outro lado da fronteira, nas garras de Messer Grande; podes pôr a mão no lume. Porquê?... Porque as relações de força não são o que os tolos julgam que são, e tu que és avisado, tu que possuis um espírito vivo e desperto, não o ignoras. E não há no mundo recanto ou esconderijo onde, se quiserem, as minhas mãos, demasiado cansadas e cheias de gota para pegarem na espada, não possam chegar: não o ignoras também. É por isso que não te ameaço.

«E não é da minha parte nem generosidade nem piedade nobre e mentirosa, se te vou deixar fugir – porque tens de fugir, Giacomo, em cavalos de galope rápido, a coberto de um carro fechado ou num trenó, antes que acabe esta noite, depois de termos posto um ponto final na nossa frase, quando tiveres cumprido a tua missão em Bolzano e a seguir à

condessa te ter visto conforme o ordenou, a ti e a mim!; é por isso que não te ameaço quando abro diante dos teus olhos as possibilidades que se escondem por trás do que é visível, as relações de força que na realidade e deveras governam tudo. Limito-me a explicar e a prevenir-te. E já não tenho no meu coração nem amargura, nem ferida, nem sombra de qualquer falso orgulho de macho.

«Porque tu não passas de um instrumento e de um ator, porque há alguém a jogar-nos... alguém que joga por vezes de um modo incompreensível, não inteiramente honesto, como que para seu próprio prazer, e tu, que conheces não só o discurso fatal da escrita, mas também o das figuras, és tu quem de nós os dois o conhece e compreende melhor! Foi por isso que vim visitar-te. Quero que fiques aqui até de manhã e que obedças ao desejo da condessa, que é de resto mais do que um desejo: é uma ordem, qualquer coisa a que não nos podemos subtrair, a que não se pode subtrair nenhum dos três, porque por trás dela se acha o *tenho de* que a condessa de Parma tão bem exprimiu na sua breve obra. Portanto, ficarás aqui até de manhã. Deveria eu ameaçar-te? Argumentar? Pedir-te? Explicar?

«Que poderei fazer contigo?... Posso matar-te, e então ficarás aqui, mais terrível do que neste momento, na tua realidade encorpada, carnuda e sanguínea, serás uma sombra e uma lembrança, um rival que já não empunha a espada, uma sombra enamorada, uma puta masculina assassinada que se esconde nas cortinas da cama da minha mulher, ocupa o meu lugar na almofada depois da meia-noite, a tua voz falará pela voz de outros homens, o teu olhar emanará de olhos desconhecidos, e é por isso que não te matarei. Hei de mandar-te embora, ordenar-te que desapareças, na noite, a bordo do trenó que está parado à espera lá em baixo, que cubras o rosto com o pano da tua capa e, sob a proteção e a vigilância dos meus homens, atraveses despenhadeiros, percorras ao luar florestas nevadas assombradas pelas sombras dos lobos, até que chegues a um país estrangeiro e desapareças do horizonte da vida da condessa?... Poderia exigí-lo, de facto, e tu terias que obedecer, porque, afinal de contas, temes pela tua pele e, como vês, é por isso que sou eu o mais forte: tu temes pela tua vida, pela tua pele, pela tua pessoa, a tua carne e os teus ossos, que não estás disposto a pôr em jogo sem pensar no preço; mas eu, pelo meu lado, não temo já pela minha vida, já não tenho medo senão por um sentimento que é para mim mais precioso e mais querido do que a vida. É por isso que

tens de me obedecer. É por isso que sou eu o mais forte – por isso e por outras razões, mais concretas, que bem conheces. E agora quero pôr força e poderio ao serviço das tuas intenções e dos teus interesses, se conseguirmos celebrar um contrato, de acordo com as regras e a razão, como manda o bom tom e quer a nossa mútua conveniência. Porque foi para isso que vim: venho propor-te um contrato. Pensei muito em ti. Vi a tua cara em Bolonha, no teatro, quando bocejavas, e compreendi o teu ser, conheço a tua vida e o teu destino, julgo saber quem tu és, tanto quanto alguém pode explorar o abismo da alma de outrem...

«Deveria matar-te? Seria um erro enorme. Uma vez morto, o homem amado torna-se um rival temível; sentar-te-ias connosco à mesa, partilharias com a condessa o seu leito, com o passo leve dos mortos insinuar-te-ias nas divisões da nossa casa, ou nos caminhos do jardim, passarias a ser omnipresente. E ficarias envolvido em luto, em pompa pretensiosa, por entre os véus negros e de prata dos sentimentos e da memória. E a nuvem púrpura da vingança flutuaria no rasto da tua memória, os archotes escarlates de uma vingança muda e fuliginosa iluminariam a estrada da tua lembrança. E eu, pela minha parte, seria o cobarde e o egoísta, o mesquinho e o tolo que o matou a ele, o único, o maravilhoso, aquele que Francesca tinha de ver! Não, meu filho, não vou matar-te. Deveria então expulsar-te, para sempre?... Tenho-te na mão, posso entregar-te de novo a Messer Grande... mas não vou cometer esse outro erro. Porque, bem vês, o poder é uma força secreta, que lança até muito longe as suas redes invisíveis e as suas garras, e, nessa manhã, há um ano e meio, quando os esbirros de Veneza penetraram no teu quarto e tu os seguiste cuspiendo protestos escandalizados e intimando-os a que te dissessem de que eras acusado, e mais tarde, quando ficaste a apodrecer em silêncio durante ano e meio na palha da enxovia, no inferno, sem que te dissessem que culpa fora a tua, poderia muito bem ter sido eu quem, por meio de uma palavra discreta e do peso do poder que possuo, estava a intervir assim na tua sorte. Poderia, disse eu, não digo que o tenha feito. Limito-me a encarar essa possibilidade, trata-se de uma entre diversas, pensa nisso depois de deixares para trás de ti a noite de hoje. Porque também eu sou forte, à minha maneira, embora não seja escritor nem me esteja a preparar para qualquer carreira, embora a minha vida esteja já atrás de mim, os meus cabelos caíam e a gota me atormente os membros. E todavia tenho o braço bem comprido; se quiser,

posso atentar contra uma vida que se impõe em segurança, em Veneza, debaixo das asas protetoras do senhor de Bragadin. Empalideces? Recuas?... Os teus olhos procuram o punhal?... Queres vingar-te?... Domina as tuas emoções, meu filho. Vim sem armas, como podes ver, e nada poderia impedir-te de me apunhalares, por vingança, inconscientemente, para fugires depois perseguido por metade dos sabujos deste mundo, até seres apanhado algures e enforcado bem alto com uma corda muito curta. Seria uma insensatez incalculável! Perderias tudo, e a tua vingança reduzir-se-ia, no melhor dos casos, a um sentimento mitigado. Acalma-te. Não te disse que foi assim que as coisas se passaram – tudo o que fiz foi esclarecer por meio das minhas palavras uma possibilidade que até agora permanecera no vago. Não há em mim compaixão por ti, porque conheço o combate e conheço a vida. A minha compaixão não é um sentimento barato – só os fracos e os cobardes choramingam e estreitam os inimigos nos braços, com um ardor tão falso como súbito. Não te vou estreitar contra o meu peito, Giacomo, não vou matar-te nem expulsar-te antes de tempo. Que posso então fazer?... Julgo ter descoberto a única solução possível: vou celebrar um contrato contigo. Diriço-me ao mesmo tempo à tua razão e ao teu coração ao propor-te um contrato – um contrato que não será nem mais vil nem mais nobre do que em geral o são as alianças e os acordos entre as pessoas. Vou comprar-te, meu filho. Dir-me-ás o teu preço, mas se os pseudo-sentimentos ou noções artificiais como o falso pudor ou a ambição mentirosa te impedirem de o declarar, serei eu a adiantá-lo, a adiantar o preço que estou disposto a pagar para que a realidade não se torne uma sombra e um rival espectral, para que finalmente desapareças da minha vida, para que cumpras a tua missão, desempenhes o papel que tens a desempenhar e a condessa te veja conforme quer e conforme tem de ser... Compro-te, e estas palavras, embora não sejam obra nem de um escritor nem da condessa, apesar de tudo, alguma coisa contam. Pesei-lhes o valor e escolhi-as cuidadosamente, sei que não és uma mercadoria a saldo. Sou rico e poderoso e pagar-te-ei – com ouro e com caridade, com conselhos e relações, cartas de crédito e títulos de valores; compro-te, à onça, e bem podes queixar-te como um burro que leva água para o mercado de Toulon, porque vou comprar-te como um escravo no mercado de Esmirna, como um objeto raro numa das lojas da ponte dos ourives em Florença. Sentes-te ultrajado? Olhas para o chão e mordes os

lábios?... Estás a apurar a fogo brando uma vingança terrível? Uma vingança que lavarás de um só gesto a ofensa de agora, bem como a ignomínia e a traição imaginárias, a ignomínia da prisão em Veneza e da traição?... Suplico-te, sossega. Naturalmente, pagarei também essa ofensa, em moeda e por meio de outros confortos temporais, porque um homem tem de se comprar por inteiro, com todas as suas emoções, sob pena de a venda não ser válida e de o contrato permanecer letra morta. Compro-te porque és um homem. Isto significa quase um cumprimento, lembra-te bem: no começo da nossa conversa, já proferi uma vez esta palavra, *quase*, e repito-a agora, porque as palavras possuem uma força fascinante, podem iluminar o passado e o futuro ao mesmo tempo. É quase um cumprimento, acredita, porque, um homem, que vem a ser um homem no mercado de todos os dias?... Uma mescla de temperamento e de destino, nada mais. Conheço o teu temperamento e sondei o teu destino, e sei – tão seguramente como neste momento empalideces, arquejas e reviras os olhos – que não me matarás e não farás justiça – não por cobardia, oh, não! – mas simplesmente porque o teu temperamento é diferente, porque no maior segredo estás já a rebuscar na tua cabeça que preço vais pedir, pois, no fundo e em segredo, esta negociação e este contrato agradam-te, agradam-te a ti também, e porque não és tu o responsável por nada do que está a acontecer. Como o poderias ser de facto?... És assim, e nada mais. E o facto de ser possível negociar contigo talvez seja tudo o que tens afinal de humano. Não cansas a cabeça em busca de um preço exorbitante, Giacomo: terás o que pedires. Terás mais ainda, e talvez eu cometa um erro comercial ao trair tanto a minha vontade de comprar, mas é um erro que cometo com deliberação, e confesso que pouco se me dá o preço que fixares. Terás, digamos, mil ducados de ouro, esta noite... Achas pouco?... Bom, dois mil. E mais dois mil em títulos de crédito para Munique e Paris. Continuas a achar pouco?... Bem, meu filho, não pares, eu compreendo. Terás então dez mil ducados e uma letra que te descontarão em Paris. Pouco ainda?... Eu sei, eu sei, meu filho. Terás um salvo-conduto para a viagem, como se fosses o próprio conde em pessoa de visita ao Eleitor, que se sentirá feliz ao ouvir da tua boca a história da evasão. Terás... Pouco?... Deus sabe, não sou mesquinho. De acordo, terás uma carta para o meu primo Luís.»

Mostrou viradas para cima as palmas das mãos nobres e murchas, que estendia num gesto hesitante para o lume, como se oferecesse o mundo nas

mãos vazias.

– É uma coisa, fica sabendo – disse ele quase comovido e como que tocado pela sua própria generosidade – que nunca concedi a ninguém. É verdade que se trata de uma situação inteiramente excepcional; como é verdade que raramente fui assim correio, ao mesmo tempo parte contraente e intermediário, incitando um homem e uma mulher a uma iniciativa comum... Trata-se de uma noite excepcional porque, hoje, ponho, pela primeira vez na minha vida, à vista de todos, a máscara eterna de todos os enamorados que envelhecem, a cabeça de burro. Por conseguinte, terás a carta. Sabes o valor dela? E terás igualmente dinheiro, em moedas de ouro e em títulos endereçados aos melhores destinatários, poderás ser tu próprio a escolher a cidade e o cambista, e a soma será a que já te disse. Pago-te caro, meu caro Giacomo, como convém que se faça quando se compra uma prenda, porque a vida está a chegar ao fim e nós queremos, à laia de adeus, dar alguma coisa à mulher, à única mulher amada. É por isso que quero celebrar um contrato contigo.

«Compro-te observando todas as regras da arte, e a carta que vou escrever ao meu primo e que de manhãzinha, quando tudo estiver consumado de acordo com o nosso contrato e segundo a minha vontade, o meu homem de confiança te entregará, essa carta será a primeira e última carta de solicitação que terei dirigido ao Rei Cristianíssimo, pelo que ele não poderá rejeitar a minha pretensão. Luís receber-te-á em Versalhes, é isso o que a carta vale! Devo-o, não a ti, nem sequer a mim, mas devo-o à mulher de quem fui correio e que amo. Eis, pois, o teu preço. Fixei-o e penso que não podes exigir mais. A carta abrir-te-á as fronteiras e, graças a ela, dormirás nas estalagens das cidades estrangeiras como outrora no regaço da tua mãe, a belíssima diva. A polícia já não poderá importunar-te, e se a nuvem da querela e da aventura se adensar sobre os teus passos e se começarem a perseguir-te, bastar-te-á mostrares a carta e os perseguidores transformar-se-ão em amigos dedicados. É o viático que te ofereço para a tempestade. O preço do contrato, naturalmente. E que exijo eu em contrapartida? Naturalmente que muito, também. Exijo que obedças ao desejo da condessa de Parma. Exijo que passes esta noite com a condessa de Parma.»

Levantou um nada a bengala de castão de prata e, ao terminar a frase, bateu duas vezes no chão com a ponta da bengala, como se quisesse com isso selar o que dissera.

– Vossa Excelência deseja-o de veras? – perguntou o outro.

– Se o desejo? Não – disse o hóspede com serenidade. – Exijo-o, meu filho. Eu disse – continuou o conde mais baixo, em tom de confiança – que queria celebrar um contrato com o teu coração e com a tua razão. Ouve, inclina-te mais para mim. Estamos sós?... Creio que sim. Contrato-te por uma noite, Giacomo. Decidi-o sem falsos sentimentos, sem intenções grandiloquentes, sem medo nem ideias perturbadas. Decidi-o porque a minha vida está a chegar ao fim e eu quero preencher o que resta com o único conteúdo possível. Esse conteúdo é a minha mulher, Francesca. Quero conservar essa mulher durante o tempo que me resta, e que não é muito, mas também não é pouco, pois é precisamente só e tudo aquilo que me cabe. Quero conservá-la, não só na sua presença e na sua realidade física, mas também nos seus sentimentos e nas suas emoções desvairadas pela agressão selvagem e astuciosa do amor; o amor que ela sente por ti. Esse amor é uma revolta. Uma revolta talvez legítima, mas que lesa os meus interesses. E esmagarei essa revolta, como esmaguei todas as revoltas com que me deparei na minha vida. Não sou sentimental, venero a ordem e a tradição – a ordem que é mais rigorosa e mais razoável do que o julgam os tolos, a ordem que nem sempre é virtuosa, no sentido em que o entende o catecismo. Fui eu quem mandou enforcar os padeiros de Parma diante das suas lojas, e não tinha o direito de o fazer, mas tinha o poder necessário para tanto e sérias razões, e foi por isso que a ordem reinou – mas não no sentido em que a entendem os doutores da lei ou os exegetas timoratos. Mandei supliciar na roda o meu primeiro lugar-tenente diante das portas de Verona porque ele fora arrogante e inutilmente duro para com um soldado, e muitos houve que criticaram esse ato, mas os bravos, os verdadeiros soldados e os verdadeiros oficiais, compreenderam-no bem – porque só os verdadeiros soldados e os verdadeiros oficiais sabem que mandar é também ser responsável, só está em condições de manter a disciplina quem for ao mesmo tempo implacavelmente coerente, sem esperar pôr de lado nem a cortesia nem a delicadeza. Esmago a revolta porque acredito na ordem. Não há alegria sem ordem, não há verdadeiro sentimento sem ordem e, ao longo de toda a minha vida, sempre varri do mundo, com a ponta da espada ou a corda do suplício, toda a espécie de revoltas piegas e insolentes que visavam ferir a ordem das coisas, essa ordem verdadeira sem a qual não há harmonia, nem progresso, sim, eu penso que, sem ordem, também não há

verdadeira revolução. A revolta do vosso amor, Giacomo, não posso supliciá-la na roda, nem enforcá-la completamente nua na noite nevada, e é por isso que a compro. Já te disse o preço. É um bom preço. Pouca gente te pagou até hoje um preço tão bom. Compro-te como se compra um cantor célebre, um ilusionista, um hércules de feira, exatamente como se compra um homem de passagem por uma cidade estrangeira, que exhibe um espetáculo diante do senhor da cidade e faz o melhor que pode para divertir os convidados. Sobe para o palco e dá esta noite o teu espetáculo em Bolzano, Giacomo: eu contrato-te.

«Mostra o que sabes fazer, e só de ti dependerá que recolhas ovações ou assobios no final da representação... Continuas a fechar-te no teu silêncio? O preço parece-te demasiado baixo? Demasiado alto?... Hesitas?... Riamos, meu filho! Riamos, porque estamos sós, fora do mundo, frente à verdade, riamos, porque somos dois iniciados.

«É o teu amor-próprio que se revolta? Giacomo, Giacomo! Estou já a ver que terei de reforçar a minha proposta. Não, tenho de fazer antes mais e de outro modo, uma vez que tu és um cavaleiro e um jogador e queres ou tudo ou nada... Abanas a cabeça? Tornaste-te então adulto, deixaste de ser adolescente? Sabes que o “tudo e nada” não existe na realidade, que existe apenas o medíocre, o “qualquer coisa” entre o “tudo” e o “nada”, mas que este “qualquer coisa” pode por vezes ser muito? Porque hesitas? Diz-me o teu preço, ninguém nos ouve. Diz uma soma, o dinheiro já nada vale para mim, di-lo com toda a crueza, grita-o mais alto do que a voz da tua consciência, segreda-mo ao ouvido: quanto queres para aceites passar a noite com a condessa de Parma? Em quanto avalias a tua arte? Muito ou pouco?... Fala, meu filho – disse o conde um pouco mais cruamente, e depois aclarou a garganta. – Fala, porque o meu tempo terminou.»

O anfitrião estava diante do conde, com os braços cruzados. Na penumbra, não viam os rostos um do outro.

– Nem muito, nem pouco, *Eccellenza* – disse ele em tom cortês e firme. – Esta noite não tem preço. Ou é, melhor, uma noite que só por um preço pode ser comprada.

– Fala, diz então o teu preço.

– Grátis – disse Giacomo.

O hóspede estava outra vez a contemplar o lume. Ao ouvir esta resposta não se mexeu, não ergueu a cabeça e, com os lábios delgados e exangues,

lentamente, de mau humor, sibilando enquanto proferia cada palavra, retorqui:

– É caro. Considero, Giacomo, que me compreendeste mal. Não posso pagar tão caro. Quero eu dizer – continuou ele enquanto o outro se mantinha num silêncio obstinado – que o contrato não tem verdadeiro valor se me fixares um preço tão alto, sim, um preço tão inacessível, que eu não possa pagar, se avaliares tão excessivamente o teu serviço e a tua arte. Falaste com a voz de um tenor, perdoa-me, Giacomo; essa voz alta e cristalina não é a voz razoável de um belo e tranquilo contrato. Vim visitar o homem e não o cantor de comédia.

– E eu, pelo meu lado, respondi também ao homem – disse o outro com serenidade. – Não ao mecenas.

– Bem – disse o conde a sacudir os ombros. – Boa resposta. Belas palavras. Uma boa e bela resposta, palavras pertinentes e nobres: mas nada disso é verdade. É verdade que a negociação exige também as belas palavras, as bravatas, é visível que não somos capazes de nos entender de outra maneira. Mas as belas palavras, já as dissemos que baste. Voltemos a terra. Considero que não me compreendeste. Pensas que a minha proposta é imoral. É possível que aos olhos dos gostos cobardes e da moral amedrontada da sociedade seja esse o caso. O meu tempo está a chegar ao fim, já não tenho disposição para me ocupar da moral e dos juízos do mundo. És amado por uma mulher que eu amo: não és capaz de amar com um sentimento verdadeiro uma mulher, pois pertences ao número dos que passeiam por esse mundo fora uma espécie de insatisfação que te leva a matar a sede ora nos bebedouros do gado, ora em taças de cristal, e quanto a isso nada há a fazer. Trata-se de uma variedade de impotência amorosa, digo-to para o caso de o não saberes ainda – levei muito tempo a desvendar o teu segredo, a partir do momento em que te vi bocejar no teatro, em Bolonha, e até ao momento em que, aqui, em Bolzano, te entreguei a carta de amor da condessa. Mas agora sei quem tu és e é por isso que não posso dizer a Francesca: Vai com esse que amas!... Talvez, Giacomo, talvez eu proferisse essas palavras se não fosses o que és, se não receasse para Francesca o fogo triste que em ti arde. E se te lamento é unicamente por causa da surdez com que te afligiram o destino e o teu temperamento, lamento-te porque não conheces o amor, porque nunca conheceste a voz do amor, porque és surdo. Talvez te aconteça também renunciarees a certas

mulheres por tédio, ou deixares uma mulher à sua sorte e abandoná-la à sua súbita paixão, porque esse gesto te agrada, porque gostas do jogo, ou porque fazes assim figura de homem galante e te julgas cheio de generosidade. Mas não sabes que podemos ser imorais por amor, não sabes que aquele que ama é capaz de renunciar, por uma noite ou para sempre – não por egoísmo, mas guiado pelo serviço e pelo sacrifício. Porque amar é sempre servir. Sirvo pela primeira vez na minha vida. É assim que o destino brinca connosco, nós que somos homens poderosos e excepcionais. E se eu soubesse que não és o que és, talvez deixasse partir contigo Francesca, a juventude e a inocência. Mas não posso deixá-la partir contigo, porque tu nada podes dar-lhe senão os dias e as noites em que ela for tua, atenções quase impessoais, uma chama que arde mas não aquece. Que podes tu dar-lhe, afinal? A aventura. É o teu género. Um género grandioso e com uma grande tradição, que tu conheces, em que és mestre. Mas faz parte da natureza da aventura que acabe dentro de pouco tempo: o género é assim mesmo, são assim as suas dimensões e as suas regras. Pois bem, realiza uma obra-prima, Giacomo! – disse o conde numa voz um pouco rouca, e depois voltou-se com os olhos muito abertos. Fitaram-se. – Faz desta aventura uma obra-prima: em primeiro lugar sentes-te humilhado quando te proponho dinheiro, a liberdade e uma oportunidade de triunfo em troca e como remuneração da tua arte, sentes-te humilhado e respondes com grandes palavras como «grátis» e «mecenas». Mas isso são apenas palavras. Aquilo que conheces, aquilo em que te tornaste mestre, aquilo que constitui afinal de contas a tua arte, como o são o anel e o colar para o ourives, o domínio em que seja como for e apesar de tudo crias, é o do teu género próprio, a aventura. Realiza então uma obra-prima a partir de uma aventura; vê se me compreendes, sei quem tenho diante de mim, e tenho a certeza de que não estragarás o trabalho. De que precisas para a aventura?... Todos os acessórios estão à tua disposição: a noite e o segredo, a máscara e o juramento, as belas palavras, os suspiros, uma doce mensagem, um recado secreto, e depois, a fuga pela neve, o suave rapto, o momento grandioso em que a presa ofega nos teus braços, acredita e chora, e a seguir o lento declínio e o final, o juramento, os «só tu» e os «para sempre», enquanto tu espias do canto do olho os clarões avermelhados da aurora do lado de fora da janela e te preparas para partir, de acordo com as regras da tua arte, como alguém que cumpriu a sua missão e uma vez mais fica só, a postos para

novos deveres num cenário novo. Disseste que não se podia comprar um homem. Belíssimas palavras. Não acredito nelas, porque sei que tudo no mundo se pode comprar, talvez até o reconforto do amor. Agora esforço-me por comprar o que me pode restar ainda do amor de Francesca, compro um resto de ternura para os meus últimos dias, porque sou fraco, porque vou morrer em breve, e quero que os meus últimos dias ou os meus últimos meses sejam iluminados pela nobre luz que se desprende do corpo e da alma dela. Eu sei, é um sinal de fraqueza. Quero que ela passe por ti, como se atravessasse uma doença. Não foi um desígnio tortuoso ou malévolo que aqui me trouxe, enquanto os músicos estão já a afinar os instrumentos no meu palácio e a minha cabeça de burro me espera, não é o velho enamorado que te implora um favor, como alguém que já não sabe oferecer esquecimento e maravilha à bem-amada, não, Giacomo, tu és uma doença, peste e carbúnculo ao mesmo tempo, febre secreta, e torna-se impossível evitar-te. Por isso passemos por ti, atravessemos-te, uma vez que foi assim que tudo aconteceu. Foi por isso que vim e é por isso que te peço que passes esta noite com a minha mulher – o pedido pode parecer, à primeira vista, um tanto insólito, bem vistas as coisas, e contudo trata-se do pedido mais natural que pode haver, quando examinamos o teor real das emoções por meio dos instrumentos da razão. Peste e carbúnculo, febre amarela, chegou contigo a vez dos males. Realiza uma obra-prima! Não podes dar mais do que a aventura à pobre doente – pois então criemos essa aventura como deve ser e como tem de ser, com ciência e dignidade, com uma compaixão iniciada, ligados por essa triste cumplicidade inevitável para dois homens que servem uma mesma e única mulher. Retoma o teu género e realiza uma obra-prima com a aventura porque eu quero que de manhã, ao despertar, Francesca regresse ao meu palácio como se tivesse atravessado uma doença, que regresse curada, cabeça erguida – não a esconder-se, não a procurar a sombra das vielas, mas de cabeça erguida, pois é assim que a quero ver, porque também ela é de uma certa condição, e porque não posso admitir que a aventura a faça perder seja o que for da sua condição. É assim que a quero guardar durante o pouco tempo que me resta, agora que compreendo muitas coisas que outrora não compreendia e que a minha vida está a terminar. É por isso que me dirijo neste momento não ao homem ofendido, mas ao artista e ao profissional: sê fiel ao teu género e realiza uma obra-prima! Levantas os olhos? Está bem, meu filho. Olhemo-nos nos

olhos com a cumplicidade fria e digna da razão. Feri o homem mas consegui despertar o interesse do artista: talvez o grande papa tivesse a mesma impressão quando convenceu Buonarroti a construir e a terminar a cúpula. Pois bem, construamo-la nós também, à nossa maneira, e acabemo-la – disse o conde com um sorriso particularmente triste. – Não vendas barato a tua arte e estou disposto a pagá-la bem: porque bem podemos proferir grandes palavras, amanhã ao romper do dia precisarás deveras dos dez mil cequins e da carta raríssima e excelente; é inútil gastarmos mais saliva a esse respeito, nada mais natural. Só menciono isto de passagem. O mais importante é que vejo um brilho de compreensão nos teus olhos, passaram-se somente alguns minutos e sinto que consegui chegar ao artista que há em ti, a ideia entusiasma-te e começa já a ocupar-te, olhas em frente com uma expressão distraída, estás a refletir nos pontos de pormenor, nas dificuldades da execução, no impulso do começo... Engano-me? Não me parece. Refleti muito, fica sabendo, Giacomo, o artista não pode resistir ao chamamento vincutivo do seu género. Porque estou agora perfeitamente certo de que não cometerás erros e de que realizarás uma obra-prima, não podes fazer de outra maneira, caso contrário falharias. Quero que condenses a tua arte: o que, noutros momentos, dura um mês ou um ano, deverá durar agora um minuto ou uma hora. Quero que princípio e fim se combinem harmoniosamente – quem mais o poderia fazer melhor do que tu, conheces alguém na Europa que seja mais entendido do que tu, justamente tu e justamente agora, no momento em que saís de uma prisão, onde o tempo e o sofrimento contemplativo fizeram com que o teu talento e a tua arte amadurecessem?... Giacomo, sinto que serás perfeito! Quero – e é por isso que te compro caro, por meio da razão, por meio de argumentos, de palavras, de ouro, de uma carta e de uma ameaça de morte, como convém à tua dignidade, mas também um pouco à minha, bem como à da pessoa por quem fazemos tudo isto! –, quero que abrevies e condenses, porque é isso sempre o mais difícil, quero que quebres durante algumas horas as leis do tempo, que executes um passe de magia como os ilusionistas orientais que, em breves instantes, transformam uma semente em botão, depois em flor desabrochada no seu perfume e cor perfeitos, para, no momento seguinte, consumarem diante dos olhos do público outro milagre, mais triste mas igualmente fascinante e incompreensível, o milagre do desenlace, da conclusão, da rescisão, do emurchecimento e da morte! Porque são milagres

fascinantes e terrivelmente solidários entre si: o começo, o processo da plenitude e o fim. E é preciso que tudo seja verdadeiro e vivo, não um espetáculo de magia com papéis doirados e palavras vazias, mas uma verdadeira aventura, uma verdadeira conspiração, com noite, nevoeiro, fuga, palavras verdadeiras e verdadeiras paixões, caso contrário nada valerá. E é preciso que seja rápido, Giacomo, rápido, porque o tempo urge, não posso esperar muito mais tempo, não te posso proporcionar semanas, não tenho nem um dia nem uma noite a mais, além da noite de hoje! Foi por isso que te contratei, justamente a ti, a única de todas as celebridades do momento capaz de fazer o que quero. Porque sinto e aprecio «quase» a tua arte – decididamente, esta palavra hoje persegue-me e obceca-me! –, porque sei que ela exige sangue e razão, emoção e lágrimas, pulsações de coração e êxtases violentos, astúcia interessada e frio cálculo, loucura sem freio e abandono suicidário, porque sei que esta noite terás de fazer de maneira condensada e acelerada aquilo que exige aos burgueses e aos apaixonados muito mais tempo, às vezes a vida toda. É por isso que és um artista, como os que sabem esculpir uma cena de batalha completa numa pedra minúscula ou pintar num pedaço de marfim do tamanho da mão uma cidade povoada, com a sua multidão, os seus magarefes, os seus cães e as suas torres de igreja. Porque o artista, e só ele, sabe fazer voar em estilhaços as leis do espaço e do tempo! Fá-las então voar em estilhaços! Esta noite – irás a nossa casa porque Francesca sente que tem de te ver! Apareces disfarçado e mascarado como os demais. Depois, quando a tiveres reconhecido, rapta-a, trá-la para aqui e realiza uma obra-prima! Quero – sim, Giacomo, agora que vejo nos teus olhos a aceitação e que vou pagar o preço, talvez possa permitir-me empregar uma palavra mais forte –, exijo que a condessa regresse ao palácio de madrugada. Juro-te que entre nós nunca será mencionada esta noite, sejam quais forem as vicissitudes que a vida ainda nos reserve. Esta noite, a condessa há de ver-te tal como o quis na sua doença, e conhecer-te-á, como dizem a Bíblia e os autores antigos, com a sua maneira de dizer tão certa, porque amar, sentir esse ardor doentio, nunca é outra coisa senão conhecer – e depois dependerá de ti, dependerá do artista, que ao romper do dia ela esteja curada da paixão. Os segredos da tua arte não me interessam. É preciso que ela passe por ti, mas de modo a regressar para mim de manhã, não a esconder-se ainda, mas já sem máscara, como convém à mulher dotada da sua posição, à mulher a

quem dei essa condição e que amo. Não à mercê da benevolência silenciosa e cúmplice dos alcoviteiros e dos servidores subornados, mas de cabeça erguida. A vida é um acidente. Não quero que a condessa de Parma parta o pescoço neste acidente. Tenho ainda necessidade dela. É preciso que regresse a casa de manhã, que regresse para mim, não às escondidas e cosida às paredes, mas de cabeça erguida, na luz da aurora, e mais ainda à vista de Bolzano inteira – estás a perceber agora? É preciso que volte para casa, mas curada. Faz com que ela te conheça, Giacomo, com que ela saiba que não tem outra vida senão a que o destino lhe traçou, que saiba que tu és o aventureiro, que não há para ela vida possível contigo, que és a noite, a tempestade e a peste que passa por cima das paisagens da vida – mas que depois, quando o sol se levanta, as pessoas se põem a fumar, a cair e a limpar a casa. É por isso que te digo que realizes uma obra-prima! Oferece à condessa, durante algumas breves horas, o segredo daquilo que és, quero que de manhã esse segredo não seja mais do que uma recordação que deixou de atormentar ou afligir. Sê bom para com ela, e sê também cruel e mau, coisas que és sempre; reconforta-a e fere-a, como farias se tivesses muito tempo à tua frente, faz com que amadureça numa noite tudo o que entre dois seres pode amadurecer, e termina o que em qualquer caso tem de terminar um dia entre dois seres. Depois devolve-ma, porque eu, eu amo-a, e porque tu, seja como for, nunca terás nada que te ligue a ela.

Chegado a este ponto, o conde levantou-se.

– Estamos combinados, Giacomo? – perguntou apoiando-se na bengala.

O anfitrião atravessou o quarto, com as mãos unidas atrás das costas. Parou junto à porta, de cabeça baixa, olhando para o átrio de entrada, e perguntou depois pensativamente:

– E que acontecerá, Excelência, se o espetáculo não resultar?... Quero eu dizer, se não conseguir condensar e acelerar as coisas conforme Vossa Excelência imagina? Que acontecerá se, na manhã que vai despontar após esta noite, a condessa de Parma ficar com a impressão de que a noite não foi mais do que o começo de qualquer coisa mais?...

Mas não terminou a frase. O hóspede atravessou o quarto com um passo surpreendentemente rápido e juvenil, deteve-se junto à porta, diante do interlocutor, e disse bem alto, com uma voz forte:

– Então não passarás de um cabotino, Giacomo.

Durante alguns longos minutos, olharam-se nos olhos, imóveis.

– Os desejos de Vossa Excelência são ordens – disse Giacomo encolhendo os ombros. – Porei toda a minha ciência ao serviço de Vossa Excelência, farei o melhor que souber, conforme Vossa Excelência deseja.

E suspirou profundamente.

Mas o conde virou-se uma vez ainda antes de sair e acrescentou:

– Disse-te que a reconfortasses e que a ferisses. Só uma última coisa antes de me ir embora. Permite-me pedir-te que a não firas demais.

Saiu sem voltar a fechar a porta atrás de si e encaminhou-se em passo lento, um pouco curvado, para a escada, tateando os degraus com a bengala, enquanto os criados se precipitavam a seu lado segurando bem alto os candelabros de chama vacilante.

² Em francês, no original húngaro. (*N. da ed. fr.*)

³ Em húngaro, a ordem da frase seria: «ver tenho de te». (*N. da ed. fr.*)

A MÁSCARA

... Então, de que estás à espera? Começa a vestir-te, vá, artista serôdio, curandeiro decrépito! O quarto está cheio de sombras: são as sombras da tua juventude. Porque a juventude fugiu-te, não sabias?... – ouves ainda o seu rumor, como o guizalhar do trenó deste demente que te veio visitar. Eilo que passa agora debaixo da tua janela, com os seus criados, os cavalos enfeitados e as campainhas. Embrulhado na capa, não se lhe vê sequer a ponta do nariz, é uma forma seca e amorfa no fundo do trenó, coberto com as suas peles e pela sua condição, velho e mortalmente ferido, sim, preparado para morrer, e bem pode ele falar, bem pode pregar e gastar saliva – é ele agora o ferido, e o seu ferimento é definitivo e mortal, é ele, sim, e não eu, que outrora derramei o meu sangue no jardim de Pistoia e às portas de Florença! Ouve o tilintar das campainhas do trenó que se afasta e saboreia o teu triunfo! Estás contente?... Cruzas os braços diante do peito? Gostavas de cumprimentar e de atirar com a ponta dos dedos beijos ao público invisível que aplaude, agradecendo-lhe, com uma vénia, ter-te sabido apreciar? Porque te manténs calado?... Tens um gosto amargo na boca, como se tivesses bebido e comido sem moderação e ansiasses agora pelo jejum, por arenque seco e penitência... Alto aí, louco dos demónios! Mata em ti próprio toda a memória, estrangula com as duas mãos todo o sentimento e toda a ternura, afoga como se fossem gatinhos recém-nascidos todos os teus laços de humanidade e piedade! A juventude fugiu?... Não inteiramente ainda. Faltam-te dois dentes à frente, é verdade. Suportas pior o frio do inverno, gostas de dormir à lareira, embrulhado na tua capa de marta, comes já a ter cuidado com o que comes e, antes de te preparares para um beijo, lavas várias vezes e cautelosamente a boca porque a tua digestão e os teus dentes já não são dos mais famosos! Nada disso é ainda fatal. O teu estômago, o teu coração e os teus rins são servidores fiéis, o teu cabelo só começa a escassear de facto no alto da cabeça e por cima das

fontes, tens de arranjar maneira de a mão da apaixonada que te acaricia a juba não se tresmalhar por lá. Não é ainda a velhice, mas tens de estar atento... A maldição do demónio assola o mundo, é esse o problema: atenção! Essa grande abundância, essa profusão selvagem, esse tudo e esse nada de que o velho louco falava com um prudente desdém, talvez sejam afinal de contas a única coisa verdadeira... E tudo o resto, a sabedoria e a sensatez, a reflexão e o conhecimento aprofundado, talvez nada valham, a não ser que os aqueça a paixão inconsciente da juventude, esse desejo de saquear o mundo e de nele mergulhar ao mesmo tempo, estendendo as duas mãos para tudo o que o mundo dá e desperdiçando às mãos cheias quanto a vida traz!... Devagarinho, vamos lá. Trata-se agora de um outro carnaval – de um contrato e de uma entrevista diferentes! O fim da juventude. É a idade madura, é até um dos momentos mais atilados da idade madura, um pouco como as quatro horas da tarde a meados de outubro. Belo tempo. O sol ainda brilha... Olha à tua volta, respira o doce perfume e o fulgor do fenómeno, move-te mais devagar e com mais atenção; seja como for, não podes fazer de outra maneira. A juventude fugiu, pois sim... Há risos algures e copos que tinem, uma mulher a cantar, uma chuva que cai e perfuma, com o rosto molhado das lágrimas e da chuva estás num jardim de flores murchas, o teu coração está cheio de uma felicidade doida, de desejo de plenitude e de aniquilamento, há à tua volta flores esmagadas... era assim, ou quase assim. Lembrar-te-ás mais tarde, meu velho. Agora, começa a vestir-te, porque o tempo passa, os pares formam-se já no salão de baile, dois olhos indizivelmente aprazíveis e atentos procuram-te e querem ver-te... Onde está a carta? Está ali, sim. Vejamos um pouco melhor. Letras muito grandes, uma caligrafia atenta e preocupada... Não é a primeira nem a última carta que uma mulher me escreve, e o velho enamorado, o marido ofendido, descascou-a com dedos trémulos, com chispas nos olhos! Engraçado, extremamente engraçado! A vida por vezes vale a pena. «Ver», sim... E que há de escrever ela, a pobrezinha, se ainda o ano passado não sabia escrever? Ele disse que ninguém seria capaz de escrever nem mais nem melhor, e talvez tivesse razão, é uma bela cartinha, esta; a marquesa – a parenta do cardeal – e M. M. que era hábil em matéria de beijos e pena, escreviam-nas mais compridas e mais trabalhadas, recheadas de versos e citações clássicas, de grosserias sublimes e de ornamentações apaixonadas; mas não escreviam nada que fosse mais verdadeiro, isso não, e o

entusiasmo suspeito do velho louco é justo e ponderado... Pois bem, vais ver-me, minha pomba, conforme quiseste! Vais ver-me, a mim, que não sou nem o mais jovem nem o mais belo, mas que também não sou o mais vil ser deste mundo, como disse a *Eccellenza*... Vais ver-me, tal como ambos quereis, tu a pomba alquebrada, e ele o velho apaixonado que gosta de eriçar as penas! Que palavras! Que planos retorcidos! Com ameaças e punhais! Será possível que tenha sido ele a entregar-me nas mãos dos esbirros, há dezasseis meses, em Veneza?... O Conselho tem de bom grado pequenas amabilidades para com figuras influentes de potências estrangeiras; Messer Grande é um homem cortês, não pode recusar um pequeno serviço ao parente do rei de França. Terás o que pediste, conde de Parma! O teu pedido é hábil, o teu pedido tem o ar de uma prenda, o teu pedido é perentório, tem a voz da sabedoria, gostarias de mandar e encenar, e de continuares a ser o protetor e o amo em todo este estranho caso; terás, pois, o que pediste!... Será possível apesar de tudo que tenham sido as tuas mãos dormentes a atirar-me para a enxerga da minha enxovia veneziana... Ele não o disse ao certo, fez apenas brilhar diante dos meus olhos essa possibilidade, como um punhal, o velho carrasco, e depois voltou a guardar o segredo na algibeira do cafetã e levou-o consigo!... Rumina bem essa ideia, pensou ele. Treme à ideia de me veres fazer recomeçar o espetáculo! E tinha razão, não é lá muito divertido... Tinha razão quando falou dessa lei e dessa ordem diferentes – e a esse respeito, também eu podia cantar uma bonita cantiga, com um remate a condizer. Também o senhor de Bragadin não é um anjo, quando pensamos no bem público e no pequeno serviço que parece oportuno prestar a alguém pelo preço de uma simples vida humana. É assim que o planeta gira, acaba sempre por aprender-se a lição. É assim que o planeta gira, e tu acabas por estar a postos para enfrentar o mundo, aprendes os jeitos e os expedientes, e descobres que as cartas de jogar estão longe de ser o negócio mais ousado da terra, mas nem por isso passam a ser o mais vil. Há outros assuntos, que se revestem de solenidade, de honestidade, de dignidade, mas que não são menos vis afinal! Atenção, Giacomo! Cuidado com esta noite! E amanhã, quando partires atravessando a tempestade de neve ao cantar do galo, mais cuidado ainda! Previu tudo demasiado bem para ser inofensivo e inocente, o senhor decrépito, o velho e sábio enamorado que não estrangula o rival, mas o amor e a memória do amor pelas mãos do amor... Cuidado! Vejo que há ainda luz nas

cavaliárias, os poucos cequins que te ficaram de ontem tilintam-te ainda na algibeira; e se fizesses as malas a toda a pressa, se levasses debaixo da asa essa bela e quente ave tão graciosa nos seus dezasseis anos, que é a Teresa, cujos beijos todas as noites desde há oito dias te adormecem, e em vez do baile, do contrato e do espetáculo fugisses esta noite com ela, fiel aos teus princípios e à tua razão que apesar de tudo tão raramente te traiu... Sim, seria mais avisado do que esperar pelo nascer do dia. E eles que se divirtam, eles que dancem, o conde de Parma que ponha a cabeça de burro, guarde o seu tesouro para os tempos que hão de vir e rebente a cabeça a pensar nos meios de sufocar a memória e no que poderá fazer com Francesca que aprendeu a arte da escrita... Sê sensato, meu enamorado irmão, Giacomo... Hesitas? Ficas? Aceitaste o papel, o papel vincula-te? Não podes escapar ao espetáculo que é ao mesmo tempo vil e triste, perigoso e artificial, um espetáculo em que verdadeiras lágrimas de sangue verdadeiro vão correr no palco de tamanho reduzido de onde os criados levarão talvez um cadáver a sério... Sentes já o calafrio que te percorre o corpo todo, o mundo começa a toldar-se diante dos teus olhos, a emoção arde já e aquece-te, e a tua razão já não a domina, sentes já que não podes fazer de outro modo, que tens de desempenhar o teu papel, o galante ciumento acertou ao fazer por despertar em ti o artista, dando um nome ao teu género; sentes agora que não podes resistir ao apelo, embora não sejam apenas as lembranças mas também os atores, que o conde de Parma quer mandar coser e fechar num saco de couro... Não te revoltas, não te defendas: tens de ficar. Não podes resistir nem ao papel nem ao género; toda a tua vida foi um perigo, e continua a sê-lo ainda. Não podes fazer de outra maneira, transforma o perigo em razão. Precisas do perigo, é preciso que a cada instante da tua vida possa um braço sair de trás da cortina da cama, pronto a cravar-te um punhal entre as costelas, precisas do impossível, precisas daquilo que o burguês deseja de maneira doentia, cheio de impotência, daquilo com que o burguês sonha quando ressona com o seu barrete de noite ao lado da bem-amada, enquanto tu tiritas na cave ou vagueias pelos telhados, ou ainda medes a tua espada com as espadas dos sicários, realizando assim aquilo com que os outros, os virtuosos e os roncadores, mal se atrevem a sonhar: o movimento e a novidade, a encarnação disso a que os homens chamam aventura. Que podes fazer uma vez que assim é? Obedece ao teu temperamento e ao teu talento. Portanto, ficas! Ao trabalho, meu velho rapaz! Bate as mãos três

vezes, faz com que te tragam água fria em vasilhas de prata, o Balbi que se mexa, têm de ir à cidade buscar-te uma máscara e uma capa, chamar o Giuseppe para te arranjar e compor o rosto; e depois falemos com a Teresinha para lhe dizer que esta noite faça a trouxa às escondidas e te espere ao romper da aurora às portas da cidade; vou levá-la para Munique e casá-la com o primeiro secretário do Eleitor. Tudo ficará assim como a lei manda. Consola-te, não podes fazer mais nada. O conde de Parma calculou bem. Apreçou-me com rigor e deitou contas a todas as possibilidades; sabia que eu ficaria esta noite, que desempenharia o meu papel, que garantiria o espetáculo, por maiores que os perigos fossem, que o garantiria mesmo que acabasse por ter um fim triste com as beldades de Bolzano a cantarem depois a três vozes um cântico fúnebre por cima do meu corpo. Calculaste bem, ó homem arguto, cobiçoso e espantado, que maliciosamente acreditas ser capaz de, com o teu ouro e o teu poderio, a tua sabedoria e a tua providência, reinar sobre o mundo até ao último minuto! E contudo previno-te, no instante em que vou começar a envergar o meu disfarce, a pintar a cara e a preparar-me para o espetáculo de acordo com todas as regras da arte, toma cuidado, também tu, toma cuidado! Que terás imaginado?... Mago das Índias, aceleração e condensação, género e obra-prima, mas que palavras! Toma cuidado, porque nós somos seres humanos com os quais, no teu desespero, queres ensaiar um género e uma obra-prima! Alguma vez eu soube de manhã como seria o meu dia?... Alguma vez me queixei disso?... Estou a meio da minha vida e não lamento nada, não me aborreci um só instante, as minhas costelas já experimentaram o sabor da faca, já me deram a beber vinho envenenado, já dormi ao relento, sem nome, sem amigos, sem amante, sem um vintém no fundo dos meus bolsos... Alguma vez o lamentei?... Mais de metade da minha vida passou, e não tenho nem casa nem teto neste mundo, não tenho um único móvel que me pertença, não tenho relógio nem anel que sejam meus, mando fazer novas roupas em cada cidade a que chego, e nenhum sentimento me liga a lugar nenhum... Continuas a não me invejar, conde de Parma? Tu que és em toda a tua pessoa laços e amarras, tu que estás ligado pelos teus palácios e pelo teu nascimento, pelo teu título e pelo teu nome, pelas tuas terras e pela tua fortuna, pelos teus sentimentos e pelos teus temores, agora que a tua vida quase chegou ao fim, conforme tão insensatamente repetiste, com esperança e galantaria, como se pudesses agir sobre o destino através da

força supersticiosa da palavra matizando com um «quase» o que é uma realidade consumada e cumprida; tu que gemes no emaranhado dos teus sentimentos e da realidade, não me invejas de facto, no fundo de ti e em segredo, a mim que viajo com os raios de luar, me envolvo em nuvens e atravesso as fronteiras dos países nas asas do vento, a mim que ninguém espera deveras em lado nenhum, que não possuo um único quarto, um único móvel, um único objeto de meu no vasto mundo?... Bom, acorda e prepara-te, meu rapaz! Solta um grito de alegria como outrora! Sopra um vento glacial que descompõe os vestidos das senhoras de Bolzano; ri, pois, com esse vento! A vida não acabou ainda, não se trata sei lá de que «quase», como não se trata do charlatanismo de um demente galante e de má-fé; tu continuas a ser tu! Toma cuidado, porque eu já não tenho medo da manhã; bem pode levar-me a tempestade cujas rajadas me uivam no coração e no espírito! Quero lugar para as lágrimas e para os juramentos, para os beijos e para a morte! Que tudo se condense, ou afrouxe, ao acaso da vida, seja o que for que ao despertar nos espere! Conde de Parma, hei de servir-te bem esta noite! Terás o melhor, a perfeição, como outrora, quando o lutador sabia que no fim do espetáculo teria que pagar com a vida, porque eu não vou segredar um texto que aprendi de cor, vai ser de improviso tudo e, mais ainda, o texto será autêntico! Não temes, velho sábio, que o espetáculo corra bem de mais?... Porque a carta é forte e feiticeira, o condão que se evola do texto talvez seja mais potente do que o teu plano tortuoso, por meio do qual queres guardar para o resto dos teus dias essa doce e terna pessoa a quem ligaste a tua vida – não receias que as emoções humanas te impeçam de proceder a previsões exatas, não sabes que até o melhor artista se pode enganar no seu trabalho; não temes que o jogo se torne realidade, o beijo um verdadeiro nó, o sangue uma nascente cujo jorro arrebate a vida ao irromper?... Celebrámos um contrato, sim. Então, que ocupe cada um de nós o seu lugar! Tu, com a cabeça de burro, no teu palácio, com a tua inteligência falsa e torturada, eu com o meu disfarce, que será perfeito ao ponto de ninguém conseguir reconhecer-me, ninguém senão aquela para quem o vou vestir! Balbi e Teresa, a postos para a jornada?... Balbi! Eh, Balbi! Ouve-me bem! Que horas são? A meia-noite está perto? É uma bela hora, é o instante em que o círculo mágico do dia se fecha e em que as bruxas montam nas suas vassouras. Estás bêbado? Tresandas a alho, tens a boca lustrosa de gordura, o vinho de Verona entortou-te os olhos... Para lá

de titubear, ouve-me um instante! É uma coisa em grande, Balbi! Tudo se encaminha às mil maravilhas! Podes esfregar as mãos, as tuas orações foram ouvidas, o nosso tempo em Bolzano chegou ao fim, partimos ao nascer do sol. Diz ao estalajadeiro que nos faça as contas e nos arranje cavalos. Tu vais fazer as malas ao serão e despedir-te das tuas ninfas das hortas e dos teus amigos esfolados, ó pinga-amor e ladrão de cavalos... Não, será mais avisado que, por esta noite, feches a boca! Amanhã, em Munique, logo escreves as cartas de adeus às tuas pretendentes! Faz as tuas malas, se é que tens alguma bagagem para levar, vai para o teu quarto, e fica lá até romper o dia. Os melhores cavalos têm de estar atrelados de manhã, vê se falas também com o patrão da mala-posta, porque quero um carro fechado, com mantas de lã e uma botija quente! E quero todos a postos! Diz-lhes que amanhã de manhã há de chover ouro ou espadeiradas, e que é deles que depende a chuva! Não me faças perguntas! Olho alerta e boca fechada, arrebita a orelha, e quando eu te chamar põe a trouxa às costas, e a galope para a berlinda, para o lugar da boleia do cocheiro! Não é uma súplica, Balbi, mas uma ordem – ainda não saímos completamente de Veneza, toma cuidado, pois a mão de Messer Grande faz-lhe pelo menos tantas comichões como as que tens no pescoço! Não te esganices! Se tive más notícias?... Hás de sabê-lo a cem léguas daqui, no devido tempo. Agora, despacha-te, vai à cidade e arranja-me um disfarce! Que disfarce? Um disfarce de baile de máscaras, grande cretino! Um disfarce perfeito e original, digno de um fidalgo, um disfarce que atraia as atenções quando eu entrar na sala; mas sem que ninguém consiga reconhecer aquele que se esconde sob esse disfarce e por trás da máscara!... Que dizes? Já não há disfarces para esta noite, em Bolzano? Imbecil, o disfarce que eu quero não é um vulgar traje de carnaval, Pierrot ou dominó, «príncipe e astrólogo persa», grande cozinheiro-mor, cavaleiro do Oriente, paxá com sabre e turbante, bobo de barrete de guizos, andrajos postiços e cetro cheio de fitas. Tudo isso são coisas vistas, tudo isso se tornou vulgar e enfadonho. Não, Balbi, para esta noite, tentemos descobrir uma coisa verdadeira e nova. Que dirias se me vestisse de cavaleiro, muito simplesmente, como convém ao meu nome e à minha condição, de cavaleiro francês acabado de chegar da corte do rei Luís... Não, não presta! Espera, deixa-me refletir. Olha, que me dizias se me vestisse de escritor, doutor e sábio, com lunetas de armação preta por cima do nariz, barretina, gola pregueada branca e capa negra?...

Escritor, não é má ideia. Que me dizes? Não há mais nenhum escritor em Bolzano? Não respondas à pressa, Balbi, a ordem dos escritores é uma ordem secreta, e eles usam condecorações invisíveis; tu, ignorante como és, pensas que o senhor de Vendôme, ou a Madame de Montespan podem entrar nos aposentos do rei antes dos escritores, mas a realidade é outra. O senhor de La Fontaine e Corneille, até mesmo Bossuet, entram primeiro, embora Corneille não seja sequer objeto de grande solicitude... Mas tu não percebes, não podes sequer perceber. Não, o disfarce de escritor não presta. Tenho de procurar melhor e descobrir outra coisa – que dizias tu se me vestisse de caçador, com trompa, punhal e arco, de Nemrod na pista da presa, Nemrod e Diana na floresta virgem da humanidade... Não, seria um símbolo demasiado claro. Não te lembras de nada? As criadas da cozinha não te exigem que as divirtas com o teu espírito que tresanda a alho?... Espera, Balbi, já sei! As criadas da cozinha! Que ideia genial! Vai a correr chamar-me Teresa! E tragam-me uma saia e uma blusa, meias brancas, tragam-me um sinal postiço e uma toalha de Viena para a maquilhagem, tragam-me uma touca e uma máscara de seda branca... Porque é que estás a olhar para mim?... Sim, vou-me vestir de senhora esta noite! Porque é que te pões a rir tão estupidamente? É um ótimo disfarce, vou precisar também de um leque, e, à moda napolitana, por causa dos peitos, vamos encher este peito com o recheio de penas que os travesseiros terão de nos emprestar por uma noite! Vamos, força! Acorda-me a casa! E põe-me este quarto em ordem, manda abrir as janelas, atizar o lume, ter pronta uma garrafa de vinho generoso em cima da mesa, frango frio com salada temperada, presunto e queijo também, pão branco, pratos e louças, tudo do melhor e só do melhor! Estalajadeiro!... Onde é que andas metido, velho proxeneta, assassino de companheiros e de mercadores ambulantes?... Vem cá para eu te ver bem, e ouve as minhas ordens! Quero o lume bem aceso na lareira, e a cama feita, quero por cima das almofadas e dos cobertores colchas do linho mais puro, acolchoados e rendas, deita âmbar nas brasas, instala duas poltronas diante do fogão, traz a mesinha de ébano para servir, arranja-me flores, mesmo que tenhas que as pagar com a vida, estás a ouvir, rosas vermelhas, sim, em pleno mês de novembro, com esta neve toda! Onde as vais buscar?... Isso é lá contigo! À estufa do conde, se não houver outra maneira, e já, para esta noite! Prepara ovos com vinagre para acompanhar o frango, manda pôr o presunto e o queijo numa travessa de vidro, por

cortar... Espera! Manda torrar fatias bem finas de pão e faz com que a manteiga seja servida em neve fresca, acabada de cair! Todos ao trabalho! O cocheiro que comece a aquecer a berlinda com botijas, é preciso dar aveia aos cavalos, limpar os arreios, toda a gente da casa deve estar a postos quando o dia romper, quero a cozinha a funcionar, pratos quentes e frios para a viagem, um barril pequeno cheio de vinho, e tudo da melhor qualidade! E silêncio, quero acima de tudo silêncio esta noite, como numa cova, silêncio, como debaixo da terra onde irás repousar esta noite se não cumprires fielmente e depressa as minhas ordens! Não me conheces, meu amigo, ainda não me conheces: sou terrível quando me enfureço! Fica sabendo que os meus contactos e as minhas relações na sociedade são sobrenaturais... Não vale a pena explicar-to por miúdos, bem viste quem esteve na bicha à minha porta, tanto nos outros dias como esta noite! Receberás cem cequins, assassino de mercadores, se tudo for feito como te disse: faz saber aos teus moços de cozinha e às tuas camareiras que amanhã de manhã vai chover ouro do céu cinzento de Bolzano, se toda a gente estiver no seu posto esta noite, invisível e às ordens. E quero tudo feito sem o mais pequeno ruído, vê se compreendes, não quero que se ouça nem veja ninguém! Continuas aí?... Fecha as janelas, isto já arejou o suficiente, perfuma a cama com aromas de rosa; as cortinas corridas, vamos lá; cá estão as flores, não é verdade?... Onde é que as arranjaste? No quarto da senhora de Bérghamo?... Amanhã, mandamos-lhe outras mais bonitas e mais cheirosas como recompensa, várias cestas delas, cem rosas, não, noventa e nove, é mais tocante, não te esqueças! Sim, já podes pôr a mesa, manda subir as travessas! O vinho!... Traz-mo cá para eu o cheirar! Não o provo agora, mas arriskas-te a ficar sem cabeça se souber a pipa velha! Não, não quero provar, acabei de lavar a boca... Giuseppe, vens mesmo a jeito, tapa-me os ombros com o teu penteador, quero maquilhagem na cara, isso, do lado direito e do esquerdo também, e um bocadinho nos lábios, põe-me o sinal na maçã do rosto direito, pó de arroz no cabelo, e agora enfia-me a touca que tirámos da cabeça de Teresa. Bom, já podeis tratar do resto. Foi a meia-noite que bateu?... Todos daqui para fora! Não quero ver ninguém até ao romper do dia. Teresa, minha pequenina, tu ficas um bocadinho. Ata-me a saia à cintura, arranja-me as ligas acima do joelho, empresta-me o lenço de seda que te dei ontem, tapa-me os ombros com ele... isso mesmo, obrigado. Estou bem sentado assim, com as pernas cruzadas, é assim que

uma mulher fica, de leque na mão, quando ouve as belas falas do seu apaixonado?... Reparo agora que nada sei ao certo dos gestos das mulheres, não lhes conheço a composição nem a forma. Como é que pego no leque?... Obrigada, meu anjo. Gostas de mim assim?... Tenho um nariz grande?... A máscara esconde-o, Teresa. Agora chega aqui mais perto, pequenina, senta-te nos meus joelhos, tanto pior se me amarrotares as pregas da saia. Saias, hás de tê-las e bem mais bonitas em Munique, de veludo e de seda, todas as que quiseses... Admiras-te? Mas nunca me passou pela cabeça outra coisa. Queres ficar para aqui a murchar, florzinha das neves, nesta espelunca, nos braços dos viajantes bêbados?... Vais-te embora comigo, amanhã, bem de manhãzinha, e levamos também Balbi, e arranjam-se maneira de o perder pelo caminho, que é o que ele merece. Vamos para Munique, sim, ao romper da aurora, assim que o dia desponte... Porque é que estás a chorar? Beija-me, como de costume, com os olhos fechados, a boca aberta, com a tua paciência. Porque é que tremes tanto? Cala-te, menina, e prepara-te para a jornada e para o teu destino que há de ser maravilhoso, cheio de ouro e com uma bela casa à tua espera, hás de ter a tua caleche privativa em Munique e um criado que, à noite, te descalçará sapatos e meias e te ajudará a vestir a camisa de noite de seda. Não queres?... Abanas a cabeça e ficas calada? Queres ficar aqui? Tenho de te deixar ficar?... Continuas sem dizer nada?... Eu abalo de manhã, minha menina, esta noite ainda vou ao baile, disfarçado a rigor, mas ao romper do dia pomo-nos a caminho, serás minha acompanhante e minha camareira, mas serás também a minha dama, por algum tempo pelo menos... Até que enfim! Já sorris? Vai para o teu quarto, reza, dorme e prepara-te para a viagem. Espera-me de madrugada, fora da cidade, no sítio onde a estrada se bifurca para Norte e para Oeste, ao pé da cruz de pedra. Podes confiar em mim... bem sabes que podes confiar. Há no teu sorriso qualquer coisa que só encontrei uma vez, em Verona, qualquer coisa de inconsciente e de libertino, qualquer coisa que é ao mesmo tempo modéstia e perigo... Um dia, explico-te. Havemos de cuidar melhor, depois, das tuas mãos. Lava o cabelo esta noite, lava o cabelo e a cara com uma infusão de camomila, e depois esfrega-te com esta pomada... Espera, vou dar-te uma rosa também, uma recordação, para esta noite. Agora vai e pensa no que te disse. Mas não penses de mais... Vai, porque eu também tenho de ir. Bons sonhos, minha menina. Amanhã de manhã, hás de acordar para uma vida nova, ao pé da

cruz de pedra, na berlinda, nos meus braços, debaixo das asas protetoras da minha capa... *Addio, cara fanciulla! Addio, mia diletta! Arrivederci a domani! Iniziamo una vita nuova!... Una vita felice!...* Uf! Já saíram todos?... Agora nós. Falta ainda a máscara, depressa. Minha bela máscara, minha roupa familiar em seda branca de Veneza, esconde uma vez mais o meu rosto como tantas vezes fizeste nos momentos de perigo e dúvida da vida. Um último relance ao espelho... O sinal escorregou um bocadinho para fora do sítio, mais uma pitada de *rouge* nos lábios, tenho de acamar as sobrancelhas, e um nadinha de fuligem de vela, uma sombra ao de leve por baixo dos olhos... Sim, o disfarce está perfeito. Cubro-me com a capa enquanto andar na rua... Tanta neve! Cuidado com a voz, Giacomo, fala antes com o leque e com os movimentos dos teus olhos! Está tudo a postos, sim, o frango frio, a manteiga na sua folha de neve, o vinho no pichel de cristal trabalhado, as flores na jarra de mármore, a essência de rosa nas almofadas, as cortinas da cama corridas... Está bem assim. Ponhamos mais um bom toro na lareira... E há ainda alguma coisa que falta. Já não sei o que é. O que é que poderá ser, uma coisa importante, que era preciso não esquecer... mais importante que as rosas, o vinho, o perfume de âmbar, o assado... Cá está, já sei, o punhal! No meu peito, fiel companheiro. No meu peito, no decote do vestido, no meio das penas; que magnífico preparo! Só as mulheres conseguem esconder assim um punhal, entre os seios, e que segurança e frieza de consciência não há na sensação de se ir deste modo para uma entrevista, com um punhal junto ao coração!... Acho que não me esqueci de nada. Vamos, a caminho! Atenção!... O que foi agora? Porque é que não andas? Estás só, vê-te ao espelho, o teu disfarce é magnífico, está tudo pronto, pessoas e coisas, uns instantes mais e o espetáculo vai começar, de acordo com as regras e os termos do contrato, segundo o combinado com o conde de Parma! Porque te demoras, porque te bate assim o coração, que sentimento é esse que te assalta e te cinge com tanta força, a ponto de não conseguires decidir-te, de te demorares com o teu punhal junto ao coração, a máscara no rosto e o leque entre os dedos... O que foi que aconteceu, Giacomo? É a vertigem que ataca o acrobata quando, do alto de uma pirâmide humana, ele olha para a multidão de estranhos, procurando uns olhos familiares no meio dela... O que é que te inquieta, de que é que te estás a lembrar? Tem calma, coração enlouquecido, deixa de correr à carga! Tens medo do amor, sim... Tens medo de um sentimento que possa ligar-te.

O conde de Parma conhece-te bem, na sua dor e na sua desgraça gemebunda viu-te tal como és, tens medo do sentimento que te ensombra a estrada, do sentimento de que foges desde a infância. Não tenhas medo, pobre louco. És tu o mais forte. Nada tens a recear, não há sentimento que seriamente possa exercer o seu domínio sobre ti; depois, experimentarás talvez uns dias maus, algumas semanas inquietas e passageiras, e jogarás às cartas ou farás rir as pessoas, como elas quiserem, segundo os princípios eternos da comédia humana, trocista e troçado, burlão e burlado... E depois a lembrança há de apagar-se. Não vais morrer dela, não te apoquentes. De manhã, partes com a garota da cozinha, como já fizeste tantas vezes, como hás de fazer tantas vezes ainda, e acordarás sozinho no dia seguinte, num quarto estranho, num mundo estranho, como de costume, porque não podes fazer de outra maneira. Não tenhas medo, nada de fraquezas! Uma lágrima que deixes cair agora pode manchar-te a maquilhagem da cara, descolar o sinal... mas não tenho medo de te ver em lágrimas. *Tenho de te ver...* Bela carta. Nunca recebi outra mais bela. Sim, estou ligado a esta mulher, de maneira diferente do que acontece com as outras, com uma outra força diferente e um outro desejo. E nem ela me pode libertar. Vamos então ao trabalho, ator! Compõe-te, cobre os ombros com a capa, afivela a máscara... Que silêncio imenso! Só o vento assobia. A caminho para o baile, para o teu trabalho, para esse mundo que faz parte também do teu destino, e sê duro, sem sentimentos que te prendam. Está aí alguém?...

A REPRESENTAÇÃO

A porta abriu-se, as velas vacilaram na corrente de ar. No pequeno átrio havia um homem novo, mascarado, de casaca, calção de seda, sapatos de fivela, fina espada de punho doirado presa acima da anca e tricórnio na mão. Inclinou-se e, com uma voz pura e cortante, como se introduzisse no quarto o frio e o bom humor do mundo da neve, com uma voz quase pueril, disse:

– Sou eu, Giacomo.

A personagem fechou cuidadosamente a porta e, com passos delicados e um pouco trôpegos, como alguém que se não sente por completo à vontade num traje masculino, inclinou-se como um homem e disse sem se embaraçar:

– Estive à tua espera para nada. Por isso resolvi vir.

– Porque vieste? – perguntou ele, numa voz ligeiramente rouca por trás da máscara e, prendendo os pés nas pregas da saia, deu desajeitadamente um passo em frente.

– Porquê? Mas escrevi-to na minha carta. Porque tenho de te ver.

Proferiu estas palavras com amabilidade, numa voz branca, como se aquela fosse a única explicação razoável e, de resto, a mais natural das respostas que uma mulher podia dar a um homem. E como ele se mantivesse em silêncio:

– Não recebeste a minha carta? – perguntou, com inquietação.

– Sim, recebi. Trouxe-ma o teu marido – respondeu ele. – Trouxe-ma esta noite, o conde de Parma.

– Oh! – disse ela, e depois calou-se.

Dissera o seu «oh!» muito baixo e simplesmente, numa voz de passarinho. Tinha o corpo esbelto e semelhante ao de um rapaz encostado a um dos lados da lareira, brincando com a espada que segurava nas duas mãos. A máscara que lhe escondia o rosto fitava o chão com um ar grave e

vazio. Depois, disse muito baixinho:

– Eu senti-o. Estava à espera da resposta e senti que alguma coisa má tinha acontecido à carta. Com efeito, raramente escrevo cartas. Para dizer a verdade, foi esta a primeira que alguma vez escrevi.

E, com um movimento leve, pôs a cabeça de lado, envergonhada, como se tivesse confessado, traído, o maior segredo da sua vida. Depois largou a rir por trás da máscara, com um riso nervoso.

– Oh!... – exclamou de novo. – Desgosta-me tanto que a carta lhe tenha ido parar às mãos! Poderia ter pensado nisso. Achas que o cavaleiro que se encarregou de a trazer aqui continua com vida?... Ficava desolada se lhe acontecesse algum mal, é tão jovem, e sabia olhar-me tão tristemente, tão alquebrado, quando saíamos os dois a cavalo, e tem, além disso, uma família numerosa para sustentar. Foi o conde de Parma quem te trouxe a carta?... Pobre conde! Como deve ter sofrido! É tão orgulhoso e solitário, nem consigo imaginar bem o que terá sofrido ao pôr-se a caminho para te trazer uma carta onde eu escrevi que tinha de te ver. Ameaçou-te? Ou propôs-te dinheiro?... Responde-me, meu amor.

Proferiu estas últimas palavras em voz forte, segura de si, objetiva, como se falasse de uma noção séria ou designasse um objeto. A máscara olhava fixamente para a luz, branca e morta.

– Ameaçou-me e propôs-me dinheiro. Mas não foi para isso que veio – disse Giacomo. – Veio simplesmente entregar-me a carta cujo conteúdo me explicou com toda a minúcia. A seguir, celebrámos um contrato.

– Sim – disse ela, e pareceu soltar um breve suspiro. – Que contrato, meu amor?

– Disse-me que te oferecesse a minha arte, a aventura, esta noite. Disse-me que realizasse esta noite uma obra-prima. Propôs-me dinheiro, a liberdade, uma carta que me protegerá e ajudará a atravessar fronteiras. Disse-me que estás doente, Francesca, que te enamoraste, e rogou-me a tua cura. Disse-me que nos concedia esta noite, que é tão breve e tão longa como a vida inteira; disse-me que fizesse o impossível para que vivêssemos numa só noite todos os transportes e todas as decepções do amor, antes de nos separarmos pela manhã; a seguir, eu teria que partir por esse mundo fora, para onde me chama o meu destino, e tu, pelo teu lado, voltarias ao palácio, de cabeça erguida, levando luz e calor aos últimos instantes da vida do conde de Parma. Foi isto o que ele me disse. E explicou-me o que queria

dizer a tua carta. Penso que, também ele, compreendeu a tua carta, Francesca; compreendeu perfeitamente todas e cada uma das suas palavras. Não falou alto; a voz dele fez-se ouvir, pelo contrário, baixa e cheia de paciência. E queria também que eu te reconfortasse e te ferisse, segundo todas as regras, de tal maneira que de manhã tudo estivesse acabado entre nós e nós puséssemos ponto final na frase... Foi o que ele me disse.

– Disse-te que me ferisses?...

– Sim, mas ao ir-se embora disse-me que não te ferisse demais.

– Sim – disse Francesca. – Ele ama-me.

– Também o creio – disse Giacomo. – Ama-te; mas, para ele, isso é fácil, Francesca. É fácil amar como ele ama, quando a vida acabou... quase acabou, como ele próprio disse; repetiu várias vezes a mesma palavra: «quase», porque se deve tratar de uma palavra importante aos olhos dele, se bem o compreendi. É fácil amar quando a vida quase terminou.

– Meu querido – disse ela com ternura e indulgência, como um adulto que se dirige a uma criança, e, no momento em que os lábios invisíveis proferiam tais palavras, a máscara pareceu sorrir. – Nunca é fácil amar.

– Não – disse ele com teimosia. – Mas, para ele, é mais fácil.

– E a seguir – perguntou a máscara dela – celebraram um contrato?

– Sim.

– Que contrato?

– O contrato que ele quis, segundo aquilo que escreveste. Que esta noite nos veríamos. E que nos amaríamos, porque há um segredo e um laço entre nós; e é verdade, Francesca, o amor tocou-nos. É um grande dom e uma grande tristeza. Um grande dom, porque o certo é que te amo, à minha maneira, dentro dos limites do meu género, ou seja, das possibilidades da aventura, e uma grande tristeza, porque esse amor nunca será alegre nem fácil, não terá asas como as pombas... O nosso amor é um amor diferente. Combinámos que tu e eu nos conheceríamos, como se diz na Bíblia; a seguir, tu chegarias ao fim no que me diz respeito, quebrar-se-ia para ti o encanto e, de manhã, deveríamos assim separar-nos para sempre. Mais tarde, eu já não seria uma sombra na vossa cama, deixaria de vos assombrar quando o conde de Parma se debruçasse sobre ti nas almofadas, durante algum tempo seria uma recordação, com o tempo, menos do que isso ainda, e por fim não seria nada, nem para ti nem para ninguém. Tal foi o que combinámos. Tal é o que tenho de fazer esta noite, com palavras e beijos,

com lágrimas e juramentos, com todos os segredos da minha arte e na observância das leis do género.

Calou-se e ficou, com atenção e curiosidade, à espera da resposta.

– Começa então, Giacomo – disse ela serenamente, baixinho.

E inclinou a cabeça; a máscara deixava entrever um olhar indiferente.

– Começa – repetiu a voz. – De que estás à espera, meu amigo?... Começa, o momento chegou. Vim eu ter contigo, não precisaste de sair para atravessar a tempestade. Porque cerca da meia-noite rebentou uma tempestade, caso não saibas; uma tempestade glacial que uiva, enquanto o vento norte levanta trombas de neve nos caminhos. Mas aqui reinam o silêncio e um calor perfumado. Vejo que a cama está feita. Sinto um perfume de rosa e âmbar. E a mesa está posta para duas pessoas, com todo o cuidado e muito bom gosto, segundo os usos mais consagrados. E a verdade é que passa já da meia-noite, são horas da ceia. Pois bem, Giacomo, começa.

Sentou-se à mesa, tirou as luvas, soprou as unhas, esfregou friorentamente as mãos; estava sentada numa atitude de expectativa, cortês e aprumada, diante da mesa cheia de iguarias, exatamente como se esperasse a chegada do *maître d'hôtel* e o início do repasto.

– Como vais tu começar? – perguntou ela, vendo que ele permanecia imóvel; depois, num tom íntimo e curioso continuou: – Como é que se faz para seduzir e depois desencantar alguém que veio de sua livre vontade, meu amor?... Tenho curiosidade em saber, Giacomo! Que vais tu fazer?... Serás violento, ou galante e astucioso? Comprometeste-te, sem dúvida, a realizar uma obra-prima, mas não te será fácil executá-la. Porque, bem vês, agora já não estamos completamente sós, estamos aqui com o assentimento dele, é um pouco como se fôssemos três nesta sala. Naturalmente, ele já sabia que desde o primeiro instante tu me dirias tudo, ou quase tudo, não acreditou nem por um momento que te contentasses com um trabalho grosseiro, que me mentisses e me escondesses o segredo da sua visita, e calasses o contrato que concluíste com ele. Não imaginou nem por um momento que as coisas se passassem de outro modo, sabia bem que começarias por essa confissão, e talvez saiba até como encerraremos o nosso caso após este começo, como encerraremos os dois, ou talvez os três... Por mim, não o sei ainda. Apenas sinto curiosidade, depois de quanto até aqui me foi dado ouvir. Pois bem, começa.

As duas máscaras calaram-se por um tempo. Depois, numa voz pueril que se ia fazendo mais cálida, como que animada pelas próprias palavras que dizia – e, ao fim de poucos instantes, a voz tornou-se inteiramente feminina, como se toda a rudeza e toda a distância se tivessem dissolvido na pessoa que falava –, a máscara de homem continuou:

– Sendo assim, posso começar eu... uma vez que estou aqui, ainda que isso não seja inteiramente conforme à sua vontade, nem, de resto, conforme à tua: estou aqui por vontade própria, embora por trás de uma máscara, vestida de homem, e por isso um tanto como se me tivesse vestido para me divertir..., e talvez não seja pior assim. Começa então e realiza a tua obra-prima. Será interessantíssimo. Não foi o que combinastes, os dois, tu, o homem que eu amo, e ele, o homem que me ama?... Portanto, não terei feito mais do que obedecer às ordens do conde ao vir aqui? E, aconteça o que acontecer esta noite, tudo se desenrolará assim segundo as ordens dele, e nós os dois, tu e eu, conhecer-nos-emos e ferir-nos-emos em obediência a essas mesmas ordens... Acho maravilhoso – disse a voz dela desprendidamente, com uma indiferença triste e calma. – Ele não terá inventado mais nada? Foi tudo o que ambos combinastes? Não conseguistes imaginar outra coisa, outra coisa mais inteligente? Dois homens tão avisados e notáveis como tu e ele?... Ele trouxe-te a minha carta e explicou-a? Talvez a tenha explicado na totalidade, meu amor. Porque quando pus no papel as minhas letras, as primeiras palavras coerentes e dotadas de sentido que me foi dado escrever na vida, fiquei assustada com o que as palavras podem dizer, se não as escolhermos de modo conveniente e não as ordenarmos com correção... Quatro palavras, vê lá tu, e, obedecendo a essas quatro palavras, tu vestiste-te de mulher, e ele saiu do seu palácio, fez de correio, subiu estas escadas íngremes... Quatro palavras, umas gotas de tinta no papel, e tantas coisas aconteceram já por ordem dessas quatro palavras! Várias coisas mudaram no mundo porque eu escrevi quatro palavras! Sim, também a mim isto maravilha e faz tremer. E todavia penso que ele não terá compreendido completamente a minha carta. Explicou-a?... Também eu ta vou explicar, Giacomo! Vou fazê-lo, ainda que com menos razão do que vós os dois! No teu entender, achas que sou mulher que saia de sua casa à meia-noite, por capricho e por gosto de aventura, à procura de um homem que acaba de sair do calabouço e cuja má fama é tal que em Bolzano, e noutros lugares, as mães e as senhoras de idade se

persignam quando ouvem alguém proferir o nome dele diante delas?... Conheces-me assim tão mal? E o conde de Parma, que dorme comigo no mesmo leito, conhece-me tão pouco?... Imaginaste que aprendi a escrever por enfado ou por jogo, simplesmente porque queria mandar-te algumas linhas de convite para uma entrevista noturna e bizarra?... Imaginaste que viria ver-te a pensar numa aventura, como vós combinastes por meio de um contrato, como homens e homens sedutores que sois, a pensar numa aventura e por uma noite só. Pensaste que entre dois trechos de música e dois passos de dança eu me evadiria de minha casa, mascarada, entraria no quarto de um estranho, e depois, enquanto ainda houvesse gente a dançar nas salas, me precipitaria de regresso ao meu palácio, para me perder de novo entre os restantes pares?... Imaginas que ando atrás de um sonho de crianças quando te escrevo e venho a tua casa, quando penso em ti, quando avivo a tua memória com o meu sopro, quando conto os dias que passas na prisão e me insinuo nos teus aposentos de noite para um encontro secreto, simplesmente porque tu cá estás, de passagem pela cidade onde resido com o meu marido, e porque te conheci quando era rapariga, tendo havido então alguns folgedos de amor entre nós os dois?... Tal será, pois, a sabedoria do forte e poderoso conde de Parma? A omnisciência de Giacomo, o conhecedor do coração das mulheres?... E eu, a mulher simples e pueril, eu correria atrás de um sonho tempo fora, escrevendo finalmente as palavras que te informam, a ti, ao conde, e ao mundo inteiro, de que tenho de te ver? Mas talvez eu não seja tão sonhadora nem tão pueril, Giacomo, meu amor. Talvez tenha sido eu a dirigir os passos do cavaleiro que trazia a minha carta, de maneira a fazê-lo cair na armadilha do conde... Talvez, também eu, tenha celebrado um contrato esta noite, e se o não fiz com mais ninguém, fi-lo de mim para comigo, e trata-se de um contrato duro e vinculativo como um caixão, ainda que nenhum juramento o tenha selado. Talvez eu própria saiba também porque subi estas escadas, talvez não seja o conde de Parma o único a sabê-lo. Que te parece, meu amor? Porque escrevi eu a carta? Porque foi que enviei o cavaleiro para a sua missão secreta? Porque é que fiquei à tua espera? Porque é que me vesti de homem? Porque é que me escapuli do meu palácio? Porque é que estou aqui no teu quarto? Fala, uma vez que assinaste um contrato!

A máscara de Giacomo perguntou então em voz surda e submissa:

– Porquê, Francesca?

– Porque eu não sou a aventura, meu amor. Não sou o material de uma obra-prima. Não sou nem o objeto nem a letra do vosso sábio contrato. Não sou a bem amada que por uma noite se introduz nos aposentos do amante. Não sou uma sonhadora estulta que fica inutilmente à espera de um homem, correndo atrás de uma sombra, de uma quimera de felicidade. Não sou a mulher jovem que, ao lado do marido velho, sonha com o mel de braços mais fortes e com os beijos de uma boca mais ardente, e atravessa a neve em busca de um ensejo favorável de compensação. Não sou a mulher que se enfastia, que não é capaz de resistir à tua fama e te sai ao caminho, como não sou a donzela bucólica que não consegue fugir à presença do encantador galã da sua juventude. Não sou nem uma tonta nem uma cortesã, Giacomo.

– Quem és tu, então, Francesca? – perguntou ele.

A máscara filtrava-lhes as palavras, como se fosse de muito longe que falassem. No silêncio dessa distância, de muito longe, Francesca disse:

– Eu sou a vida, meu amor.

Ele aproximou-se da lareira e, acautelando-se para não pegar fogo às pregas da saia, inclinou-se e atirou duas grandes achas para o lume. Ainda inclinado, perguntou espreitando por cima do ombro:

– E o que é a vida, Francesca?

– Não é naturalmente a fuga através da neve – respondeu ela com perfeita serenidade. – E não é também a febre e o ardor das grandes palavras, como não é a situação em que nos encontramos neste momento, tu vestido de mulher e eu de homem, ambos mascarados, num quarto de hospedaria, como se representássemos um papel de opereta. A vida não é nada disto. Tenho de te dizer o que é a vida? Pensei muito a esse respeito. Porque não foste tu a única pessoa que viveu numa prisão, Giacomo, numa prisão para onde mãos ciumentas e poderosas te lançaram; também eu vivi todos estes anos numa prisão, embora não dormisse numa enxerga. A vida, meu querido, é um todo. A vida é um homem e uma mulher que se encontram porque são feitos um para o outro, porque são um para o outro o que a chuva é para o oceano: um volta sempre a cair dentro do outro, criam-se mutuamente, são a condição um do outro. Desse todo nasce uma harmonia, e é isso a vida. Uma coisa raríssima entre os seres humanos. Tu, pelo teu lado, foges dos homens, porque pensas que tens outras coisas a fazer no mundo. Eu procuro esse todo, porque sei que mais nada há a fazer. Foi por

isso que vim. E digo-te já, levei tempo antes de ter a certeza. Mas agora, sei. Sei também que sem mim nada de perfeito podes fazer no mundo, não, nem sequer no teu género, como tu dizes; sem mim, não podes ser sequer um verdadeiro aventureiro, um aventureiro consumado, sem mim não podes apreciar deveras o mundo, o jogo, as experiências e a aventura; sem mim não podes sequer seduzir com perfeição outras mulheres. Porque é que ficas aí, Giacomo, imóvel, com a tua tenaz e o teu fole, como se te tivessem dado uma pancada?... Terás compreendido alguma coisa? Eu sou a vida para ti, meu amor, sou a única mulher que na tua vida significa o todo, sem mim não chegas a ser bem um homem, nem um artista, nem um jogador, nem um viajante, do mesmo modo que, sem ti, eu não sou uma verdadeira mulher, mas apenas uma sombra, algures nos infernos. Compreendes agora? Porque eu, sim, eu compreendo. Sem isso, não teria deixado esta noite o conde de Parma, que me ama e me mostra tudo o que vale a pena ver-se no mundo, o poderio e o luxo, o fausto e a razão, e, se não quero quebrar as conveniências e a discricção, podes, apesar de tudo, acreditar em mim, ele fez-me também conhecer o rosto triste e grave do amor e da paixão; porque o amor tem cem rostos, e o conde de Parma usa apenas um desses numerosos rostos. Esta noite pôs uma cabeça de burro, porque o nosso amor o feriu e porque se sente mortalmente triste. E sabe que as coisas não podem ser de outra maneira; é por isso que tolera que eu esteja contigo, aqui, a estas horas, e é por isso que ostenta orgulhosamente a sua cabeça de burro. Mas isso de nada lhe valerá, nem o facto de saber, nem o disfarce, nem o contrato, nada lhe valerá. Viveu na violência e morrerá de vaidade. Não posso socorrê-lo. Mas nunca o teria abandonado, porque também eu celebrei um contrato com ele e fui educada no respeito pela palavra dada. Sou toscana, Giacomo – disse a máscara; e a figura sentada soergueu-se um pouco.

– Eu sei, minha querida – disse ele, com a tenaz na mão e a sua voz parecia sorrir. – Esta noite, neste quarto, já alguém mo disse.

– O que é que estás a dizer? – perguntou Francesca numa voz arrastada, levemente cantante, uma voz aquiescente e surpreendida de menina de escola. – É verdade, tens recebido muitas visitas nestes últimos tempos. Há de ser sempre assim para ti e à tua volta, eternamente... Hás de estar sempre rodeado de muitos homens e de muitas mulheres. E eu hei de habituar-me, meu querido, não será fácil, mas saberei apagar-me.

– Quando, Francesca – perguntou ele –, quando é que queres habituar-te? Esta noite?... Porque esta noite não espero outra visita.

– Esta noite? – perguntou ela com a mesma voz calma e pueril. – Não, mais tarde, vida fora.

– Na vida que vamos passar juntos?

– Talvez, meu amor. Não era isso que tinhas pensado?

– Não sei, Francesca – disse ele, e depois sentou-se diante dela, recostou-se na poltrona, cruzou as pernas por baixo da saia e os braços sobre o peito recheado de penas. – Na realidade, trata-se de um ponto que o contrato não prevê.

– Esse contrato são só palavras – disse ela calmamente. – Mas o outro contrato, o que firmámos os dois sem uma palavra, previu o ponto de que falas. Haverá sempre muita gente à tua volta, homens e mulheres, o que não será, sem dúvida, particularmente agradável para mim. Mas hei de suportá-lo – disse com uma expressão preocupada e soltou em seguida um leve suspiro.

– E quando – perguntou ele numa voz quase respeitosa, objetiva e apaziguadora, como quem fala com uma criança ou com um louco que não pode ser contrariado – quando achas tu, Francesca, que poderemos começar essa vida?...

– Mas já a começámos, meu amor – respondeu ela vivamente. – Começámo-la no momento em que eu te escrevi, em que o conde de Parma te transmitiu a minha mensagem e em que eu me vesti de homem. Estás a falar-me como quem fala a uma criança ou aos loucos. Mas eu não sou nem uma coisa nem outra, meu amor. Sou uma mulher, embora esteja vestida de homem e mascarada, sou uma mulher que sabe alguma coisa com a maior das certezas e que age em consequência do que sabe. Calas-te?... O teu silêncio pergunta o que posso eu saber com tamanha certeza, com uma certeza tão ridícula, tão louca que por ela deixaria que me cortassem a cabeça?... Sei muito simplesmente que estás ligado a mim, Giacomo, e que eu estou ligada a ti, embora vá haver sempre muita gente, muitos homens e mais mulheres ainda à tua volta, o que me fará sofrer; é isto o que eu sei, e o conde de Parma bem o sabe também. Foi por isso que ele te trouxe a carta, e é por isso que no seu palácio, enfeitado com uma cabeça de burro, suporta neste instante saber-me aqui contigo. Foi por isso que se apressou a celebrar um contrato contigo, e tu, Giacomo, apressaste-te a celebrar um

contrato com ele, contra mim, porque tens medo de mim, como se tem medo da vida, que é totalidade e portanto destino... Coisas das quais toda a gente tem um certo medo, mas eu já não tenho medo – disse ela em voz alta e clara.

– E que será a nossa vida? – perguntou ele.

– Não será nem feliz nem solene. Não teremos sorte. Há pessoas que têm ouvido para a harmonia, para a totalidade. Mas tu não és dessa espécie de homens. Eu hei de estar muitas vezes só, hei de ser solitária aos olhos dos outros, abandonar-me-ás muitas vezes e eu não serei feliz, no sentido acariciador e meigo do termo, como a maior parte das pessoas gostariam de ser felizes. Mas a minha vida terá um sentido, uma substância, uma substância talvez difícil e dolorosa. Sei tudo, Giacomo, porque te amo. Sou tão forte como um lutador, porque te amo. Serei tão inteligente como o papa, porque te amo. Saberei escrever, e hei de aprender a servir-me do baralho; estou já a descobrir como se faz para marcar o rei e o valete de ouros de maneira a que os demais não deem por isso. Mande vir de Nápoles cera e baralhos novos, havemos de prepará-los juntos antes de tu saíres, ao encontro da tua sociedade e dos seus crápulas, e depois ficarei à tua espera em casa, enquanto tu os depenares, e tu hás de voltar de manhã, ou no dia seguinte, e repartiremos os cequins, devolvê-los-emos ao mundo pois não precisamos de fortuna, o ouro queima-te os dedos, é assim a tua natureza. Serei a mulher mais bela de Paris, Giacomo, hás de ver como saberei seduzir o chefe da polícia, como jantarei com ele e ninguém te fará mal, hei de proteger-te melhor do que o salvo-conduto do conde de Parma, hei de proteger-te a todo o momento com os meus olhos, com a minha respiração, para que nenhuma desgraça te aconteça. E se apanhares alguma doença com mulheres de má vida, cuidarei de ti, dar-te-ei fricções com mercúrio e far-te-ei infusões de ervas. Serei tão astuciosa como os espiões da Inquisição, e se um dia sentires saudades da tua terra, irei a Veneza, entregar-me-ei ao doge e pedirei clemência para ti, a fim de que possas voltar e tornar a ver a Nonna e o senhor de Bragadin, ou a bela freira para a qual arrendaste um palácio em Murano. Aprenderei a cozinhar pratos digestivos, meu amor, de resto já descobri, já sei que não podes comer manjares condimentados porque sangras do nariz, sei fazer sopas que te tirarão as dores de cabeça, e visitarei as mulheres galantes, serei a tua alcoviteira e hei de arranjar-te gratuitamente, por uma noite, a célebre Julia

pela qual o príncipe de Norfolk pagou cem mil cequins e que foi tão cruel para ti durante o teu último Carnaval, em Veneza. Aprendi a fazer malha, a lavar e a brunir, porque em viagem teremos muitas vezes falta de dinheiro, ficaremos em estalagens piores do que o Veado, os sabujos dos usurários vão correr-nos no rasto, e eu tratarei de que tu, meu amor, apareças sempre de camisa engomada, com o peitilho asseado, mesmo que nos últimos quatro dias anteriores só tenhamos tido para comer peixe seco e frito em azeite. Serei tão bela, Giacomo, que de vez em quando, quando tivermos dinheiro, hás de cobrir-me de veludos, de sedas e de joias e de levar-me a Londres, à ópera, onde reservarás um camarote, e os olhos de todos serão só para mim, até durante o espetáculo; e tu estarás sentado ao meu lado, e olharemos friamente para a multidão, com indiferença, porque eu não terei um olhar para mais ninguém, e toda a gente há de saber que a mais bela de todas as mulheres é tua, e só tua. O que te vai fazer bem, pois és vaidoso, extraordinariamente vaidoso. Toda a gente ficará a saber que o teu triunfo é completo, que eu sou a condessa de Parma que abandonou o marido e os palácios para viver contigo, que delapidou as suas joias e haveres para poder dormir na tua cama, que anda fugida contigo pelas estradas, que se deita ao teu lado em cavaliças em ruínas, e que não tem um olhar que seja para outros homens, exceto quando tu assim o queres. Porque podes fazer tudo de mim, Giacomo. Podes vender-me ao nosso primo Luís, para o harém dele em Versalhes, podes vender-me a peso de ouro, e ficarás a saber que, ainda quando houver desconhecidos que se derretem nos meus braços como o chumbo do Ano Novo nas brasas, eu continuarei a ser só tua. Poderás naturalmente impedir-me de olhar para outros homens, poderás até desfear-me, o que nada me importará!... Poderás cortar-me os cabelos, poderás marcar-me o peito com um ferro em brasa, poderás infetar-me a pele com a moléstia que entenderes, e verás: continuarei a ser sempre bela para ti, hei de descobrir remédios, de cozinhar filtros, mudarei de pele e os meus cabelos voltarão a crescer quando, mais tarde, quiseres amar-me e se eu continuar a apetecer-te. Tens de saber que tudo isto é possível porque te amo. Serei a mais virtuosa das mulheres se for essa a tua vontade, meu amor; viverei sozinha num apartamento cujas janelas mandarás entaipar, só irei à missa quando o permitires, na companhia dos teus servidores; passarei dias inteiros nos aposentos que me tiveres fixado como prisão, e cuidarei de mim, vestir-me-ei, ficarei à tua espera. E só mulheres me poderão servir,

mulheres da tua escolha, mudas e cegas, se assim quiseres. Mas se tiveres necessidade do desejo de outros homens para atiçar o teu amor, serei galante e perversa. Se quiseres humilhar-me, Giacomo, fica sabendo que não conseguirás descobrir humilhação que para mim não seja bem-vinda, porque te amo. Se precisares de me torturar, poderás amarrar-me a um cavalete e chicotear-me, e eu gritarei, correrá o meu sangue e, entretanto, porei o pensamento em novos instrumentos de tortura, para que o teu prazer se torne ainda mais intenso e mais verdadeiro. Se precisares de que eu reine sobre ti, serei cruel e insensível, como li nos livros que o conde de Parma mandou vir de Amsterdão. Sei segredos, Giacomo, não há mulher nos lugares de Veneza que conheça tão perfeitamente como eu os segredos da ternura e do tormento, do que estimula o corpo e a alma, dos filtros de amor e da roupa de dentro, das luzes e dos perfumes, das carícias e da contensão. Se for preciso que eu seja vulgar, sei palavras italianas, francesas, alemãs e inglesas, que por vezes me fazem corar quando estou sozinha e a sua lembrança me ocorre; são palavras que aprendi para ti, e só a ti as murmurarei, se tu quiseres. Não há escravo nos haréns orientais, meu amor, que conheça as carícias que eu conheço, estudei bem o corpo, sei de todos os seus desejos, até dos mais secretos, daqueles em que os homens só pensam no leito de morte, quando já nada importa e um aroma de enxofre se espalha à volta da cama. Aprendi tudo isto porque te amo. Será bastante?

– É pouco – disse ele.

– É pouco – repetiu ela. – É pouco, sem dúvida. Só quis dizer-to para que o soubesses... Não creias que tenha por um instante sequer tido a esperança de que fosse suficiente, de que fosse tudo. Tudo isto são apenas instrumentos, meu amor, bem o sei eu, tristes instrumentos. Limitei-me a dizê-los e a designá-los, porque queria que soubesses que nada poderás desejar de mim que eu não aceite ou que me não esforce por cumprir. Tens razão, é pouco. Porque o amor tem duas cenas nas quais se desenrola o grande duo e ambas são infinitas. A cama e o mundo. E nós viveremos também no mundo. Não basta fazer tudo o que a tua inspiração, o teu desejo ou o teu capricho exijam de mim, não, tenho de saber ainda o que te dá felicidade, tenho de te decifrar, de te descobrir. Tenho de conhecer aquilo a que aspiras a ponto de o não confessares a ti próprio nem no teu leito de morte, nesse momento em que já nada importa: tenho de o descobrir e de to dizer para que o saibas, para que te sintas bem, para que possas finalmente

ser feliz. Porque tu és infeliz, meu amor, e eu não suporto a tua infelicidade, quero dar nome àquilo a que aspiras... Mas também isto ainda não basta, é pouco, seria um trabalho tosco, um logro, porque também eu tenho um género, para o caso de o não saberes, ainda que se trate de um género menos elevado e menos complicado do que o teu. Que género? Simplesmente o do meu amor por ti. Serei forte e inteligente, púdica e depravada, paciente e solitária, desenfreada e cautelosa, porque te amo. Tenho de saber porque foges tu do sentimento e da felicidade, e, quando souber o teu segredo, será preciso que te transmita esse triste saber, mas não assim, não por meio de palavras, não to direi desse modo, porque se trata de um conhecimento sempre aterrador e que de nada serve... As palavras, por certas que sejam, limitam-se a designar e a desvelar os segredos dos homens, mas não os resolvem, como tu sabes sem dúvida, tu que és escritor. Não, tenho de viver, suportar, amar, tenho de esperar, velar a fim de te transmitir sem palavras o teu segredo, o que te faz sofrer, aquilo a que aspiras, aquilo para que a tua coragem não chega – porque por trás de cada desgraça encontramos sempre a cobardia e a ignorância, bem o sabes tu, por certo, uma vez que és escritor. Tenho de saber porque é que tens medo da felicidade, que não é um par de mãos dadas, um berço ou um caixão, mas um todo, uma espécie de atitude grave, quase severa, e que por isso é a vida e a verdade. Tenho de saber a que é que aspiras tão violentamente que não ousas confessá-lo a ti próprio, e depois terei de calar esse segredo, porque as palavras só serviriam para te ferir, e tu protestarias com a tua vaidade e escapar-te-ias negando e praguejando; é por isso que terei de me calar, com esse segredo no coração. E terei de viver de maneira a que descubras e compreendas, sem palavras, porque foi que houve tudo isso – a solidão, o tédio, a curiosidade, as paixões feias, as mulheres sem conta, os baralhos de cartas, a bebida, porque é que o teu género, a aventura, se desenhou assim, e porque é que tu és um aventureiro... – e quando o descobrires, através de mim, mas sem palavras, verás que tudo se há de tornar melhor e mais fácil. Mas só tu podes pronunciar o segredo. Eu, pelo meu lado, só posso esperar, estar atenta, reconhecer, e depois, com todo o meu ser, a minha vida e o meu corpo, o meu silêncio e os meus beijos, o meu comportamento, transmitir-te esse saber e esse segredo. Tenho de o fazer porque te amo. E é por isso que tens medo da vida e da plenitude, pois não há nada que tenhamos tanto, nem sequer o suplício e o cadafalso, como a nós próprios,

como ao segredo que não nos atrevemos a olhar de frente. Será melhor então a vida, meu amor?... Ignoro-o. Tudo será simples, muito mais simples. E nas duas cenas, a cama e o mundo, seremos dois cúmplices que tudo sabem sobre si próprios e sobre o público, e deixaremos de ter medo. Porque o amor é cumplicidade e aliança, Giacomo, e não somente uma febre e alguns juramentos, lágrimas e gritos, mas uma aliança séria e sólida. E eu respeitarei essa aliança até à morte. Que se passará? Não tenho planos, Giacomo. Não digo: «Estou aqui, sou tua, leva-me contigo» – porque isso seriam apenas palavras ocas. Mas tens de saber, ainda que me não leves agora, que te esperarei sempre, em segredo, até que a minha imagem te surja no espírito e até que um dia sejas bom e voltes para mim. Não tenho qualquer razão para jurar ou prometer, porque conheço a realidade, meu amor, e a realidade é que tu és para mim o único, o verdadeiro. Podes deixar-me como já uma vez fizeste, quando bateste cobardemente em retirada, e não perante o conde de Parma, mas perante a força terrível do sentimento, perante a descoberta a que tinhas chegado de que eu era para ti a única, a verdadeira. Não o sabias por palavras, não o sabias com a tua razão, mas sabia-lo com o coração e o corpo; foi por isso que fugiste. E fugiste em vão, uma vez que estamos os dois aqui de novo, de olhos nos olhos, à espera do instante de tirarmos as máscaras para nos vermos como temos de nos ver. Porque nos olhamos sempre através das nossas máscaras, meu amor, há ainda muitas máscaras entre nós, e temos de as descer uma a uma até reconhecermos enfim os nossos rostos verdadeiros a descoberto. Devagarinho, não te apresses, não toques na máscara que trazes, não a tires já. Não é por acaso que nos encontramos mascarados ao cabo de tanto tempo, quando cada um de nós acaba de sair da sua prisão e estamos aqui os dois, de olhos nos olhos; não te apresses a tirar a máscara, porque por baixo dela descobrirás outra, uma máscara de carne, de osso e pele, que não é menos máscara do que a primeira, feita de seda. Teremos de pôr de lado muitas máscaras ainda antes que eu possa ver e reconhecer o teu rosto. Mas sei que algures, longe, muito longe, esse outro rosto vive, e é esse rosto que tenho de ver um dia, porque te amo. Um dia, há muitos anos, deste-me um espelho, Giacomo; tinhas-me trazido uma prenda de Veneza, e naturalmente essa prenda só podia ser um espelho, um desses espelhos venezianos que têm a reputação de revelar o verdadeiro rosto das pessoas. Tinhas-me trazido um espelho com moldura de prata, e um pente, um pente com cabo

de prata. Foi tudo o que de ti recebi. É muito, meu querido. Os anos passaram, e a minha mão continua todos os dias a segurar esse espelho e esse pente, penteio os meus cabelos e olho o meu rosto, como tu querias e imaginavas que eu faria ao ofereceres-mos. Porque um espelho é um sortilégio – deves sabê-lo tu, ó veneziano, cuja pátria fabrica os mais belos de todos os espelhos. Temos de nos ver muito tempo ao espelho, muitas vezes e muito tempo, antes de conhecermos o nosso verdadeiro rosto. Um espelho não é uma simples placa de prata com a sua superfície lisa, não, um espelho é profundo como um lago de montanha, e quem se debruça com toda a atenção sobre a superfície de um espelho veneziano vê subitamente o fundo, vê profundidades sempre novas, e o seu rosto reflete-se cada vez mais longe, o seu rosto que se debruça sobre o espelho, e todos os dias uma máscara cai do rosto que se olha ao espelho, no espelho que o seu amor lhe trouxe de Veneza. Nunca ofereças um espelho à mulher que amas, meu amor, porque desse modo as mulheres acabam por se conhecer a si próprias, passam a ver melhor e entristecem. Foi por meio do espelho que um dia, algures, o conhecimento começou, quando o homem se debruçou sobre o mar, viu o seu próprio rosto no infinito, e entristeceu perguntando-se: «O que é isto?...» – e também o espelho com o tamanho da mão que me trouxeste mostrou-me o meu rosto verdadeiro, e um dia vi como aquilo que eu pensava ser o meu verdadeiro rosto familiar não passava de uma máscara, uma máscara mais fina do que a própria seda, e que por trás dela havia um outro rosto que se parecia com o teu. Eis quanto devo eu ao espelho... E é por isso que hoje não prometo, não juro nem exijo nada, embora o coração me bata com mais força; porque vi o meu rosto, sei que se parece com o teu, e que tu és o verdadeiro. Será bastante?...

– É pouco – disse ele.

– É pouco? – perguntou ela com a sua voz de pequeno pássaro surpreso. – Não, Giacomo, não estás a ser sincero. Tu bem sabes, dentro de ti, que não é pouco, que é alguma coisa, sim, e talvez mais do que isso. Não é pouca coisa que dois seres saibam que são os únicos um para o outro, que são um para o outro os verdadeiros. Também eu precisei de muito tempo antes de o saber. Porque houve um tempo em que me não conhecia; cresci assim, em Pistoia, por trás dos muros espessos, no velho jardim, numa espécie de profusão emaranhada e inconsciente, como a relva cresce – nessa altura, cortejavas-me ainda, com muito humor, virilmente, negligentemente, mas

ambos sabíamos que era já com palavras de verdade que falávamos, fosse qual fosse o motivo das nossas conversas! – e tu escolhias no mundo dos animais, das estrelas e das plantas os nomes com que me acarinhavas, como fazem todos os enamorados quando se limitam ainda a brincar um com o outro e com as palavras, no extremo começo do amor, quando ainda não têm a coragem de se chamar pelos seus verdadeiros nomes, por exemplo: «meu amor», ou «Giacomo», ou «Francesca». Porque, bem vistas as coisas, todas as demais palavras são supérfluas. Mas, nesse tempo, chamavas-me ainda «flor brava», ou até «urtiga brava» – o que não era lá muito galante –, porque eu era selvagem e agressiva, e tu dizias que o contacto da minha mão te deixava uma impressão de queimadura e marcas na mão. Pois era assim que me cortejavas. Quando penso nesse tempo sou tomada de vertigens e coro, porque me parece que no primeiro instante em que te vi, em Pistoia, na grande sala do rés do chão, no meio dos móveis decrepitos – tu estavas justamente a mostrar a carta do cardeal e trocavas delicadamente algumas palavras com o meu pai, contando cheio de à-vontade uma ou outra das tuas mentiras – sabia já sobre ti mais do que posteriormente, quando as conversas e os jogos de sociedade me esconderam o teu verdadeiro ser. Desde o primeiro instante soube tudo a teu respeito, e se há alguma coisa que me cause vergonha, que eu dissimule pudicamente a mim própria, é a fase seguinte do nosso amor, quando tu me «fazias a corte», quando me chamavas nomes de animais, nomes que escolhias no mundo das plantas e das estrelas, e eras galante, maldoso, mentiroso e distante – e é um tempo que, esse, sim, me envergonha. Eras cobarde, Giacomo, eras demasiado cobarde para obedeceres ao teu coração desde o primeiro instante em que me viste, quando não tínhamos proferido ainda uma palavra e quando tu ainda não me chamaras «urtiga brava» nem outras coisas do mesmo género. Foste cobarde e trata-se de uma falta grave – perdoo-te tudo o que o mundo não te perdoo, o teu carácter e as tuas fraquezas, as tuas inclinações baixas e o teu egoísmo sem limites, compreendo tudo isso e de tudo isso te absolvo, mas essa falta, nunca ta poderei perdoar. Porque permitiste tu que o conde de Parma me comprasse como um bezerro no mercado de Florença?... Porque permitiste que eu fosse com ele para os seus palácios e cidades estrangeiras, quando sabias que eras tu o único, o verdadeiro?... Na minha noite de núpcias, ao romper do sol, acordei, estendi a mão na cama à tua procura. Visitei Paris e, na carruagem que nos

conduzia pela estrada pedregosa de Versalhes, a caminho do baile do rei, sob as ramadas dos plátanos, não respondi às perguntas do nosso primo Luís, porque te imaginava sentado ao meu lado e queria mostrar-te uma coisa. E perguntava sem parar de mim para mim: porque foi ele cobarde quando é ele o verdadeiro? Porque é que ele não teme nem o punhal, nem a prisão, nem o veneno, nem as humilhações, mas tem medo de mim que sou a única, a verdadeira, porque é que tem ele medo da felicidade?... Tal era a pergunta que então me atormentava. Depois compreendi. E agora, Giacomo, sei o que tenho a fazer – foi por isso que aprendi a escrever, como aprendi muitas outras coisas que nada têm a ver com a tinta ou com o papel. Aprendi tudo, sim, porque te amo. E compreende-me bem, meu amor, não pronuncio com franqueza ou languidez estas palavras: *Amo-te* – não, digo-as antes com cólera, grito-tas na cara, como uma acusação e uma ordem. Estás a ouvir-me, Giacomo? *Amo-te*. Não são palavras que eu possa murmurar. Interpelo-te, como um juiz, estás a ouvir-me? *Amo-te*, logo julgo-te. *Amo-te*, logo exijo que sejas corajoso. *Amo-te*, logo recrio-te, arrasto-te comigo, e ainda que fosses tão forte como uma estrela presa ao raio de diamante de uma órbita celeste, levar-te-ia comigo, arrancar-te-ia ao universo, à tua lei e ao teu género, como tu dizes, porque te amo. Não é uma prece, Giacomo, isto, é uma acusação, sim, uma acusação capital. Não te estou a convidar para um jogo, não me apetece brincar nem dançar uma pastorela contigo, não te contemplo com ternura, siderada, com suspiros doces e tolos: olho para ti com cólera, com arrebatamento, como se olha um inimigo. Levar-te-ei comigo neste amor, agora ou mais tarde, não te deixarei por um segundo, podes fugir para o outro lado de todas as fronteiras, podes levar contigo a criadinha que há pouco me abriu a porta e que, com o instinto de uma corça, recuou para a sombra do portal, pois senti que, embora vestida de homem, eu era uma mulher e uma inimiga, tal com eu senti que tu e ela estavam ligados e que ela era uma inimiga para mim, e que tramava contigo, como todas as outras mulheres, alguma coisa em meu detrimento – mas é assim e assim continuará a ser. Contudo sou eu a mais forte, porque te amo. Grito-to na cara, como se te esbofeteasse, compreendes?... Ouves?... *Amo-te*. Este amor é um castigo do destino. *Amo-te* há cinco anos, Giacomo, desde o instante em que te vi no velho jardim, em Pistoia, e tu disseste uma qualquer mentira rematada, e chamaste-me «urtiga brava», e lutaste por mim, de tronco nu, ao luar, e

depois fugiste, e eu desprezei-te – e amei-te. Sei que tens medo, que tens ainda medo. Não feches os olhos por trás da tua máscara: agora, finalmente, vejo-te, apesar da tua máscara, vejo só os teus olhos que, há pouco, brilhavam como os de uma fera observando a presa e que estão agora mais toldados, como se os encobrisse uma névoa; agora, sim, são quase olhos humanos. Não feches os olhos como se te afastasses: fica sabendo que não te largarei; embora tenha havido entre ti e o conde esse negócio de iludidos tortuosos, tu continuas a ser o homem a que estou ligada, e eu sou a mulher a que estás ligado, estamos ligados como o assassino e a vítima, como o pecador e o pecado, como todos os homens e aquilo que é o seu dever na terra e a que eles gostariam de fugir. Não tenhas medo, Giacomo! Eu ia a dizer: não tenhas medo, não dói muito! Tenho de te dar coragem, porque a coragem também é uma virtude, tenho de te ensinar a seres corajoso para contigo próprio, para connosco, para com a nossa história que é até certo ponto um pecado e um atentado, como todas as histórias verdadeiras do mundo. Não tenhas medo, porque te amo. Será bastante?...

– É demais – disse ele.

– É demais – disse ela, e em seguida fez ouvir um leve suspiro.

Calou-se, deitou o rosto coberto pela máscara entre as mãos e fitou demoradamente o lume.

O lume crepitava num murmúrio monótono. Ambos lhe ouviam a voz contínua e viva. Depois, com movimentos cautos, como se receasse tropeçar na espada, Francesca ajoelhou diante de Giacomo, ergueu os braços longos e finos e, muito devagarinho, com toda a ternura tocando a máscara apenas com a ponta dos dedos, tomou nas mãos o rosto coberto do homem. Sussurrou:

– Perdoa-me se te amo demais, Giacomo. Sei que é uma falta grave. Tens de me perdoar. Muito poucas pessoas suportam o amor total, que é sempre uma obrigação e uma responsabilidade totais. Tal é a minha única falta para contigo; perdoa-me. Nunca te pedirei mais nada. Farei tudo para que sofras menos. Receias o despertar, receias o tédio que, um dia, apertará com a sua mão húmida a tua garganta quando te encontrares ao meu lado?... Não receies, meu amor, porque esse tédio será rico e alegre, como quando nos espreguiçamos e bocejamos, esse tédio terá um sentido: quererá dizer que eu te amo. Não sabes ainda, não podes saber o que é amar alguém. Tenho de te explicar o amor, porque tu disse nada sabes. Tens medo dos teus desejos

e da tua curiosidade, tens medo das novas mulheres que te hão de sorrir em cada estalagem, de cada janela, nas praças do mercado de cada cidade estrangeira, de dentro das carruagens, e sentes que não poderás persegui-las porque haverá um sentimento a ligar-te a mim?... Não tenho a certeza de que as queiras perseguir, se eu te amar, mas se um dia te fores embora, por curiosidade, por tédio, eu ficarei a viver num sítio qualquer e esperarei por ti. E, um belo dia, sentir-te-ás cansado da gente e do mundo, também tu, terás conhecido tudo e provado tudo, acordarás nauseado, uma doença maldosa torcer-te-á os membros, sentirás os ossos carcomidos, e então olharás para o mundo à tua volta e hás de lembrar-te de que eu continuo algures à tua espera. Onde estarei eu a esperar-te, meu amor? Onde quiseres. Na casa de campo para onde irei quando o conde de Parma morrer, numa grande cidade onde me deixarás entregue a mim própria, talvez aqui mesmo, em Bolzano, em minha casa, para onde vou voltar a esperar-te quando esta noite terminar... Mas tu tens de saber que continuarei para sempre à tua espera. E onde quer que faça a minha cama, uma das suas almofadas estará sempre a esperar por ti. E cada travessa que um criado coloque à minha frente será também para ti. Quando o sol brilhar e o céu se puser azul, fica sabendo que olharei para o céu e pensarei: «Neste momento, Giacomo está a ver o céu e sente-se contente.» Quando chover, pensarei: «Neste momento, ele está a uma janela, em Paris ou em Londres, está embirrento e de mau humor, têm de lhe acender o lume no quarto para não lhe arrefecerem os pés.» Quando vir uma mulher bela, pensarei: «Talvez ela lhe desse uma hora durante a qual ele se animasse ou se sentisse menos infeliz.» Quando partir um bocado de pão, metade dele será sempre para ti. Sei que é demais, meu amor, e é por isso que te peço perdão. Quero viver muito tempo para poder esperar-te e ver-te voltar para casa.

– Para casa, onde, Francesca? – perguntou a máscara. Não tenho casa, nem mobília, em parte nenhuma.

– Para minha casa, Giacomo – disse ela. – A tua casa é onde eu dormir.

Prudentemente, como se tocassem um objeto de vidro, as mãos dela, formando um cálice, afloraram a máscara do homem:

– Bem vês – disse ela, e havia na sua voz uma inflexão, um tal irradiar, que a máscara começou a viver e a sorrir – estou de joelhos perante ti, disfarçada de galã que seduz, suplicando, a sua dama. E tu, tu estás sentado diante de mim, vestido de mulher, mascarado, porque por esta noite

trocámos os papéis do jogo do destino, trocámos as nossas máscaras e os nossos papéis: sou eu que sou o apaixonado, o pretendente, e és tu a dama que se defende. No teu entender, tratar-se-á apenas de um resultado do acaso?... Esta tarde, eu ainda não sabia que iria vestir um traje de homem ao serão, do mesmo modo que tu não podias saber que o conde de Parma viria ver-te, te traria a minha carta, te convidaria para a festa, e que por isso te vestirias de mulher... No teu entender, tudo terá sido apenas um acaso? Não compreendo a ordem das coisas humanas, Giacomo, limito-me a supor, começo a suspeitar que, em tudo o que é importante e em tudo o que é irreversível, não existe acaso, e no fundo, no mais fundo de nós, homens e mulheres, misturam-se os sentimentos e os desejos, os disfarces e os papéis, e há momentos em que a vida joga connosco, e transtorna dentro de nós o que julgávamos definitivo e irreversível. É por isso que não me surpreende ser eu a ajoelhar diante de ti, e não tu diante de mim, conforme o conde de Parma ordenou no seu contrato, e não me surpreende ser eu a esforçar-me por te reconfortar, em vez do contrário. Porque, vê lá tu, tudo se desenrolará esta noite segundo o espírito do contrato, simplesmente os papéis talvez não sejam em rigor os que o conde de Parma fixou. Suplico-te, meu querido, aceita o meu amor, quero reconfortar-te, porque te amo e não suporto a tua tristeza, sou eu, e não tu, o cavaleiro e o sitiante, fui eu que vim ter contigo, pois tenho de te ver. E agora aqui estou, e tu continuas em silêncio. Um silêncio forte, taciturno, como o teu papel to dita, oferecendo-me o motivo para a minha réplica, observando os termos do contrato. Hesitas ainda, Giacomo, representas ainda, representas bem demais o teu papel – não receias que o nosso tempo se esgote, que a noite passe e que de manhã nada tenhas de interessante e satisfatório para o teu comanditário?... Não me queres, meu amor? Tornas-te assustador quando te fechas num silêncio tão teatral. Disseste «é pouco» e disseste «é demais» quando te ofereci tudo o que uma mulher pode oferecer ao homem que ama. Olha para o lume, Giacomo, olha para aquela chama que acaba de irromper, como se o lume quisesse dizer qualquer coisa. Talvez queira dizer que temos de nos aniquilar numa paixão, que temos de renascer num sentimento, porque é isso a totalidade e a vida. O passado inteiro arde e consome-se no nosso amor, se assim quiseres, e tu levar-me-ás contigo, ou virás comigo – pouco importa, Giacomo, saber quem leva quem –, mas é preciso recomeçar tudo desde o princípio, pois é essa a grande magia do amor. Tenho de te trazer de

novo ao mundo, serei ao mesmo tempo tua mãe e tua filha, purificar-te-ás no meu amor e eu serei pura nos teus braços como se jamais um homem me tivesse tocado. Continuas a calar-te?... Não me queres?... Serei incapaz de te reconfortar?... Oh, seria terrível, Giacomo! Ter-te-ei oferecido em vão o prazer e a paz, a pureza, a renovação, não conseguirei levar-te comigo no meu sentimento, não conseguirei arrancar-te ao teu género, não conseguirei mudar-te, não conseguirei ver de veras o teu rosto, o teu último rosto, sem máscara, conforme escrevi e quero?... Será possível que tu sejas apesar de tudo o mais forte? Será possível que a força do meu amor se quebre contra o teu género e o teu temperamento?... Prometo-te a paz e a plenitude da vida, e tu, tu dizes que é demais e que é pouco. Porque não dizes que basta, que basta simplesmente?... Não posso oferecer-te nada que te arranque ao teu papel, não posso dizer nada que te faça finalmente exclamar: Sim, é quanto basta!... Olha, aqui estou eu, de joelhos, tenho vinte anos, e bem sabes que sou bela. Também eu o sei. Não sou a mais bela, porque a mais bela não existe em parte nenhuma, mas sou bela, o meu corpo não tem defeito, o meu rosto exprime qualquer coisa, e nessa expressão há a curiosidade e a paz, a devoção e a compreensão, a alegria e a gravidade, e tudo isso se une em harmonia, e é por isso que é belo. A beleza é isso. Tudo o mais não passa de uma mistura friável de pele, de carne e de ossos – tu ainda acreditas nas mulheres, Giacomo, que exibem vaidosamente a sua beleza, que se passeiam com altivez e não sabem que a beleza se funde no cadinho do amor: um mês ou um ano depois da fusão, já ninguém vê a beleza delas – o rosto, as pernas, os braços, os lindos seios, tudo isso se derrete e aniquila na chama que é o amor, e o que fica é uma mulher que talvez saiba ainda sossegar, reter, dar e ajudar, depois de tudo passado, muito mais tarde, quando já não se lhe vê o rosto ou a beleza da silhueta... É assim a minha beleza. Estou tranquila, Giacomo, tranquila como um lingote de ouro que é sempre e em toda a parte metal e ouro, quer alguém o traga no dedo, quer esteja enterrado nas entranhas da terra. Estou tranquila porque sou bela, o Criador deu-me a beleza, mas é verdade que ao mesmo tempo me puniu; sou bela, e portanto tenho muito a fazer na terra, tenho de te agradar. Mas não é só a ti que agrado, Giacomo. Não posso andar pelo mundo impunemente com esta beleza; por toda a parte onde ando suscito paixões e, como os vedores sentem os movimentos das águas subterrâneas, eu sinto essas paixões. Tenho de sofrer muito por ser bela. E ofereço-te esta

beleza e esta harmonia, dádiva e castigo do Criador, e tu, pelo teu lado, engasgas-te e dizes que é demais e que é pouco. Não tens medo, Giacomo?... Conheceste-me quase menina e chamaste-me urtiga brava, depois permitiste que o conde de Parma me comprasse e fugiste, porque tinhas medo de mim, e porque sempre tiveste medo da mulher verdadeira e única, medo da plenitude – não receias que todo o destino seja vão, talvez eu seja uma mulher que acabe por se cansar desta expectativa, deste contrato, desta negociação, destas promessas; não receias que eu esteja já cansada e que só tenha vindo para ter a certeza disso mesmo e para to dizer?... Porque a paixão e a promessa que me sobem do coração em direção a ti são uma emoção terrível e que se consome a si própria! Não receias, Giacomo, que também eu tenha os meus segredos? Não receias que saiba talvez despertar em ti sentimentos não plenamente meigos e pacíficos; não, se eu o quiser deveras, sou capaz de te divertir com histórias que acabarão por te fazer gritar: «Basta!»... Porque, vê bem, Giacomo, eu sou a verdadeira e não quero outra coisa senão salvar-nos, a ti e a mim, por meio do sacrifício do amor, e depois viver contigo, em todos os infernos, segundo a lei dos homens. Mas se celebraste um contrato diferente com o teu género, com o conde de Parma e contigo próprio, talvez também eu seja fraca, e dir-te-ei que a chama que vive em mim desde que te conheço é uma chama inextinguível, talvez possa dizer-te que não pude aceitar a tua fuga e a tua cobardia, e que outros homens me beijaram antes de eu me entregar ao conde de Parma. Talvez possa dizer-te aquilo para que a paixão ofendida impele uma mulher de quinze anos, talvez possa contar-te como, após a tua fuga, em Pistoia, me entreguei ao jardineiro que chegaste a conhecer – não tens medo, Giacomo, de me ouvir contar-te esta noite? Porque estou bem lembrada, eu, de todas as minúcias, tal como te debes tu próprio lembrar bem desse jardineiro por mão do qual me mandavas flores; era alto e largo de ombros, taciturno e violento. Queres ouvir a história dessa noite, da noite que se seguiu ao teu duelo e à tua fuga?... Queres ouvir todos os pormenores? E depois, há os outros, todos os que se seguiram, à medida que passavam os meses, os anos, sem que tu desses sinais de vida, e com a mesma chama sempre a consumir-me, pior do que as chamas e fumos do inferno, pior do que as chamas que mordem o corpo do infeliz que a Santa Inquisição condena a arder em vida. Terei de te contar a história da casa de Florença, terei de te falar do palácio à beira do Arno, junto à ponte da

Trindade, onde poderás ver o meu roupão, os meus chinelos de quarto, o meu pente e o espelho veneziano que me oferecete – terei de te falar da casa que tantas vezes me acolheu, porque talvez também eu tivesse o meu casino, o meu palácio secreto, durante todos estes anos, como tu os tiveste em Murano, Giacomo? Terei de te dizer tudo? Queres provas?... Terei de te explicar o que se passa quando uma mulher que ansiava por dar tudo ao homem que ama, tudo o que um corpo jovem e uma alma jovem podem dar, é frustrada pelo seu enamorado, e começa a arder como um archote de carne, de cabelo, de sangue, de emoção em chamas, um archote que arde com um fogo secreto na penumbra da vida, que cresta e calcina tudo aquilo em que toca? E nem mesmo todo o poder, toda a força e toda a vigilância do conde de Parma conseguiram extinguir a chama. Terei de te dizer o que se passa quando uma mulher tem de procurar nos braços de dez, de vinte, de cem homens, a ternura que não queria de ninguém, a não ser do único homem que amava e que lhe fugiu? Queres nomes, Giacomo? Provas?... Queres conhecer os nomes e endereços dos fidalgos, jardineiros, eguariços, atores, batoteiros e músicos que para comigo foram mais amáveis e humanos do que tu?... Queres saber o que se passa quando uma mulher começa a viver neste mundo como uma possessa, como se tivesse sido tocada e marcada pelo destino, e quando o seu coração já não sabe o que seja a paz, pois ela ama alguém e o seu amor não para de a ferir. Porque de tudo isto poderei também falar-te.

– Não é verdade – disse Giacomo roucamente.

– Não é verdade? – perguntou ela numa voz espantada, arrastada e pueril.

– E se eu to provar, Giacomo?... Se eu te der todos os nomes e todos os endereços que o provam, nesse caso acreditarás? Porque posso dar-tos, todos os endereços e todos os nomes. É quanto basta?

– É quanto basta – disse ele.

E levantou-se, levou vivamente a mão ao peito, tirou o punhal do corpete e apertou-o no punho.

Mas Francesca não se mexeu. Sempre de joelhos, muito humildemente, virando para ele a sua máscara de olhar fixo, disse baixinho:

– Oh, o punhal! A eterna resposta, meu amor! A única resposta que és capaz de dar às feridas da vida. Guarda o punhal, meu querido; respondes por um monossílabo que nada explica, é uma resposta simplificadora e insignificante. E porque é que me responderias com o teu punhal, quando és

cobarde e não te atreves a amar-me, quando aquilo que posso oferecer-te não é para ti nem uma verdadeira alegria nem um sofrimento verdadeiro, quando tudo isto não passa de um jogo, da representação única de um grande ator de passagem, do virtuosismo de um prestidigitador contratado? O punhal não consta do contrato, meu querido. Repito, larga o punhal, não mexas a máscara com os teus dedos a tremer, e está sossegado. Porque é que haverias de tirar a máscara? Que pode dizer-me o rosto que essa máscara esconde? Escrevi que tinha de te ver, e vi-te. Não queria ver um rosto, Giacomo, mas um homem, um homem que era para mim o único, o verdadeiro, e que era cobarde, que me vendeu e me fugiu. Queria voltar a ver esse homem. Porque bem podia saber já que espécie de homem és, o fogo da Geenna bem pôde arder em mim durante cinco anos, bem pude eu tentar extinguir-lhe a chama, era em vão que apagava a toca e o morrão da ofensa com os beijos de outros homens – mas sabes, não sabes? que continuava a amar-te, sempre –, bem podia carregar comigo a ofensa pelo mundo fora, como um gládio sangrento para desafiar para o combate todos os que se cruzavam comigo no caminho, bem pude vingar-me vezes sem conta da ofensa, no mais fundo de mim e em segredo, continuava sempre a esperar que um dia teria forças para arrancar a última máscara do teu rosto e para te ver, a ti, conforme to escrevi, e para te perdoar. Foi por isso que aprendi a escrever com o eunuco. Foi por isso que te escrevi e mandei a carta. Foi por isso que te esperei enquanto não chegavas, pois estavas nessa altura a celebrar um contrato com o conde de Parma, fiel ao teu género, e foi por isso que fui eu a entrar aqui, vestida de homem, mascarada, para te ver uma vez mais. E a seguir contei-te tudo, e bem sabes que é tudo verdade, que és tu o único, o verdadeiro, e que eu sou a mulher a quem estás fatalmente ligado, e ofereci-te como soube tudo o que podia dar-te. E tu disseste que era pouco, e a seguir disseste que era demais. Mas, para acabar, disseste também: «É quanto basta.» Era o que eu queria ouvir. Agora escuta-me bem, meu amor: cada uma das palavras que proferi é verdadeira. Vi-te, e já não quero ver-te de outro modo: tenho de voltar para casa, para junto dos meus convidados. Tu, vai mundo fora, vive, mente, rouba ouro e corpos, rasga todas as saias que encontrares pelo caminho, espoja-te em toda as camas a que os teus passos te conduzirem, cultiva o teu género, sê-lhe fiel. Mas, dia e noite, saberás, no êxtase do beijo e nos braços das mulheres, saberás sempre que era eu a verdadeira, a plenitude, a vida, e

que me vendeste e vilipendiaste. Saberás que terias podido ter tudo o que um homem pode ter e que te contentaste com um contrato, que foste inteligente e covarde, e que a vida nunca mais te dará nada. Saberás que o meu corpo, que é uma parte do teu corpo, nunca mais poderá ser teu, e poderá porém ser de todos os que o quiserem. Saberás que vivo algures, que outros homens me beijam, e que tu nunca mais me poderás beijar. Também eu, à minha maneira, sou uma natureza fiel, Giacomo. Gostaria de viver contigo tão puramente como os homens terão vivido no Jardim, quando não havia ainda pecado no mundo. Queria salvar-te do teu destino. E não há sofrimento, miséria, doença ou humilhação que eu não tivesse partilhado contigo. E tu bem sabes que assim é, que as minhas palavras são como as palavras do Evangelho, que eu falo verdade. Sabia-lo e ficaste em silêncio, fielmente, como já o decidiras contigo e com o conde de Parma. Pois bem, fica sabendo que te vi, fica sabendo que te condeno a seres infeliz, fica sabendo que não haverá na tua vida um único instante em que sintas a doçura da vida nos teus lábios, fica sabendo que terás de pensar sempre em mim, agora que me viste e sabes uma ou duas coisas a meu respeito – ainda que não seja tudo, porque o nosso tempo é breve, e não te esqueças que devo algum pudor e discrição ao meu sexo e ao nome que uso. Mas já sabes, seja como for, uma ou duas coisas a meu respeito. Imagina o resto, todos os dias, a todas as horas, quando tiveres tempo, entre duas obrigações, dois contratos, duas obras-primas. Porque deste momento em diante tens de pensar em mim, Giacomo, não me preocupo com isso, sei com toda a certeza que, depois do que se passou, terás de pensar em mim. Foi por isso que vim ver-te, foi por isso que prometi tudo o que uma mulher pode prometer a um homem, e é por isso que te digo agora que nem sequer a imaginação de um artista depravado poderá inventar situação que no futuro não seja realidade para mim, seja qual for a hora em que penses em mim. Foi por isso que vim à meia-noite, mascarada, vestida de homem, espada à cinta. Sim, posso agora voltar para casa, para o meu palácio e para a minha vida, que sem ti será só uma metade de vida. Adquiri a certeza de que não pode ser de outra maneira. Pois bem, viaja, realiza obras-primas, meu amigo. Talvez um dia a tua vida seja apesar de tudo uma obra-prima, uma obra-prima fulgurando com uma luz fria e má... É possível que seja essa a tua lei, e que para ti seja isso o mais importante. Para mim, eras tu o mais importante, meu amor, e agora sei que ficarás para sempre com uma dor no

coração depois desta noite, porque não só te vi, eu, conforme queria, como me viste também tu, viste o meu outro rosto, o que se esconde dos olhos do mundo por trás de uma máscara – e nunca o esquecerás. Porque a vingança é igualmente um prazer, Giacomo: ainda não compreendes bem estas palavras, mas dentro de um instante, quando eu já não estiver neste quarto, quando eu tiver desaparecido para sempre da tua vida, hás de compreendê-las de súbito, e depois o sentido do que te disse encherá a tua vida inteira. Eu não sou ninguém, Giacomo, não sou nem um artista nem um homem poderoso, sou apenas uma mulher, Francesca, da Toscana, indigna de ocupar um lugar de primeira escolha na tua grande obra. Mas, na tua vida, ocupo já um lugar, cuidei disso esta noite. Enchi-te de mim própria e da consciência de que sou a única, a verdadeira, e tu sabes que me repudiaste e humilhaste, a mim que te amei e te amarei sempre, em todas as situações a que me quero abandonar para cumprir o meu voto de vingança. Gostava de prestar um juramento contigo, Giacomo, um juramento sobre a vida. Não quiseste. Pois bem, seja... Mas vais viver de outra maneira doravante, meu amor, como se tivesses sido envenenado por um veneno subtilíssimo, sofrerás a vida inteira: tratei eu de que assim fosse. Porque também eu tenho as minhas armas, mais subtis do que um punhal. É verdade, o punhal... Guarda o teu punhal, meu amor... Não soube ser a mais forte na vida e no amor, mas, na vingança, sou a mais forte; é por isso que te digo que guardes o punhal. Ou, se quiseres, dá-mo em recordação desta noite... Guardá-lo-ei em Florença, em minha casa, juntamente com as tuas outras prendas, o espelho e o pente. Queres fazer uma troca?... Olha, vou tirar esta espada de punho de ouro que esta noite prendi à cintura, e vou dar-ta em troca do punhal, como outrora, após um combate decisivo, os inimigos reconciliados trocavam corações e armas. Dá-me o punhal como lembrança. Obrigada... E guarda como lembrança esta arma afiada, leva-a contigo, por esse mundo fora. Bem vês, trocamos as nossas armas, Giacomo, uma vez que não pudemos trocar os corações. E agora cada um de nós terá de voltar ao seu lugar neste mundo, e continuar a viver, como é inevitável, porque o teu coração não pôde e não quis ser mais forte do que o teu temperamento e do que o teu género. Agradeço-te o punhal, meu amor – disse ela erguendo-se. – Agradeço-te esta noite. Doravante viverei mais tranquila do que nos últimos cinco anos. Terei ainda notícias tuas?... Ignoro-o. Ficarei à tua espera?... Já te disse, Giacomo: ficarei sempre à tua espera. Porque aquilo

que há entre nós não passa com o tempo. Não é só o amor que é eterno, Giacomo, a vingança é também eterna, como todos os sentimentos verdadeiros.

Soltou a espada, deu-lha, e prendeu a uma fivela de ouro do cinto o punhal veneziano que ele lhe entregara com um gesto mudo.

– Está a romper o dia – disse ela numa voz inocente e cristalina. – Tenho de me ir embora. Não me acompanhes, Giacomo. Tal como fui capaz de descobrir sozinha o caminho que me trouxe a ti, saberei também descobrir o outro caminho, que me conduz a minha casa e à minha vida. Que silêncio imenso... O vento caiu. E o lume, olha, apagou-se, como se quisesse dizer, na linguagem do mundo e dos fenómenos, que toda a emoção acabará em cinzas. Mas não quero acreditar que seja assim. Porque sabes, deves saber, que esta noite foi apesar de tudo um encontro, que nos encontramos e conhecemos, embora não tenha sido precisamente nem da maneira como imaginou o conde de Parma nem nos termos da Bíblia. O contrato está agora selado, Giacomo: e o selo, para que saibas tudo, o selo é a vingança. É um selo poderoso, poderoso como o amor, a vida e a morte. Podes dizer ao conde de Parma que mantiveste a tua palavra; não és um cabotino, meu amor, não foste fraco, mereceste o teu preço e a tua recompensa. A noite acabou, tudo se passou segundo o estipulado, eu conheci-te e volto para o homem que me ama e que me espera para que eu o ajude a dizer adeus à vida. Faz boa viagem e percorre o mundo com um passo ligeiro, Giacomo. O teu género permanece intacto, e aquilo de que te encarregaste realizou-se: não exatamente como o tínheis imaginado ambos, os dois sábios, os dois homens, mas o que conta é o resultado, e o resultado foi que te conheci, que não tenho verdadeiro poder sobre o teu coração, e é por isso que nada posso fazer senão resignar-me à minha sorte e admitir que não disponho sobre ti de outro poder, excetuada a vingança. Leva contigo esta confissão e esta promessa, leva-as pelo teu caminho que há de ser sem dúvida longo, interessante e variado. Mas, à guisa de adeus, vou, pelo meu lado, pedir-te mais uma coisa: escrevi-te uma carta, acontecimento raro na minha vida. Se, um dia, sentires que compreendeste a minha carta, e se lhe quiseres responder, não sejas preguiçoso nem cobarde, e responde, devidamente, com uma pena e tinta, como um escritor experimentado. Prometes-mo?...

E como Giacomo mantivesse o silêncio:

– Não respondes? Tens assim tanto medo da resposta?

– Sabes bem – disse ele muito lentamente e em voz rouca – que se um dia te responder, a resposta não será escrita com pena e tinta.

Ela encolheu os ombros e disse descuidadamente, com um sorriso cheio de doçura na voz:

– Sim, eu sei. Que posso fazer?... Viverei e ficarei à espera da tua resposta à minha carta, meu amor.

E encaminhou-se para a porta. Mas deteve-se a meio do quarto e, em tom amável, ao mesmo tempo suplicante e amistoso, acrescentou:

– A representação chegou ao fim, Giacomo. Voltemos às nossas vidas, e tiremos as máscaras e os disfarces. Tudo se desenrolou como querias. É certo que se desenrolou tudo segundo certo princípio. Mas tens de saber que tudo se passou igualmente como eu queria: vi-te, examinei-te e feri-te.

Depois voltou-se, pôs-se em bicos dos pés e olhou-se ao espelho; com um gesto ágil, pôs o tricórnio a cobrir-lhe a cabeleira. E, com uma voz íntima, terna e despreocupada, disse:

– Espero não te ter ferido demais!

Mas não esperou pela resposta. Saiu do quarto num passo rápido e firme, não olhou para trás e fechou sem ruído a porta atrás de si.

A RESPOSTA

O quarto arrefecera, as velas tinham ardido até ao fim e soltavam um fumo acre. Giacomo tirou a saia, despiu o corpete, arrancou a máscara, retirou a peruca. Dirigiu-se à alcova, aproximou-se do toucador, deitou água gelada do jarro sobre as mãos em concha e começou a lavar-se com gestos atentos e precisos.

Lavou com água fria a tinta e o pó de arroz do rosto, a pomada vermelha dos lábios, o sinal do queixo, a fuligem das sobrancelhas. Borrifava-se com a água cujo contacto glacial mordida e queimava o rosto como uma bofetada. Passou os dedos pelos cabelos, esfregou vigorosamente a cara com a toalha áspera, acendeu novas velas e, à sua luz, debruçando-se para o espelho, comprovou com um olhar hábil e preocupado que já não tinha restos de maquilhagem a cobri-lo. O rosto estava pálido, desfeito, com a barba de um dia, e desenhavam-se sombras negras por baixo dos seus olhos como se voltasse de uma noite de bebida, de uma noite de deboche. Por fim pôs de lado tudo o que era ainda máscara, ou disfarce, e com movimentos rápidos, precisos e seguros de si, começou a vestir-se.

Ouvia-se algures um som de campainhas. Giacomo envergou o seu traje de viagem, uma camisa grossa e meias, pôs a capa pelos ombros e passou um olhar circular pelo quarto. As travessas e o vinho tinham ficado, intactos, em cima da mesa coberta de panos de damasco e de pratas, só a neve se derreteria nos pires e os pedaços de manteiga boiavam inutilmente na neve derretida, como estranhas e gordas flores orientais num minúsculo lago artificial. Deitou a mão ao frango, partiu-o aos bocados, e com gestos convulsivos e ávidos, mastigando nervosamente, começou a devorá-lo. Depois deitou fora os ossos, limpou os dedos engordurados à toalha, ergueu a garrafa de cristal cheia de um vinho doirado, espesso como azeite, e esvaziou-a sem a tirar dos lábios. Engolia em pequenos goles, com a cabeça deitada para trás, e via no espelho a sua enorme maçã de Adão a subir e a

descer ao ritmo do seu beber. Enxugou a boca com as costas da mão, lançou pelo ar a garrafa que caiu no chão com um som cristalino e se estilhaçou em mil pedaços. Depois disse, com a voz enrouquecida pelo vinho:

– Balbi!

O monge, como se estivesse à espera da deixa, entrou quase no mesmo instante. E estava agora à entrada dos aposentos, preparado para se fazer à estrada, com uma espessa capa de pano castanho, botas cardadas, e debaixo do braço trazia uma trouxa que abraçava com tanta ternura e cuidado como o faria se fosse uma mãe pegando no filho pequeno. Atrás dele, entrou Teresa que, sem uma palavra ou um olhar, atravessou os aposentos em bicos de pés, ajoelhou diante dos cacos da garrafa e, com gestos minuciosos e atentos, começou a recolher os estilhaços guardando-os no avental.

– Está tudo a postos? – perguntou Giacomo ao monge.

– Estão agora a atrelar os cavalos – respondeu Balbi.

– Fizeste a mala? – perguntou ele depois à rapariga.

– Não, senhor, não – disse a rapariga com uma voz doce e obediente que se combinava estranhamente com a sua resposta negativa. – Não vou convosco.

Com a cabeça inclinada para o lado, Teresa mantinha-se imóvel diante da lareira, com os estilhaços de cristal no avental, e fitava Giacomo serenamente, com os seus olhos azuis, muito abertos e vazios.

– Porque é que não vens comigo? – perguntou ele com despreocupação e atirando altivamente a cabeça para trás. – Eu podia garantir-te o futuro.

– Porque vós não me amais – disse ela numa voz de menina de escola, em tom cantante, como se falasse a dormir ou estivesse a recitar uma lição.

– Porque amo outra? – perguntou ele.

– Sim.

– E quem será que eu amo? – perguntou ele com curiosidade, como se interrogasse uma criança, uma criança que sabe um segredo e está prestes a trair qualquer coisa a esse respeito.

– A mulher que acaba de sair daqui vestida de homem – respondeu ela.

– Tens a certeza? – perguntou ele com espanto. – A certeza e mais do que a certeza.

– Como é que podes saber?

– Sinto-o. Não amais mais ninguém. E até nunca haveis de amar mais ninguém. É por isso que não me vou embora convosco. Perdoai-me, senhor.

Mas não se mexeu; Balbi continuava sem dizer uma palavra à entrada do quarto, com as mãos gordas cruzadas no ventre, e cheio de paciência, com uma expressão intrigada no rosto, contemplava em silêncio a cena piscando os olhos e fazendo girar os polegares. Giacomo aproximou-se da criada e, com um gesto terno e distraído, acariciou-lhe a testa e o cabelo.

– Espera – disse ele. – Não te vás ainda embora. Talvez seja a voz dos anjos que fala pela tua boca.

Libertou-se da capa, sentou-se na poltrona, puxou a rapariga para si sentando-a nos joelhos e sondou gravemente os seus olhos azuis, vazios e atentos.

– Senta-te, Balbi – disse ele a seguir. – Aí, a essa mesa. Tens aí uma pena, areia e papel. Escreve o que te vou ditar.

Sem uma palavra, o monge instalou o corpo volumoso e ofegante, acendeu uma vela, examinou a pena à luz vacilante da chama acesa e olhou para o teto enquanto esperava.

– Escreve – disse Giacomo. – «Excelência!» Cuida bem da letra, aplica-te. Vou ditar devagar para teres tempo de transcrever todas as letras. Estás a postos? Podemos começar. «Às primeiras horas da manhã, sairei da cidade. Sairei da cidade sem salário nem recompensa, a única remuneração que peço em troca e como pagamento dos meus serviços resume-se a um favor. Vossa Excelência já desempenhou o papel de correio de amor uma vez na vida: rogo-vos que uma vez mais desempenheis, à laia de adeus, o papel de mensageiro e que digais à condessa de Parma que peço a Deus, e a todas as potências sobrenaturais e infernais, que nos protejam, a ela e a mim, agora e no futuro, de qualquer outro encontro. Pedi-lhe, Excelência, que, se teme Deus e tem amor à vida, me evite neste mundo e proceda de maneira a que os nossos rostos não voltem a enfrentar-se, com ou sem máscara. É isto tudo o que peço. Porque, segundo a lei humana, viverei mais tempo do que Vossa Excelência, e se o digo aqui é cortesmente e sem o menor propósito de ofensa: viverei mais tempo, conforme o querem a minha natureza e a ordem das coisas humanas, e o nobre corpo de Vossa Excelência repousará há muito no túmulo dos seus antepassados numa altura em que Francesca e eu continuaremos ainda vivos: e não haverá então ninguém para olhar por ela, pela mulher que ambos amamos, cada um de nós a seu modo, segundo o nosso destino e o nosso contrato. É por isso que vo-lo peço, Excelência: dissei àquela a quem nunca mais na minha vida me voltarei a dirigir, nem de

viva voz nem por carta, que me evite como a peste e as cheias, que me evite como o pecado e a calúnia, que me evite para salvar uma coisa que é mais importante do que a própria vida, que me evite para salvar a sua alma. Só vós, Excelência, lho podeis dizer. Tenho a carruagem à porta; dentro de uma hora sairei da cidade, esta noite estarei já fora do território deste país. A condessa de Parma dir-vos-á, Excelência, em momentos de ternura ou simplesmente de sinceridade e confiança, que cumpri tudo o que tínhamos combinado: não exatamente do modo que imagináramos, não exatamente do modo que me é habitual e que eu previra, mas só o desfecho importa, e o desfecho é que mantive a minha palavra e que a condessa de Parma voltou para a sua residência com os primeiros alvares do dia, tocada e sarada, tendo passado por mim, tendo atravessado a peste e a febre amarela, e para ficar doravante junto de Vossa Excelência, sem mim, como convém, embora guardando no coração a memória minguante do meu ser mau e perigoso. Porque toda a paixão e emoção que existiam entre nós se dissiparam durante a representação, e sou eu que carrego agora tudo o que havia de febre e de ofensa neste amor, podendo a condessa de Parma no futuro consagrar mais tranquilamente a sua existência a Vossa Excelência, para iluminar desse modo os últimos dias do seu avisado esposo.» Já está?... Espera. Escreve antes: «os últimos meses...» – é mais delicado e mais humano, e lembra-te bem, Balbi, e tu também, minha filha: no grande duelo da vida, e até nos momentos decisivos, só as armas da cortesia são permitidas: são as únicas que nos convêm, a nós, seres humanos, quando nos queremos mostrar dignos da nossa condição. Onde é que tínhamos ficado?... «os últimos meses do seu avisado esposo. Porque se eu não morrer pelo caminho às mãos dos sicários, ou na sequência de algum acidente desta vida – pois a vida é um acidente, também para mim, como o disse Vossa Excelência, e eu quero a todo o custo fazer frente ao acidente da vida –, viverei mais tempo do que vós, Excelência, e cada dia da minha vida será um perigo para Francesca. Tal é a minha mensagem. Tudo o mais de quanto poderia dizer-vos não precisa de ser dito: saio da cidade, conforme o combinado, e a condessa de Parma regressou branca como a neve após esta aventura, branca como a neve acabada de cair e como as nuvens da primavera; é verdade que, segundo a ciência moderna, a cor branca reúne em si todas as cores, desde o púrpura cor de sangue ao negro do luto; foi pelo menos o que aprendi em livros eruditos, e deixo-o aqui escrito à laia de

precaução. A aventura foi branca como a neve, Excelência, e todavia contém todas as cores que exprimem e significam alguma coisa para os homens neste mundo. Vossa Excelência queria a paz e a cura, queria que Francesca se libertasse do encantamento do amor e que passasse a viver sem memória nem mágoa ao lado do seu esposo nobilíssimo. A minha missão foi cumprida e posso seguir viagem. Não vos direi que parto de coração leve. Também não direi que parto orgulhosamente, encolhendo os ombros, esfregando as mãos de contentamento, como alguém que fez bem a sua obra, arrecadou o salário e se apressa a atravessar a fronteira para se encarregar de novos deveres ao serviço de novas aventuras e de novos contratos. Interroguei o meu coração e tudo o que posso dizer é que o nó que queríamos cortar com as palavras e punhais é mais forte hoje do que antes, mais forte do que nunca – o nó que me prende à condessa de Parma. Visivelmente, o que os deuses fizeram, em vão tentam os homens desfazê-lo com a habilidade, a doçura ou a violência das suas mãos. Cuidai pois, Excelência, da alma da condessa de Parma e fazei com que nunca mais nos encontremos, ela e eu, nesta vida. O lume apagou-se, disse a condessa, e todas as emoções acabam um dia em cinzas; mas seja-me permitido dizer agora, à laia de adeus, que existe uma espécie de lume e de emoção que a magia do instante não aquece, que os sentimentos e a curiosidade ou o egoísmo e a ambição não ateiam, não, na vida humana lavra uma espécie de fogo fatal que o hábito e o tédio não extinguem, que a consumação e a curiosidade galante não apagam, que o mundo não pode vencer e que, indubitavelmente, nem nós próprios podemos vencer. Esse fogo foi de facto roubado do céu por mãos humanas, e os deuses hão de eternamente amaldiçoar os ladrões. Esse fogo arder-me-á no coração, e eu não quero apagá-lo: e seja o que for que a vida me ofereça, e por fiel ao meu temperamento e ao meu género que continue a ser, sei que o fogo não desaparecerá e continuará a ser a substância da minha vida. Não o pude dizer à condessa, porque não queria estragar a obra, e respeito as convenções do meu género e do nosso contrato. Não lhe disse: “Só-por-ti-e-para-sempre”, como os enamorados costumam fazer; mantive a minha palavra e só vós, Excelência, podereis contar um dia à condessa de Parma que o prestidigitador sabe também por vezes ser herói, quando obedece às condições e às leis do espetáculo e não profere as palavras que lhe queimam o coração e os lábios e que de facto significam “Só-por-ti-e-para-sempre”.

Não pronunciei as palavras eternas e triviais do desejo e da confissão, e essas palavras que não pronunciei continuam a ressoar nas nossas almas; é por isso que as escrevo no meu relatório, à laia de adeus, conforme o combinado, literalmente, fielmente. O espetáculo terminou, Excelência, a representação chegou ao fim. Mas o que não tem nem nunca terá fim, o que toda a força, o poder secreto, a vigilância terrível e até mesmo a sábia interpretação dos textos de Vossa Excelência nunca poderão nem desfazer nem aniquilar, é a descoberta de que nem a mão nem a habilidade humanas podem apagar o fogo e a chama que a fatalidade divina acendeu e ateou no coração dos homens. E o que eu não pude dizer, pois não queria estragar a obra empreendida é o seguinte: que há no amor uma espécie de sacrifício e de serviço que é mais importante e mais verdadeiro do que a confissão e a pilhagem, que é mais do que o “Só-por-ti-e-para-sempre” – escreve estas palavras ligadas por traços de união, estás a compreender?... –, «há uma espécie de amor que não quer tomar mas proteger, que não quer ferir mas salvar, e talvez seja esse o verdadeiro amor, e, para meu grande espanto, tal foi o sentimento que me deixou no coração a memória da condessa de Parma. Porque nada é mais fácil do que arrancarmos ao seu mundo aquela que amamos. Nada é mais fácil para o prestidigitador experimentado do que as lágrimas e os juramentos, a aventura consumada, a grande cabriola, a dança dos faunos e das ninfas ao som da flauta e do tambor. Posso dizer sem vanglória que conheço estas soluções, usei-as diversas vezes na minha vida e delas voltarei por certo a servir-me ainda, assim o queiram as ninfas e os deuses da lascívia. Nada teria sido mais fácil para mim – e é isso que só vós, Excelência, poderíeis dizer um dia à condessa de Parma; pelo meu lado, terei de me manter em silêncio, como me mantive hoje para que as palavras se tornassem realidade e ato! –, nada teria sido mais fácil do que obedecer às minhas emoções, do que não considerar nem excessivo nem insuficiente aquilo que uma mulher apaixonada me oferecia com o seu êxtase e com a sua ferida, sem sequer me preocupar com a sua vingança, mas agindo – a minha vida desenrolou-se sob o signo da ação, nunca houve distância entre os meus desejos e os meus atos, graças a Deus»; – põe um ponto e vírgula – «e posso dizê-lo com o espírito sereno, sem prosápias falsas. Mas eu sabia uma coisa que essa criança doente de amor, a condessa de Parma, não pode saber ainda: sabia quem sou, sabia o que tenho a fazer na terra, quais são o meu destino e o meu papel, e sabia também que a

chama que me faz viver e me aquece é uma queimadura mortal para aqueles que dela imprudentemente se aproximam. Nada me teria sido mais fácil do que aceitar uma prenda, pagar o corpo com o corpo, a alma com a alma e arrebatá-la Aquela» – com maiúscula – «que é para mim a Única, a Verdadeira. Mas sei também que a condessa de Parma não pode saber ainda: que a Verdadeira não pode viver senão enquanto a cubram de panos secretos e dos véus misteriosos do desejo e da nostalgia. Foi por isso que não lhe arranquei os véus nem banhei o seu rosto enigmático na luz da realidade. E agora regresso a uma realidade que é bem outra e cujo cheiro e gosto conheço tão perfeitamente que por vezes me deixam a boca amarga, e já não espero nem salvação nem milagre. A paz seja connosco, Excelência. Somos seres humanos e tão alta condição tem as suas exigências: temos o dever de descobrir o nosso coração e o nosso destino. Não é fácil. Só dois divinos remédios podem ajudar-nos a suportar o veneno da realidade a fim de não morrermos prematuramente por sua causa: a razão e a indiferença. Nós, os homens que descobrimos esse segredo, que descobrimos a Realidade e depois a Verdadeira, nós podemos compreendê-lo. Mas não é isso o que compete como ocupação ou dever a um coração jovem e ferido que corre à desfilada: é por isso que sofremos em silêncio as suas acusações e a vingança com que ele nos persegue vida fora. E peço-vos uma vez mais, à laia de adeus, antes de desaparecer no nevoeiro que encobre agora as estradas da montanha, nas cidades, no tempo e no desconhecido, antes de desaparecer no meu destino, que é real, que ela evite que os nossos caminhos voltem a cruzar-se, se quiser garantir a salvação da sua alma. Porque a bondade e a experiência, a prática e a piedade são apenas instrumentos por meio dos quais podemos disciplinar de tempos a tempos os nossos corações; mas por trás da intenção que guia os nossos passos vive uma ordem mais poderosa cujo poder de fascínio não podemos despertar impunemente. Desejo-vos felizes meses, Excelência! Espero que não nos tenhamos desiludido. E um dia, no futuro, quando emoções mais calmas e o magnífico bálsamo do esquecimento tiverem reconfortado esse jovem coração que nos é a ambos tão querido, se se falar de mim no decorrer de uma conversa meiga, suplico-vos, Excelência: dizei-lhe que manejarei bem e não desonrarei a espada que ela me deu em troca do meu punhal e que a levarei comigo por esse mundo fora. Dizei-lho, Excelência, para que ela o saiba. É possível que eu tenha que enterrar nalguns corações a espada que

ela me deu; disse-lho, Excelência: a condessa pode estar tranquila, a minha mão será segura e fria também nesses instantes. Pois a mão que ela agora despreza tanto só uma vez tremeu: quando ficou paralisada, uma vez na vida, uma só vez, pela bondade, pela indulgência e pela piedade, quando não se estendeu para ela, a Única, a Verdadeira. E quando procurardes, Excelência, a vossa última palavra no leito de morte, dissei à condessa o que será ao mesmo tempo o vosso adeus e a mensagem que eu próprio calei: “Só por ti e para sempre”.»

Ditou as últimas palavras a Balbi e ao ouvido da rapariga, de um só fôlego, serenamente, em voz baixa.

Depois levantou-se, ergueu a rapariga nos braços e poisou-a no chão negligentemente, como um objeto. Olhou com uma expressão distraída em redor, tirou a espada de cima da mesa e prendeu-a à cintura.

– Passa tudo a limpo! – disse virando-se para Balbi.

Aproximou-se da janela, abriu-a e com uma voz de lobo, numa exclamação dura e imperiosa, gritou no brilho húmido da aurora:

– Os cavalos!...

Lançou sobre o ombro a aba da capa e saiu com rapidez. O ruído dos seus passos ecoou no vão da escada. De repente, o pátio estava a despertar, ouviram-se relinchos de cavalos, tilintar de garrafas e o chiado prolongado de rodas. A rapariga, com o avental cheio de fragmentos de vidro, deixou o compartimento, primeiro lentamente e depois a correr, precipitando-se pela escada abaixo, atrás do homem que se afastava, como se tivesse compreendido qualquer coisa, como se lhe tivesse vindo qualquer coisa à cabeça. Assim, no compartimento ficara apenas o monge, que continuou a escrever com ativo zelo, franzindo as sobrancelhas cerradas e apertando os lábios. Silabou em voz alta: «A-pe-nas-e-pa-ra-sem-pre!...» Depois deitou fora a pena de pato, apoiou-se nas costas da poltrona, contemplou com olhar admirativo a sua obra e, cruzando os braços sobre o peito, com o ventre trémulo, começou a rir a bandeiras despregadas.